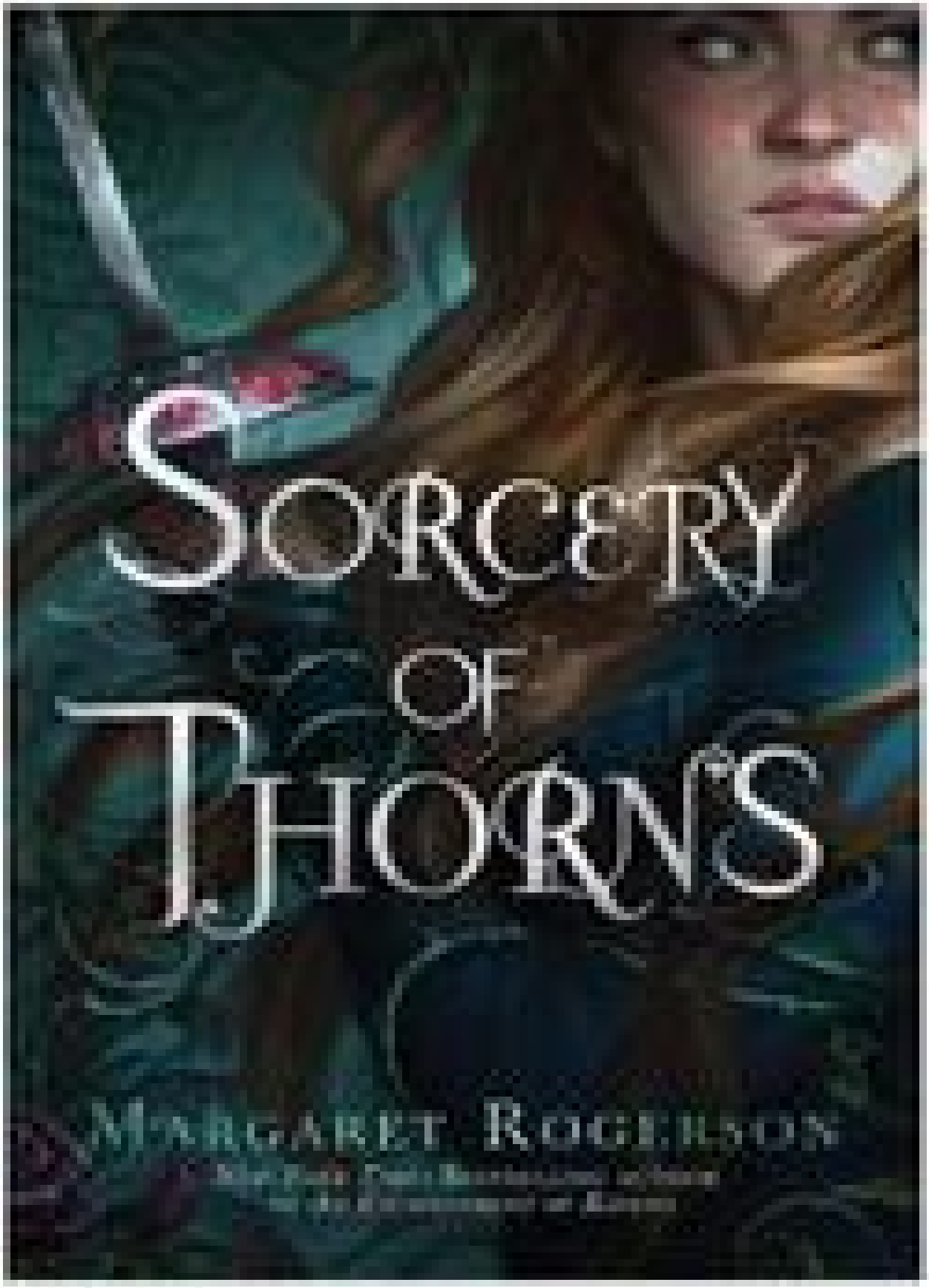
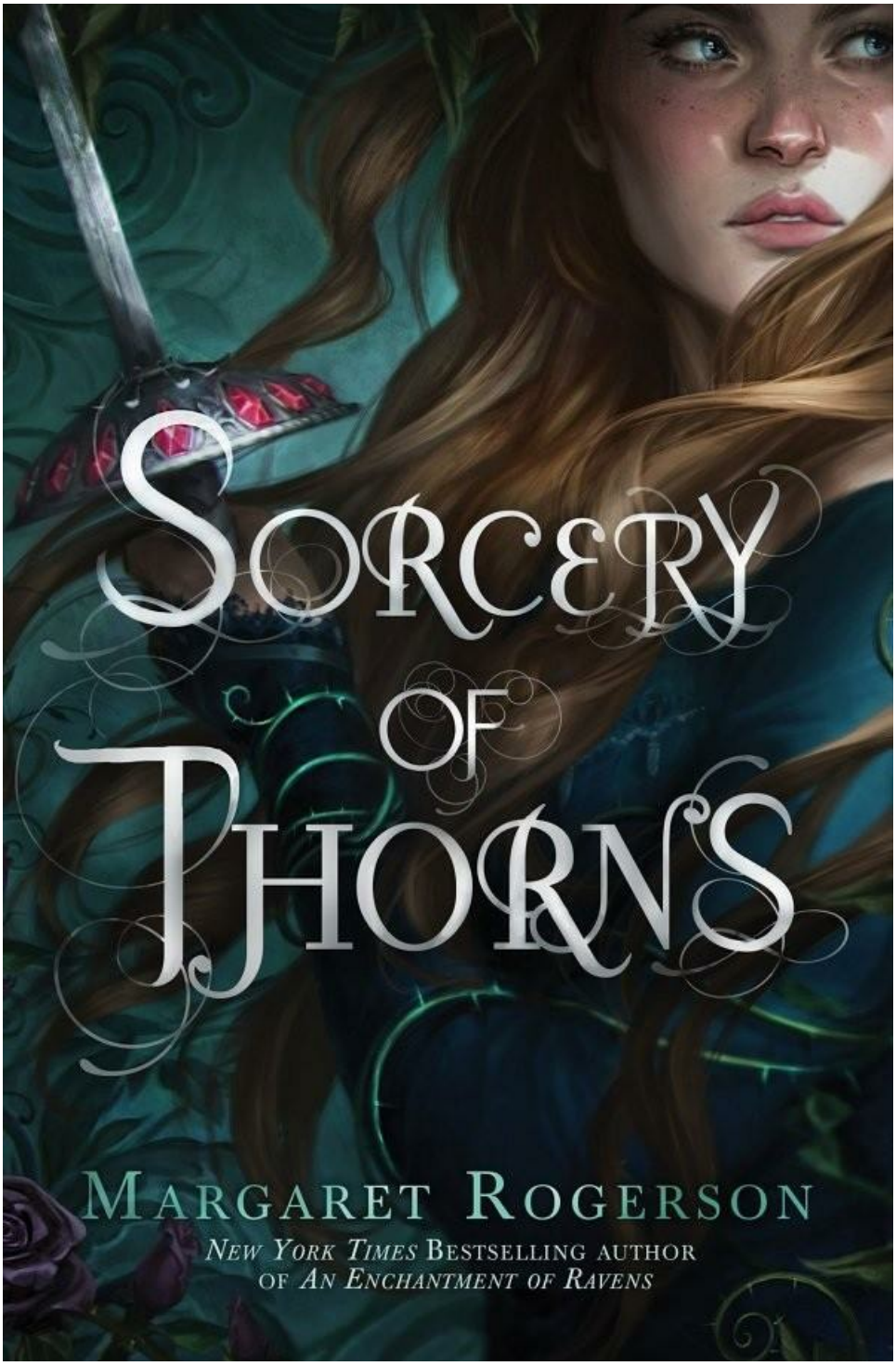

SORCERY
OF
THORNS
MARGARET ROGERSON


SORCERY
OF
THORNS
MARGARET ROGERSON
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
OF AN ENCHANTMENT OF RAVENS

SO

RGERYTHORNS

MARGARET K. MCELDERRY BOOKS
New York London Toronto Sydney New Delhi

MARGARET ROGERS ON



Para todas as meninas que se encontravam em livros.

1

N IGHT caiu quando a morte chegou à Grande Biblioteca de Summershall. Chegou dentro de uma carruagem.

Elisabeth ficou parada no pátio e observou os cavalos trovejando de olhos selvagens através dos portões, jogando espuma de suas bocas. No alto, o último pôr do sol brilhava nas janelas da torre da Grande Biblioteca, como se os cômodos dentro tivessem sido incendiados - mas a luz recuou rapidamente, encolhendo para cima, atraindo longos dedos de sombra dos anjos e gárgulas que guardavam as janelas da biblioteca. parapeitos estriados de chuva.

Uma insígnia dourada brilhou sobre o lado da carruagem quando ela parou: uma pena e uma chave cruzadas, o símbolo do Collegium.

Barras de ferro transformaram a parte traseira da carruagem em uma cela de prisão. Embora a noite estivesse fria, o suor escorregava as palmas de Elisabeth.

"Scrivener", disse a mulher ao seu lado. “Você tem sal? Suas luvas?

Elisabeth deu um tapinha nas tiras de couro que cruzavam seu peito, procurando as bolsas que seguravam, a vasilha de sal que pendia de seu quadril. "Sim, diretor." Tudo o que faltava era uma espada. Mas ela não ganharia isso até se tornar diretora, depois de anos de treinamento no Collegium. Poucos bibliotecários chegaram tão longe. Eles desistiram ou morreram.

"Boa." O diretor parou. Ela era uma mulher remota e elegante, com traços pálidos de gelo e cabelos tão vermelhos quanto chamas. Uma cicatriz escorreu da têmpora esquerda até a mandíbula, franzindo a bochecha e puxando um canto da boca permanentemente para o lado.

Como Elisabeth, ela usava tiras de couro sobre o peito, mas usava um uniforme de diretor embaixo deles, em vez das vestes de aprendiz. A luz da lâmpada cintilava nos botões de latão do casaco azul escuro e brilhava nas botas polidas. A espada amarrada ao seu lado era esbelta e afunilada, com granadas brilhando em seu pomo.

Essa espada era famosa em Summershall. O nome era Demonslayer, e o diretor o havia usado para combater um Malefict quando ela tinha apenas dezenove anos de idade. Foi aí que ela conseguiu a cicatriz, que havia rumores de causar sua agonia excruciante sempre que ela falava.

Elisabeth duvidava da precisão desses rumores, mas era verdade que a diretora escolheu suas palavras com cuidado e certamente nunca sorriu.

“Lembre-se”, continuou o diretor, “se você ouvir uma voz em sua mente quando chegarmos ao cofre, não ouça o que diz. Esta é uma classe oito, com séculos de idade, e não se deve brincar com isso. Desde a sua criação, levou dezenas de pessoas à loucura. Você está pronto?"

Elisabeth engoliu em seco. O nó na garganta a impediu de responder.

Ela mal podia acreditar que o diretor estava falando com ela, muito menos que ela a convocou para ajudar a transportar uma entrega para o cofre. Normalmente, essa responsabilidade ficava muito acima da classificação de bibliotecária aprendiz. A esperança ricocheteou através dela como um pássaro preso dentro de uma casa, fugindo, caindo e fugindo novamente, exaurindo-se pela promessa de céus abertos distantes. O terror cintilou atrás dele como uma sombra.

Ela está me dando uma chance de provar que vale a pena treinar como diretor, **ela pensou.** *Se eu falhar, eu vou morrer. Então, pelo menos, eu vou ter um uso. Eles podem me enterrar no jardim para alimentar os rabanetes.*

Limpando as palmas das mãos suadas nas laterais das vestes, ela assentiu. O diretor partiu pelo pátio e Elisabeth o seguiu. Cascalho triturou sob os calcanhares. Um fedor fétido tomou conta do ar quando eles se aproximaram, como couro encharcado de água deixado para apodrecer na praia.

Elisabeth crescera na Grande Biblioteca, cercada pelo cheiro de tinta e pergaminho de

tomos mágicos, mas isso estava longe do que ela estava acostumada. O fedor picou seus olhos e pontilhou seus braços com arrepios. Isso estava deixando os cavalos nervosos. Eles se esquivavam, espalhando cascalho enquanto ignoravam as tentativas do motorista de

acalmá-los. De certa forma, ela os invejava, pelo menos eles não sabiam o que havia passado por trás deles desde a capital.

Dois guardas saltaram da frente da carruagem, com as mãos plantadas nos punhos das espadas. Elisabeth se forçou a não recuar quando eles a encararam. Em vez disso, endireitou a coluna e ergueu o queixo.

esforçando-se para combinar suas expressões pedregosas. Ela pode nunca ganhar uma lâmina, mas pelo menos ela pode parecer corajosa o suficiente para empunhar uma.

O chaveiro do diretor sacudiu e as portas traseiras da carruagem se abriram com um gemido trêmulo. A princípio, na penumbra, a cela revestida de ferro parecia vazia. Então Elisabeth viu um objeto no chão: um cofre plano e quadrado de ferro, preso com mais de uma dúzia de cadeados. Para um leigo, as precauções pareceriam absurdas -

mas não por muito tempo. No silêncio do crepúsculo, um único baque reverberante emitiu de dentro do cofre, poderoso o suficiente para sacudir a carruagem e bater as portas nas dobradiças.

Um dos cavalos gritou.

"Rapidamente", disse o diretor. Ela pegou uma das alças do cofre e Elisabeth pegou a outra.

Eles ergueram o peso entre eles e seguiram em direção a uma porta com uma inscrição gravada em cima, o pergaminho arqueado preso de cada lado por anjos chorando. OFFICIUM ADUSQUE MORTEM, leu vagamente, quase obscurecido pela sombra. O lema do diretor. *Dever até a morte.*

Eles entraram em um longo corredor de pedra polido pela luz saltitante das tochas. O peso de chumbo do cofre já esticava o braço de Elisabeth.

Não se mexeu novamente, mas sua quietude não a tranquilizou, pois ela suspeitava do que aquilo significava: o livro estava ouvindo. Isso estava esperando.

Outro guarda ficou de guarda ao lado da entrada do cofre. Quando ele viu Elisabeth ao lado do diretor, seus pequenos olhos brilhavam com ódio. Este era o diretor Finch. Ele era um homem grisalho, com cabelos grisalhos curtos e um rosto inchado no qual suas feições pareciam retroceder, como passas em um pudim de pão. Entre os aprendizes, ele era famoso pelo fato de sua mão direita ser maior que a outra, inchada com músculos, porque ele a exercitava com tanta frequência chicoteando-os.

Ela apertou a maçaneta do cofre até que os nós dos dedos ficaram brancos, instintivamente se preparando para um golpe, mas Finch não pôde fazer nada com ela na frente do diretor.

Murmurando baixinho, ele soltou uma corrente. Polegada por polegada, os portcullis se levantaram, erguendo seus afiados dentes pretos acima de suas cabeças.

Elisabeth deu um passo à frente.

E o cofre *balançou.*

"Firme", o diretor retrucou, enquanto os dois se apoiavam na parede de pedra, mal conseguindo manter o equilíbrio. O estômago de Elisabeth revirou. Sua bota estava pendurada na beira de uma escada em espiral que girava vertiginosamente para a escuridão.

A horrível verdade surgiu nela. O grimório queria que eles caíssem. Ela imaginou o cofre caindo da escada, atingindo as lajes no fundo, se abrindo - e teria sido culpa dela -

A mão do diretor apertou seu ombro. - Está tudo bem, Scrivener. Nada aconteceu. Segure o trilho e continue.

Com um esforço, Elisabeth se afastou da carranca condenadora de Finch. Para baixo eles foram.

Um frio subterrâneo flutuava de baixo, cheirando a rocha fria e bolor, e algo menos natural. A própria pedra sangrava a malícia de coisas antigas que haviam definhado na escuridão por séculos -

consciências que não dormiam, mentes que não sonhavam. Abafado por milhares de libras de terra, o silêncio foi tanto que ela ouviu apenas o próprio pulso batendo nos ouvidos.

Ela passara a infância explorando os inúmeros recantos e recantos da Grande Biblioteca, investigando seus inúmeros mistérios, mas nunca havia estado dentro do cofre. Sua presença espreitou debaixo da biblioteca a vida inteira como algo indescritível escondido debaixo da cama.

Esta é a minha chance, **ela lembrou a si mesma. Ela não podia ter medo.**

Eles emergiram em uma câmara que lembrava a cripta de uma catedral. As paredes, o teto e o chão eram todos esculpidos na mesma pedra cinza. Os pilares com nervuras e os tetos abobadados foram criados com arte, até reverência. Estátuas de anjos estavam em nichos ao longo das paredes, velas brilhando a seus pés. Com olhos tristes e sombrios, eles vigiavam as fileiras de prateleiras de ferro que formavam corredores no centro do cofre. Ao contrário das estantes nas partes superiores da biblioteca, elas foram soldadas no lugar. Correntes

prendiam os cofres trancados, que deslizavam entre as prateleiras como gavetas.

Elisabeth garantiu a si mesma que era sua imaginação evocando sussurros dos cofres quando eles passavam.

Uma espessa camada de poeira cobria as correntes. A maioria dos cofres não era perturbada há décadas e seus habitantes continuavam dormindo profundamente. No entanto, a parte de trás do pescoço ainda formigava como se estivesse sendo observada.

O diretor a guiou para além das prateleiras, em direção a uma cela com uma mesa presa ao chão no centro. Uma única lâmpada a óleo lançou um brilho ictérico em sua superfície manchada de tinta. O cofre permaneceu cooperativamente inquietante quando o pousaram ao lado de quatro cortes enormes, como marcas de garras gigantes, que marcavam a madeira da mesa.

Os olhos de Elisabeth dispararam para os cortes de novo e de novo. Ela sabia o que os havia feito. O que aconteceu quando um grimório ficou fora de controle.

Maléfico.

"Que precaução tomamos primeiro?" o diretor perguntou, sacudindo Elisabeth de seus pensamentos. O teste havia começado.

"Sal", ela respondeu, pegando a vasilha no quadril. "Como o ferro, o sal enfraquece as energias demoníacas." Sua mão tremia um pouco quando ela sacudiu os cristais, formando um círculo torto. A vergonha corou suas bochechas ao ver suas bordas desiguais. E se ela não estivesse pronta, afinal?

A mínima sugestão de calor suavizou o rosto severo do diretor. "Você sabe por que eu escolhi ficar com você, Elisabeth?"

Elisabeth congelou, a respiração presa em seu peito. O diretor nunca havia se dirigido a ela por seu nome próprio - apenas seu sobrenome,

Scrivener, ou às vezes apenas "aprendiz", dependendo de quantos problemas ela estivesse, o que geralmente era uma quantia fantástica.

"Não, diretor", disse ela.

"Hmm. Foi assombroso, eu me lembro. Os grimórios estavam inquietos naquela noite. Estavam fazendo tanto barulho que mal ouvi a batida nas portas da frente. Elisabeth poderia facilmente imaginar a cena. A chuva batia contra as janelas, os tomos uivando, soluçando e chocalhando sob as restrições.

“Quando eu te encontrei nos degraus, te peguei e te trouxe para dentro, eu tinha certeza que você choraria. Em vez disso, você olhou em volta e começou a rir. Você não estava com medo. Naquele momento, sabia que não poderia mandá-lo embora para um orfanato. Você pertencia à biblioteca, tanto quanto qualquer livro.

Elisabeth já havia contado a história antes, mas apenas pelo seu tutor, nunca pelo próprio diretor. Duas palavras ecoaram em sua mente com a vitalidade de um batimento cardíaco: *você pertencia.* **Eram palavras que ela esperara dezesseis anos para ouvir, e esperava desesperadamente que fossem verdadeiras.**

Em um silêncio ofegante, ela observou o diretor pegar suas chaves e selecionar a maior, antiga o suficiente para ter enferrujado quase irreconhecível. Ficou claro que, para o diretor, o tempo para sentimentos havia passado. Elisabeth se contentou em repetir o voto tácito que mantinha por quase o tempo que conseguia se lembrar. Um dia, ela também se tornaria diretora.

Ela deixaria o diretor orgulhoso.

O sal caiu sobre a mesa quando a tampa do cofre se abriu. Um cheiro de couro podre rolou pelo cofre, tão potente que ela quase engasgou.

Um grimório estava lá dentro. Era um volume espesso com páginas amareladas e desgrenhadas, imprensadas entre placas de couro preto e oleoso. Pareceria bastante comum, se não fosse pelas saliências bulbosas que se projetavam da capa. Pareciam verrugas gigantes, ou bolhas na superfície de uma poça de alcatrão. Cada um era do tamanho de um grande mármore e havia dezenas ao todo, deformando quase cada centímetro da superfície do couro.

O diretor calçou um pesado par de luvas forradas de ferro. Elisabeth se apressou em seguir seu exemplo. Ela mordeu o interior da bochecha quando o diretor levantou o livro do cofre e o colocou dentro do círculo de sal.

No instante em que o diretor anotou, as saliências se abriram. Eles não eram verrugas - eram olhos. Olhos de todas as cores, manchados de sangue e rolando, as pupilas dilatando e se contraindo em picadas enquanto o grimório convulsionava nas mãos do diretor. Cerrando os dentes, ela a forçou a abrir. Automaticamente, Elisabeth alcançou o círculo e apertou o outro lado, sentindo o couro se contorcer e abrir as luvas. Furioso. Vivo.

Aqueles olhos não eram conjurações mágicas. Eles eram reais, arrancados de crânios humanos há muito tempo, sacrificados para criar um volume poderoso o suficiente para conter os feitiços gravados em suas páginas.

Segundo a história, a maioria dos sacrifícios não estava disposta.

"O Livro dos Olhos", disse o diretor, perfeitamente calmo. “Ele contém feitiços que permitem aos feiticeiros alcançar a mente dos outros, ler seus pensamentos e até controlar suas ações.

Felizmente, apenas um punhado de feiticeiros em todo o reino recebeu permissão para lê-lo.

"Por que eles querem?" Elisabeth explodiu antes que pudesse se conter.

A resposta foi óbvia. Os feiticeiros eram maus por natureza, corrompidos pela magia demoníaca que eles usavam. Se não fossem as reformas, que tornavam ilegal os feiticeiros vincularem livros a partes humanas, grimórios como o Livro dos Olhos não seriam tão excepcionalmente raros. Sem dúvida, os feiticeiros tentaram replicá-lo ao longo dos anos, mas os feitiços não podiam ser escritos usando materiais comuns. O poder da feitiçaria

reduziria instantaneamente a tinta e o pergaminho a cinzas.

Para sua surpresa, o diretor levou a pergunta a sério, embora ela não estivesse

mais olhando para Elisabeth. Em vez disso, concentrou-se em virar as páginas, inspecionando-as quanto a danos que poderiam ter sofrido durante a jornada. “Pode chegar um momento em que feitiços como esses sejam necessários, não importa o quão sujo. Temos uma grande responsabilidade em relação ao nosso reino, Scrivener.

Se este grimório fosse destruído, seus feitiços seriam perdidos para sempre. É o único de seu tipo.

"Sim, diretor." Isso ela entendeu. Os guardas protegiam os grimórios do mundo e protegiam o mundo deles.

Ela se preparou quando o diretor parou, inclinando-se para examinar uma mancha em uma das páginas. A transferência de grimórios de alta classe estava em risco, pois qualquer dano acidental poderia provocar sua transformação em Maléfico. Eles precisavam ser inspecionados cuidadosamente antes de serem enterrados no cofre. Elisabeth tinha certeza de que vários dos olhos, olhando por baixo da capa, estavam apontados diretamente para ela - e que brilhavam com astúcia.

De alguma forma, ela sabia que não deveria encontrar o olhar deles. Na esperança de se distrair, ela olhou de lado para as páginas. Algumas

das frases foram escritas em austermeerish ou na língua antiga.

Mas outros foram rabiscados em Enochiano, a linguagem dos feiticeiros, composta de runas estranhas e irregulares que brilhavam no pergaminho como brasas ardentes. Era uma língua que só se podia aprender associando-se a demônios. Apenas olhar para as runas fez suas têmporas latejarem.

"Aprendiz . . . ”

O sussurro deslizou contra sua mente, tão estranho e inesperado quanto o toque frio e viscoso de um peixe sob a água de um lago.

Elisabeth estremeceu e olhou para cima. Se a diretora também ouviu a voz, ela não mostrou sinal.

“Aprendiz, vejo você. ..... ”

A respiração de Elisabeth ficou presa. Ela fez o que o diretor havia instruído e tentou ignorar a voz, mas era impossível se concentrar em qualquer outra coisa com tantos olhos a observando, brilhando com uma sinistra inteligência.

"Olhe para mim . . . Veja .....”

Lenta mas seguramente, como se atraído por uma força invisível, o olhar de Elisabeth começou a viajar para baixo.

"Pronto", disse o diretor. Sua voz soou fraca e distorcida, como se ela estivesse falando debaixo d'água. "Nós terminamos. Scrivener?

Quando Elisabeth não respondeu, o diretor fechou o grimório, cortando sua voz no meio do sussurro.

Os sentidos de Elisabeth voltaram. Ela respirou fundo, seu rosto queimando com humilhação. Os olhos se arregalaram furiosamente, disparando entre ela e o diretor.

"Muito bem", disse o diretor. "Você aguentou muito mais tempo do que eu esperava." "Quase me pegou", Elisabeth sussurrou. Como o

diretor poderia parabenizá-la? Um suor úmido grudava em sua pele e, no frio do cofre, ela começou a tremer.

"Sim. Era isso que eu queria lhe mostrar hoje à noite. Você tem jeito com os grimórios, uma afinidade por eles que nunca vi em um aprendiz antes. Mas, apesar disso, você ainda tem muito a aprender. Você quer se tornar um diretor, não é?

Falada na frente do diretor, testemunhada pelas estátuas de anjo que revestem as paredes, a resposta suave de Elisabeth possuía a qualidade de uma confissão. "É tudo que eu sempre quis."

"Lembre-se de que existem muitos caminhos abertos para você." A distorção da cicatriz deu à boca do diretor um elenco quase triste.

"Antes de escolher, tenha certeza de que a vida de um diretor é o que você realmente deseja."

Elisabeth assentiu, não confiando em si mesma para falar. Se ela passou no teste, não entendeu por que o diretor a aconselharia a considerar abandonar seu sonho. Talvez ela tivesse se mostrado de alguma outra maneira despreparada. Nesse caso, ela simplesmente teria que se esforçar mais. Ela ainda tinha um ano para completar dezessete anos e se qualificar para o treinamento no Collegium - tempo que ela poderia usar para provar a si mesma além de qualquer dúvida e obter a aprovação do diretor. Ela só esperava que fosse o suficiente.

Juntos, eles lutaram com o grimório de volta no cofre. Assim que tocou o sal, parou de lutar. Os olhos rolaram para cima, mostrando crescentes brancos leitosos antes que eles se fechassem. A batida da tampa quebrou o silêncio sepulcral do cofre. O cofre não seria aberto novamente por anos, talvez décadas. Foi seguro. Isso já não representava uma ameaça.

Mas ela não podia banir o som de sua voz de seus pensamentos, ou a sensação de que ela não tinha visto o último livro dos olhos - e ele não tinha visto o último dela.



DOIS

E Lisabeth sentou-se, admirando a vista de sua mesa. Ela fora designada para transferências no terceiro andar, uma vista de onde podia ver todo o caminho através do átrio da biblioteca. A luz do sol entrava pela janela rosada bem acima das portas da frente, lançando prismas de rubi, safira e esmeralda pelos trilhos de bronze das varandas circulares. As estantes de livros subiam em direção ao teto abobadado, seis andares acima, subindo pelo átrio como as camadas de um bolo de casamento ou as camadas de um coliseu. Murmúrios enchiam o espaço ecoante, pontuados por tosse ou ronco ocasionais. A maioria desses sons não pertencia aos bibliotecários de túnica azul que andavam de um lado para outro através dos azulejos do átrio. Eles vieram dos grimórios, murmurando nas prateleiras.

Quando ela respirou, a doçura do pergaminho e do couro encheram seus pulmões. Havia muito pó suspenso aos raios de sol, perfeitamente imóvel, como flocos de folha de ouro presos em resina. E pilhas de papelada ameaçavam derramar de sua mesa a qualquer momento, enterrando-a em uma avalanche de pedidos de transferência negligenciados.

Relutantemente, ela desviou sua atenção para as pilhas imponentes. A Grande Biblioteca de Summershall foi uma das seis Grandes Bibliotecas do reino. Foram três dias de viagem dos vizinhos mais próximos, espaçados em círculos em torno de Austermeer, com os Inkroads conectando-os à capital no centro, como os raios de uma roda.

Transferir grimórios entre eles pode ser uma tarefa delicada. Alguns volumes alimentavam um rancor tão potente um com o outro que não podiam ser levados a quilômetros do mesmo local sem uivar ou explodir em chamas.

Havia até uma cratera do tamanho de uma casa no deserto de Wildmarch, onde dois livros se chocavam sobre uma questão de doutrina taumatúrgica.

Como aprendiz, Elisabeth foi encarregada de aprovar transferências para as Classes Um a Três. Os grimórios foram classificados em uma escala de dez pontos de acordo com suas

nível de risco, com qualquer coisa de classe quatro e acima exigindo confinamento especial. O próprio Summershall não possuía nada acima da Classe Oito.

Fechando os olhos, ela pegou o papel em cima da pilha. *Knockfeld,* **ela adivinhou, pensando no vizinho de Summershall, a nordeste.**

Mas quando ela entregou o jornal, foi um pedido da Biblioteca Real.

Não é surpreendente; foi para lá que mais de dois terços de suas transferências foram. Um dia ela pode arrumar seus pertences e viajar para lá também. A Biblioteca Real compartilhava um terreno com o Collegium, no coração da capital, e quando ela não

estivesse ocupada com seu treinamento de guarda, seria capaz de passear pelos corredores. Em sua imaginação, seus corredores se estendiam por quilômetros, alinhados com livros e passagens e salas escondidas que continham todos os segredos do universo.

Mas somente se ela merecesse a aprovação do diretor. Uma semana se passou desde a noite no cofre, e ela não chegou nem perto de decifrar o conselho do diretor.

Ela ainda se lembrava do momento exato em que prometera se tornar uma diretora. Ela tinha oito anos e fugira para as passagens secretas da biblioteca para escapar de uma das palestras do mestre Hargrove. Ela não foi capaz de suportar mais uma hora mexendo em um banquinho na despensa transformada em sala de aula, recitando declínios na língua antiga. Não numa tarde em que o verão bateu com os punhos nas paredes da biblioteca, espessando o ar com a consistência do mel.

Lembrou-se de como o suor escorria por sua espinha enquanto se arrastava pelas teias de aranha da passagem com as mãos e os joelhos.

Pelo menos a passagem estava escura, longe do sol. O brilho dourado que se filtrava entre as tábuas do assoalho fornecia luz suficiente para ver e evitar as formas deslizantes de piolhos quando ela perturbava

seus ninhos, fazendo-os correr em pânico. Alguns cresceram até o tamanho de ratos, ingurgitados de pergaminho encantado.

Se ao menos o Mestre Hargrove tivesse concordado em levá-la para a cidade naquele dia. Foi apenas uma caminhada de cinco minutos descendo a colina através do pomar. O mercado estava agitado com pessoas vendendo fitas, maçãs e cremes de vidro, e os viajantes às vezes vinham de fora de Summershall para vender seus produtos. Uma vez ouvira música de acordeão, viu um urso dançarino e até assistiu um homem demonstrar uma lâmpada cujo pavio queimava sem óleo. Os livros na sala de aula

não tinha sido capaz de explicar como a lâmpada funcionava, então ela assumiu que era mágica e, portanto, má.

Talvez por isso, mestre Hargrove não gostasse de levá-la para a cidade.

Se ela encontrasse um feiticeiro fora da proteção da biblioteca, ele poderia roubá-la. Uma jovem como ela sem dúvida faria um sacrifício conveniente por um ritual demoníaco.

Vozes chamaram Elisabeth de volta à atenção. Eles emanavam diretamente abaixo dela. Uma voz pertencia ao mestre Hargrove e a outra a. . .

O diretor.

O coração dela deu um pulo. Ela se achatou contra as tábuas do piso para espiar através de um knothole, a luz que derramava através dela deixando seu cabelo emaranhado incandescente. Ela não conseguia ver muita coisa: uma fatia de mesa coberta de papéis, no canto de um escritório desconhecido. O pensamento de que isso poderia pertencer à

diretora fez seu pulso acelerar com entusiasmo.

“Isso chega pela terceira vez este mês”, dizia Hargrove, “e eu estou simplesmente no fim das contas. A garota é meio selvagem.

Desaparecendo para quem sabe onde, se metendo em todo tipo de problema possível -

apenas na semana passada, ela lançou um caixote inteiro de piolhos vivos em meus aposentos! ”

Elisabeth mal se impediu de gritar uma objeção através do buraco. Ela colecionara esses piolhos com a intenção de estudá-los, não os libertando. A perda deles foi um tremendo golpe.

Mas o que Hargrove disse a seguir a fez esquecer todos os piolhos. “Eu simplesmente tenho que questionar se é a decisão certa, criar um filho em uma grande biblioteca. Estou certo de que quem a deixou à nossa porta sabia que estamos praticando os fundadores como nossos aprendizes. Mas não aceitamos esses meninos e meninas até os 13 anos.

Hesito em concordar com o diretor Finch sobre qualquer assunto, mas acredito que devemos considerar o que ele vem dizendo o tempo todo: que a jovem Elisabeth pode se sair melhor em um orfanato.

Embora perturbador, isso não era nada que Elisabeth não tinha ouvido antes. Ela aceitou as observações, sabendo que a diretora garantiria seu lugar na biblioteca. Ora, ela não sabia dizer. O

diretor raramente falava com ela. Ela era tão remota e intocável quanto a lua e igualmente misteriosa. Para Elisabeth, a diretora A decisão de levá-la possuía uma qualidade quase mística, como algo saído de um conto de fadas. Não pôde ser questionado ou desfeito.

Prendendo a respiração, ela esperou o diretor contrariar a sugestão de Hargrove. A pele de seus braços formigava com a antecipação de ouvi-la falar.

Em vez disso, o diretor disse: “Eu me perguntei o mesmo, mestre Hargrove. Quase todos os dias nos últimos oito anos.

Não - isso não poderia estar certo. O sangue diminuiu a velocidade das veias de Elisabeth. As batidas em seus ouvidos quase abafaram o resto.

“Todos esses anos atrás, não considerei o efeito que isso poderia ter sobre ela crescer isolada de outras crianças da idade dela. Os

aprendizes mais jovens ainda são cinco anos mais velhos. Ela demonstrou algum interesse em fazer amizade com eles?

"Receio que ela tenha tentado, com pouco sucesso", disse Hargrove.

“Embora ela possa não saber por si mesma. Recentemente, ouvi um aprendiz explicando a ela que crianças comuns têm mães e pais. A pobre Elisabeth não fazia ideia do que ele estava falando. Ela respondeu alegremente que tinha muitos livros para fazer companhia.

O diretor suspirou. “O apego dela aos grimórios é. . . ” "Relativo? Sim, de fato. Se ela não sofre com a falta de companhia, temo que seja porque ela vê os grimórios como seus amigos no lugar das pessoas. ”

“Uma maneira perigosa de pensar. Mas as bibliotecas são lugares perigosos. Não há como fugir disso.

"Muito perigoso para Elisabeth, você acha?"

Não, **Elisabeth implorou. Ela sabia que não eram livros comuns que a Grande Biblioteca mantinha. Eles sussurraram nas prateleiras e estremeceram sob correntes de ferro. Alguns cuspiram tinta e fizeram birras; outros cantaram para si mesmos em notas altas e claras em noites sem vento, quando a luz das estrelas atravessava as janelas gradeadas da biblioteca como raios de mercúrio. Outros ainda eram tão perigosos que precisavam ser armazenados no cofre subterrâneo, embalados em sal. Nem todos eles eram seus amigos. Ela entendeu isso bem.**

Mas mandá-la embora seria como colocar um grimório entre livros inanimados que não se mexiam ou falavam. A primeira vez que viu um livro assim, pensou que estava morto. Ela não pertencia a um orfanato, fosse o que fosse. Na sua mente, o lugar parecia uma prisão, cinzenta e envolta em névoas úmidas, barrada por um portcullis como a entrada do cofre. Terror apertou sua garganta com a imagem.

"Você sabe por que as Grandes Bibliotecas acolhem órfãos, Mestre Hargrove?" o diretor perguntou finalmente. “É

porque eles não têm casa, nem família. Ninguém a sentir falta deles se morrerem. Eu me pergunto, talvez. . . se o Scrivener durou tanto tempo, é porque a biblioteca desejava que fosse assim. Se é melhor deixar o vínculo com este lugar intacto, para o bem ou para o mal.

- Espero que você não esteja enganando, diretor - disse o mestre Hargrove, gentilmente. "Eu faço também."

O diretor parecia cansado. "Pelo bem de Scrivener, e por nós mesmos."

Elisabeth esperou, ouvidos tensos, mas a deliberação sobre seu destino parecia ter concluído.

Passos estalaram abaixo, e a porta do escritório se fechou.

Ela recebeu uma indenização - por enquanto. Quanto tempo duraria?

Com as bases do seu mundo abaladas, parecia que o resto de sua vida poderia desmoronar a qualquer momento. Uma única decisão do diretor poderia mandá-la embora para

sempre. Ela nunca se sentiu tão incerta, tão desamparada, tão pequena.

Foi então que fez o voto, agachada no meio da poeira e das teias de aranha, agarrando-se à única linha de vida ao seu alcance. Se o diretor não tivesse certeza de que a Grande Biblioteca era o melhor lugar para Elisabeth, ela simplesmente teria que provar. Ela se tornaria uma grande e poderosa diretora, assim como o diretor. Ela mostraria a todos que pertencia até que o diretor Finch não pudesse mais negar seu direito.

Sobre tudo . . .

Acima de tudo, ela os convenceria de que não era um erro. "Elisabeth", uma voz sibilou no presente. Elisabeth! Você está com sono?"

Assustada, ela se levantou, a lembrança girando como água pelo ralo.

Ela girou até encontrar a fonte da voz. O rosto de uma garota espiou entre duas estantes próximas, sua trança passando por cima do ombro enquanto ela

verificado para garantir que ninguém mais estivesse à vista. Um par de óculos ampliava seus olhos escuros e inteligentes e notas rabiscadas às pressas marcavam a pele marrom de seus antebraços, a tinta espreitando por debaixo das mangas. Como Elisabeth, ela usava uma chave em uma corrente em volta do pescoço, brilhante contra as vestes de um aprendiz azul claro.

Por sorte, Elisabeth não permaneceu sem amigos para sempre. Ela conheceu Katrien Quillworthy no dia em que ambos começaram o aprendizado aos 13 anos. Nenhum dos outros aprendizes queria dividir um quarto com Elisabeth, devido ao boato de que ela mantinha uma caixa cheia de piolhos debaixo da cama. Mas Katrien se aproximou dela por esse mesmo motivo. "É

melhor que seja verdade", dissera ela. “Eu quero experimentar os piolhos desde que soube deles.

Aparentemente, eles são imunes à feitiçaria - você pode imaginar as implicações científicas? Eles eram inseparáveis desde então.

Elisabeth secretamente empurrou seus papéis para o lado. "Algo está acontecendo?" ela sussurrou.

Acho que você é a única pessoa em Summershall que não sabe o que está acontecendo.

Inclusive Hargrove, que passou a manhã inteira em privado.

"O diretor Finch não está sendo rebaixado, está?" ela perguntou esperançosa. Katrien sorriu. “Eu ainda estou trabalhando nisso. Tenho certeza de que encontrarei algo incriminador nele eventualmente.

Quando isso acontecer, você será o primeiro a saber. Orquestrar a queda do diretor Finch

tinha sido seu projeto favorito por anos. “Não, é um magister. Ele acabou de chegar para uma viagem ao cofre.

Elisabeth quase caiu da cadeira. Ela deu uma olhada ao redor antes de correr atrás da estante ao lado de Katrien, curvando-se ao lado dela.

Katrien era tão baixo que, do contrário, tudo que Elisabeth podia ver era o topo de sua cabeça. “Um magister? Você está certo?"

"Absolutamente. Nunca vi os guardas tão tensos.

Agora que Elisabeth pensou, os sinais daquela manhã eram óbvios.

Guardiões passando com as mandíbulas cerradas e as mãos apertando as espadas. Aprendizes formando grupos nos corredores, sussurrando em cada esquina. Até os grimórios pareciam mais inquietos que o normal.

Um magister. **O medo a emocionou como uma nota tremendo para cima e para baixo nas cordas de uma harpa. "O que isso tem a ver conosco?" ela perguntou. Nenhum deles**

já tinha visto um feiticeiro comum. Nas raras ocasiões em que visitavam Summershall, os guardas os traziam por uma porta especial e os conduziam diretamente para uma sala de leitura. Ela tinha certeza de que um magister seria tratado com uma cautela ainda maior.

Os olhos de Katrien brilhavam. “Stefan fez uma aposta comigo que o magister apontou orelhas e cascos entalhados. Ele está errado, naturalmente, mas tenho que encontrar uma maneira de provar isso.

Eu vou espionar o magister. E preciso que você corrobore minha conta.

Elisabeth respirou fundo. Ela olhou reflexivamente para sua mesa abandonada. "Para fazer isso, teríamos que sair dos limites."

"E Finch teria nossas cabeças em lanças se ele nos pegasse", terminou Katrien. “Mas ele não vai. Ele não sabe sobre as passagens.

Pela primeira vez, Finch não era a maior preocupação de Elisabeth. O

olhar injusto e ofegante do Livro dos Olhos relampejou em sua mente.

Qualquer um desses olhos poderia pertencer a alguém como ela ou Katrien. "Se o magister nos pegar", disse ela, "ele fará pior do que colocar nossas cabeças em lanças".

"Eu duvido. As reformas tornavam ilegal que os feiticeiros matassem pessoas fora da legítima defesa. Ele apenas faz o cabelo cair ou nos cobre em furúnculos. Ela balançou as sobrancelhas sedutoramente.

"Vamos.

Esta é uma oportunidade única na vida. Para mim, pelo menos.

Quando é que vou ver um magister? Quantas chances *Eu* tem que experimentar furúnculos mágicos? ”

Katrien queria se tornar um arquivista, não um diretor. Seu trabalho não envolveria lidar com feiticeiros. Elisabeth, por outro lado. . .

Uma faísca brilhou em seu peito. Katrien estava certo; isto *foi* uma oportunidade. Na outra noite, ela decidiu se esforçar mais para impressionar o diretor. Os guardas não tinham medo de feiticeiros, e quanto mais ela aprendesse sobre sua espécie, melhor ela estaria preparada.

"Tudo bem", disse ela, levantando-se. “Eles provavelmente o levarão para a sala de leitura oriental. Deste jeito."

Enquanto ela e Katrien atravessavam as prateleiras, Elisabeth sacudiu suas persistentes dúvidas.

Ela tentou não violar as regras, mas seus esforços tinham um jeito curioso de nunca dar certo.

Apenas no mês passado houve o desastre com

o lustre do refeitório - pelo menos o nariz da velha senhora Bellwether parecia quase normal agora. E o tempo que ela derramou geléia de morango por toda parte. . . bem. Melhor não insistir nessa memória.

Quando chegaram ao busto de Cornelius, o Sábio, que Elisabeth usou como marcador de lugar, ela procurou uma ligação carmesim familiar.

Ela o encontrou na metade da prateleira, com o título dourado muito gasto e em flocos para ler. As páginas do grimório sussurravam uma saudação sonolenta quando ela estendeu a mão e a arranhou. Um clique veio de dentro da estante, como um bloqueio. Então todo o painel de prateleiras se abriu para dentro, revelando a boca empoeirada de uma passagem.

"Eu não posso acreditar que isso não funciona para ninguém além de você", disse Katrien enquanto eles se escondiam. “Eu tentei arranhá-lo dezenas de vezes. Stefan também.

Elisabeth deu de ombros. Ela também não entendeu. Ela se concentrou em tentar não espirrar enquanto conduzia Katrien pelo corredor estreito e sinuoso, repelindo as teias de aranha que pendiam como guirlandas espectrais das vigas. A outra extremidade saiu atrás de uma tapeçaria na sala de leitura. Eles pararam, ouvindo, para se certificar de que o quarto estava vazio antes de lutarem por trás do tecido pesado, tossindo nas mangas.

Os aprendizes foram proibidos de entrar na sala de leitura, e Elisabeth ficou ao mesmo tempo aliviada e decepcionada ao descobrir que a sala parecia bastante comum. Era um

tipo de espaço viril, com uma grande quantidade de madeira polida e couro escuro. Uma grande mesa de mogno estava em frente à janela e várias poltronas de couro cercavam uma lareira crepitante, cujos troncos estalavam e enviavam uma fonte de faíscas quando eles entravam, fazendo-a pular.

Katrien não perdeu tempo. Enquanto Elisabeth olhava em volta, ela foi direto para a mesa e começou a vasculhar as gavetas. "Para a ciência", explicou ela, que frequentemente era o que dizia antes de algo explodir.

Elisabeth se aproximou da lareira. "Que cheiro é esse? Não é o fogo, é?

Katrien fez uma pausa para lançar um pouco de ar em direção ao nariz. "Fumaça de cachimbo?" ela adivinhou. Não - era outra coisa.

Cheirando industriosamente, Elisabeth localizou o cheiro em uma das poltronas. Ela inalou acima da almofada, apenas para recuar de uma vez, com a cabeça girando.

Elisabeth! Você está bem?"

Ela chupou goles de ar fresco, piscando para afastar as lágrimas. O

odor cáustico grudava na parte de trás da língua com espessura suficiente para que ela quase pudesse prová-lo: um cheiro abrasador e não natural, como o que ela imaginava que o metal queimado cheiraria, se o metal pudesse queimar.

"Eu acho que sim", ela ofegou.

Katrien abriu a boca para falar, depois deu uma olhada na porta.

"Ouço. Eles estão vindo."

Movendo-se rapidamente, eles se espremeram atrás da fileira de estantes alinhadas contra a parede. Katrien se encaixava facilmente, mas o espaço se mostrou apertado para Elisabeth. Aos quatorze anos, ela já era a garota mais alta de Summershall. Dois anos depois, ela se destacou pela maioria dos meninos. Ela manteve os braços rígidos ao lado do corpo e respirou superficialmente, na esperança de apaziguar os grimórios, que murmuravam em desaprovação pela invasão.

Vozes vieram do corredor e a maçaneta girou.

"Aqui está, Magister Thorn", disse um diretor. "O diretor chegará em breve para acompanhá-lo ao cofre."

O estômago dela deu um pulo quando uma figura alta e encapuzada entrou, a capa verde esmeralda ondulando nos calcanhares. Ele foi até a janela e abriu as cortinas, depois ficou olhando através das torres da biblioteca.

"O que está acontecendo?" Katrien respirou abaixo do ombro. "Não vejo nada daqui."

A perspectiva de Elisabeth consistia em uma fatia horizontal acima dos espinhos dos livros. Ela também não podia ver muito. Devagar, com cuidado, ela avançou de lado para um ângulo melhor. A ponta do nariz pálido do magister apareceu. Ele tirou o capuz. Seus cabelos eram negros e ondulados, mais longos do que os homens em Summershall, atravessados na têmpora esquerda com um traço vívido de prata.

Outra polegada para o lado e. . .

Ele não é mais velho do que nós, **ela pensou surpresa. Tanto o traço prateado quanto o título a haviam preparado para alguém muito mais velho. Talvez sua aparência estivesse enganando. Ele poderia manter a aparência da juventude banhando-se no sangue de virgens - ela uma vez lera algo nesse sentido em um romance.**

Para o benefício de Katrien, ela sacudiu levemente a cabeça. Seu cabelo era grosso demais para ela dizer se ele tinha orelhas pontudas ou não.

Se ele tivesse cascos, a bainha da capa os ocultava.

Ela seguiu o sinal com outro movimento mais urgente da cabeça. O

magister se virou na direção deles, com o olhar fixo nas prateleiras.

Seus olhos cinzentos eram extraordinariamente claros, como quartzo, e o olhar neles enquanto examinavam os grimórios transformava seu sangue em gelo. Ela nunca tinha visto olhos tão cruéis.

Ela não compartilhava da confiança de Katrien de que se ele os encontrasse, ele não os machucaria. Ela crescera com histórias de feitiçaria: exércitos criados em valas comuns para lutar em nome de reis, inocentes sacrificados em rituais sangrentos, crianças esfoladas como oferendas a demônios. E agora ela estava no cofre e viu por si mesma o trabalho das mãos de um feiticeiro.

Quando o magister se aproximou, Elisabeth descobriu, horrorizada, que não podia se mover. Um grimório havia agarrado suas vestes entre as páginas. Ele rosnou em torno da boca cheia de tecido, puxando como



um terrier raivoso. Os olhos do feiticeiro se estreitaram, procurando a fonte do barulho.

Desesperada, ela agarrou suas vestes e puxou, apenas para que o grimório a soltasse exatamente ao mesmo tempo, jogando-a contra as prateleiras.

E a estante desabou, levando-a com ela.

TRÊS

E As orelhas de LISABETH soaram. Ela engasgou com uma nuvem de poeira. Quando sua visão clareou, o magister estava de pé sobre ela. "O

que é isso?" ele perguntou.

Seu grito de medo emergiu como um coaxar. Ela se jogou para longe dele, lutando entre a pilha de livros e estantes quebradas. Meio cega de terror, levou mais tempo do que deveria para perceber que se sentia bem, com exceção de várias lascas altamente mágicas. Ele não a lançou.

Seus arranhões diminuíram, depois pararam. Ela olhou por cima do ombro.

E congelou.

O feiticeiro afundou em um joelho e apertou as mãos sobre o outro. A luz do fogo refletia suas feições pálidas e angulares. Ela tentou desviar os olhos, mas não conseguiu. Quando seu coração se jogou contra as costelas, ela se perguntou se ele estava usando magia para fixar o olhar no lugar, ou se ela estava simplesmente aterrorizada demais para desviar o olhar. Todos os seus traços projetavam vilania, desde as sobrancelhas escuras e arqueadas até a torção sardônica de sua boca.

"Você está machucado?" ele perguntou

finalmente. Ela não disse nada. "Você não

pode falar?"

Se ela não responder, ele pode machucá-la para provocar uma reação.

Tentando o seu melhor, ela conseguiu outro som estridente. Diversão brilhava em seus olhos.

"Fui avisado que veria algumas coisas estranhas no campo", disse ele,

"mas admito que não esperava encontrar um bibliotecário feroz percorrendo as pilhas".

Elisabeth possuía apenas a mais vaga noção de como ela deveria ser, além das partes de si mesma que ela podia ver. A tinta manchou as unhas e a poeira riscou suas vestes. Ela não conseguia se lembrar da última vez que se lembrou de escovar os cabelos, que estavam presos em mechas castanhas e castanhas.

Seus espíritos se elevaram

uma fração cautelosa. Se ela fosse suja e caseira o suficiente, ele poderia não achar que ela valesse seu tempo ou sua magia.

"Eu também não esperava que você me encontrasse", ela se ouviu dizer. Então, horrorizada, ela bateu a mão na boca.

“Então você pode falar. Você prefere não falar comigo? Ele levantou uma sobrancelha quando ela assentiu.

“Uma sábia precaução. Nós, feiticeiros, somos terrivelmente maus, afinal. Rondando a selva, roubando donzelas para nossos rituais profanos. . . ”

Elisabeth não teve tempo de reagir, porque naquele momento, uma batida bateu na porta. - Está tudo bem aí, Magister? Ouvimos um acidente.

Aquela voz grave e grave pertencia ao diretor Finch. Elisabeth recuou em alarme, segurando os pulsos de maneira protetora. Quando Finch a descobriu fora dos limites

- fora dos limites e falando com um magister - ele não se incomodaria com o interruptor; ele a cana dentro de uma polegada de sua vida. Os vergões durariam dias.

O olhar do magister permaneceu nela por um momento, avaliando, antes de ele se virar em direção à porta. "Perfeitamente bem", ele respondeu. “Prefiro não ser incomodado até que o diretor esteja pronto para me levar ao cofre, se você não se importa. Negócio de feiticeiro.

Muito particular.

"Sim, Magister." A resposta de Finch parecia relutante, mas seus passos se afastaram da porta.

Tarde demais, a loucura de Elisabeth afundou. Ela deveria ter chamado por Finch. Ela conseguia pensar em várias razões pelas quais o magister poderia querer ficar a sós com ela em particular, e um caning empalideceu em comparação.

"Agora", disse ele, voltando-se para ela. "Acho que devo limpar essa bagunça antes que alguém me culpe, o que significa que você precisa se mudar." Ele soltou as mãos do joelho e ofereceu uma a ela.

Seus dedos eram longos e finos, como os de um músico.

Ela olhou para eles como se ele tivesse apontado uma adaga em seu peito. "Continue", disse ele, ficando impaciente. "Eu não vou transformá-lo em uma salamandra."

"Você pode fazer isso?" ela sussurrou. "Verdadeiramente?"

"Claro." Um brilho perverso entrou em seus olhos. “Mas eu só transformo garotas em salamandras às terças-feiras. Felizmente para você, é quarta-feira, que é o dia em que bebo um cálice de sangue de órfão para o jantar.

Ele parecia totalmente sério. Ele não parecia ter notado as vestes dela, o que a rotulava de aprendiz e, portanto, órfã por padrão.

Determinada a distraí-lo, ela pegou a mão dele. Ela não tinha esquecido sua missão para Katrien.

Quando ele a puxou, ela fingiu tropeçar e caiu com os dedos enterrados no cabelo preto e prateado dele. Ele piscou para ela surpreso. Ele era quase tão alto quanto ela, e seus rostos quase se tocaram. Seus lábios se separaram como se quisessem falar, mas nenhum som saiu.

A respiração dela acelerou. Com aquela expressão assustada no rosto, ele parecia menos um feiticeiro que barganhava com demônios e mais como um jovem comum. Seu cabelo era macio, a textura de seda. Ela não sabia por que notaria uma coisa dessas. Apressadamente, ela pegou as mãos dele e se afastou.

Para seu desespero, ele sorriu. "Não se preocupe", ele assegurou, alisando seus cabelos despenteados. “Moças me apreenderam em locais muito mais comprometedores. Entendo que o impulso pode ser avassalador.

Sem esperar pela reação dela, ele se virou para estudar os destroços.

Depois de um momento de consideração, ele levantou a mão e falou uma série de palavras

que deixaram seus ouvidos zumbindo e sua cabeça virada do avesso. Atordoada, ela percebeu que ele estava falando enochiano. Era diferente de qualquer idioma que ela já ouvira antes. Ela sentiu que deveria reconhecer as palavras, mas no momento em que tentou repeti-las para si mesma, as sílabas saíram de sua mente, deixando apenas um silêncio cru e retumbante, como o ar após um ensurdecedor trovão.

Sua audição voltou com um suspiro de papel farfalhante. A pilha de grimórios derramados começou a se mexer. Um a um, eles se ergueram no ar, flutuando na frente da mão estendida do feiticeiro em meio a redemoinhos de luz esmeralda. Eles giraram, sacudiram e embaralharam, voltando à ordem alfabética, enquanto atrás deles, a estante caída se endireitava com um rangido. As prateleiras quebradas se fundiram, inteiras novamente; os grimórios voltaram às suas posições originais, alguns retardatários relutantes trocando de lugar no último segundo.

Magia, **ela pensou.** *É assim que parece mágica.* **E então, antes que ela pudesse se conter,** *É*

lindo.

Ela nunca ousaria dar voz a esse pensamento em voz alta. O sentimento quase traiu seus juramentos à Grande Biblioteca. Mas uma parte dela se rebelou contra a ideia de que, para ser uma boa aprendiz, ela deveria fechar os olhos e fingir que não tinha visto. Como um diretor podia se defender de algo que não entendia? Certamente era melhor enfrentar o mal do que se esconder da presença, sem aprender nada.

Faíscas de esmeralda ainda dançavam nas prateleiras arrumadas. Ela deu um passo à frente para tocar os grimórios e sentiu a magia deslizar sobre sua pele, brilhante e formigando, como se tivesse mergulhado as mãos em um balde de champanhe. Surpreendentemente, a sensação não foi dolorosa. Nada aconteceu com seu corpo -

suas mãos não mudaram de cor ou murcharam como uma ameixa.

Quando ela olhou para cima, no entanto, o feiticeiro estava olhando para ela como se ela tivesse crescido uma segunda cabeça. Claramente, ele esperava que ela tivesse medo.

"Onde está o cheiro?" ela perguntou, encorajada. Ele apareceu momentaneamente perdido. "O quê?"

“Esse cheiro - aquele como metal queimado. Isso é feitiçaria, não é? Ah.

Uma linha apareceu entre suas sobrancelhas escuras. Talvez ela tenha ultrapassado. Mas então ele continuou: “Não exatamente. Às vezes acompanha feitiçaria, se o feitiço é poderoso o suficiente. Tecnicamente, não é o cheiro da magia, mas uma reação quando a substância do Outro Mundo - ou seja, o reino demoníaco - entra em contato com o nosso ...

"Como uma reação química?" Elisabeth perguntou.

Ele estava olhando para ela ainda mais estranhamente agora. "Sim, precisamente." "Existe um nome para isso?"

“Chamamos isso de combustão etéreo. Mas como você ...?

Ele parou quando outra batida bateu na porta. "Estamos prontos para você, Magister Thorn", disse o diretor do lado de fora.

"Sim", ele respondeu. "Sim, eu ... um momento."

Ele olhou para Elisabeth, como se ele esperasse que ela desaparecesse como uma miragem no instante em que ele se virou. Seus olhos claros a cravaram. Por um momento, parecia que ele poderia fazer algo mais.



Pronuncie uma palavra de despedida ou conjure

um feitiço para puni-la por sua insolência. Ela ergueu os ombros, preparando-se para o pior.

Então uma sombra cruzou seu rosto e seus olhos se fecharam. Ele girou nos calcanhares e foi para a porta sem falar. Um lembrete final de que ele era um magister e ela uma bibliotecária humilde aprendiz, totalmente sob seu aviso.

Ela deslizou para trás das prateleiras, sem fôlego. Uma mão disparou e agarrou a dela.

"Elisabeth, você é absolutamente louca!" Katrien sibilou, materializando-se na escuridão. Não acredito que você o tocou. Eu estava pronta para pular e espancá-lo com um grimório o tempo todo.

Bem? Qual é o relatório?

Seus nervos cantaram com alegria. Ela sorriu e, por algum motivo, começou a rir. "Sem orelhas pontudas", ela ofegou. "Eles são completamente normais."

A porta da sala de leitura se abriu. Katrien colocou a mão sobre a boca de Elisabeth para sufocar sua risada. E nem um momento antes - o diretor estava esperando lá fora. Ela parecia tão severa como sempre, seu cabelo ruivo brilhando como cobre derretido contra o azul escuro de seu uniforme. Ela olhou de volta para o quarto e parou; depois de um momento de busca, seu olhar encontrou e segurou Elisabeth pelas prateleiras. Elisabeth ficou rígida, mas o diretor não disse nada. Um canto da boca se contorceu, puxando a cicatriz na bochecha. Então a porta se fechou e ela e o magister se foram.

QUATRO

T A VISITA DO MAGISTER marcou o último evento emocionante da temporada. O verão chegou em um ataque de calor escaldante. Logo depois, uma epidemia de Brittle-Spine deixou todo mundo exausto e infeliz, forçado a massagear os grimórios aflitos com pomada

fétida por semanas a fio. Elisabeth foi designada para cuidar de uma classe dois, chamada Os Decretos de Bartholomew Trout, que desenvolvia o hábito de se mexer provocativamente toda vez que a via chegando. Quando a primeira tempestade de outono soprou sobre Summershall, ela nunca mais quis ver outro pote de pomada. Ela estava pronta para cair na cama e dormir por anos.

Em vez disso, ela acordou na calada da noite, convencida de que ouvira um som. O vento açoitava as árvores lá fora, uivando através dos beirais. Galhos disparavam contra a janela em rajadas de staccato. A tempestade estava alta, mas ela não conseguiu evitar a sensação de ter acordado por um motivo diferente.

Ela se sentou na cama e jogou a colcha.

"Katrien?" ela sussurrou.

Katrien rolou, murmurando no meio de um sonho. Ela não despertou nem quando Elisabeth alcançou o espaço entre as camas e balançou o ombro. "Chantageá-lo", ela murmurou contra o travesseiro, ainda sonhando.

Franzindo a testa, Elisabeth saiu da cama. Acendeu uma vela na mesa de cabeceira e olhou em volta, procurando qualquer coisa errada.

O quarto que ela dividia com Katrien estava localizado no alto de uma das torres da biblioteca. Era pequeno e circular, com uma janela estreita, tipo castelo, que deixava entrar correntes de ar sempre que o vento soprava do leste.

Tudo parecia exatamente como quando Elisabeth tinha ido para a cama. Os livros estavam abertos sobre a cômoda e caíam em pilhas ao longo das paredes curvas de pedra, e as anotações pertencentes ao último experimento de Katrien estavam espalhadas pelo tapete.

Elisabeth teve o cuidado de não pisar neles enquanto cruzava até a porta e entrou no corredor, sua vela a envolvendo em um brilho nebuloso. As grossas paredes da biblioteca amorteciam o vento uivando com um murmúrio distante.

Com os pés descalços, vestindo apenas a camisola, desceu as escadas como um fantasma.

Algumas voltas a levaram a uma porta proibida de carvalho reforçada com tiras de ferro. Essa porta separava a biblioteca dos aposentos e sempre ficava trancada. Antes dos 13 anos, ela não tinha conseguido desbloqueá-la; ela teve que esperar que um bibliotecário passasse e a conduzisse. Agora ela possuía uma grande chave, capaz de abrir as portas externas de qualquer Grande Biblioteca do reino. Ela usava o pescoço todo o tempo, mesmo quando dormia ou tomava banho, um símbolo tangível de seus juramentos.

Ela levantou a chave e depois parou, passando as pontas dos dedos pela superfície áspera da porta. Uma lembrança brilhou diante dela: as marcas de garras na mesa do cofre, que marcavam a madeira como se fosse manteiga.

Não - isso era impossível. Grimórios só se transformam em Malefícios se danificados. Não

era algo que aconteceria no meio da noite, sem visitantes e todos os grimórios em segurança.

Não com guardas patrulhando os corredores escuros, e o sino de advertência colossal da Grande Biblioteca pendurado imperturbável acima de suas cabeças.

Resolvendo banir seus medos infantis, ela deslizou pela porta e trancou-a novamente atrás dela. As lâmpadas do átrio estavam apagadas durante a noite. A luz brilhava nas letras douradas nas

lombadas dos livros, refletidas nos trilhos de latão que ligavam as escadas de rodas aos topos das prateleiras. Esticando os ouvidos, ela não detectou nada fora do comum. Milhares de grimórios dormiam pacificamente ao seu redor, fitas de veludo flutuando de suas páginas enquanto roncavam. Em uma caixa de vidro nas proximidades, uma classe quatro chamada Florilegium de Lord Fustian pigarreou com importância, tentando chamar sua atenção. Precisava ser elogiado em voz alta pelo menos uma vez por dia, ou seria fechado como um molusco e se recusaria a abrir novamente por anos.

Ela avançou, segurando a vela mais alta. *Nada está errado. Hora de voltar para a cama.*

Foi quando a atingiu - um cheiro inconfundível e lacrimejante. Os últimos meses se foram e, por um momento, ela ficou na sala de leitura novamente.

curvando-se sobre a poltrona de couro. Seu coração pulou uma batida, depois começou a bater em seus ouvidos.

Combustão etéreo. Alguém havia realizado feitiçaria na biblioteca.

Rapidamente, ela apagou a vela. Um som batendo a fez recuar. Ela esperou até que isso acontecesse novamente, mais calmo desta vez, quase como um eco. Agora, suspeitando do que era, ela se esgueirou em torno de uma estante de livros até as portas da frente da biblioteca aparecerem. Eles foram deixados abertos e estavam soprando no vento.

Onde estavam os guardas? Ela já deveria ter visto alguém, mas a biblioteca parecia completamente vazia. Gelada de pavor, ela caminhou em direção às portas. Embora cada sombra agora possuísse uma qualidade sinistra, estendendo-se através das tábuas do chão como dedos, ela contornou os raios da luz da lua, não querendo ser vista.

A dor explodiu através do dedo do pé nu, a meio caminho do átrio. Ela a havia esmagado em algo no chão. Algo frio e duro - algo que brilhava no escuro -

Uma espada. E não apenas qualquer espada - Demonslayer. Granadas brilhavam em seu pomo na penumbra.

Aturdida, Elisabeth atendeu. Tocar parecia errado. O Demonslayer nunca saiu do cinto do diretor. Ela só deixaria isso de vista se. . .

Com um grito abafado, Elisabeth correu para a forma que estava caída no chão próximo.

Cabelos ruivos emplumados ao luar, uma mão pálida estendida. Ela agarrou o ombro e o encontrou sem resistência enquanto virava o corpo. Os olhos do diretor olhavam sem ver o teto.

O chão se abriu sob Elisabeth; a biblioteca girou em um turbilhão tonto. Isso não foi possível.

Foi um pesadelo. A qualquer momento ela acordaria em sua cama e tudo voltaria ao normal.

Enquanto esperava que isso acontecesse, os segundos se desenrolavam, seu estômago arfava.

Ela tropeçou para longe do corpo do diretor em direção às portas, onde tossiu uma corda azeda de bile. Quando ela estendeu a mão para se firmar, a palma da mão deslizou contra a moldura da porta.

Sangue, **ela pensou automaticamente, mas a substância que cobria sua mão era outra coisa - mais grossa, mais escura. Não sangue - tinta.**

Elisabeth soube instantaneamente o que isso significava. Ela limpou a mão na camisola e agarrou o pomo de Demonslayer com as duas mãos, tremendo violentamente demais para segurá-la com apenas uma. Ela saiu no meio da noite. O vento a invadiu, emaranhando seus cabelos. A princípio ela não viu nada, apenas o brilho cintilante de algumas lâmpadas ainda acesas em Summershall. Suas luzes piscaram quando as árvores do pomar se debateram com o vento. Havia uma cerca alta de ferro forjado ao redor do pátio de cascalho da biblioteca, com as pontas afiadas brilhando no céu inquieto como punhais, mas o portão estava aberto, entortado nas dobradiças, pingando tinta.

Então, ao longe, uma silhueta volumosa se moveu entre as árvores. O

luar brilhava em sua superfície oleosa. Ele mancava em direção à vila com uma marcha desajeitada e desajeitada, como um urso mal formado tentando desajeitadamente andar com duas pernas. Não havia como confundir o que era. Um grimório escapou do cofre.

Aproveitando o poder da feitiçaria entre suas páginas, ele se transformou em um monstro horrível de tinta e couro.

Ao avistar um Malefict, Elisabeth deveria alertar o diretor mais próximo ou, se isso fosse impossível, subir as escadas correndo para tocar a campainha de aviso da Grande Biblioteca. O sino chamava os guardas para as armas e levava as pessoas da cidade a evacuarem-se no abrigo sob a prefeitura. Mas não houve tempo. Se Elisabeth voltasse, o monstro chegaria a Summershall antes que alguém tivesse a chance de levantar da cama. Inúmeras pessoas morreriam nas ruas. Seria um massacre.

Officium adusque mortem. **Dever até a morte. Ela passou por baixo dessa inscrição mil vezes. Ela pode não ser uma diretora ainda, mas nunca seria capaz de se autodenominar se se afastasse agora.**

Proteger Summershall era sua responsabilidade, mesmo ao custo de sua vida.

Elisabeth voou através do portão e desceu a colina. O cascalho afiado deu lugar a um tapete macio e úmido de musgo e folhas caídas que encharcavam a bainha da camisola. Ela tropeçou em uma raiz em seu caminho, quase perdendo o controle da espada, mas o Malefict não parou, apenas continuou seu avanço pesado na direção oposta.

Agora ela estava perto o suficiente para engasgar com seu fedor podre.

E ver quão grande era, muito maior que um homem, com membros tão grossos e retorcidos quanto tocos de árvores. Ondas paralisantes de medo caíram sobre ela.

Finalmente, o Matador de Demônios ficou pesado em suas mãos. Ela não era uma heroína, apenas uma garota de camisola que estava segurando uma

espada. Será que Elisabeth se sentia assim quando a diretora se sentiu ao enfrentar seu primeiro Malefict?

Eu não tenho que vencê-lo, **ela pensou. Se ela pudesse distraí-lo por tempo suficiente e fazer uma comoção suficiente, poderia salvar a cidade.** *Afinal, perturbar a paz é o que eu sou bom. Na maioria das vezes, faço isso sem nem tentar.* **Coragem voltou a ela, libertando seus membros congelados. Ela respirou fundo e gritou sem palavras pela noite.**

O vento rasgou sua voz em pedaços, mas o monstro finalmente parou.

O couro preto e oleoso de sua pele ondulava como se estivesse reagindo a uma mosca. Depois de uma longa pausa, considerando-se, virou-se para encará-la.

Era volumoso e mais ou menos em forma de homem, mas torto, bruto, como se uma criança o tivesse feito de um pedaço de barro. Dezenas de olhos injetados de sangue esbugalharam-se por cada centímetro de sua superfície, variando do tamanho de xícaras de chá ao tamanho de pratos. Suas pupilas haviam encolhido, e todos olhavam diretamente para Elisabeth. O grimório mais perigoso da biblioteca saiu livre. O

Livro dos Olhos havia retornado.

Depois de olhá-la por um momento, ele tremeu entre ela e a cidade.

Lentamente, seus olhos começaram a rolar na direção de Summershall.

Não deve tê-la visto como uma ameaça. Comparada a todas as pessoas à frente, não valia a pena se preocupar. Ela precisava convencer o contrário.

Ela levantou Demonslayer e atacou, saltando sobre galhos caídos, esquivando-se entre as árvores. A forma volumosa do Malefict pairava acima dela, bloqueando a luz da lua. Ela prendeu a respiração contra seu fedor nauseante. Vários de seus olhos giraram para focá-la, suas pupilas se arregalaram de surpresa, mas isso foi tudo o que tiveram a chance de ver antes que a lâmina passasse sobre eles, respingando tinta em um arco pelas sombras.

O rugido do monstro sacudiu o chão. Elisabeth continuou correndo; ela sabia que não podia encarar o Livro dos Olhos de frente. Ela mergulhou no pomar e se agachou atrás da ruína musgosa de um velho poço de pedra, sugando suspiros de ar limpo.

De alguma forma, esconder-se do monstro era pior do que encará-lo.

Ela não conseguia ver o que estava fazendo, o que permitia à sua imaginação preencher as lacunas. Mas ela determinou, sem dúvida, que estava procurando por ela. Embora tenha se mudado com discrição irritante, era grande demais para passar entre as árvores sem trair sua presença. Os galhos estalavam aqui e ali, e as maçãs caíam no chão com palmas vazias. Os sons gradualmente se aproximaram.

Elisabeth parou de ofegar; seus pulmões ardiam com o esforço de prender a respiração. Uma maçã atingiu o poço e estourou, salpicando-a com fragmentos pegajosos.

"Aprendiz . . . Vou te encontrar . . . apenas uma questão de tempo . . . ”

O sussurro acariciou sua mente como uma mão flácida. Ela cambaleou, segurando a cabeça.

“Melhor se você desistisse agora. . . ”

A sugestão gordurosa rodou em seus pensamentos, convincente em seu pragmatismo sem sangue. A missão dela era impossível. Demasiado difícil. Tudo o que ela precisava fazer era ceder, abaixar a espada e seu sofrimento terminaria. O Livro dos Olhos seria rápido.

O Livro dos Olhos estava mentindo.

Cerrando os dentes, Elisabeth olhou para cima. O Malefict estava acima dela, mas ainda não a tinha visto.

Seus olhos torceram nas órbitas, movendo-se independentemente um do outro enquanto examinavam o pomar. Os que ela machucou se fecharam, chorando riachos de tinta como lágrimas.

"Aprendiz . . . ”

Resistir aos sussurros era como pisar água em roupas encharcadas, mal mantendo o nariz e a boca acima da superfície. Ela se forçou a parar de segurar a cabeça e apertou os dedos ao redor do aperto de Demonslayer. *Só mais um pouco,* **ela disse a si mesma. O monstro se aproximou e um olho amarelo olhou para baixo. Quando a viu, sua pupila se dilatou tanto que toda a íris ficou preta.**

Agora.

Ela empurrou Demonslayer para cima, perfurando o olho. A tinta caiu em seus braços e pingou no musgo. O berro do Malefict estremeceu durante a noite. Dessa vez, enquanto se afastava, viu novas luzes piscando na cidade abaixo. Mais se juntava a eles a cada segundo

que passava, espalhando-se de casa em casa como brasas queimadas voltando à vida. Summershall estava acordado. Seu plano estava dando certo.

E seu próprio tempo estava acabando.

Um braço varreu a escuridão, jogando-a no ar como uma boneca de pano. Um choque brilhante de dor a atravessou quando seu ombro cortou um tronco de árvore, fazendo-a girar pela grama úmida. Ela provou cobre e, quando se sentou, ofegando, o ambiente ao redor ficou borrado.

Uma tira da camisola estava solta, rasgada e ensanguentada. A forma escura do Malefict se elevou sobre ela.

Inclinou-se para mais perto. Tinha uma cabeça irregular, mas sem rosto, sem traços além daqueles incontáveis olhos esbugalhados. *"Uma garota estranha, você é. Ahhh . . . Há algo sobre você . . . uma razão pela qual você acordou hoje à noite, enquanto os outros dormiam. ..... "*

A espada do diretor jazia na grama. Elisabeth pegou e segurou entre eles. A lâmina tremia.

"Eu poderia te ajudar," **o monstro persuadiu.** *"Eu vejo as perguntas dentro da sua cabeça. ... tantas perguntas e tão poucas respostas. .... mas eu poderia lhe contar segredos - oh, esses segredos, segredos que você não pode imaginar, segredos além dos seus sonhos mais estranhos. ..... "*

Como se estivesse presa em um redemoinho, seus pensamentos seguiram seus sussurros em direção a algum lugar sem luz e faminto -

um lugar do qual ela sabia que sua mente não voltaria. Ela engoliu em seco. Sua mão encontrou a chave pendurada no peito e ela imaginou o diretor fechando o grimório, cortando a voz do monstro. "Você está mentindo", declarou ela.

Risos guturais encheram sua cabeça. Cegamente, ela atacou. O monstro recuou e Matador de Demônios assobiou inofensivamente pelo ar.

Madeira lascou atrás dela enquanto ela se afastava. O

Livro dos Olhos atingiu a árvore que estava atrás dela um momento antes, um golpe que a teria esmagado como um brinquedo.

Ela fugiu, tropeçando nas maçãs caídas. Desorientada, ela quase bateu em uma forma pálida que estava entre as árvores. Algo alado e branco, com um rosto triste e solene corroído pelo tempo. Um anjo de mármore.

Hope a agarrou. A estátua marcou um esconderijo com suprimentos que poderiam ser usados por guardas ou pessoas da cidade durante uma emergência. Ela se atrapalhou na cavidade de terra sob o pedestal até que seus dedos esbarraram em uma lata de chuva.

A voz do Malefict a perseguiu. *"Eu vou lhe dizer"* **sussurrou,** *"A verdade do que aconteceu com o diretor. Esse é um segredo que você gostaria de ouvir? Alguém fez*

você sabe disso. . . alguém me soltou. ..... "

Os dedos de Elisabeth congelaram quando ela abriu a vasilha.

"Eu poderia te dizer quem era - aprendiz!"

O ar ondulava com o movimento, mas ela reagiu muito lentamente.

Couro viscoso se apertava nela por todos os lados, capturando-a com um aperto apertado e fedorento. O monstro a pegou. Ele a levantou, levantando os pés do chão, examinando-a com os olhos tão perto que ela podia ver as veias hemorrágicas que os traçavam como fios escarlates. O punho começou a apertar. Elisabeth sentiu suas costelas dobrarem-se para dentro e sua respiração escapou em um suspiro fino.

Não é assim que vai acabar, **ela pensou, lutando contra a escuridão. Ela deveria ser diretora, guardiã de livros e palavras. Ela era amiga deles.**

O mordomo deles. O carcereiro deles. E se necessário, o destruidor deles.

Seu braço ficou livre e ela jogou o conteúdo da lata no ar. O Maléfico soltou um uivo agonizante quando uma nuvem de sal envolveu seu corpo. Seu aperto afrouxou, e Elisabeth deslizou de suas garras para aterrissar com um estalo doentio contra a estátua de anjo. Ela piscou para longe das estrelas. Por um momento, ela não conseguiu se mexer, não sentiu os membros e se perguntou se teria quebrado as costas.

Então a sensação em seus dedos retornou em uma onda de agonia. O

aperto de Demonslayer pressionou contra sua pele. Ela não tinha deixado ir.

Antes que os sussurros do monstro pudessem afundar suas garras nela novamente, ela rolou para o lado, onde se viu cara a cara com um olho azul gigante e sujo. Estava avermelhado e aguado, tremendo de dor enquanto tentava permanecer aberto por tempo suficiente para se concentrar nela. Usando o último de suas forças, ela se arrastou na posição vertical. Ela levantou a espada do diretor acima do corpo do monstro e a dirigiu para baixo com toda sua força, enterrando-a até o punho na pele oleosa do monstro.

A pupila do olho se expandiu e depois se contraiu. " *Não,* **O Malefict borbulhou.** *"Não!"*

Gotas de tinta borbulhavam na ferida. Ela apertou a mandíbula e torceu a lâmina. O monstro arfou, jogando-a de lado. O Matador de



Demônios permaneceu preso rapidamente em seu corpo, longe de seu alcance, mas ela não precisava mais dele. Os olhos tremeram loucamente e depois ficaram imóveis, rolando para cima, as pálpebras relaxando. Como se envelhecesse rapidamente, a pele de couro começou a ficar cinza, depois rachou e descascou. Um filme nublado se espalhou pelos olhos. Pedaços de seu corpo desabaram para dentro, enviando fontes de cinzas ardentes. Enquanto ela observava, o Malefict se desintegrou com o vento.

Lembrou-se do que o diretor havia lhe dito no cofre. Esse grimório tinha sido o único de seu tipo. Ela tinha sido responsável por isso, e ela a destruiu. Ela sabia que não tinha escolha. Mas ainda assim ela pensou consigo mesma:

O que eu fiz?

Ash a rodeava como neve. Um toque estridente encheu o ar.

Finalmente, tarde demais, o sino da Grande Biblioteca começou a tocar.

CINCO

"T SUA É LOUCURA. A garota não fez nada. Você sabe que ela é inocente ...

"Eu não sei, mestre Hargrove", disse o diretor Finch. "Apenas duas pessoas lidaram com o Livro dos Olhos quando ele chegou a Summershall. Agora um deles está morto. Diga-me, por que Scrivener saiu da cama quando o Malefict se libertou?

Hargrove soltou uma risada incrédula. "Você está realmente sugerindo que Scrivener teve algo a ver com isso? Que ela *sabotado* **um grimório de classe oito? Absurdo. Que razão terrena ela teria para fazer uma coisa dessas?**

"Ela foi encontrada fora da cama, fora dos limites, com a espada do diretor." "Que o diretor deixou para ela por vontade própria, pelo amor de Deus! Agora pertence ao Scrivener ...

As pálpebras de Elisabeth tremeram. Ela estava deitada embaixo de um cobertor fino e áspero em uma cama desconhecida. *Não é uma cama, um berço.* **Os dedos dos pés dela estavam frios; seus pés ficaram presos no final. O**

muro de pedra que ela encarava não pertencia ao seu quarto, e o argumento de Finch e Hargrove não fazia nenhum sentido.

- As chaves do diretor estavam faltando no chaveiro - rosnou Finch -, e as encontramos na entrada do cofre. Alguém os pegou. Scrivener era o único lá. A biblioteca estava protegida para a noite - ninguém mais poderia ter entrado.

"Tenho certeza de que há outra explicação." Ela nunca ouvira Hargrove tão chateado, mesmo depois do incidente da livraria.

Afundada no meio do sonho, ela o imaginava gesticulando da maneira que ele fazia durante

suas palestras, suas mãos frágeis e manchadas de

anos acenando no ar como se estivesse conduzindo uma orquestra.

“Precisamos investigar”, ele disse, “falar com Scrivener, empregar *lógica* **para entender o que aconteceu ontem à noite. "**

Já enviei um relatório ao Magisterium. Um grimório de valor inestimável foi destruído, e os feiticeiros querem que alguém responda por isso. Eles vão descobrir a verdade dela, de um jeito ou de outro.

Um longo silêncio se seguiu. "Por favor, eu imploro que você reconsidere." A voz de Hargrove parecia abafada, como se ele tivesse se afastado, intimidada a recuar. “O diretor confiava em Scrivener, até a amava.

Nós dois sabemos que ela não era de sentimentos. Certamente isso deve contar para alguma coisa.

“Sim. Isso me diz que o diretor amava a pessoa errada e o erro a matou. Você está demitido, Hargrove.

"Diretor Finch"

"Diretor", Finch corrigiu. "Se você esqueceu seu lugar, Hargrove, tenho certeza de que posso encontrar um novo para você."

Por que Finch se chama Diretor?

A memória de Elisabeth voltou à tona quando ela lutou para acordar.

Cinzas. Sinos. Guardas a cercam com suas espadas desembainhadas, Finch emergindo do grupo para agarrar seu braço. Ele a arrastou escada abaixo e a jogou nesta cela. Lembrou-se da raiva que retorcera seu rosto marcado à luz das tochas. E ela se lembrou da umidade que brilhava em suas bochechas quando ele se virou.

Imediatamente, ela se arrependeu de acordar. Cada centímetro de seu corpo doía. Contusões latejavam em seus braços e costas, e sempre que ela respirava, suas costelas apunhalavam seus pulmões. Mas muito pior que a dor foi a pressa de entender que se seguiu.

Ele me culpa pelo que aconteceu. **Ela não esperava ser aclamada como uma heroína - mas isso?** *E se ele é o diretor agora. . .*

Mordendo o interior de sua bochecha, ela se forçou a sentar. Ela apertou o cobertor grosso no peito, descobrindo que ainda estava vestida com a camisola, com crostas duras de tinta e manchadas com o próprio sangue. Olhando em volta, ela não encontrou sinal de Hargrove, mas Finch estava do lado de fora das grades da porta da cela. Linhas duras gravaram suas feições quando ele olhou para o corredor. Uma única tocha acendeu a parede atrás dele,

jogando sua sombra longa e ameaçadora na cela. Ela lutou para entender sua memória final da noite passada. Por que seu rosto estava molhado?

Não começou a chover.

A verdade surgiu nela. "Você estava apaixonada pelo diretor", ela percebeu em voz alta.

Sua voz era pouco mais do que um arranhão fino, mas Finch se virou como se ela tivesse lançado um insulto. "Cale a boca, garota."

"Por favor", ela insistiu. Eu também a amava. Você deve me ouvir. As palavras saíram como se uma represa tivesse quebrado dentro dela.

“Alguém lançou o Livro dos Olhos ontem à noite. Desci as escadas e. . .

”

Quando ela começou a recontar a história aos trancos e barrancos, a mão de Finch roubou o punho da espada. Ele apertou o punho de couro até que ele rangeu. Elisabeth parou.

"Sempre contando histórias", disse ele. Seus olhos brilhavam como besouros pretos à luz das tochas. “Sempre causando problemas. Você espera que eu acredite em você, depois de todas as regras que você quebrou?

"Estou dizendo a verdade", disse ela, desejando que ele visse a honestidade em seu rosto. “Você não pode me mandar embora para os feiticeiros. Foi um feiticeiro que fez isso.

“Por que, diga, um feiticeiro libertaria um grimório, sabendo que seria destruído? Esses feitiços se foram agora. Não há chance de recuperá-

los, e todos os feiticeiros são mais fracos por sua perda.

Ele estava certo. Não havia razão para um feiticeiro ter feito isso. Mas ela sabia que o que sentira havia sido real, e se ele apenas *acreditam* dela . . .

"Havia algo errado ontem à noite", ela deixou escapar, agarrando uma lembrança. “Não havia guardas em patrulha além do diretor. Não vi ninguém nos corredores. Foi um feitiço - deve ter sido.

Você pode verificar os logs, pergunte aos guardas. Alguém mais deve ter notado.

"Mentiras e mais mentiras." Com satisfação, ele cuspiu no chão do lado de fora da cela. O terror tomou conta de Elisabeth. Ela teve a sensação de vagar em uma floresta escura e de repente perceber que estava perdida sem esperança de encontrar o caminho. Finch nunca iria acreditar nela, porque ele não queria. Sua culpa foi o melhor presente que ele já havia recebido. O diretor escolheu amar Elisabeth, não ele, e finalmente teve a oportunidade de puni-la por isso.

"Você é um idiota", ele estava dizendo. “Sempre pensei que sim. Irena nunca acreditou em

mim, alegou que tinha *promessa,* mas eu sabia que você não valia a pena o trabalho de hospedar-se, desde que você era um bebê gordo e pequeno, enchendo a biblioteca com suas rajadas.

Irena. Esse era o nome do diretor? Ela havia morrido sem Elisabeth mesmo sabendo disso.

"Estou dizendo a verdade", ela sussurrou novamente. Seu rosto formigou, quente de humilhação. “Senti cheiro de feitiçaria na biblioteca. Um cheiro de metal queimado. Combustão etéreo. Eu juro."

Seu lábio se curvou em um desdém. "E como você conheceria esse cheiro?" "Eu ... na primavera passada, quando ..." Ela se interrompeu, sentindo-se doente. Se ela explicasse que havia entrado na sala de

leitura e falado com um magister, ela só pioraria as coisas. Ela olhou para baixo e balançou a cabeça. "Eu apenas sei", ela terminou fracamente.

"Leia em um grimório, sem dúvida", ele rosnou. “Um que você não deveria estar lendo, enchendo sua cabeça com as palavras dos demônios. Você está se relacionando com demônios, garota? Você começou a brincar de feitiçaria - é assim que você sabe?

Ela se retirou na cama até bater de costas na parede. "Não!" ela chorou. Como ele poderia acusá-la de uma coisa dessas? Ela prestou juramentos, assim como ele. Se ela os quebrasse tentando feitiçaria, nunca se tornaria um diretor, nunca mais poderia pôr os pés em uma Grande Biblioteca.

"Descobriremos em breve." Ele se virou, levantando a tocha da parede.

“Ouvi o que o Magisterium faz com os traidores. Seus interrogatórios são piores que tortura. Quando eles terminarem com você, garota, você não estará em condições de varrer o chão da biblioteca. A luz começou a recuar, levando a sombra dele.

Elisabeth se soltou do cobertor e tropeçou na porta da cela, segurando as barras. "Pare de me chamar de garota", ela chamou por ele. "Eu sou um aprendiz!"

Houve uma pausa terrível. "Você está agora?" Finch perguntou, sua voz feia, cheia de prazer.

Sua tocha se afastou, deixando-a na escuridão. Lentamente, ela pegou a chave em volta do pescoço, a chave que ela não havia tirado nos três anos e meio desde que o diretor a entregara, e compreendeu apenas o vazio.

Não havia nada lá.

• • •

Os dias de Elisabeth se turvaram juntos. A masmorra da Grande Biblioteca ficava no subsolo, longe de qualquer vislumbre da luz do sol, e ela estava sozinha. Ela descansou em

sua cama ouvindo os tumultos de ratos e piolhos, grata pela companhia deles. Sem eles, um silêncio denso e sufocante desceu sobre sua cela, atormentando-a com estranhas imaginações.

Finch não a visitou novamente; nem o mestre Hargrove. A intervalos regulares, a luz das tochas inundava o corredor e um diretor vinha empurrar uma bandeja de comida sob a porta da cela. Com menos frequência, ele destrancou a porta e recolocou o balde de lixo no canto.

Sempre foi o mesmo diretor que fez isso. Ela tentou implorar com ele nas primeiras vezes, mas ele não ouviu. Os olhares que ele deu a ela eram prova suficiente de que ele acreditava no que quer que fosse o diretor Finch. *o diretor* **- disse ele.**

Que eu sou um traidor, **ela pensou,** *e um assassino.*

O desespero embotou sua mente. A tristeza a atingiu numa maré incessante. Ela nunca imaginou que o diretor a amava. Certamente não o suficiente para deixar seu Demonslayer, seu bem mais precioso.

Elisabeth desejou poder levar esse conhecimento de volta no tempo e fazer tudo de forma diferente. Ela finalmente teve provas de que o diretor havia acreditado nela o tempo todo, mas chegara tarde demais e a um custo muito alto.

Enquanto os dias se arrastavam e suas lágrimas secavam, ela obsessivamente vasculhou o ataque em sua cabeça, tentando entender exatamente o que havia acontecido. Era difícil para ela imaginar o Directer sendo pego de surpresa, mas todas as evidências apontavam para o fato de que um feiticeiro a havia emboscado. Ele roubou as chaves dela e foi até o cofre, depois libertou o Livro dos Olhos.

Ninguém o interrompeu, porque ele usou um feitiço para - o quê?

Para prender o resto da biblioteca em um sono encantado. Era isso que o Livro dos Olhos quis dizer, quando lhe disse que ela acordara



enquanto todo mundo dormia. Katrien era normalmente um sono leve, e mesmo um tremor firme não a havia despertado. Enquanto isso, o feiticeiro precisava acordar o diretor, sozinho, para que ele pudesse pegar as chaves dela. . . .

Mas como ele entrou na biblioteca em primeiro lugar? Todas as suas fechaduras eram feitas de ferro sólido, impossível de abrir com magia.

Isso não importava. Ele havia encontrado um caminho. E agora Elisabeth devia ser entregue aos feiticeiros, qualquer um dos quais poderia ser o sabotador, esperando a chance de eliminar um fim solto.

Nenhuma justiça a esperava no Magisterium. Somente morte.

Ela riu - um som estranho e desagradável que ela mal reconheceu como sua. O diretor acabara de chegar para entregar sua refeição diária, e ele lançou um olhar cauteloso ao empurrar a bandeja sob a porta. *Ele acha que eu fiquei louco.* **Quando a escuridão retornou à sua cela, penetrando nos cantos como água sobre o convés de um navio afundando, ela se perguntou se ele estava certo. Parecia que era o resto do mundo que enlouquecera, não ela - mas se ela era a única que pensava assim, ela poderia realmente se chamar de sã?**

Os hematomas nos braços, vislumbrados de vez em quando à luz das tochas, desbotavam do roxo profundo para um amarelo manchado e doentio. Uma semana se passou no mundo acima. Sua rotina nunca variou, até que um dia, depois que as portas se abriram com um grito de ferro contra pedra, dois pares de botas ecoaram pelo corredor em vez de apenas um.

Elisabeth sabia o que isso significava: os feiticeiros finalmente a procuraram.

SEIS

eu IGHT E BARULHO assaltaram Elisabeth. Ela fechou os olhos com força contra o brilho, ensurdecida pelas batidas das botas enquanto os guardas a marchavam pelo corredor. Finch agarrou um de seus ombros com tanta força que seus ossos se apertaram. Depois de tanto tempo no subsolo, ela se sentia menos como um ser humano e mais como uma pequena criatura arrancada de seu esconderijo pelas garras de um falcão, medrosa e vacilante, confusa com cada som. Um vestido mal ajustado apertou suas costelas e bateu em suas panturrilhas, estranho depois de anos vestindo um roupão confortável. Sem dúvida, era o mais longo que eles haviam conseguido encontrar, e ainda eram uns quinze centímetros a menos do que o corpo alto dela.

Em algum lugar próximo, uma voz familiar a chamou. "Katrien!" ela chamou de volta, sua própria voz irregular com desuso. Ela olhou em volta descontroladamente até Katrien aparecer, lutando para se espremer entre dois guardas. Havia sombras sob seus olhos, e fios presos em sua trança desgrenhada.

O peito de Elisabeth apertou. "Você não deveria estar aqui", ela resmungou. "Eu tentei visitá-lo, mas os guardas não me deixaram", Katrien ofegou, parecendo ouvir. Um diretor empurrou um braço na frente dela, tentando forçá-la a voltar, mas ela se abaixou e continuou sua busca. "Então eu organizei uma distração - nós disfarçamos Stefan como bibliotecário sênior e ele o procurou nos arquivos com as calças -

mas um dos guardas ainda não deixava o cargo e eu não conseguia passar por ele."

Mesmo tonta de medo, Elisabeth soluçou uma risada.

"Não teríamos desistido", insistiu Katrien. - Mais alguns dias, e eu teria descoberto uma maneira de tirá-lo de lá. Eu juro."

"Eu sei", disse Elisabeth. Ela pegou a mão de Katrien, mas naquele momento Finch a

empurrou em direção à porta. As pontas dos dedos

roçaram diante dos guardas

os separou, e ela teve a horrível sensação de que era a última vez que ela e Katrien tocariam.

"Eu - eu voltarei", Elisabeth gritou por cima do ombro. Ela não acreditava que isso fosse verdade. "Vou escrever cartas." Ela estava quase certa de que também não seria capaz de fazer isso. "Katrien", disse ela, quando Finch a empurrou para fora da porta. "Katrien, por favor, não me esqueça."

Eu não vou. Não me esqueça também. Elisabeth—

A porta se fechou. Elisabeth cambaleou, piscando os olhos. Ela ficou no pátio. Nuvens encharcadas de outono enchiam o céu, mas a luz natural ainda batia contra sua cabeça como um martelo contra uma bigorna.

Quando sua visão se ajustou, ela viu que havia emergido da mesma porta pela qual ela e o diretor haviam levado o Livro dos Olhos, com a inscrição no topo, que agora mais se assemelhava a uma acusação.

Por que eu sobrevivi e o diretor não?

Um casco percorreu o cascalho, afastando sua atenção. Dois enormes cavalos pretos estavam diante de Elisabeth, riscando seus pedaços e, atrás deles, uma carruagem esperava. Cortinas esmeraldas estavam penduradas nas janelas e a madeira era esculpida com um desenho elaborado de espinhos entrelaçados. O

artesão tinha tomado cuidado especial para renderizar os espinhos em detalhes reais; ela quase podia sentir a pontada de seus pontos cruéis de onde estava.

Uma sombra varreu o pátio. O vento aumentou, espalhando folhas soltas pelo chão com um chocalho seco e sibilante. Desesperada, ela olhou em volta até que seu olhar se fixou em uma das muitas estátuas do pátio: um anjo de mármore imponente com uma espada presa ao peito. Ivy enroscou suas vestes, formando pegas naturais. Ela sabia por experiência que poderia pisar em cima dela em segundos se não se

importasse em esfolar um joelho. Com sorte, ela atravessaria os telhados antes que o feiticeiro pudesse pegá-la. Ela respirou fundo e saiu correndo, suas botas pulverizando cascalho em todas as direções.

Um cheiro de metal queimado escaldou seus pulmões, e então o som de uma pedra quebrada e quebrada encheu o ar. Ela derrapou até parar em frente à estátua. Começou a se mover.

Chão de mármore contra mármore quando abriu seus olhos inexpressivos e levantou a cabeça. Com uma expressão serena, tirou a espada da bainha e desenrolou

suas asas acima do pátio. Faíscas esmeraldas dançavam sobre as bordas de seus pinhões enquanto as penas se espalhavam, quase translúcidas à luz da manhã. Então a espada abaixou, apontando diretamente para Elisabeth. O rosto plácido do anjo olhou para ela sem piedade.

Ela tropeçou para trás, apenas para descobrir que todo o pátio havia ganhado vida. Os homens encapuzados nas alcovas acima de sua cabeça viraram rostos sombrios em sua direção. Gárgulas se esticaram, testando suas garras contra as bordas do telhado. Até os anjos que fecharam o pergaminho sobre a porta olharam para ela, seus olhares impiedosos e frios. Elisabeth engasgou com um grito. Agora ela entendia por que Finch não se preocupara em atar as mãos. Não havia como escapar de um feiticeiro.

Ela deu outro passo para trás e outro até que uma sombra caiu sobre ela: a sombra de um homem.

Ela não o ouvira sair da carruagem. Frost rastejou por suas veias, congelando-a no lugar.

"Elisabeth Scrivener", disse o dono da sombra. "Meu nome é Nathaniel Thorn. Vim acompanhá-lo até Brassbridge para perguntas e não recomendo tentar fugir. Tentar fugir só provará sua culpa ao chanceler.

Ela se virou. isso foi *ele.* **A capa de esmeralda ondulava aos seus calcanhares, e o vento emaranhava seus cabelos escuros, com mechas prateadas. Seus olhos cinzentos eram tão pálidos e penetrantes como ela lembrava, mas se ele a reconheceu em troca, ele não mostrava sinal.**

Um leve e amargo sorriso apareceu em um canto da boca.

Ela deu um passo para trás. Claro. Ele deve ser o verdadeiro culpado.

Por que outro motivo um magister embarcaria nessa tarefa humilde?

Certamente seria conveniente para o sabotador se ela nunca chegasse a Brassbridge, a única testemunha de seu crime desapareceu por um acidente ao longo do caminho.

"Você tem medo de mim", observou ele.

Um tremor a percorreu, mas ela se manteve firme. Se ela não revelasse que suspeitava dele, poderia sobreviver o tempo suficiente para escapar. "Você é um feiticeiro", ela murmurou, sentindo que isso era resposta suficiente. E então ela perguntou, esperando distraí-lo: "Quem é o Chanceler?"

Os olhos dele se estreitaram. "Se você for fazer de bobo, precisará fazer um trabalho melhor do que isso."

"Eu não estou jogando." Suas unhas cravaram-se nas palmas das mãos. "Quem é o chanceler?" "Essa palavra realmente não significa nada para você?"

Ela balançou a cabeça. Ele se inclinou para olhar mais de perto, seus olhos pálidos procurando o rosto dela. Ela esperou que algo acontecesse: um raio de dor destinado a forçar uma confissão, ou uma presença alienígena arranhando seus pensamentos em busca da verdade. Atrás dele, as estátuas inclinavam a cabeça como se estivessem discutindo o destino dela. Ela até os ouviu sussurrando, em vozes triturantes de terra e pedra. Um longo momento se passou, mas o feiticeiro apenas soltou uma única risada sem humor e se retirou. Alívio a derramou.

“O chanceler Ashcroft é a segunda pessoa mais poderosa do reino. Ele é o atual chefe do Magisterium. Ele fez uma pausa. "Você sabe o que é o Magisterium?"

“É o governo dos feiticeiros. Eu devo ser levado para lá. *Se você não me matar primeiro.*

Vestida apenas com o vestido esfarrapado e curto demais, ela nunca se sentira mais indefesa. "A viagem para a cidade leva três dias", ela se aventurou, impressionada com uma idéia. "Eu não tenho nenhuma das minhas coisas."

O magister, Nathaniel, olhou para a porta. "Ah sim. Eu quase tinha esquecido. Um momento." Inclinando a cabeça, ele murmurou um encantamento. As palavras enoquianas chiaram quando atingiram o ar, como graxa respingada em um fogão quente.

Elisabeth ficou tensa, sem saber o que ele pretendia fazer. Preparada para o pior, ela quase perdeu o curioso som de assobio que vinha de cima. Uma sombra apareceu no chão ao lado dela, aumentando rapidamente. Ela saltou para o lado quando um objeto considerável desceu do céu e caiu com um baque no cascalho.

O objeto era seu próprio baú. Ela ficou boquiaberta com Nathaniel, depois correu para o porta-malas e abriu as travas. O interior continha vários vestidos que ela não usava desde que completara treze anos, cuidadosamente dobrados. Ela raramente usava escova de cabelo.

Roupas noturnas. Meias. Nenhuma roupa de aprendiz, mas ela não esperava isso. Quando o feitiço se dissipou, um brilho esmeralda brilhou sobre o conteúdo do tronco.

"Por que você está olhando assim para mim?" ele perguntou. "Você usou um encantamento demoníaco para guardar minhas meias!"

Ele levantou uma sobrancelha. “Você está certo, isso não soa como algo que um feiticeiro do mal faria. Da próxima vez, não vou dobrá-los.

Ela não teve a chance de cavar mais fundo dentro do porta-malas sem despertar suspeitas. Ela esperava uma oportunidade de buscar seus pertences. Ela duvidava que Nathaniel tivesse incluído qualquer coisa com que pudesse se armar, certamente não o Demonslayer, mas poderia haver algo de útil. Ela teria que olhar mais de perto mais tarde, em particular.

Ela se endireitou e o sangue escorreu de sua cabeça. Ela cambaleou, dominada por uma onda de tontura. A masmorra deixou seu corpo fraco.

Uma mão pegou seu cotovelo. "Firme, senhorita", disse uma voz suave ao lado dela. Ela se virou para encontrar um criado ali, apoiando-a, e percebeu que esse devia ser o cocheiro, embora de alguma forma ela não o tivesse visto até agora. Ele era um jovem vestido com um uniforme antiquado, o cabelo meticulosamente branco. Ele parecia ter mais ou menos a idade de Nathaniel, e era leve e baixo - não tão baixo quanto Katrien, mas ainda muito mais baixo que Elisabeth. Em todos os outros aspectos, ele era extraordinariamente esquecível. *Que pessoa extraordinária,* **ela pensou e depois franziu o cenho. Ela nunca pensou em alguém como normal. De onde isso veio?**

Havia algo de estranho nesse servo. Por mais que tentasse, ela não conseguia descrever mais nada sobre ele, nem mesmo a cor dos olhos dele, embora estivesse a menos de um braço de distância.

"Com licença", disse ele em sua voz cortês e sussurrando. "Devo levar seu malão?"

Ela assentiu com a cabeça. Quando ele se inclinou para levantar o baú, ela estendeu a mão, sentindo como se devesse ajudar. Ele era tão esbelto que parecia se machucar.

"Não se preocupe com Silas", disse Nathaniel. "Ele é mais forte do que parece." Seu tom continha o ar de uma piada particular.

Nathaniel estava zombando dele? Ela inspecionou o rosto do servo em busca de algum sinal de desconforto, mas não o encontrou. Em vez

disso, ele usava um sorriso fraco. Onde o sorriso de Nathaniel era vilão, o sorriso desse garoto pertencia a um santo. Elisabeth se perguntou por que ela acabara de perceber o quão bonito ele era, quase etéreo, como se ele tivesse fiado de geada ou alabastro no lugar de carne e sangue.

Ela nunca tinha visto ninguém

tão bonito, nunca soube que era possível; um nó se formou em sua garganta simplesmente olhando para ele.

Como se ele sentisse a atenção dela, a criada olhou para cima e encontrou os olhos dela. E sua respiração ficou presa em um grito.

Seus olhos são amarelos. Ele não é humano. Ele é **-**

A observação desapareceu como uma vela apagando. *Sim, ele realmente é uma pessoa normal,* **ela pensou, observando o criado voltar para o lado dela.**

"Posso ajudá-lo a entrar na carruagem, senhorita?" ele perguntou.

Ela assentiu e pegou a mão enluvada dele. Ela confiava nele, embora não soubesse o porquê.

Estranho; ela poderia jurar - jurou que havia algo. . . .

"Nathaniel é cruel com você?" ela perguntou baixinho. Ela não podia imaginar como seria ser um servo de feiticeiro, forçado a testemunhar depravações dia após dia.

“Não, senhorita. Nunca. Eu sou essencial para ele, você vê. Enquanto a ajudava a subir os degraus, ele abaixou a voz ainda mais. "Sem dúvida, você já ouviu falar que feiticeiros negociam suas vidas com demônios em troca de seu poder."

Elisabeth franziu a testa, mas Nathaniel falou antes que ela pudesse envolver a cabeça em torno das palavras do servo.

- Sinta-se confortável, Srta. Scrivener. Temos uma longa jornada pela frente. Quanto mais cedo começarmos, mais rápido posso voltar a

atormentar as viúvas e a escandalizar os idosos com minhas nefastas artes negras. ”

Ela correu para dentro, sem exigir mais incentivos. O interior da carruagem era tão opulento quanto o exterior, cheio de veludo verde profundo e madeira brilhante. Ela nunca tinha andado de carruagem antes. Sua experiência mais próxima foi sentada na traseira de uma carroça na estrada que levava a Summershall, segurando uma galinha no colo.

Ela se apertou no canto, dobrando as pernas para caber no espaço, esperando Nathaniel seguir.

Ele sentaria ao lado dela, ou em frente a ela? Talvez ele planejasse se divertir às custas dela antes de matá-la. Ela ficou tensa quando a carruagem caiu abaixo do peso de alguém. Mas a porta se fechou, deixando-a dentro, de boca seca e sozinha.

Cascos bateram, e o treinador balançou em movimento. Para se distrair da agitação enjoada do estômago, ela abriu as cortinas. O

feitiço de Nathaniel estava acabando no pátio do lado de fora. Ela observou o anjo embainhar sua espada e afundar de volta à sua posição original, fechando os olhos como se estivesse adormecendo. As gárgulas bocejaram, pestanejaram e enfiaram o rosto sob as caudas. Em todos os lugares os rostos se assentam, pinhões enrolados; os homens encapuzados se viraram e juntaram as mãos em silenciosa oração. Ela soltou um suspiro quando a última estátua parou, devolvendo o pátio a pedras sem vida, como se seus ocupantes nunca tivessem se mexido, nunca falado, nunca abrido seus olhos de mármore.

O pátio passou e os portões caíram atrás deles. Quando passaram pelo pomar e ganharam velocidade, uma conversa abafada atravessou a parede. Elisabeth inspecionou a janela e depois abriu a trava, esperando ouvir algo útil. A voz de Nathaniel flutuou em um fio de ar fresco.

"Eu gostaria que você parasse de criar demônios em público", ele estava dizendo. A voz suave do criado respondeu, quase inaudível

acima do barulho dos cascos dos cavalos. “Eu não posso me ajudar, mestre. Está na minha natureza.

"Bem, sua natureza me irrita."

“Minhas sinceras desculpas. Você gostaria que eu mudasse?

"Agora não", disse Nathaniel. "Você vai assustar os cavalos e, francamente, não tenho idéia de como conduzir uma carruagem."

A testa de Elisabeth enrugada. Assustou os cavalos? O que ele estava falando? "Você realmente deve aprender a fazer as coisas por si mesmo, mestre", respondeu o servo. "Seria útil se você pudesse amarrar sua própria gravata, por exemplo, ou pela primeira vez conseguir colocar sua capa do lado certo -"

"Sim, sim, eu sei. Apenas tente se comportar mais normalmente em torno da garota. Não seria bom para ela descobrir. Nathaniel fez uma pausa. "Essa janela está aberta?"

Ela se afastou quando um redemoinho de luz verde girou ao redor da trava e forçou a janela a fechar, interrompendo a conversa. Ela poderia tentar novamente mais tarde, mas suspeitava que a trava continuaria presa rapidamente pelo restante da jornada.

O pouco que ela ouviu a encheu de pavor. Parecia que o servo era cúmplice de Nathaniel no esquema para matá-la. Antes do treinador parado para a noite, ela precisava formular um plano. O planejamento sempre fora a força de Katrien, não a dela. Mas se ela falhasse em escapar, morreria e, se morresse, nunca levaria o assassino do diretor à justiça.

Desesperada por inspiração, ela olhou pela janela novamente, apenas para confrontar uma visão que não reconhecia: ovelhas pastando em uma colina, cercadas por bosques. Ela procurou e encontrou a Grande Biblioteca além das árvores, aninhada em meio a uma colcha de retalhos de fazendas, suas torres medonhas pairando sobre o campo em



meio a grinaldas de nuvens cinzentas. Ela contemplara aquelas torres a vida inteira, sonhando com seu futuro distante. Sem dúvida, ela olhou para aquela estrada, entendendo a paisagem como um pássaro, agora achando estranha e desconhecida do chão.

Ela pressionou a testa contra o vidro, engolindo a dor na garganta. Esta foi a mais longe que ela já esteve de Summershall. Depois de tanto sonhar, parecia cruel além da medida que ela deveria receber seu primeiro e muito provável último gosto do mundo como cativa, traidora de tudo o que considerava querido.

A carruagem girou em uma curva da estrada e os telhados de Summershall desapareceram atrás da colina. Logo as árvores se fecharam e a Grande Biblioteca também se foi.

SETE

T O treinador deu um empurrão, sacudindo Elisabeth acordada. Ela sentou-se,

estremecendo com a dor no pescoço e depois congelou, todos os sentidos em alerta. Ela ouviu apenas insetos cantando

- sem cascos batendo, sem rodas batendo na estrada. O treinador havia parado. Estava escuro, mas a luz da lâmpada brilhava desorientadamente através da fenda nas cortinas. Espiando entre eles, ela descobriu que eles haviam se instalado do lado de fora de uma velha estalagem de pedra.

A trava da porta girou. Ela voltou à posição de que acabara de acordar, com a mente acelerada. Através de seus cílios, ela assistiu Nathaniel se inclinar para dentro, seu rosto um borrão pálido no escuro. O vento deixara seus cabelos despenteados, sua raia prateada brilhando.

"Espero que você não tenha morrido aqui, Srta. Scrivener", disse ele.

Ela não se mexeu. Ela mal se permitiu respirar.

"Seria bastante inconveniente para mim se você fizesse", ele continuou.

“Haveria todo tipo de reuniões tediosas, um inquérito, uma acusação ou duas de assassinato. . . Scrivener?

Elisabeth ainda não se mexeu.

Nathaniel deu um suspiro e subiu na carruagem. O pulso dela disparou quando ele se aproximou, levando consigo o cheiro do ar noturno e da feitiçaria. O que ela planejava fazer era perigoso. Mas ela não tinha escolha - ou pelo menos, não tinha uma melhor.

Quando ele alcançou seu ombro, ela voltou à vida. Ele não estava usando luvas e, quando os dentes dela afundaram na mão dele, ele gritou. Num piscar de olhos, ela estava do lado de fora da carruagem e correndo. As luzes da estalagem subiam e desciam enquanto ela corria em direção à estrada. Eles sumiram de vista quando ela deslizou pelo barranco do lado oposto e, por um momento terrível, caiu.

pedras, ela não viu nada: apenas a escuridão estava à frente. Então ela bateu no fundo com um toque. A água inundou suas meias, acompanhada pelo cheiro de lama e ervas daninhas podres. Ela aterrissou em uma vala.

Além, ela distinguiu um emaranhado sombrio de galhos - um matagal.

Ela mergulhou dentro. Galhos chicoteavam seu rosto e folhas se prendiam em seus cabelos. Seu coração se apertou quando algo apertou seu ombro, mas era apenas outro ramo, perturbado por sua passagem.

Ela meio que esperava que as árvores ganhassem vida ao seu redor; porque suas raízes se desenrolam da terra como cobras e envolvem seus tornozelos. Mas não havia sinal de perseguição. Na verdade, nenhum sinal de mais nada vivendo.

Se houvesse animais naquela floresta - pássaros, esquilos - todos haviam ficado em silêncio, deixando-a sozinha com os sons de sua respiração severa e seu progresso esmagador através do mato. A princípio, o silêncio não a incomodou, nem tão tarde da noite. Então ela pensou: *Para onde foram os grilos?*

Ela entrou em uma clareira e tropeçou em uma parada. O servo de Nathaniel, Silas, estava na frente dela.

Suas mãos estavam cruzadas atrás das costas e ele exibia um leve sorriso de desculpas. Nem um fio branco escapara da fita que amarrava seu cabelo. Ele estava tão pálido que parecia um fantasma contra as árvores sombreadas.

O terror apertou sua garganta com dedos estrangulados. "Como você chegou aqui?" ela perguntou, sua voz um fio no escuro. Ela deveria ter visto ele a perseguindo. No mínimo, ela deveria ter ouvido. Era como se ele tivesse aparecido do nada.

“Todos os bons servos têm seus segredos”, ele respondeu, “que é melhor não serem ditos, para que não estraguem a ilusão tão querida pelo mestre e seus convidados. Venha." Ele estendeu a mão enluvada. “Está frio lá fora e está escuro. Uma cama quente espera por você na estalagem.

Ele estava certo. Elisabeth de repente se sentiu tola por correr pela floresta a essa hora. Ela nem conseguia se lembrar por que havia fugido. Ela deu um passo em direção a ele, depois recusou, dando uma olhada ao redor. Por que ela confiava em Silas? Ela não o conhecia. Ele estava indo ajudar Nathaniel—

"Por favor, senhorita", disse ele calmamente. “É o melhor. Coisas terríveis vagam pelas sombras enquanto o mundo humano dorme. Eu não gostaria de vê-lo machucado.

Preocupação e tristeza transformaram seus traços nos de um anjo, facilitando-a

medos. Ninguém tão bonito, tão cheio de tristeza, poderia ter tudo, exceto seus melhores interesses no coração.

Ela deu um passo à frente como se estivesse hipnotizada. "Que tipo de coisas terríveis?" ela sussurrou.

Sem nenhum esforço, Silas a levantou nos braços. "É melhor se você não souber", ele murmurou, quase baixinho demais para ela ouvir.

Ela olhou para o rosto dele, maravilhada. A lua brilhava prateada no alto, os galhos pretos atados sob ela como dedos entrelaçados em oração. Gelado pelo brilho, Silas parecia ter sido expulso do luar. Ele a carregou entre as árvores silenciosas, sobre a vala e atravessou a rua.

Quando chegaram ao quintal da estalagem, um garoto estava levando os cavalos de Nathaniel em direção ao estábulo. O cavalo mais próximo prendeu as orelhas e alargou as narinas. Um relincho estridente dividiu a noite.

A sensação de paz caiu de Elisabeth de uma vez, como um cobertor pesado jogado de seu corpo. Ela respirou fundo. "Me decepcione!" ela disse, lutando nos braços de Silas.

O que aconteceu agora? Ela tentou correr - sabia disso. Mas como ela ficou tão suja? Ela não poderia ter chegado longe antes que Silas a pegasse. Sua última lembrança foi de chegar à estrada e depois disso. . .

ela deve ter batido a cabeça na briga.

Nathaniel pulou da carruagem. "Meu Deus, ela me mordeu", disse ele a Silas, incrédulo. "Eu acho que ela quebrou a pele."

Elisabeth esperava que sim. "Isso é o que você ganha por beber sangue de órfão!" ela gritou. O garoto do estábulo parou e ficou olhando.

Inesperadamente, Nathaniel começou a rir. "Você ameaça impossível", disse ele. "Suponho que seja minha culpa supor que você era inofensivo." Ele apertou a mão dele. "Pelo Outro Mundo, isso machuca. Terei sorte se não tiver contraído uma doença. Silas?

Verifique se o quarto dela tem uma fechadura. Uma boa."

A luta de Elisabeth diminuiu quando Silas a carregou em direção à estalagem. Ele *foi* mais forte do que ele parecia, e ela precisava economizar energia, que estava desaparecendo rapidamente - mais rapidamente do que ela esperava, mesmo depois da masmorra.

Nathaniel a observava, mas ela não conseguia distinguir sua expressão no escuro.

Silas a colocou dentro da porta. Para seu alívio, a pousada estava cheia de atividades. As Estradas de Tinta eram as estradas mais bem guardadas de Austermeer, mantidas pelo Collegium, e muito percorridas. A luz da lâmpada brilhava contra as paredes caiadas de branco, sobre as quais as sombras dos clientes se estendiam, riam e erguiam os óculos. Seu estômago roncou com o cheiro de cozinhar salsichas, gordurosas e carregadas de especiarias. Uma onda de fome a deixou tonta.

Uma empregada passou correndo por eles, mas ela nem olhou na direção deles. Ninguém na movimentada estalagem parecia ter notado Elisabeth pairando ali, pingando água no tapete, ou Silas parado silenciosamente ao lado dela.

Antes que ela pudesse pedir ajuda, Silas a guiou em direção à escada.

"Deste jeito. Nossos quartos foram arranjados. Ele colocou uma mão firme nas costas dela quando ela tropeçou. "Cuidado. Temo que Mestre Thorn não me perdoe se eu deixar você cair.

Ela não teve escolha a não ser obedecer. Sua cabeça estava cheia de algodão. O barulho da multidão da estalagem pulsava em suas têmporas como um segundo pulso: aplausos e risadas, o barulho de talheres. No andar de cima, Silas a levou pelo corredor, em direção a uma porta no final. Quando ele a destrancou, ela notou que ele usava as mesmas luvas

brancas da manhã. Mas não havia um grão de sujeira sobre eles, mesmo que ele tivesse passado o dia todo cuidando das rédeas da carruagem.

"Espere", disse ela, quando ele se virou para sair. Silas, eu. . . ” Ele fez uma pausa. "Sim?"

A cabeça dela latejava. Havia algo importante que ela tinha esquecido.

Algo que ela precisava saber. "Qual a cor dos seus olhos?" ela perguntou.

"Eles são marrons, senhorita", ele disse suavemente, e ela acreditou nele. A fechadura clicou atrás dela.

Ao mesmo tempo, as batidas em seu crânio melhoraram. O quarto era pequeno e quente, com um fogo crepitando na lareira e um tapete trançado cujos padrões coloridos a lembravam dolorosamente da colcha em sua cama em casa. Primeiro, ela testou a janela e descobriu que não abriria. Então ela puxou a maçaneta, sem sucesso.

Temporariamente sem opções, ela tirou o vestido e as meias encharcadas, que colocou nas pedras quentes para secar. Apesar do calor, ela começou a tremer.

Ela estava ocupada revivendo-se junto à lareira, tentando decidir o que fazer a seguir, quando a luz verde brilhou no canto da sala. Ela pulou, pegou um pôquer do

lareira, e jogou-o na direção da luz. O pôquer ricocheteou com um baque. Não foi Nathaniel quem se materializou lá, mas apenas seu tronco, agora ostentando um novo dente por cima.

Seu cansaço esquecido, ela correu para o porta-malas e a abriu, remexendo em busca de algo útil. Vestidos e meias voavam pelo quarto.

A escova de cabelo deslizou por baixo da cama. Ela quase chegou ao fundo e se resignou a uma causa perdida, quando, em vez de encontrar outra camada de linho ou algodão, as pontas dos dedos roçaram o couro.

Couro quente, imbuído de uma vida própria.

Uma emoção a percorreu. Cautelosamente, ela levantou o objeto do fundo de seu tronco. Era um grimório, um volume invulgarmente grosso e pesado encadernado em couro brilhante de Borgonha. Letras douradas brilhavam em sua espinha: um léxico das artes bruxas. Sem hesitar, ela apertou o nariz nas páginas e inalou profundamente. As bordas do papel tinham sido suaves a veludo com o tempo e possuíam um aroma quente e doce, como creme.

"Como você chegou aqui?" ela perguntou, agora assegurada da simpatia do grimório. Grimórios mal-humorados tendiam a cheirar a mofo ou azedo. "Você está tão longe de casa quanto eu."

As páginas do Lexicon sussurravam como se tentassem responder. Ela virou e encontrou

um numeral *Eu* **estampado na contracapa. Os grimórios de classe um eram tipicamente obras de referência ou compêndios. Eles não podiam falar com pessoas diretamente como uma classe sete ou superior, nem fazer vocalizações, uma habilidade que a maioria dos grimórios demonstrou a partir da classe dois.**

A capa cutucou sua mão. Intrigada, ela soltou e um pedaço de papel saiu de entre as páginas. Ela levantou com uma careta.

Elisabeth, **a nota é lida em um rabisco bagunçado familiar,** *se você encontrou isso, então eu estava certa, e o feiticeiro soletrou seu baú na carruagem dele. Escondi esse grimório por dentro, para o ajudar a se preparar para o que estiver à frente. Nunca esqueça que o conhecimento é sua maior arma. Quanto mais conhecimento, melhor, para que você possa acertar o feiticeiro na cabeça e fazer uma concussão. Por isso escolhi uma coisa tão grande.*

Eu diria para você permanecer corajoso, mas não preciso. Você já é a pessoa mais corajosa que eu conheço.

Prometo que nos veremos novamente.

- K

PS: Não pergunte como eu consegui contrabandear o grimório para fora dos limites. Eu não entendi pego, que é a parte importante.

Lágrimas ardiam nos olhos de Elisabeth. Katrien fez parecer um assunto pequeno, mas ela poderia perder o aprendizado se descobrisse que roubou um grimório. Ela havia se arriscado bastante para sair da biblioteca. Sem dúvida, ela sabia o quanto isso levaria o espírito de Elisabeth a segurar um pedaço de casa.

Elisabeth passou os dedos pensativos sobre a capa do Lexicon, imaginando onde Katrien começaria. Certamente havia algo dentro que poderia lhe contar mais sobre Nathaniel. Quanto mais ela soubesse sobre ele, mais bem equipada estaria para lutar.

Ela segurou o grimório no alto. "Você tem uma seção sobre magisters, por favor?" ela perguntou. Sempre foi prudente ser educado com os livros, se eles podiam ou não ouvi-lo.

O Lexicon se abriu em suas mãos. Um brilho dourado acendeu nas páginas, banhando seu rosto com luz. As páginas agitaram como se mexidas por uma brisa. Eles se moviam cada vez mais rápido, girando por conta própria, até chegarem a um ponto na metade do caminho.

Então eles pararam com um floreio e graciosamente alisados. Uma fita de veludo vermelho deslizou no lugar, marcando o local. O brilho diminuiu para um brilho polido, como luz de velas brilhando em bronze polido.

As Casas Magisteriais do Reino de Austermeer, **leia o cabeçalho da seção no topo. E então, abaixo disso:**

De todas as famílias feiticeiras, nenhuma é tão poderosa quanto aquelas descendentes dos grandes feiticeiros que receberam o título de "Magister"

do rei Alfred durante a Era de Ouro da Feitiçaria, como recompensa pelos feitos milagrosos que realizaram para a coroa. Foram esses primeiros magistrados que fundaram o Magisterium no início do século XVI. A organização, que começou como uma sociedade oculta privada, desenvolveu-se posteriormente em um conselho de governo do qual um Chanceler da Magia é eleito a cada treze anos. . . .

Elisabeth pulou adiante, passando os parágrafos até que um nome familiar chamou sua atenção.

A Casa Ashcroft, destacada por Cornelius Ashcroft, também conhecida como Cornelius, o Sábio, é comemorada por sua participação em várias obras públicas que moldaram a paisagem da atual Austermeer. Cornelius Ashcroft estabeleceu o Inkroads e transportou milhares de toneladas de calcário para a construção das Grandes Bibliotecas em 1523, enquanto seu

sucessor, Cornelius II, levantou a famosa Ponte dos Santos de Brassbridge das águas do Rio Gloaming em um único dia.

Enquanto isso, House Thorn é conhecida pela mais sombria de todas as mágicas - a necromancia - com a qual o fundador da casa, Baltasar Thorn, repeliu a invasão dos Fundadores de 1510 usando um exército de soldados mortos criados para lutar pelo rei Alfred. Embora a necromancia seja classificada como uma arte proibida nas Reformas de 1672, existem concessões para seu uso durante a guerra. O poder da Casa Thorn é creditado com a contínua independência do reino de seus vizinhos, que não ameaçam o solo austermeeriano desde a Guerra dos Ossos.

Ela parou de ler. A pele dela se arrepiou. Contos da Guerra dos Ossos lhe deram pesadelos quando criança. Não parecia possível que todos os seus horrores fossem obra de um único homem, o ancestral de Nathaniel. Ela estava em pior perigo do que imaginara.

O grimório se mexeu sob suas mãos. Sem aviso, ele passou para uma seção diferente. Ela só teve tempo de ler o cabeçalho do capítulo, *Servos demoníacos e sua convocação,* **antes que uma batida soasse na porta. Ela congelou, consumida pelo desejo de fingir que não estava lá. Lenta e furtivamente, ela fechou o grimório e o deixou de lado.**

"Eu sei que você está acordada, Srta. Scrivener", Nathaniel disse através da porta. "Eu ouvi você falando sozinho lá dentro."

Elisabeth mordeu o lábio. Se ela não respondesse, ele poderia invadir seu quarto à força. "Eu estava conversando com um livro", ela respondeu.

“De alguma forma, não estou nem um pouco surpresa. Trouxe o jantar se você prometer não me morder de novo. Ou jogue qualquer coisa em mim, por sinal.

Ela olhou para o pôquer.

“Sim, nós ouvimos você lá de baixo. O proprietário me fez deixar um depósito extra. Estou bastante certa de que ela pensa que você está aqui fazendo buracos nas paredes. Ele fez uma pausa. “Você não é, não é?

Porque temo que você não consiga abrir caminho para a liberdade antes da manhã, não importa o quanto tente.

Um silêncio evasivo parecia a melhor resposta, mas naquele momento as necessidades de seu corpo a traíram.

Seu estômago deu uma reviravolta vertiginosa de fome, acompanhado por um rosnado barulhento. Ela mal conseguia pensar no cheiro de salsichas flutuando pela porta.

Por que Nathaniel trouxe o jantar? Talvez ele tenha envenenado a comida. O mais provável era que ele tentasse embalá-la em uma falsa sensação de segurança antes que chegassem a uma área remota, onde ele poderia matá-la e descartar seu corpo mais facilmente. Não fazia sentido que ele a mataria em uma estalagem, cercada por testemunhas em potencial. Na verdade, ele praticamente admitiu o mesmo dentro do treinador.

Melhor aceitar a comida e manter a força dela do que morrer de fome e ficar fraco demais para lutar.

"Um momento", disse ela, furtivamente em direção à porta.

Cuidadosamente, ela testou a maçaneta da porta.

Foi desbloqueado. Ela a abriu com uma súbita onda de coragem, apenas para rapidamente fechá-la novamente no rosto de Nathaniel.

Ela lembrou, tarde demais, que estava usando apenas seu turno.

"Eu não sou decente", explicou ela, abraçando os braços contra o peito.

"Está tudo bem", ele respondeu. "Eu quase nunca sou eu mesma."

O vislumbre de uma fração de segundo dele em pé no corredor foi gravado em sua mente. Ele usava uma camiseta branca, aberta na garganta, as mangas arregaçadas até os cotovelos. A luz das arandelas do corredor havia revelado uma cicatriz longa e cruel se contorcendo no interior do antebraço esquerdo. Andar do lado de fora o dia inteiro deixara as bochechas coradas e os lábios avermelhados, o que lhe dava uma aparência surpreendentemente debochada, acentuada pelos cabelos desgrenhados e pelo olhar cínico e penetrante. O efeito foi tal que ela quase não notou a bandeja nas mãos dele.

Não, ele não parecia decente. Quanto dela ele viu em troca? Aqueles olhos cinzentos pareciam não perder nada.

Depois de um momento, ele suspirou. “Vou colocar a bandeja no chão.

Você pode aguentar assim que eu partir.

E não tente correr - Silas está guardando as escadas. A porta trancará com magia quando você terminar.

Um tilintar de talheres e pratos seguiu suas instruções. Ela esperou até ouvir os passos dele se afastarem e depois abriu a porta novamente.

Através do espaço estreito, ela inspecionou a bandeja, que estava carregada de escuridão.

pão e queijo sardento de ervas. E ali - salsichas. Eles não pareciam ser uma armadilha. Ela se agachou, empurrando a porta para abrir mais.

Nathaniel quase alcançou o fim do corredor. Observando-o, ela distinguiu a marca de mordida na pele da mão direita. Prova de que ele poderia se machucar como um homem comum. Ele poderia ter matado o diretor, mas não era invencível. Enquanto Elisabeth vivia, ela ainda tinha uma chance.

Ela reuniu coragem. "Nathaniel", disse ela. Seu passo diminuiu, depois parou.

Ele inclinou a cabeça, esperando.

"Eu ..." Ela engoliu em seco, e tentou novamente. "Sinto muito por ter mordido você."

Ele virou. Seu olhar passou por ela, avaliando casualmente a maneira como ela estendeu a mão e agarrou a borda da bandeja, como se alguém tentasse arrancá-la dela. Seus olhos se demoraram nos hematomas que marcavam os braços dela da batalha contra o Malefict.

Enquanto o momento passava, ela teve a sensação desconfortável de ser virada do avesso e inspecionada como um bolso vazio. "Você está?"

ele perguntou finalmente.

Não é convincente, ela assentiu.

"Vejo que você não teve muita prática em mentir", disse ele, ainda a examinando. “Você é péssimo nisso.

Mesmo se você não fosse, essa tática não funcionaria em mim.

"Que tática?"

- Fingindo ser manso e obediente, na esperança de baixar minha guarda a tempo de sua próxima tentativa de fuga. Você já provou ser um agente do caos. Não vou esquecer. Há mais alguma coisa antes de eu ir?

O calor inundou as bochechas de Elisabeth. As bordas da bandeja morderam seus dedos. Fora tolice dela imaginar que pudesse enganá-

lo. Mas se ele estivesse disposto a responder perguntas, pelo menos ela poderia aproveitar a oportunidade para aprender mais. "Quantos anos você tem?" ela perguntou.

"Dezoito."

Ela recostou-se surpresa. "Verdadeiramente?"

“Eu não sacrifiquei virgens pelas minhas maçãs do rosto perfeitas, se é isso que você quer dizer. As virgens, em geral, têm menos propriedades mágicas do que as pessoas tendem a assumir. ”

Elisabeth tentou não parecer muito aliviada por essa informação. "É só que você é jovem para ser um magister", ela se aventurou.

Seu rosto ficou ilegível. Então ele sorriu de uma maneira que enviou um calafrio pela espinha dela. A explicação é simples. Todo mundo entre mim e o título está morto. Isso satisfaz sua curiosidade, Srta.

Scrivener?



Ela descobriu, de repente, que sim. Ela não queria saber o que poderia colocar uma expressão assim no rosto de um garoto, como se seus olhos estivessem esculpidos em gelo, e seu coração tivesse se transformado em pedra. Não queria mais encarar a pessoa que assassinara o diretor a sangue frio. Olhando para baixo, ela assentiu.

Nathaniel fez sair, depois fez uma pausa. "Antes de eu ir, posso perguntar uma coisa em troca?"

Olhando para o jantar, ela esperou ouvir qual era a pergunta. "Por que você pegou meu cabelo naquele dia em Summershall?" ele perguntou.

"Eu sei que você não fez isso por acidente, mas eu não posso, por toda a minha vida, ter uma explicação racional."

Seu estômago sem nó em alívio. Ela esperava que ele perguntasse algo terrível. Distante, ela pensou, *Então ele se lembra de mim na sala de leitura, afinal.*

"Eu estava descobrindo se você tinha orelhas pontudas", disse ela.

Ele fez uma pausa, considerando a resposta dela. "Entendo", disse ele, com uma expressão séria. "Boa noite, Srta. Scrivener." Ele deu a volta na esquina.

Elisabeth não perdeu tempo arrastando a bandeja para dentro. Ela estava com tanta fome que pôs o jantar no chão, devorando-o com as mãos. Ela mal notou entre as mordidas que

alguém, em algum outro lugar da estalagem, estava rindo.

OITO

UMA O CAMPO DE USTERMEER passou pela janela da carruagem.

Passaram por fazendas, rolando prados de flores silvestres e colinas arborizadas tingidas de ouro com a cor do outono. A névoa se acumulava nas cavidades entre os vales e às vezes esticava os dedos pela estrada. À medida que as sombras da tarde se aprofundavam, o cocheiro caiu no Blackwald, a grande floresta que cortou o reino como o golpe de uma faca. Tudo ficou escuro e úmido. Aqui e ali, entre a vegetação rasteira, havia chocantes galhos brancos de bétulas, como espectros flutuando entre os vestidos pretos de uma festa funerária.

Olhando para as folhas que caíam suavemente, os grossos tapetes de samambaias, os ocasos veados saltando para lugares invisíveis, Elisabeth foi envolvida por um manto de pavor, como se a névoa tivesse penetrado dentro da carruagem e a cercasse.

Nathaniel faria a tentativa aqui, ela tinha certeza. Quando ele chegasse à cidade sem ela, poderia afirmar que ela correra e desaparecera entre as árvores. Em um lugar como este, ninguém encontraria o corpo de uma garota. Ninguém nem se importaria em olhar.

A fuga parecia cada vez mais sem esperança. Ela tentou de novo ontem à noite, mas depois de quebrar a janela do quarto e descer do telhado, Silas estava esperando por ela no jardim da estalagem. Estranhamente, ela não se lembrava do resto. Ela deve ter sido vencida pela exaustão.

Depois, ela teve um sonho perturbador de voltar ao pomar de Summershall, cavando a lata de sal de emergência debaixo da estátua de anjo. Mas desta vez a estátua ganhou vida e olhou para ela com vívidos olhos amarelos.

Um cutucão contra sua mão interrompeu seus pensamentos. Franzindo a testa, ela desviou o olhar da floresta para o grimório em seu colo. Esta foi a terceira vez que a bateu com a capa, como um cachorro implorando por atenção.

"O que é isso?" ela perguntou, e o Lexicon deu outra cutucada mais insistente, até que ela afrouxou o aperto e ele se abriu com uma vibração ansiosa.

Ele abriu na mesma seção da noite passada, *Servos demoníacos e sua convocação.* **Elisabeth estremeceu. Ilustrações de livros surgiram em sua mente: desenhos de pentagramas e donzelas sangrando, de demônios com chifres e focinhos e caudas se banqueteando nas entranhas como cordas de linguiça.**

Mas o Lexicon queria que ela lesse isso por uma razão. Preparando-se, ela se inclinou sobre as páginas.

Relativamente pouco se sabe sobre demônios, mesmo dentro da comunidade feiticeira, **disse a ela embaixo do cabeçalho,** *em parte devido ao perigo de conversar com demônios, que são*

notórios enganadores, e aproveitarão qualquer chance de trair seus senhores. Pois uma vez que uma barganha com um demônio é atingida, é do interesse do demônio ver seu mestre morto; assim, pode garantir outra barganha com um novo mestre e maximizar a quantidade de vida humana que recebe em pagamento.

Os demônios povoam um reino conhecido como o Outro Mundo, um plano adjacente ao nosso, que é a fonte de toda energia mágica. Sem a conexão estabelecida por uma barganha demoníaca os humanos não podem extrair energia do Outro Mundo. Portanto, a própria existência da feitiçaria depende da convocação e servidão dos demônios - um mal lamentável, mas necessário. É uma bênção e uma maldição que os demônios anseiam pela vida mortal acima de tudo e, portanto, estão ansiosos para tratar com os seres humanos. . . .

Poderia ser essa a fraqueza de Nathaniel? Ela agarrou em vão o pensamento. Sua cabeça estava enlameada, como se ela estivesse lendo por horas, em vez de apenas segundos. O grimório cutucou sua mão novamente, e ela percebeu que estava olhando para o espaço.

Determinadamente, ela esfregou os olhos e continuou lendo.

O Outro Mundo está repleto de hordas de demônios menores: diabinhos, demônios, duendes e afins, que não são difíceis de convocar; mas eles não fazem servos confiáveis, pois são pouco mais inteligentes do que bestas comuns.

Sendo a província de criminosos e tagarelas não-qualificados, demônios menores são ilegais a serem convocados a partir das reformas. Os verdadeiros feiticeiros buscam apenas o serviço de demônios do nascimento, que, apesar de todo o perigo, podem estar sujeitos às condições de sua convocação e, portanto, compelidos a obedecer às ordens que seus senhores lhes deram.

"Onde diabos está o demônio de Nathaniel?" Elisabeth murmurou.

Parecia estranho ele viajar sem ele.

Ela teve brevemente a sensação de balançar à beira de uma revelação, mas a epifania vazou de sua mente como areia, deixando apenas um pequeno zumbido nos ouvidos.

Mais especulações sobre a natureza dos demônios e do Outro Mundo existem, **o Lexicon continuou na página seguinte,** *mas, em geral, as fontes são altamente inconsistentes - se não totalmente fabricado - e seu valor descartado por*

contemporâneo Bolsa de estudos. O exemplo mais notório deles é o Codex Daemonicus, de Aldous Prendergast, escrito em 1513, que antes era muito estimado, mas agora acreditava ser nada mais que divagações de um louco. Prendergast foi declarado louco por seu próprio amigo, Cornelius, o Sábio, por suas alegações de que ele entrou no Outro Mundo e descobriu um segredo terrível, que ele ocultou em seu manuscrito na forma de uma cifra -

Scrivener?

Elisabeth se encolheu e fechou o grimório. Ela estava tão concentrada na leitura que não notou que o treinador havia parado.

"Chegamos à nossa parada para a noite", Nathaniel continuou, abrindo a porta mais larga. "É melhor não viajar nesta floresta depois do anoitecer." Seus olhos a rastrearam quando ela colocou o léxico de lado, mas ele não comentou sobre a presença dele.

Quando Silas a ajudou a sair do ônibus, ela ficou tensa. O treinador saiu da estrada para uma clareira da floresta. Estrelas brilhavam acima, e as árvores se agrupavam perto deles, escuras e vigilantes, respirando névoa.

Eles estavam longe de qualquer sinal de civilização, até mesmo uma estalagem.

Este era o lugar. Tinha que ser. Suas mãos se fecharam em punhos quando Nathaniel se afastou no prado, lançando-se no chão como se procurasse algo. Um lugar para enterrar seu corpo? Ela lançou um olhar por cima do ombro, apenas para encontrar Silas logo atrás dela.

Embora ele mantivesse o olhar educadamente abaixado, ela sentiu o peso de sua atenção.

"Não há edifícios no Blackwald", disse ele, como se estivesse lendo sua mente. “O povo do musgo não gosta de invasões em seu território.

Embora poucos deles permaneçam, eles ainda podem ser perigosos quando o clima os atinge. ”

A respiração de Elisabeth ficou presa. Ela lera histórias sobre o povo do musgo e sempre esperava ver uma, mas o Mestre Hargrove assegurou-lhe que os espíritos da floresta estavam todos mortos há muito tempo - se é que eles já existiam.

“Não deixe que Silas o assuste”, Nathaniel colocou. “Desde que tenhamos o cuidado de não perturbar a terra quando acamparmos e ficar fora das árvores, eles não se incomodarão.

nos."

Ele parou, olhando para baixo. Então ele se ajoelhou e colocou a mão no chão. Ela viu os lábios dele se moverem no escuro e sentiu um estalo

de magia no ar. O feitiço que se seguiu não foi nada do que ela esperava. A luz esmeralda desdobrou-se ao redor dele na forma de duas tendas, que incharam com colchas e comprimentos desenrolados de seda verde fina pelos lados. Nathaniel levantou-se para examinar sua obra. Depois, ele apontou para a tenda mais distante. "Essa é sua."

Ela ficou rígida de surpresa. "Você está me dando minha própria barraca?"

Ele olhou em volta, as sobrancelhas levantadas. Uma mecha de cabelo com mechas prateadas caíra sobre sua testa. “Por que você prefere compartilhar um? Eu não esperava isso de você, Scrivener, mas suponho que algumas espécies se mordam como um prelúdio para o namoro.

O calor inundou suas bochechas. "Isso não foi o que eu quis dizer."

Após um momento de estudá-la, seu sorriso desapareceu. “Sim, eu estou lhe dando sua própria barraca.

Lembre-se do que eu lhe disse sobre correr. Silas vigiará esta noite, e garanto-lhe, ele é muito mais difícil de passar do que uma porta trancada.

Por que dar a ela uma barraca se ele apenas queria matá-la? Isso tinha que ser um truque. Ela permaneceu acordada muito tempo depois de engatinhar para dentro, alerta e escutando. Ela não tirou as botas. As horas se passaram, mas o fogo continuou a estalar, e os tons murmurados da conversa de Nathaniel e Silas atravessaram as paredes de lona. Embora ela não conseguisse entender nenhuma palavra, o fluxo e refluxo da troca lembrou-lhe mais de dois velhos amigos do que um mestre e servo.

Ocasionalmente Nathaniel dizia alguma coisa e, baixinho, Silas ria.

Finalmente, a conversa cessou. Ela esperou por mais uma hora - tempo suficiente para as brasas do fogo se desvanecerem em um brilho vermelho fosco contra a tela. Então, incapaz de suportar a tensão por

mais tempo, ela se arrastou para fora do colcha e enfiou a cabeça na aba da tenda. O ar cheirava a pinho e fumaça de madeira, e os grilos cantavam um coro prateado durante a noite. Silas não estava em lugar algum. Dobrada na cintura, ela deu um passo para fora. E parou.

- Quer dar um passeio à noite, Scrivener?

Nathaniel ainda estava acordado. Ele estava sentado em um tronco caído perto da borda da floresta, o queixo apoiado nas mãos entrelaçadas, de frente para as árvores. As brasas ardendo atrás ele lançou o rosto na sombra. Ele não se virou, mas ela sabia que ele lançaria um feitiço no instante em que tentasse fugir.

Ela teve uma escolha. Ela poderia fugir de seu destino, ou poderia enfrentá-lo de frente. Após um momento de quietude, ela abriu caminho entre as flores silvestres, sentindo-se estranhamente como se estivesse presa em um sonho.

"Você não dorme?" ela perguntou enquanto se aproximava.

"Muito pouco", ele respondeu. "Mas isso é especial para mim, não para os feiticeiros em geral." Enquanto ele falava, ele não desviou o olhar das árvores. Ela seguiu o olhar dele e congelou.

Uma forma se movia dentro das samambaias e vidoeiros finos e claros, escolhidos pela luz da lua. Um espírito da madeira. Estava curvado, coletando objetos do chão. Uma cortina de cabelo musgoso pendia de sua cabeça e um par de chifres coroava sua testa. Sua pele era branca como giz e rachada, como casca de bétula, e seus longos braços tortos pendiam até os joelhos, terminando em garras atadas e em forma de galho. Um calafrio tremeu para cima e para baixo nos braços de Elisabeth. Lentamente, ela deu um passo à frente e afundou no lado oposto do tronco.

Nathaniel a olhou de relance. "Você não tem medo disso", observou ele, quase uma pergunta.

Ela balançou a cabeça, incapaz de desviar o olhar da floresta. “Eu sempre quis ver o pessoal do musgo. Eu sabia que eles eram reais, mesmo que todos me dissessem diferente.

O fogo nas costas de Nathaniel gravou as linhas de sua mandíbula e maçãs do rosto, mas não alcançou as cavidades de seus olhos. "A maioria das pessoas cresce a partir de contos de fadas", disse ele. "Por que você continuou acreditando, quando o resto do mundo não acreditou?"

Ela não tinha certeza de como responder. Para ela, a pergunta dele fazia pouco sentido - ou, se isso acontecia, não era um tipo de sentido que ela desejava entender. "Qual é o sentido da vida se você não acredita em nada?" ela perguntou em seu lugar.

Ele deu-lhe um longo olhar, sua expressão semi-oculta indecifrável. Ela se perguntou por que ele estava sentado aqui observando o espírito do musgo, sozinho, por tanto tempo.

Movimento chamou sua atenção. Enquanto eles falavam, o espírito levantou algo pequeno -

uma bolota - para inspecioná-lo ao luar. Era o que estava coletando, e certamente havia encontrado muitos, mas parecia haver algo especial sobre esta bolota em particular. Usando suas garras retorcidas, afastou a cobertura de folhas no chão e arrancou um buraco do barro.

Enterrou a bolota e amontoou as folhas de volta ao topo. Um suspiro percorreu a floresta naquele exato momento, uma brisa que saiu do coração da madeira e varreu Elisabeth, penteando seus cabelos.

As histórias afirmavam que o povo do musgo era mordomo da floresta.

Eles cuidavam de suas árvores e criaturas, cuidavam deles desde o nascimento até a morte. Eles tinham uma mágica própria.

"Por que restam tão poucos deles?" ela perguntou, perfurada por uma tristeza que não podia explicar.

Por um momento, ela pensou que ele não iria responder. Então ele disse: "Você conhece meu antepassado, Baltasar Thorn?"

Ela assentiu, esperando que seus arrepios não fossem visíveis à luz do fogo. As brasas estalaram e estalaram.

“No começo do século XVI, os Blackwald cobriram metade de Austermeer. Este era um país selvagem. Era governado tanto pela floresta quanto pelos homens.

Mas não mais, **ela terminou. "O que ele fez?"**

“Foi o ritual necromântico que ele realizou durante a Guerra dos Ossos. Para conceder a vida, mesmo que pareça, é preciso tirar a vida, trocá-la como moeda. Não é de surpreender que levantar milhares de soldados da sepultura tenha exigido muito. A vida veio da própria terra. Sua magia deixou dois terços dos Blackwald mortos e morrendo em uma única noite. O povo do musgo está ligado à terra - os que sobreviveram foram atingidos como árvores danificadas. ” Nathaniel fez uma pausa. Ele acrescentou em tom seco: "Baltasar, é claro, recebeu um título".

As unhas de Elisabeth cavaram na madeira do tronco abaixo dela, macias e esponjosas de decomposição. Agora que ela olhou mais de perto o espírito do musgo, viu que um de seus joelhos estava inchado e desfigurado, como um canker no tronco de um carvalho.

"Suponho que você deva se orgulhar", disse ela. "É a razão pela qual você é um magister."

"É isso que você pensa que estou fazendo?" Ele parecia divertido.

"Meditando com carinho nas ações dos meus antepassados?"

"Eu não sei. Espero que não. Ninguém deve ter prazer com isso.

Nem mesmo alguém como você.

Talvez o suprimento de zombaria dele não fosse tão infinito quanto ela supunha. Ele apenas olhou para a floresta por mais um momento, depois se levantou. "Está tarde." Ele assentiu com a cabeça. “Você tem sorte de ter visto um.

Daqui a cem anos, todos eles terão sumido.

Ele levou os dedos aos lábios. Antes que ela pudesse detê-lo, um apito quebrou a quietude.

O espírito saltou em direção ao som como um cervo assustado. Na penumbra, ela viu dois olhos azul esverdeados, brilhando incandescentemente, como fogo de raposa. Os lábios secos se afastaram dos dentes afiados, retorcidos e marrons, e então o espírito desapareceu, deixando apenas um pedaço de samambaias trêmulas onde antes estivera.

"Você não sabe ao certo", disse Elisabeth. Mas sua voz soou hesitante no escuro.

Olhando para a colina vazia, onde a magia já andara e agora se fora, ela quase podia imaginar que ele estava certo.

"Eu nunca respondi sua pergunta." Ele partiu em direção a sua tenda.

"Se você não acredita em nada", disse ele por cima do ombro, "então você tem muito menos a perder."

• • •

Quando chegaram a Brassbridge na noite seguinte, Elisabeth ainda estava viva, e enfrentou a possibilidade preocupante de estar errada sobre Nathaniel Thorn. Sozinha com suas

perguntas, ela olhou pela janela enquanto a luz do sol derramava sobre a cidade, transformando o rio em uma fita de ouro derretido.

Mesmo de longe, seu primeiro vislumbre da capital a deixou sem fôlego. Brassbridge se espalhou em uma escala inimaginavelmente grande ao longo da margem sinuosa do rio. Os telhados de ardósia da

cidade formavam um labirinto sem fim, suas chaminés escorrendo fios de fumaça em direção a um céu avermelhado. Acima deles, pairavam os sombrios edifícios das catedrais e das academias, com suas torres cobertas por figuras de bronze que ardiam como tochas contra os telhados que escureciam, flamejando cada vez mais brilhante à medida que as sombras se aprofundavam. Ela procurou o Collegium e a Royal Library entre a confusão de torres, mas não conseguiu distinguir nenhum dos grandes edifícios.

Logo os cascos dos cavalos colidiram com os paralelepípedos de uma ponte, e o rio deslizou por baixo deles, cheirando a peixe e algas.

Estátuas passaram pelas janelas, suas silhuetas encapuzadas ameaçadoras contra as nuvens brilhantes.

A dúvida roeu os pensamentos de Elisabeth, intensificando-se quando o sol se pôs sob as cabeças inclinadas das estátuas. Ontem à noite no Blackwald, Nathaniel não tentou matá-la. Ele não a tocou. Se ele pretendesse machucá-la, ele quase certamente já o teria feito. Mas se *ele* não era o feiticeiro que sabotou a biblioteca, isso significava -

O clamor do tráfego se intensificou quando a porta do ônibus se abriu.

Nathaniel subiu por entre um redemoinho de seda esmeralda. Ele deu um sorriso para Elisabeth, fechando a porta enquanto se sentava no canto oposto.

"Melhor se eu não me mostrar", explicou. “Eu não quero inflamar o público. Eles enlouquecem na presença de celebridades, e eu prefiro que eles não invadam a carruagem. Existem tantas proposições de casamento que um homem pode suportar.

Elisabeth olhou para ele, perplexa. "Eles não têm medo de você?"

Nathaniel inclinou-se para a janela, usando seu reflexo para arrumar seus cabelos desgrenhados. "Isso pode ser um choque, mas a maioria das pessoas não acha que os feiticeiros são maus." Ele apontou para a cidade. "Bem-vindo ao mundo moderno, Scrivener."

Elisabeth olhou para fora. Lâmpadas de ferro forjado lançavam um brilho laranja sobre a calçada da ponte. Um grupo de crianças

manchadas de fuligem corria paralelamente ao treinador de Nathaniel, apontando e gritando.

Uma mulher que vendia doces tentou saudá-los, quase derrubando sua bandeja de emoção.

Eles reconheceram claramente o treinador com seus espinhos e cortinas de esmeralda. Reconheceu e não teve medo.

A verdade, por mais surpreendente que fosse, começou a afundar. -

Todas essas coisas que você disse sobre beber sangue e transformar pessoas em salamandras. . . ”

Nathaniel apoiou o cotovelo na porta e cobriu a boca com a mão. Seus olhos brilhavam com diversão reprimida.

O choque tomou conta dela. "Você estava me provocando!"

“Para ser justo, eu não pensei que você realmente acreditasse que eu bebi o sangue de órfão. Todos os bibliotecários são como você, ou são apenas os selvagens que foram criados pelos piolhos?

Elisabeth queria objetar, mas suspeitava que ele tinha razão. Quase tudo o que sabia, ela aprendera com o Mestre Hargrove, que não viajava além do privado há mais de meio século, ou com livros, muitos dos quais estavam centenas de anos desatualizados. O resto - histórias contadas a ela pelos bibliotecários seniores, seus detalhes tão assustadores que ela se comportou como uma boa aprendiz e deixou de perguntar sobre os feiticeiros. Agora ela se perguntava quantas dessas histórias haviam sido mentiras. Os dentes dela trituraram com a traição.

"Por que você veio me buscar em Summershall?" ela exigiu, subitamente se aproximando de Nathaniel. "Por que você, e mais ninguém?"

A ferocidade em sua voz o surpreendeu. Seu sorriso desapareceu e o brilho deixou seus olhos, deixando-os tão frios e cinzentos quanto as brasas. "Quando o relatório chegou ao Magisterium, eu reconheci seu nome."

"Quão? Eu nunca te disse meu nome.

"O diretor fez." Ao ver a expressão dela, ele explicou: “Eu queria saber o nome da garota que quase me matou com uma estante de livros.

Pareceu sensato, caso eu já cruzasse o caminho com você novamente.

"O diretor disse mais alguma coisa sobre mim?" "Não."

Depois de uma pausa, "desculpe".

Um caroço fechou a garganta de Elisabeth. Ela voltou para a vista.

Enquanto ela observava o céu se aprofundar em índigo, uma sensação doentia de desespero se formou em seu estômago. Logo a jornada chegaria ao fim e ela não sabia o que ou quem a esperava lá. Ela não conseguia mais encarar o assassino do diretor.

No escuro, sua primeira impressão das ruas da cidade foi imponente.

Edifícios quase tão altos quanto sua Grande Biblioteca erguiam-se da neblina, a luz das velas oscilando através das vidraças das janelas. Ela nunca tinha visto tantas estruturas em um só lugar, nem mesmo uma fração das pessoas.

Enquanto o treinador passava pelo trânsito, os pedestres passavam apressados: homens com bengalas e cartolas e mulheres com vestidos de gola alta enfeitados com rendas. Eles carregavam pacotes de compras, atravessando a rua correndo e subindo e saindo de carruagens com um senso de urgência que parecia estranho a Elisabeth, acostumada ao ritmo sonolento da vida no campo. Tudo foi pintado pelo brilho nebuloso das lâmpadas, que Nathaniel informou que ela não usava magia, como ela assumira, mas sim uma invenção chamada gaslight.

A carruagem finalmente parou numa rua estreita e sombria.

Humildemente, ela seguiu Nathaniel para fora. A névoa envolveu suas botas e circulou pela bainha do vestido. O poste mais próximo havia apagado, submergindo-os na sombra. Não havia outras pessoas à vista.

"Esta é a casa de hospedagem onde o Magisterium providenciou para você ficar", disse Nathaniel. "Eu posso vê-lo brevemente em sua audiência amanhã, mas, caso contrário, você se livrará de mim daqui em diante."

Elisabeth olhou para a pousada em silêncio. Antigamente era um prédio de tijolos digno. Agora suas paredes proibidas estavam enegrecidas de fuligem e barras haviam sido afixadas nas janelas, o metal deixando marcas enferrujadas no tijolo. Ela cruzou os braços sobre o estômago para reprimir um calafrio.

"Estranho", ele continuou, falando consigo mesmo. “Deve haver alguém esperando por nós, mas não importa, eu posso levá-lo até a porta. ..... ” Sem olhar, ele ofereceu-lhe o braço.

Elisabeth mal viu o gesto. Ela ainda estava olhando para a hospedaria.

Isso a lembrou do orfanato que ela imaginara quando criança, o lugar sombrio onde seria expulsa, indesejada e esquecida. "Você vai me deixar aqui?" As palavras se forçaram a sair, soando pequenas.

Nathaniel hesitou, sua expressão limpa. Um batimento cardíaco passou.

Ele parecia jovem e muito pálido no escuro. Então ele deu um passo à frente, apontando para Elisabeth segui-lo.

"Não me diga que você sucumbiu aos meus encantos", disse ele por cima do ombro. “Garanto-lhe que nada de bom virá de um caso apaixonado entre nós. Você, um bibliotecário do interior de uma cidade pequena, eu, o solteiro mais elegível do reino - você não precisa zombar, Scrivener. É verdade - saia na rua e pergunte a qualquer um. Eu sou

bem famoso.

Mas Elisabeth não zombou. O som que lhe escapara fora um grito abafado de alarme. Em um beco próximo, atrás do poste extinto, um grupo de figuras os observava: imponentes e com olhos brilhantes, a respiração fumegante durante a noite. Ela piscou, e eles se foram - mas tinha certeza de que não os havia imaginado.



Ela abriu a boca para avisar Nathaniel, que já estava vários passos à frente. Mas antes que ela pudesse emitir outro som, um aperto áspero tomou conta dela.

a cintura e a puxou em direção ao beco. Uma mão esmagou sua boca, e o ponto frio de uma faca apareceu em sua garganta.

NOVE

T Ele apertou a mão sobre a boca de Elisabeth cheirando a suor.

Quando ela tentou mordê-lo, seus dentes não conseguiram encontrar a palma da mão do homem. O gosto de sua pele encheu sua boca: amarga e metálica, como moedas sujas. Ela se jogou contra o aperto dele em pânico, apenas para a lâmina pressionar mais firmemente contra a garganta. Ela ficou quieta, abalada por seu próprio desamparo. Ele a arrastou um passo arrastado para trás. Então outro.

Ela não sabia o que a esperava no beco, mas suspeitava que era muito pior do que esse homem e sua faca.

Nathaniel parou com o pé no último degrau da hospedaria. "Scriv-" ele começou quando se virou, apenas para se calar, observando calmamente a cena. "Pelo amor de Deus", disse ele. "O que é tudo isso?"

Seu seqüestrador deve ter sorrido, porque a respiração dele flutuava suja sobre sua bochecha. "O que você quer?" Nathaniel persistiu.

"Dinheiro?" Ele olhou entre a faca, Elisabeth, e o homem que a segurava, e fez uma careta para o que viu. “Não, deixe-me adivinhar.

Um remédio para verrugas? Se eu fosse você, suponho que estaria igualmente desesperado.

Ele não parecia impelido por nenhum senso de urgência. Mas enquanto falava, ele discretamente mexeu o polegar e o dedo médio, o movimento quase oculto pelas dobras da capa. Uma única faísca verde voou de suas pontas dos dedos. Nada mais aconteceu.

"Não posso lançar um feitiço na minha faca." A voz grossa do homem vibrou nas costas de Elisabeth.

Ele parecia satisfeito consigo mesmo. “É ferro puro. Tenha certeza disso.

"Bem, você não pode me culpar por tentar." O olhar de Nathaniel se desviou para o beco, casualmente, depois voltou para eles. “A alternativa causa tanta bagunça. Sangue é

É impossível tirar a seda, e não posso dizer quantas vezes meu criado teve que lavar manchas duvidosas dessa capa.

Um suspiro suave e resignado veio de muito perto nas proximidades.

Seu sequestrador se encolheu e a puxou em direção à fonte, mas ninguém estava lá: apenas uma extensão sombria de rua vazia, cheia de jornais descartados.

"Receio ter perdido a conta", disse a voz sussurrante de Silas diretamente atrás deles. O fantasma de uma respiração sacudiu os cabelos de Elisabeth.

Seu captor girou novamente, mas mais uma vez, ele não encontrou nada. Elisabeth sentiu seu coração pulsando através de sua camisa. A lâmina tremia em seu punho escorregadio. Uma imagem flutuou à superfície de sua mente, como uma flor fantasmagórica afogada subindo de uma piscina profunda: Silas parado em uma floresta escura, as mãos cruzadas atrás das costas. Mas isso realmente não aconteceu, aconteceu? Ela vira isso em um sonho.

"Fique para trás", o homem avisou. “Se você se mexer, eu a corto. Não importa para mim se ela vive ou morre. E eu também não estou sozinha.

"Você nunca me explicou o que eram algumas dessas manchas, mestre", disse Silas.

"Melhor se eu deixar isso para a sua imaginação", respondeu Nathaniel.

"Onde diabos você está?" o raptor dela rugiu, e então o rugido dele se transformou em um grito.

A faca e a mão caíram ao mesmo tempo, e Elisabeth tropeçou para frente; mas Nathaniel estava lá, e ele a pegou antes que ela caísse.

Ela engasgou e cuspiu no chão, desesperada para livrar o gosto do homem de sua boca. "Há mais", ela engasgou, "mais homens, no beco."

"Eu realmente sinto muito por ter que lhe dizer isso, pelo nosso bem", disse Nathaniel, "mas esses não são homens."

Como se estivesse de acordo, um grunhido estremeceu no escuro. Uma sombra se destacou da boca do beco e rondou no brilho lançado pelos postes distantes. A luz delineou um focinho longo e rosnado, grande demais para pertencer a um cachorro. As narinas em forma de fenda alargaram-se ao cheirar o ar. O vapor soprava deles na expiração. Um par de chifres surgiu em seguida, curvado e apontado para a frente. A névoa fluía sobre escamas negras, mudando quando músculos poderosos se amontoavam embaixo deles. Não é um homem - e também não é um animal.

"Eles são demônios", ela sussurrou.

“Demônios menores. Demônios. Nathaniel olhou para trás. “Altamente ilegal de convocar, em parte porque eles farão praticamente qualquer coisa pela promessa de um. . . ah, deixa pra lá.

"A promessa de um quê?"

Nathaniel estremeceu. "Uma refeição. Aquele cavalheiro charmoso com a faca provavelmente disse a eles que eles comeriam você.

Dado o que sabia sobre demônios, Elisabeth não ficou surpresa.

Quando o demônio apareceu à vista, as costelas se esticaram contra seus lados famintos. As vértebras saltaram de sua espinha como articulações. Parecia um cão enorme e magro, esfolado e blindado em escamas.

Antes que ela pudesse responder, mais duas criaturas apareceram, separando ela e Nathaniel da rota que levava à casa de alojamento. A respiração deles embaçava o ar e os olhos estreitos brilhavam em vermelho.

Whinnies soaram quando os cavalos assustaram, mas a atenção dos demônios não vacilou, fixando-se avidamente em Elisabeth.

Silenciosamente, Nathaniel acenou com a cabeça em direção ao prédio.

Ela chamou a atenção dele para sinalizar que havia entendido. Juntos, eles recuaram em direção aos degraus, combinando os movimentos lentos e deliberados um do outro. Enquanto eles iam, Nathaniel murmurou um encantamento. A luz esmeralda saiu entre as mãos em concha, enrolando como uma corda.

"Ela é pegajosa", ele insistiu enquanto os demônios avançavam, falando em tom de conversa. “Um pouco brincalhão. Você vê todo esse cabelo? Praticamente não há nada por baixo.

Um rosnado veio detrás deles, reverberando pelos ossos de Elisabeth.

Um hálito quente e fétido soprava na nuca. Eles se viraram simultaneamente para encontrar um quarto demônio agachado na varanda, bloqueando a porta. A saliva pendia do maxilar em cordas trêmulas.

"Vale a pena tentar", disse Nathaniel, e puxou Elisabeth em sua direção em um abraço duro.

O mundo explodiu em torno deles. Uma chuva de tijolos, madeira e metal irrompeu para fora, caindo em meio a uma nuvem de poeira. Ela estava ciente do coração de Nathaniel trovejando contra o seu, dos músculos de seus ombros se esticarem quando ele puxou algo de volta para ele - uma corda de fogo esmeralda, um

chicote. Ele atacou novamente, e desta vez ela viu o chicote bater na lateral do prédio, que desabou tão rapidamente que parecia se transformar em líquido, caindo em cascata em uma cachoeira de pedra. Um único grito agudo soou por baixo.

Ele soltou o corpo dela, mas segurou o pulso dela, rebocando-a pelos destroços. Ela não sabia dizer onde os demônios estavam enterrados. O

silêncio era tão espesso e sufocante quanto a poeira que enchia o ar, pontuada pelo barulho de um tijolo caindo no chão enquanto os detritos se assentavam.

"Eu preciso que você entre no treinador", Nathaniel explicou, um estalo de urgência quebrando sua compostura, finalmente. “Eles não ficarão no chão por muito tempo. O que você está fazendo?"

Elisabeth tinha puxado o braço de Nathaniel. Ela chutou para o lado um tijolo perdido e pegou uma barra de metal que rolara livre dos escombros. Ela a agarrou e fez uma careta para ele. Os olhos dele a avaliaram.

Uma ligeira mudança surgiu em seu rosto, um recálculo.

"Muito bem, sua ameaça indescritível", disse ele. "Me ajude a segurá-

los." Ele acenou com a cabeça em direção ao banco do motorista.

Ela subiu primeiro. Silas não estava em lugar algum. Ela pegou o corrimão para se equilibrar enquanto o treinador estremecia, avançando alguns centímetros precários. As rodas rangiam ameaçadoramente contra os freios. A qualquer momento, os cavalos decolariam, independentemente da carruagem que os acompanhava. A julgar pelo suor ensaboando seus casacos, esse momento seria breve.

Ela considerou o emaranhado incompreensível de rédeas.

Em vez de saltar ao lado dela, Nathaniel hesitou. Ele olhou por cima do ombro. O pó obscureceu a rua atrás deles, mas em um lugar um redemoinho agitou a nuvem.

No momento em que viu, um demônio saiu do local com um rosnado reverberante. O chicote de Nathaniel estalou, encontrando o demônio no ar. Um fogo verde se enrolou em volta do pescoço, e um movimento do pulso dele o fez voar de volta aos destroços.

Os cavalos gritaram, esforçando-se contra as restrições. Nathaniel jogou o chicote para o lado, puxou os freios e pulou na direção do coche, que se lançou em movimento imediato. Ele se agarrou à beirada por um momento de parar o fôlego enquanto

as rodas saltaram sobre tijolos soltos, jogando o veículo para lá e para cá como um navio em ondas agitadas pela tempestade. Elisabeth estendeu a mão. Ele pegou, e ela puxou com força, levantando-o no ar.

Outro puxão, e seu peso atingiu o banco ao lado dela. Sem esperar para ver a reação dele,

ela se virou para encarar a retaguarda. Ele pegou as rédeas e as quebrou. Os cavalos endireitaram o curso.

Enquanto os prédios passavam, a poeira começou a soprar dos escombros em farrapos. Formas se erguiam dos escombros, e olhos vermelhos piscavam para a vida no escuro. Ela apertou mais a barra de metal.

"Eu pensei que você não sabia como dirigir uma carruagem", ela gritou sobre o bater dos cascos.

"Bobagem", Nathaniel gritou de volta. "Sou um aprendiz rápido quando devidamente motivado."

A carruagem virou a esquina para outra rua deserta, as rodas distantes levantando do chão com a força da curva. Eles estavam ganhando velocidade, rápido, mas os demônios haviam se juntado à perseguição.

Eles saíram da ruína, com os dentes à mostra, sacudindo a poeira dos chifres. Elisabeth contou seis e sentiu uma onda de pânico.

"Isso se qualifica como motivação adequada?" ela perguntou.

"Depende. Quão perto eles estão?

Um demônio se afastou do bando, ganhando-os com uma velocidade surpreendente. Ele parou ao lado das rodas traseiras da carruagem, correndo como um galgo e inclinou a cabeça, avaliando-a com um olhar

vermelho brilhante - calculando, ela percebeu, a distância para um salto. No momento em que se juntou, ela balançou a arma improvisada.

É conectado com uma rachadura. Todo o seu corpo estremeceu com o impacto, e manchas de baba salpicaram seu rosto. Desequilibrado, o demônio se agarrou ao lado da carruagem da mesma forma que Nathaniel um momento antes, rasgando a madeira finamente esculpida em lascas enquanto tentava comprar.

Cada garra era do tamanho de um dedo de homem, suja e viciada. Um golpe a separaria. Os olhos brilhantes declararam que pretendia fazer exatamente isso.

Mas o golpe que ela dera deixara uma marca crua queimada em seu focinho escalado. A saliva sibilou e chiou no bar em suas mãos, evaporando como água jogada em uma panela quente. Sua perspectiva mudou. A barra era feita de ferro.

Encorajada, ela balançou novamente e sentiu uma crise satisfatória. O

demônio ficou mole. Suas garras deslizaram livres. Quando atingiu o chão, caiu de ponta a ponta e ficou lutando para se levantar, sua cabeça ferida enviando gotas de vapor. Os outros demônios saltaram sobre o corpo, os olhos fixos no cocheiro.

Ela se virou para Nathaniel, sua arma ainda fumegante. "Tão perto", disse ela.

Nathaniel a olhou de relance, e depois outro, seguido de um terceiro, antes de puxar sua atenção de volta à frente. "Estou me aplicando ao máximo", assegurou ele.

O treinador virou outra curva. Alguém gritou. Um cavalo empinou, lutando contra o condutor; uma cesta de repolhos se espalhou pela estrada. Eles deixaram os caminhos vazios para trás. Enquanto desciam a rua, esquivando-se de carrinhos e carroças, Elisabeth teve breves impressões de rostos chocados passando à luz do gás. Os pedestres correram para o meio-fio, fugindo de seu caminho.

O primeiro demônio virou a esquina atrás deles. Não se incomodou em atravessar o tráfego, mas tomou uma rota direta, saltando sobre as carroças deslocadas como se fossem pedras colocadas sobre um rio.

Carvão, maçãs e utensílios de cozinha voaram. Os espectadores recuaram, protegendo a cabeça com os braços, enquanto a rua se desintegrava em caos.

"Pare", ela chorou. "As pessoas vão se machucar!"

“O que você propõe que eu faça? Levantar uma bandeira branca? Peça aos demônios que não nos comam? Um músculo trabalhou na mandíbula de Nathaniel, traindo sua própria frustração.

"Use sua magia!" ela exclamou, espantada por ter que sugerir.

Por um momento selvagem, ele pareceu que poderia rir. "Feitiçaria requer foco", ele retrucou. "Concentração. Existem limites. Não posso lançar feitiços enquanto eu ...

Ele desviou a carruagem, evitando por pouco um carrinho que não saíra do caminho com rapidez suficiente. O

pônei atrelado à carroça recuou dos cascos dos cavalos de Nathaniel e colidiu com uma cabine empilhada com cestas de arenque. Os paralelepípedos desapareceram sob uma inundação prateada de escamas. Elisabeth se abaixou quando as rodas do treinador enviaram um peixe vadio girando sobre suas cabeças.

"Eu vi você trazer um pátio inteiro de estátuas à vida", disse ela. Você é um magister. Essas pessoas estão contando com você. Faça uma posição.

Ele transmitiu a ela, com um único olhar, que a achava difícil, irritante e provavelmente louca, mas quando eles avançaram em direção a uma praça, ele puxou as rédeas e girou o treinador. Ela se preparou quando as rodas pularam o meio-fio. Eles pararam trêmulos nas pedras do pavimento, desenhadas ao lado dos grandes edifícios de tijolos que ladeavam a praça, uma fonte interposta entre eles e a rua.

Assim que o treinador parou de se mover, Elisabeth saltou do banco do motorista para o teto plano de madeira. Dali, ela podia ver todo o caminho que haviam tomado depois de

entrar na rua principal. Ela absorveu a confusão de carroças tombadas, cavalos enfraquecidos e produtos espalhados. Gritos continuavam na brisa da noite, misturados com os relinchos estridentes dos cavalos. Mais perto, um punhado de vendedores perto da fonte estava apressando seus esforços para arrumar suas carroças. Os pedestres viram a carruagem chegando e já esvaziaram a praça. Alguns retardatários subiram as escadas dos prédios próximos, onde foram rapidamente puxados para dentro.

Portas bateram. Rostos pressionados contra as janelas. O ar cheirava a castanhas assadas e, apesar de tudo, o estômago de Elisabeth roncou.

Seus olhos percorreram a cena do caos. A princípio, ela não viu nenhum indício dos demônios. Em seguida, as costas curvadas e escamadas deslizaram entre dois vagões abandonados; uma nuvem de vapor surgiu por trás de um carrinho virado. Ela fixou o olhar no local até que um demônio apareceu à vista, e seu coração pulou ao vê-lo. O

lado esquerdo da cabeça estava queimado, o olho esquerdo uma ruína chorosa. Era o demônio que ela atingira do treinador.

"Quão difícil eles são para matar?" ela perguntou, quando Nathaniel subiu no parapeito e se juntou a ela.

"Isso depende da sua definição de matar." O vento agitou seus cabelos e provocou sua capa. “Tudo o que vem do Outro Mundo não pode ser morto no reino mortal, apenas banido de volta para casa. Seus espíritos vivem depois que seus corpos são destruídos.

Parecia perigoso falar no silêncio tenso e expectante que caíra sobre a praça. Elisabeth notou que alguém havia perdido o chapéu e ele havia soprado na água da fonte. A luva de uma senhora estava na sarjeta. Os demônios rondavam

mais perto, serpenteando sinuosamente entre as carroças. Eles se separaram, avançando em seis direções diferentes.

Ela alterou: "Quantas vezes eu tenho que bater neles antes que eles não voltem a subir de novo?"

A boca de Nathaniel se contraiu. - Acho que você vai entender, Scrivener. Você não está perdendo entusiasmo. Agora, me dê um momento. Eu preciso de quinze segundos. Talvez vinte.

Ele fechou os olhos.

Ela imaginou que a feitiçaria fosse imediata, como puxar uma espada.

Agora, vendo a quietude da concentração que pairava sobre o rosto de Nathaniel, ela se perguntou, pela primeira vez, como seria lançar um feitiço. O esforço que exigia - não do corpo, mas da mente.

Ele respirou fundo e começou a falar sem abrir os olhos. As palavras enoquianas caíam dos

lábios dele, picando o ar. O vento se intensificou, chicoteando ao redor dele, lançando folhas e pedaços de jornal para o céu, provocando o jato da fonte. Os cabelos se arrepiaram nos braços de Elisabeth. Sua expressão permaneceu perfeitamente serena.

Não era como puxar uma espada. Era como comandar um exército. Se tornando um deus.

Acima deles, o céu escureceu. Nuvens negras se reuniram, varrendo para dentro, afunilando sobre a praça em um vórtice fervente. O ar ficou opressivo com a umidade. Os postes da rua diminuíram. Um brilho esverdeado floresceu profundamente dentro das nuvens, encharcando tudo no crepúsculo estranho que precedeu uma tempestade.

O que quer que Nathaniel estivesse fazendo, os demônios não lhe dariam quinze segundos. No momento em que ele começou seu encantamento, o demônio com o olho arruinado avançou. Rosnou para os outros, emitindo um comando. Os dois demônios de ambos os lados saltaram em direção à praça, seus músculos se agrupando com passos poderosos que os levavam em direção ao treinador a uma velocidade impossível. Suas línguas pendiam de suas bocas, vermelhas e fumegantes.

Elisabeth sacudiu os cabelos pelo vento e levantou a barra por cima do ombro. A rotação fervilhante das nuvens combinava com a turbulência doentia em seu estômago.

Dentes brilharam. Ela balançou. Uma rachadura dividiu a noite e uma explosão de fogo esmeralda chamuscou sua visão.

Quando as manchas desapareceram, ela descobriu que ainda estava de pé. Ambos os demônios estavam no chão em frente ao treinador. O

primeiro estava esparramado com o pescoço dobrado em um ângulo não natural. Ela fez isso. Mas algo mais aconteceu com o segundo.

Estava em uma pilha emaranhada, com a carne queimada estalando e chiando como carne no espeto.

Nathaniel estendeu a mão. Um raio esmeralda se projetava das nuvens, brilhava uma vez, duas vezes, com um estalo agudo e um estrondo ecoante que sacudia o chão e sacudia as janelas - e quando desapareceu, outro demônio estava cozido no chão. Faíscas dançavam entre os dedos de Nathaniel. Ele se virou para atacar o próximo demônio.

Era o líder, aquele com o olho arruinado. Enquanto Elisabeth e Nathaniel estavam ocupados com os outros, ele rondava até um carrinho virado na rua. Agora ficou ali, observando-os em silêncio, os lábios esfolados dos dentes.

Um raio ondulava através das nuvens, teia de aranha para fora em um labirinto de filamentos irregulares. O

poder percorreu Nathaniel, pronto para atender sua chamada. Mas ele não agiu.

Ele estava olhando para o pé da frente do demônio, apoiado no carrinho, o carrinho

pressionado contra o peito de um garoto, que estava preso lá quando o carrinho tombou. O garoto parecia mais jovem que Elisabeth, com o rosto frouxo e inconsciente virado para o lado. Um nó de pessoas olhou de alguma distância, aglomerado contra um edifício que não os tinha deixado entrar. Uma mulher perto da frente da multidão estava gritando; dois jovens a seguraram. Todos os três tinham o mesmo cabelo ruivo que o garoto embaixo do carrinho.

"Eu não posso", disse Nathaniel. Seus lábios mal se moveram, como se ele estivesse em transe. "Não sem bater nele também."

Elisabeth reagiu instintivamente, preparando-se para pular da carruagem. "Vou atraí-lo para longe", disse ela.

Ele a pegou pelo braço. "Isso é exatamente o que o demônio quer", ele retrucou. "Para desenhar você por conta própria, para que você seja um alvo mais fácil. Não seja idiota, Scrivener.

Ela olhou para o garoto, que morreria se não fizessem nada, e voltou para Nathaniel. *Não seja idiota.* **"É assim que você chama?" ela perguntou.**

Algo não identificável passou por seu rosto. Ele 'deixou.

As botas de Elisabeth atingiram as pedras do pavimento. Ela avançou sobre o demônio através da praça vazia, jornais soprando no vento. Ela pesou a barra de ferro nas mãos. O demônio arregalou os dentes, dando-lhe um sorriso desumano. Suas garras flexionaram, empurrando o carrinho com mais força contra o garoto preso. Não se moveria até o último segundo possível.

Um relâmpago estalou atrás dela, iluminando a rua com uma enxurrada de verde. Elisabeth não tirou os olhos do demônio.

Uma gota de chuva respingou no chão a seus pés. Ela começou a correr, sentindo a barra se tornar uma extensão do braço. Tudo mudou rapidamente depois disso. Presas, garras, rosnados. O impacto estrondoso de sua arma reluzindo por um chifre, uma fita brilhante de dor rasgando seu ombro. A cada respiração, ela inalava o fedor de carniça e enxofre. Ela concentrou todo seu esforço em andar para trás enquanto desviava os golpes do demônio, afastando-o do garoto inconsciente.

A chuva começou a cair a sério, atravessando a praça, esbarrando nos olhos de Elisabeth e ofuscando sua visão. Outro relâmpago transformou seu oponente em círculo em uma forte gravura de luz e

sombra. Um segundo flash, um terceiro. Nathaniel tinha sentido falta dos outros demônios?

Deveria ter apenas dois deles sobrando. Enquanto girava, procurando, viu mais silhuetas rastejando em sua direção, seus olhos brilhando como brasas através da cortina de chuva. Muitos deles para contar.

Em seu horror, ela vacilou.

Não houve dor - mas de repente o mundo virou de lado, e as pedras do pavimento subiram para encontrá-la, frias, úmidas e sujas, batendo o ar de seus pulmões. O bar derrapou fora de alcance. Ela esforçou-se por respirar, sentindo como se um torno apertasse seu peito.

Um raio cortou o ar tão perto que, por um momento atordoado, ela teve certeza de que a atingira. Então o corpo fumegante da líder desabou ao seu lado, a luz diminuindo de seu único olho vermelho.

"Firme, Scrivener." Braços a levantaram do chão, reunindo-a no colo de Nathaniel.

"O garoto", ela resmungou.

"Sua família o tem", disse Nathaniel. "Não se preocupe. Ele ficará bem.

Mas não seremos. **Havia muitos demônios. Eles estavam cercados. Ela olhou para os olhos cinzentos de Nathaniel, se perguntando se o rosto dele era a última coisa que ela jamais veria. A chuva escorria do nariz e se agarrava aos cílios escuros. Tão perto, ela pensou que os olhos dele não pareciam tão cruéis quanto ela imaginara. Ela estava tão assustada com ele antes que não havia poupado muita atenção no quão bonito ele era, que agora parecia um terrível desperdício.**

A testa de Nathaniel franziu, como se ele visse algo na expressão de Elisabeth que o incomodava.



Ele desviou o olhar, apertando os olhos contra a chuva. "Silas?" ele perguntou.

"Sim mestre?" A voz do criado era pouco mais que um sussurro na tempestade. De alguma forma, Elisabeth havia se esquecido de Silas.

Ela lutou para manter os olhos abertos. E lá estava ele, impecavelmente vestido, equilibrado sem esforço na beira de um telhado acima deles.

Ele olhou para a cena com um interesse desapegado e impiedoso. A chuva forte deixou sua forma esbelta intocada.

Como ele chegou lá em cima?

Sombras avançavam de todos os lados. Eles pairavam nos cantos da visão de Elisabeth, permeando a névoa com seu fedor de carniça.

"Nós poderíamos usar alguma ajuda aqui", disse Nathaniel, "sempre que você terminar de admirar a vista."

Silas sorriu. "Com prazer, mestre." Ele tirou primeiro a luva direita, depois a esquerda, e cuidadosamente colocou as duas no bolso. Então ele saiu da beira do telhado, sobre uma queda de quatro andares.

Elisabeth não conseguiu vê-lo depois disso. Seus olhos se fecharam sobre a lasca do céu agora vazio, ao redor dela, um coro de latidos, trincas e uivos, pontuados de vez em quando pelo som de algo mole e pesado sendo jogado contra uma parede. Tudo isso veio de longe. Seus pensamentos se prenderam a uma única imagem: a visão das mãos de Silas quando ele tirou as luvas.

Ele não tinha unhas. Ele tinha garras.

"Elisabeth?" Nathaniel perguntou, e o som do nome dela a perseguiu no escuro.

DEZ

E LISABETH acordou cercada pela luz do sol. Embora ela não tivesse ideia de onde estava, uma sensação pacífica de bem-estar a envolveu.

Lençóis de seda sussurravam contra sua pele nua enquanto ela se mexia. Quando ela virou a cabeça, seu ambiente embaçado e brilhante se transformou em um quarto. As paredes eram cobertas com um padrão de lilás, e os móveis delicados pareciam quebrar se alguém acidentalmente se apoiasse nele com muita força, o que Elisabeth supôs que era caro.

Ela não estava sozinha na sala. Porcelana tocou suavemente nas proximidades. Ela ouviu por um momento, depois sentou-se na cama, um edredom caindo dos ombros. Intrigada, ela se inspecionou. Ela usava sua camisola sobressalente, e um curativo havia sido cuidadosamente aplicado em seu braço. Não apenas isso

- alguém a havia banhado e escovado os cabelos.

A cabeça dela latejava. Um leve toque revelou um nó em seu couro cabeludo, dolorido sob as pontas dos dedos.

Talvez isso explicasse por que ela não conseguia se lembrar de nada. Do outro lado da sala, Silas estava de costas para ela, atualmente no ato de levantar a tampa de uma lata de açúcar. Ele estava vestido, como sempre, com o uniforme de esmeralda e parecia estar fazendo uma xícara de chá para ela.

"Onde estou?" ela perguntou.

"Você está em um quarto de hóspedes da casa do meu mestre", respondeu Silas. "Achamos mais seguro transmiti-lo aqui após o ataque."

O ataque. **O olhar dela se fixou nas luvas brancas imaculadas, e o sangue dela virou gelo.**

Ontem à noite voltou correndo: os rosnados e o caos, os raios e a chuva e, junto com ela, suas lembranças da viagem a Brassbridge, as que ele de alguma forma suprimira. Agora

ela se lembrava claramente da maneira como ele a pegara na floresta do lado de fora da estalagem; como ele a fez esquecer que seus olhos eram amarelos, não uma vez, mas muitas vezes. Sempre que ela se aproximava de entender o que ele era, ele afastava seus pensamentos.

"Você é um demônio", disse ela. Sua voz soava desajeitada na sala delicada, muito alta, fora de lugar entre os lilases e a porcelana fina.

Silas inclinou a cabeça, reconhecendo o óbvio. "Você toma açúcar no seu chá, senhorita?"

Elisabeth não respondeu. Ela deslizou para o lado oposto da cama, o mais longe que pôde, e pegou um castiçal da mesa de cabeceira. Era pesado, feito de prata maciça. "Eu sei o que você é", ela avisou. "Você não pode me fazer esquecer de novo."

Agitou o chá uma última vez e meticulosamente colocou a colher em um pano dobrado. "Por acaso, você está correto. Você tem uma resistência surpreendente à minha influência; Duvido que pudesse ter continuado por muito mais tempo.

"Como assim, sua influência?" ela exigiu. "O que você fez comigo? E

porque?"

Silas se virou. Ele apenas olhou para ela, tremendo e segurando um bastão, um único reflexo assustado, longe de arremessá-lo em sua cabeça. Após alguns segundos de silêncio significativo, Elisabeth foi forçada a admitir que ele tinha razão.

"Humanos", ele suspirou. "Que criaturas excitáveis. Pelo menos você não gritou, e agradeço por isso.

Alguns demônios apreciam o som de mortais berrando e implorando por suas vidas, mas eu nunca tive gosto pelo melodrama, a menos que

esteja confinado à ópera com segurança. " Seus olhos se moveram para a câmara. "Isso não vai fazer nenhum bem, a propósito."

Lentamente, Elisabeth a colocou na colcha. Ela observou Silas atravessar a sala. Quando ele colocou a bandeja ao lado dela, ela se encolheu, mas ele se retirou sem tocá-la, de pé com as mãos educadamente cruzadas atrás das costas. Era da mesma maneira que ele estava no meio do mato. Ela se perguntou se ele estava tentando parecer menos ameaçador, o que era um pensamento tão peculiar que ela soltou uma risada.

"O que é isso?" ele perguntou.

"Eu não sabia que os demônios podiam se parecer conosco. Eu esperava . . . " Ela não tinha certeza do que esperava. Chifres e escamas, como um demônio. Ela certamente

não esperava que ele fosse *lindo.* **"Outra coisa", ela terminou.**

Uma sombra de um sorriso cruzou seu rosto. Seu cabelo não estava pulverizado, como ela assumira pela primeira vez. Tudo nele era o branco impecável de mármore, até os cílios longos e pálidos que protegiam seus olhos sulfurosos.

“Demônios do nascimento, como eu, somos capazes de mudar nossa forma de acordo com os desejos de nossos mestres. Na sociedade, eu pareço um gato branco, mas quando estou em casa ou executando tarefas, o Mestre Thorn me prefere dessa forma. Caso contrário, eu sou, como você diz, 'outra coisa'. "

Um calafrio passou por Elisabeth. As palavras de advertência do Lexicon voltaram para ela. O

grimório fez parecer que apenas falar com um demônio era perigoso.

Mas depois de tudo o que Nathaniel fez para trazê-la para a cidade com segurança, ela não achou que ele a deixaria sozinha com Silas se ele representasse uma ameaça. Lembrou-se da noite no Blackwald,

lembrando-se do som silencioso da risada de Silas, do jeito que os dois brincavam como velhos amigos.

"Por favor." A voz de Silas interrompeu seus pensamentos inquietos.

"Você não vai beber seu chá?"

Ela hesitou antes de pegar a xícara de chá. O vapor envolveu seu rosto quando ela tomou um gole cauteloso, ciente do olhar expectante de Silas. Os olhos dela se arregalaram de surpresa. "É bom." Na verdade, foi a melhor xícara de chá que ela já provou em sua vida. Não era o que ela esperava, considerando que tinha sido feito por um

...

Ela pousou a xícara com um barulho, derramando líquido quente sobre os dedos. O calor e o vapor trouxeram de volta uma lembrança súbita e visceral do homem segurando a mão sobre a boca, a respiração úmida em sua bochecha. Então, o jeito que ele simplesmente estava *foi,* **como se ele tivesse desaparecido no ar. O que Silas fez com ele?**

"Eu o matei, senhorita", disse o demônio suavemente. “Ele teria feito o mesmo com você, e você não teria sido sua primeira vítima. Eu senti o cheiro dele - muita morte. Não é à toa que os demônios estavam dispostos a segui-lo.

Ela fez um som estrangulado. "Você pode ler meus pensamentos?"

"Não exatamente." "Então como . . . ?

“Passei centenas de anos observando a humanidade durante meu serviço à família Thorn. Não desejo insultar você, mas você não é um ser complicado.

Ela estremeceu, encarando as mãos, a xícara de chá perfeita demais, imaginando o que mais ele poderia dizer sobre ela simplesmente olhando.

“Você está se sentindo mal? Talvez você deva descansar mais. Ela balançou a cabeça, sem encontrar os olhos dele. "Eu descansei o suficiente." "Nesse caso, tenho notícias que podem facilitar sua mente."

Ele pegou um jornal da mesa de cabeceira e passou para ela. Ela tomou cautelosamente, olhando para as luvas dele, mas não podia ver nenhuma evidência de suas garras. "A tentativa de sua vida já chegou aos jornais da manhã."

Elisabeth quase deu uma olhada dupla. A manchete na primeira página dizia Suspeito. . . OU HERÓI? e foi acompanhada por um esboço de Nathaniel e ela mesma em pé em cima da carruagem enquanto demônios se aproximavam ao redor deles. O raio de Nathaniel cortou o

céu hachurado, e a artista teve a liberdade de substituir sua barra de ferro por uma espada. Os olhos dela voltaram para a manchete. "Isso é sobre *mim?* **"**

Silas inclinou a cabeça.

Incrédula, ela começou a ler o artigo. *A jovem, identificada por uma fonte anônima como Miss Elisabeth Scrivener, demonstrou coragem e vigor incomuns em impedir seus agressores demoníacos, chegando ao ponto de salvar a vida de um espectador indefeso. ..... Acredita-se que ela tenha chegado a Brassbridge como suspeita nos atos de sabotagem nas Grandes Bibliotecas, embora devamos questionar a sabedoria do Magisterium em chamá-la de suspeita quando essa tentativa cruel de sua vida sugere exatamente o oposto. É claro que o verdadeiro culpado esperava silenciá-la usando todos os meios possíveis. . . .*

As bochechas de Elisabeth inflamaram quando o artigo passou a falar brilhantemente de *relatórios de nossas fontes confiáveis* **que ela havia derrotado sozinha uma** *atacando Malefict antes de pôr em perigo a vida de inocentes na pitoresca vila de Summershall.* **Então, irritantemente, dedicou uma coluna subsequente a** *Magister Nathaniel Thorn, o solteirão mais elegível de Austermeer - quando ele escolherá uma noiva?*

Algo a incomodava, e ela voltou ao começo para reler as primeiras frases. "Espere um momento", ela percebeu em voz alta. "Isso diz *atos* **de sabotagem. "**

Silas alcançou em sua direção. Ela ficou tensa, mas ele apenas passou para a segunda página.

Examinando a continuação do artigo, sua respiração parou.

"Houve um ataque à Grande Biblioteca de Knockfeld?" Seus lábios se moveram enquanto ela corria pelo texto apertado. Outra classe oito de maus-tratos. . . três guardas mortos, incluindo o diretor. . .

rotulou pela primeira vez um acidente trágico, agora considerado como estando

relacionado ao incidente em Summershall. Isso aconteceu duas semanas antes do Livro dos Olhos! Ela olhou para Silas. "Por que isso me acalmava?"

“A noite passada alterou consideravelmente suas circunstâncias. Sua audiência foi cancelada em meio aos protestos públicos provocados pela imprensa. Quando você estiver bem o suficiente para um passeio de carruagem, o Mestre Thorn foi instruído a levá-lo diretamente ao Chanceler.

Ela ficou incrédula, inalando o perfume do papel de tinta barata e papel de jornal. Sua cabeça estava vazia, tocando com as palavras de Silas. "Por que o chanceler quer me ver?" ela perguntou.

"Não me disseram." Algo como pena sombreava as feições de alabastro do demônio. “Talvez você considere se vestir. Eu posso ajudá-lo, se desejar. Tomei a liberdade de alterar a seleção de hoje.

Elisabeth franziu a testa. Seu melhor vestido pendia de um gancho no guarda-roupa, alongado com elegantes painéis de seda. Agora, parecia que caberia. Silas tinha feito isso sozinho? Ela tocou seus cabelos escovados, lembrando sua observação anterior de que alguém a havia banhado e trocado de roupa. Quando a realização ocorreu, ela recuou.

"Você me despiu?"

"Sim. Tenho décadas de experiência ... Lendo o horror dela, ele levantou a mão. "Peço desculpas. Não tenho interesse em corpos humanos. Não em nenhum sentido carnal. Eu esqueço, às vezes. . . Eu deveria ter dito isso antes.

Elisabeth não devia ser levada como boba. “Eu li o que os demônios fazem com as pessoas. Você nos tortura, derrama nosso sangue, devora nossas entranhas. As entranhas de donzelas, especialmente.

Os lábios de Silas se apertaram. “Demônios menores comem carne humana. Eles são criaturas comuns com apetites vulgares.

"E você é tão diferente?"

Seus lábios afinaram ainda mais. Contra todas as probabilidades, a ofensa brilhava em seus olhos amarelos, e quando ele falou, as bordas de suas consoantes corteses e sussurradas foram levemente cortadas.

“Demônios nascidos no nascimento consomem nada além da força vital dos mortais, e mesmo assim, apenas uma vez que barganhamos por isso. Nós não nos importamos com mais nada.

Ela recostou-se, com o coração batendo forte. Lentamente, ela se acalmou. Silas parecia estar dizendo a verdade.

Ele não estava tentando disfarçar o fato de que ele era mau, apenas esclarecendo a

natureza de seus crimes.

Estranhamente, isso a fez sentir que podia confiar nele, pelo menos nesse assunto.

Ela pensou na faixa prateada no cabelo de Nathaniel, tão incomum de se ver em um garoto de dezoito anos. *Quanto da sua vida você levou?* **ela imaginou.**

- Chega - disse Silas, quase em silêncio demais para ela ouvir. “Agora, se tiver certeza de que não precisa de assistência. . . ”

"Não, obrigado", disse ela apressadamente. "Eu posso me preparar sem ajuda." Suas sobrancelhas levantadas informaram que ela tinha suas dúvidas, mas ele curvou-se educadamente pela porta, deixando Elisabeth sozinha com mil perguntas e uma xícara de chá refrescante.

• • •

Quando ela abriu a porta quinze minutos depois, Silas não estava à vista. Ela enfiou a cabeça para fora da sala e espiou pelo corredor.

Embora ela nunca tenha passado muito tempo em uma casa real, essa parecia enorme em comparação com as casas de Summershall. O

corredor marchou por um comprimento considerável, revestido com painéis de madeira escura e um número surpreendente de portas. Por alguma razão, todas as cortinas foram fechadas, reduzindo o dia ensolarado a uma penumbra escura.

Ela rastejou para fora e vagou pelo corredor. Embora grandiosa, a casa possuía um ar de abandono. Ela não viu criados, demoníacos ou não, e

o ar estava tão quieto que o relógio metódico de um relógio de avô em algum lugar no fundo da mansão parecia reverberar pelas solas de suas botas como um batimento cardíaco. Tudo cheirava fracamente à combustão etérea, como se a magia tivesse penetrado nas próprias fundações do edifício.

Após várias reviravoltas pelos corredores labirínticos, o odor se intensificou. Virou-se para um lado e para o outro, cheirando o ar, e finalmente determinou que o cheiro estava saindo de debaixo de uma porta fechada em particular: uma porta cujos painéis estavam coberta de suaves nevascas de poeira, a madeira em volta da maçaneta ornamentada arranhava arranhões, como se a mão de alguém tivesse escorregado repetidamente enquanto tentava destrancá-la.

Elisabeth vacilou. Ela não tocaria uma porta de aparência sinistra na casa de um feiticeiro.

Mas talvez . . .

Prendendo a respiração, ela se inclinou e aproximou os olhos do buraco da fechadura. O quarto estava escuro lá dentro. Ela se inclinou para frente.

Scrivener - disse a voz suave de Silas, diretamente atrás dela.

Ela se atirou, batendo na parede com força suficiente para chocalhar os dentes. Como Silas se moveu tão silenciosamente? Ele fez a mesma coisa com o homem ontem à noite, pouco antes de matá-lo.

A expressão de Silas era remota, como se estivesse esculpida em mármore, mas ele falou com a cortesia de sempre. "Não tive a intenção de assustá-lo, mas receio que seja melhor deixar o quarto em paz."

"O que há dentro?" A boca de Elisabeth ficou seca como osso. “Você não gostaria de ver. Esse caminho por favor."

Ele a guiou de volta por onde ela viera e depois desceu uma escada larga e curva, imensa e atapetada de veludo, que varreu todo o caminho até o vestíbulo, dois andares abaixo. Lustres apagados pairavam sobre sua cabeça, seus cristais brilhando na penumbra e seus passos ecoavam no chão de mármore xadrez. A grandeza disso lembrou um castelo deserto de conto de fadas. Sua imaginação afastou a sombria sombra do abandono, substituiu-a por luz, risos e música, e ela se perguntou por que a casa era mantida assim, quando podia ser um lugar tão bonito.

"Mestre Thorn se juntará a nós em breve", disse Silas. Então ele acrescentou: "Você pode olhar em volta, se quiser".

Sem permissão, Elisabeth já havia atravessado o saguão e pegou um castiçal de cristal sólido. Culpadamente, ela anotou. Ao fazê-lo, os olhos cinzentos de Nathaniel refletiram através de suas facetas, multiplicados pela dúzia, e ela ofegou - mas quando ela girou, ninguém ficou atrás

dela. O cristal refletia um retrato pendurado na parede. E o homem do retrato era velho demais para ser Nathaniel, embora tivesse uma semelhança próxima, até a raia de prata que

correu por seus cabelos pretos. O sorriso dele, por outro lado. . . era quente, gentil e aberto, muito mais feliz do que qualquer sorriso que ela já vira no rosto de Nathaniel.

"O pai do meu mestre, Alistair Thorn", Silas forneceu. "Eu o servi no seu tempo."

Ele está morto, **ela percebeu com um sobressalto.** *Ele deve ser.* **De repente, ela achou desconfortável olhar nos olhos dele. Seu olhar se desviou para o gato branco que o artista havia pintado no colo de Alistair. Era uma criatura delicada, de cabelos compridos, capturada no ato de escovar a pata.**

O ar se agitou e Silas ficou ao lado dela, estudando o próximo retrato, que mostrava uma mulher loira em um vestido lilás. Desta vez, Elisabeth reconheceu algo de Nathaniel em sua expressão, a maneira como seus olhos brilhavam com o riso reprimido de uma piada não dita. Em seu rosto, parecia acolhedor, em vez de zombador, iluminado pelo amor.

Silas disse: "A mãe dele, Charlotte".

A melancolia puxou o coração de Elisabeth. "Ela é linda." "Ela era."

Elisabeth olhou para Silas, os lábios entreabertos em um pedido de desculpas, mas ele estava sem expressão, ainda olhando os retratos. Ela instantaneamente se sentiu tola por quase pedir desculpas a um demônio - um ser que nunca amou nenhum deles, pois os demônios não podiam sentir amor, compaixão ou perda.

Silenciosamente, ele apontou para o terceiro e último retrato.

Elisabeth deu um passo à frente e examinou-o de perto. A pintura era de um menino, talvez com sete anos de idade, pálido e grave, com uma

coleira escura abotoada no pescoço. Ele parecia tão sério.

Talvez isso tenha sido o herdeiro do legado de Thorn. Ele sabia as histórias sobre Baltasar até então?

Era estranho pensar em Nathaniel quando criança. Um inocente.

"Então ele não nasceu com a prata no cabelo", disse ela finalmente, olhando para Silas. "Não, ele não estava. A prata é a marca da nossa barganha. Todo feiticeiro possui um, único para o demônio que os serve. Mas esse retrato não é do mestre Thorn. É de seu irmão mais novo, Maximilian. Ele faleceu um ano depois de ter sido pintado.

Elisabeth deu um passo atrás. Os cabelos estavam em seus braços. A casa parecia um mausoléu, seus corredores frios e vazios cheios de fantasmas. A família inteira de Nathaniel se foi. As palavras do léxico voltaram para ela: *Pois uma vez que uma barganha com um demônio é atingida, é do interesse do demônio ver seu mestre morto. . . .*

"O que aconteceu com todos eles?" ela sussurrou, não certa desta vez se ela realmente queria saber a resposta.

Silas ficou parado. Levou um momento para responder e, quando o fez, sua voz sussurrou flutuou através do vestíbulo como névoa. Charlotte e Maximilian morreram juntos em um acidente. Uma tragédia sem sentido para a esposa e o filho de um feiticeiro. Eu sei o que você está pensando - eu não estava nem perto deles quando o acidente ocorreu.

Alistair seguiu apenas alguns meses depois, e eu estava lá, naquela época.

Isso provou. ... um ano difícil para o meu mestre. "

"Você o matou", disse Elisabeth. Alistair.

A resposta de Silas veio como uma respiração, um pouco mais alta do que o tique distante do relógio do avô.

"Sim."

"Nathaniel sabe?" "Ele faz."

Elisabeth agarrou-se a essa informação. “E ele ainda - ele ainda decidiu

—” “Ele me ligou ao seu serviço diretamente depois que aconteceu. Ele tinha apenas doze anos de idade. O ritual certamente foi assustador para ele, mas é claro, ele já me conhecia bem. Silas se dirigiu para um espaço em branco no painel, onde havia um espaço vazio para um retrato final. Ele levantou a mão enluvada e tocou levemente a parede.

“Eu estava lá quando Mestre Thorn veio ao mundo, você vê. Eu o ouvi falar suas primeiras palavras e o observei dar os primeiros passos. E eu estarei lá quando Mestre Thorn morrer ", disse ele," de um jeito ou de outro ".

Elisabeth deu outro passo para trás, quase colidindo com uma raia.

Nathaniel havia lhe dito que todos os outros na fila para o título dele se foram, mas ela não esperava nada assim.

Certamente não que ele estivesse completamente sozinho no mundo com apenas doze anos, negociando sua vida com o demônio que matara seu pai. O demônio que um dia o mataria.

Um passo rangeu. Elisabeth se virou. Nathaniel estava descendo as escadas, uma mão no bolso, a outra deslizando ao longo do corrimão.

Ele parecia impressionante

um terno caro, o corte do colete verde de brocado acentuando os ombros fortes e a cintura estreita. Ela olhou, tentando conciliar sua postura descuidada com o que acabara de aprender. Ele devolveu o olhar uniformemente, uma sobrancelha levantada como se estivesse em desafio.

Quando ele chegou ao fundo, Silas foi até ele imediatamente. Com a silenciosa eficiência de um manobrista profissional, ele fez pequenos ajustes nas roupas de Nathaniel: ajeitando as algemas, endireitando a gola, ajustando a queda de sua jaqueta. Então, com uma leve carranca, ele desfez a gravata de Nathaniel e a tirou do pescoço.



"Precisa ser tão apertado?" Nathaniel objetou quando Silas recolocou a gravata em uma série complicada de nós, seus dedos enluvados movendo-se com segurança ágil sobre o tecido.

Silas poderia facilmente estrangulá-lo com isso, **Elisabeth pensou, surpresa. No entanto, Nathaniel parecia completamente relaxado, confiando nas ministrações de seu servo, como se ele tivesse as mãos de um demônio assassino na garganta todos os dias.**

"Receio que sim, se você deseja permanecer na moda", respondeu Silas. "E não gostaríamos de repetir o incidente com Lady Gwendolyn."

Nathaniel zombou. "Como eu deveria saber amarrá-lo dessa maneira significava que pretendia fazer uma proposta para ela? Tenho coisas melhores a fazer do que aprender sinais secretos com lenços e colares.

"Se você tivesse me escutado, eu teria lhe dito, poupado-o de tomar champanhe na sua cara - embora eu tenha ouvido várias pessoas dizerem depois que essa era a parte favorita do jantar. Lá." Ele recuou, admirando seu trabalho.

Nathaniel automaticamente estendeu a mão para tocar a gravata, depois largou a mão quando Silas estreitou os olhos amarelos em aviso.

Com um sorriso torto, ele atravessou o corredor em direção a Elisabeth, suas botas batendo no chão de mármore.

"Você está pronta, Srta. Scrivener?" ele perguntou, oferecendo-lhe o braço. O coração de Elisabeth pulou uma batida. Ela poderia ter julgado mal Nathaniel, mas ela estava certa sobre uma coisa. Um feiticeiro a queria morta. E em algum lugar lá fora, ele estava esperando.

Gelada até os ossos, ela assentiu e pegou o braço dele.

ONZE

T O treinador passou por altas casas grandes de pedra cinza, empilhadas firmemente umas nas outras como livros em uma estante de livros. Flores brilhantes de dedaleira e sombra mortal derramavam-se das caixas das janelas e cercas de ferro as cercavam na frente, guardadas por estátuas e gárgulas que viravam a cabeça quando o treinador passava. Aparelhos heráldicos foram esculpidos nos frontões acima das portas da frente. Muitas das casas tinham claramente séculos de idade, suas elegantes fachadas envoltas em uma sensação de riqueza intocável.

Ela viu uma mulher sair de uma carruagem, jóias brilhando nos ouvidos. Uma criança pequena abriu a porta para ela, e Elisabeth assumiu que ele era o filho da mulher até que ela entregou-lhe as parcelas de compras com desdém. Ela viu os olhos do garoto brilharem laranja na luz antes de a porta se fechar. Não é um garoto - um demônio.

"Todo esse bairro pertence a feiticeiros?" ela perguntou a Nathaniel.

Seu estômago se contorcia como um ninho de cobras. O sabotador poderia morar em qualquer uma dessas casas. Ele poderia estar olhando para ela agora mesmo.

"Quase exclusivamente", ele respondeu. Ele estava olhando pela janela oposta. “Chama-se Hemlock Park.

Feiticeiros gostam de sua privacidade - nossos demônios são um pouco como roupas sujas, não um segredo, mas um aspecto de nossas vidas que os plebeus raramente vêem, e um que preferimos que não pensem muito. Um monte de sangue velho por aqui, como você provavelmente pode perceber. Linhagens feiticeiras que remontam a centenas de anos, como a minha.

A curiosidade esgueirou-se por sua guarda. “Eu pensei que todos os feiticeiros pertenciam a famílias antigas. Você não nasceu para isso?

"Suponho que isso seja verdade no sentido de que a magia é uma herança." Nathaniel a olhou de relance.

“Ou melhor, os demônios são. Um demônio nascido no nascimento só pode ser convocado por alguém que conhece seu nome Enochiano, e as famílias passam esses nomes através das gerações como herança. Mas ocasionalmente um dabbler

sem herança mágica desenterra o nome de um demônio notável em algum texto obscuro e consegue evocá-lo. Eles precisam manter o demônio na família por algumas décadas antes que as casas antigas comecem a considerá-los respeitáveis.

Dabblers e criminosos. **Foi assim que o Lexicon se referiu a pessoas que convocavam demônios menores, como demônios. Os verdadeiros feiticeiros não se curvaram a esse nível.**

A menos que eles quisessem eliminar uma testemunha e culpar o assassinato por outra pessoa.

Perturbada, Elisabeth refletiu sobre isso ao passarem por um parque cheio de carvalhos antigos e caminhos sinuosos de cascalho, e depois por um trecho de floresta urbana que a fazia sentir como se estivesse de volta aos arredores de Blackwald. O treinador entrou em um caminho ladeado por pedregulhos de mármore. Em cima deles, um par de grifos de pedra, balançando as caudas e tomando sol com as asas cobertas de musgo. Eventualmente, uma estrutura apareceu além de uma cerca viva, visível pela primeira vez como um flash de luz no cobre de uma cúpula abobadada.

"Oh", ela respirou, pressionando o rosto na janela. "É um palácio!"

Ela sentiu Nathaniel observando-a.

Quando ele falou, ele parecia estranhamente relutante em corrigi-la.

"Não, apenas Ashcroft Manor."

Mas não havia "justo" no prédio para o qual estavam indo, uma imensa mansão branca cercada por jardins luxuosos. Sua linha de

telhado de torres, cúpulas e cornijas elaboradas se assemelhava ao horizonte de uma cidade em miniatura, e a luz do sol lançava prismas deslumbrantes de um conservatório com teto de vidro preso ao lado. O

caminho circulou em torno de uma grande fonte diretamente à sua frente e, à medida que se aproximavam, ela viu que a água subia sozinha, espirrando em vórtices que mudavam de forma

continuamente: primeiro, formou um grupo de donzelas translúcidas saltando no ar como dançarinas de balé, que fundiram-se em uma esfera armilar rotativa, que depois se separou em um par de cavalos de criação, suas crinas lançando gotículas pelo caminho. Algumas gotas atingiram as janelas da carruagem e se agarraram ao vidro, brilhando como diamantes.

"E Silas diz *Eu estou* **extravagante com a minha magia - Nathaniel murmurou. Elisabeth fez um esforço para parar de ficar boquiaberta quando se aproximaram da mansão. Havia uma multidão de pessoas espalhadas pelo caminho, mas até onde ela sabia, eles não eram feiticeiros ou mesmo criados. Todos eles usavam jaquetas marrons de tweed e tinham cadernos dobrados debaixo dos braços, consultando repetidamente o bolso**

assiste como se estivessem com muita pressa. Quando ouviram a carruagem se aproximar, ergueram os olhos com expressões ansiosas e famintas, como cães esperando que restos fossem jogados da mesa de jantar.

"Quem são essas pessoas?" Elisabeth perguntou inquieta. "Eles parecem que estão esperando por nós."

Nathaniel deslizou para o lado dela da carruagem, olhou para fora e xingou. - O chanceler Ashcroft permitiu a imprensa em sua propriedade. Suponho que não há como escapar deles. Coragem, Scrivener. Tudo terminará em breve.

Quando Silas abriu a porta, uma onda de som imediatamente inundou a carruagem. Ninguém lançou um olhar a Silas; eles se concentraram em Elisabeth quando ela saiu, lutando entre si para uma posição melhor perto da frente da multidão.

"Senhorita Scrivener!" - Você tem um momento ... - Sou o Sr.

Feversham, do *Brassbridge Inquirer* **- ”“ Por aqui, Srta Scrivener! ” -**

Você pode nos dizer qual a sua altura, Srta.

Scrivener?

"Olá", disse ela, confusa. Todos os homens pareciam muito semelhantes. Nunca antes tinha visto tantos bigodes juntos em um só lugar. "Me desculpe, eu não tenho ideia." Ela cresceu desde a última vez que Katrien a mediu.

"É verdade que você derrotou um Malefito de Classe Oito em Summershall?" um dos homens perguntou, já arranhando freneticamente o caderno.

"Sim, é verdade."

"Completamente sozinho?"

Ela assentiu. Os olhos do homem quase saltaram de sua cabeça, então ela acrescentou gentilmente: "Bem, eu tinha uma espada".

Outro repórter vestido de tweed passou por uma abertura. “Vejo que você passa muito tempo sozinho com Magister Thorn. Ele declarou suas intenções?

"Eu gostaria que ele fizesse", disse Elisabeth. “Ele quase não faz sentido metade do tempo. Conhecer suas intenções seria útil.

Nathaniel fez um som sufocado. "Ela não quis dizer dessa maneira", ele garantiu a todos, pegando o braço de Elisabeth. “Ela é uma bibliotecária selvagem, você vê - criada por

piolhos, muito trágico. ..... ” Ele a puxou para fora da multidão e subiu os degraus da frente da mansão.

As portas duplas estavam gravadas com um grifo de estilo barroco. Um criado vestido de libré dourado estava na frente deles. Elisabeth olhou para ele desconfiada, mas ele não tinha olhos estranhamente coloridos,

nem repeliu os pensamentos dela como Silas exercia sua influência. Ele era um homem, não um demônio.

“O chanceler chegará momentaneamente”, ele disse, e Nathaniel gemeu. "O que?" ela perguntou.

“Ashcroft gosta de fazer grandes entradas. Ele é um show insuportável.

A imprensa não se cansa dele.

Elisabeth achou que era bastante hipócrita que Nathaniel reclamasse de pessoas fazendo grandes entradas quando ele próprio chegara a Summershall em uma carruagem esculpida de espinhos, e fizera com que cada estátua no pátio ganhasse vida e pelo menos um deles agitasse uma espada. , mas ela decidiu guardar isso para si mesma, porque acabara de sentir o cheiro de combustão etérea.

Ela tropeçou para trás quando um fio de luz dourada ziguezagueou no ar à sua frente, como um rasgo aparecendo em um pedaço de tecido. As portas da mansão ondulavam, distorcidas, enquanto um homem empurrava um pouco de ar para o lado e entrava, proporcionando um vislumbre de um escritório calorosamente iluminado atrás dele.

Elisabeth piscou, tentando entender o que estava vendo. Era como se o mundo tivesse se transformado em uma cena pintada em um conjunto de cortinas, e essa outra sala era o que havia além delas. O

homem - o chanceler - soltou o ar, ou a cortina, ou o que quer que fosse, e a faixa de estudo se fechou atrás dele. Tão rapidamente quanto quebrou, a realidade voltou ao normal.

O chanceler Ashcroft sorriu, curvando-se para os repórteres quando eles aplaudiram. Embora ele tivesse quase idade suficiente para ser o pai de Elisabeth, ele era inegavelmente bonito. Seu sorriso brilhante revelou linhas de riso ao redor dos olhos, o que lhe dava uma aparência de bom humor travesso, e seus cabelos loiros grossos e brilhantes não mostravam uma pitada de cinza. Ele usava uma capa dourada sobre um terno branco pérola, com um colete bordado de ouro por baixo.

"É tão bom ver você, Nathaniel", disse ele. - E você deve ser a senhorita Scrivener. Sou Oberon Ashcroft, o Chanceler da Magia. Que prazer conhecê-lo.

Ele pegou a mão dela e a beijou. Todas as palavras voaram da cabeça de Elisabeth como um bando de pombos assustados. Ninguém nunca a beijou antes, mesmo na mão dela. Quando Ashcroft se endireitou novamente, ela viu que, enquanto o olho direito dele estava azul brilhante, o esquerdo era um vermelho profundo e reluzente que capturava a luz como um rubi. Lembrando o que Silas havia lhe dito, ela adivinhou que o olho vermelho era sua marca demoníaca.

Scrivener, devo pedir desculpas pelo perigo que você encontrou ontem à noite. Eu nunca imaginei que isso pudesse acontecer - demônios correndo pelas ruas -, mas isso não é desculpa para não garantir sua segurança enquanto você estava sob a proteção do Magisterium.

"Você não quer dizer sua custódia?" ela perguntou. Alguns repórteres ofegaram, e

Elisabeth congelou, sentindo uma agitação de pânico.

Mas Ashcroft não parecia zangado. Em vez disso, ele deu um sorriso triste. “Não - você está certo.

O Magistério cometeu um erro e seria desagradável da minha parte fingir o contrário. Como você está lidando?

Sua preocupação a surpreendeu. "EU . . . ”

“Você passou por uma provação terrível. Acusado de um crime que você não cometeu, preso, atacado por demônios e, claro, a perda de sua diretora, Irena. Ela era uma mulher notável. Tive o prazer de conhecê-

la há alguns anos.

De repente, os olhos de Elisabeth se arrepiaram com lágrimas não derramadas. "Estou bem", disse ela, erguendo os ombros, desejando que as lágrimas recuassem. Foi a primeira vez que alguém lhe sugeriu que ela tinha o direito de lamentar a morte do diretor, em vez de acusá-

la de ser responsável por isso. Ashcroft até conhecia o diretor pelo nome. "Eu só quero que quem a matou seja pego."

"Sim." Ele olhou para ela gravemente. "Sim, eu entendo. Com licença por um momento. . . ” Ele se virou para os repórteres. “Liguei para esta reunião de imprensa para fazer um breve anúncio. Após os eventos da noite passada, e depois de analisar certas discrepâncias no relatório oficial da Summershall, a senhorita Elisabeth Scrivener não é mais uma suspeita em nossa investigação. ” Choque sacudiu Elisabeth. “Ela deve ser elogiada pelo Magisterium por suas ações corajosas em Summershall, que salvaram inúmeras vidas. A perda de um grimório de classe oito é devastadora para a magia dos austeristas, mas a Srta.

Scrivener fez a melhor escolha disponível para ela em uma situação crítica, e ela se apresentou com o máximo de desempenho.

possível padrão. Vou pessoalmente enviar uma carta de recomendação ao Collegium, aconselhando os preceptores a considerá-la para o treinamento do diretor quando ela concluir seu aprendizado. ”

Elisabeth balançou em pé. Uma mão a firmou, um toque leve e inesperado entre seus ombros. Nathaniel ficou ao seu lado, olhando em frente.

“Como você sabe”, Ashcroft estava dizendo, “as Grandes Bibliotecas foram construídas por meu ancestral, Cornelius, então meu compromisso de levar o sabotador à justiça é muito mais do que apenas uma preocupação profissional. ..... ”

Elisabeth descobriu que não podia mais seguir as palavras. Seu coração parecia ter

crescido muito para os limites de suas costelas. Ela tentou manter sua postura ereta, desesperada para parecer digna dos elogios do chanceler, enquanto em particular, vergonhosamente, outra parte dela queria se esconder. Ela nunca soube que a esperança poderia doer tanto, como sangue correndo de volta a um membro morto.

Ficou grata quando, depois que os repórteres se dispersaram, Ashcroft chamou Nathaniel de lado para falar com ele sozinho. Ela estudou os

grifos na porta, fingindo que não podia ouvir trechos da conversa deles através do som de rodas de carruagem esmagando o cascalho.

"Antes de você sair", Ashcroft estava dizendo em voz baixa, "eu queria agradecer pelo que você fez pela senhorita Scrivener." Ele fez uma pausa. Ah. Entendo. Você não contou a ela, contou?

A resposta de Nathaniel foi indistinta. O que eles estavam falando? Se ela pudesse ver seus rostos. O

lacaio passou carregando sua mala e ela se afastou. Quando ela olhou para cima, Nathaniel não estava em lugar nenhum. Olhando ao redor descontroladamente, ela o viu dar um passo rápido na direção da carruagem, com a capa esmeralda subindo nos calcanhares.

"Nathaniel!" ela chamou, quando ele começou a subir no vagão. Ele se encolheu com o som da voz dela.

Então ele inclinou o rosto, esperando.

"Você iria embora sem se despedir", disse ela. "Adeus, Scrivener", ele disse prontamente, sem olhar para ela. “Foi realmente um prazer, além do tempo em que você me mordeu. Tente não derrubar nenhuma das estantes do chanceler.

Elisabeth tinha uma sensação estranha no peito, como um pedaço macio de pergaminho sendo rasgado, só um pouco. Ela pode nunca mais ver Nathaniel novamente. Ela ainda não tinha a medida dele, mas eles brigaram juntos na noite passada - salvaram vidas juntos - e certamente isso contava alguma coisa. Certamente foi o suficiente para ele querer apertar a mão dela, ou pelo menos olhar nos olhos dela antes de sair.

Ela desejou ter algo melhor para dizer. Mas ela não conseguia pensar em nada, então apenas disse: "Adeus".

Nathaniel hesitou por um longo momento. Silas, sentado no banco do motorista, deu uma olhada entre os dois, como se ele pudesse ver algo



entre ela e Nathaniel que ela não podia.

Então Nathaniel assentiu, de um modo formal, e entrou e fechou a porta. Silas sacudiu as rédeas. O treinador começou a se mover.

Então é isso, **ela pensou.**

Ela observou o treinador ficar menor à medida que viajava pela estrada, o sol brilhando no teto lacado, sentindo uma perda que ela não conseguia explicar.

DOZE

"M SCRIVENER DA ISS?

Elisabeth começou e olhou para cima. Ashcroft estava ao lado dela, e o treinador de Nathaniel estava fora de vista. Ela recebeu a impressão de que o chanceler estava conversando com ela há algum tempo, mas não ouvira uma única palavra. Ela gaguejou um pedido de desculpas, seguida por uma série de agradecimentos desiguais por tudo o que ele havia dito durante o discurso, nenhum dos quais parecia fazer muito sentido até para seus próprios ouvidos.

Sua expressão se suavizou. “Não se preocupe com nada disso. Por que você não entra?

Ela o seguiu até a mansão, e seus olhos se arregalaram de espanto.

Todos os lustres estavam acesos, lançando um brilho líquido do mármore polido e do trabalho de estuque dourado. Espelhos em elaboradas molduras douradas refletiam a luz de todos os ângulos.

Empregados de uniforme dourado se apressavam, parando para se curvar em sua direção.

"Você estará seguro aqui", disse Ashcroft. “Os terrenos são fortemente protegidos; não há um intruso na propriedade há centenas de anos. De fato, no século XVII, Ashcroft Manor repeliu um exército.

Com o brilho da mansão brilhando em seus cabelos loiros e feições bonitas, o Chanceler parecia um herói nas páginas de um livro de histórias. A timidez se acumulou ao redor de Elisabeth como uma camada de tule, transparente e desconhecido. Pela primeira vez, ela teve que reunir coragem para falar. "Senhor, o que Nathaniel não me contou?"

Ah. Vejo você ouvir. Um sorriso brincou em sua boca. “Bem, ele insistiu em ser o único a acompanhá-lo de Summershall. Parece que você

deixou uma boa impressão nele na primavera passada - ele estava totalmente convencido de sua

inocência. Nathaniel tão raramente acredita nas melhores pessoas, que não tive coragem de negar o pedido dele.

Surpresa a deixou sem palavras. Ela olhou reflexivamente para as janelas, mas a

carruagem se foi há muito tempo. Nathaniel estava preocupado com ela? Que parecia impossível. Ele certamente não tinha mostrado nenhum sinal disso. Ele tinha?

"Ah, Sr. Hob!" Ashcroft chamou um mordomo que passava. - Vejo que você trouxe as coisas da senhorita Scrivener para o andar de cima.

Você a mostraria para o quarto dela? Ele voltou-se para Elisabeth.

Scrivener, temo que meus deveres acenem. No entanto, eu gostaria de discutir o incidente de Summershall com você amanhã. Se houver alguma informação que você possa me dar, qualquer coisa que você ache que possa ter causado o sabotador a atacá-lo ontem à noite, seria de grande ajuda para nossa investigação.

Ela assentiu, depois hesitou quando o mordomo a levou em direção à escada. Ela tinha informações para lhe dar; ela era a única pessoa que sabia que a sabotagem fora realizada por um feiticeiro. Por que não contar a ele agora, em vez de esperar até amanhã? Levaria apenas um momento. Ela parou no último degrau, sentindo-se ofuscada pela extensão de mármore branco e corrimões dourados. "Senhor?"

Ashcroft virou-se, seu olho de rubi capturando a luz dos candelabros.

Ele não parecia irritado, apenas educadamente questionando, mas a convicção dela vacilou. Talvez agora não fosse a hora certa, afinal -

não com o mordomo e todos os outros criados ouvindo.

"Onde está seu servo demoníaco?" ela perguntou em seu lugar.

Ashcroft pareceu levemente surpreso. “Eu a mantenho fora de vista durante o dia, já que os demônios incomodam minha esposa, Victoria.

É o melhor. Lorelei sempre me serviu fielmente, mas nunca se deve

familiarizar-se com as criaturas. É melhor não esquecer que eles só nos obedecem porque estão vinculados. Feiticeiros pagaram caro por esse erro.

"Como o pai de Nathaniel", disse ela timidamente.

Ah. . . bem." O rosto dele ficou nublado. Não conheço a história completa. Só que havia certeza. . . ” Ele balançou sua cabeça. Alistair era um bom homem. Ele não era ele mesmo no final. Eu não gostaria de falar mal dos mortos.

Elisabeth virou as palavras dele em sua cabeça enquanto seguia o mordomo escada acima. O que Ashcroft quis dizer antes de parar?

Ela não podia começar a entender o vínculo entre Nathaniel e Silas -

como era possível Nathaniel ser tão amigável com ele, não apenas sabendo o que ele era, mas depois do que ele havia feito. E, no entanto, Silas parecia nunca ter machucado o

jovem mestre Thorn. Por que Silas não se aproveitou da oportunidade de machucá-lo quando ele tinha apenas doze anos, vulnerável e com medo?

Ela franziu a testa, afastando os pensamentos. Ela não deveria perder tempo pensando em Nathaniel. Não era da conta dela se ele quisesse arriscar sua vida confiando em um demônio.

- Seu quarto, senhorita - disse o mordomo, parando do lado de fora de uma porta. Sua voz estava enlameada, como se ele tivesse dificuldade em falar. Ela olhou para ele surpresa e sentiu uma pontada de desconforto. Ele era um homem enorme, solidamente construído e consideravelmente mais alto que Elisabeth, o que o tornava a pessoa mais alta que ela já tinha visto. Seu traje se encaixava estranhamente, e seu olhar estava curiosamente desfocado em um rosto ceroso.

Um criado de rosto rosado veio correndo, parecendo perturbado. Fios desgrenhados de cabelos castanhos cobertos de mechas se soltavam do coque. “Oh, que bom, você é a Srta. Scrivener, não é?

Venha, venha - eu sou Hannah, querida, e vou cuidar de você enquanto você é um hóspede aqui na mansão. Obrigado, Sr. Hob.

O Sr. Hob assentiu e caiu.

- Não se preocupe com o velho Sr. Hob - Hannah sussurrou, notando o olhar de Elisabeth. “Ele teve um ataque há alguns anos que o roubou a maior parte de seu discurso, mas o mestre Ashcroft ainda o contratou quando ninguém mais o faria. É uma coisa muito decente, e o Sr. Hob é tão inofensivo quanto uma mosca, embora às vezes dê medo às pessoas se elas não estiverem acostumadas a ele.

A vergonha corou as bochechas de Elisabeth. Ela resolveu não encarar o mordomo novamente, ou ter medo dele. Obediente, ela seguiu Hannah para dentro da sala.

No começo, ela não conseguia conceber que este era um quarto. Ela sentiu como se tivesse entrado em uma escultura de gelo. Tudo fora pintado, estofado ou bordado em delicados tons de prata e branco. Um lustre pendia do teto, refletido no espelho de maquilhagem. Os móveis foram esculpidos com floreios e arabescos elaborados que lembraram Elisabeth dos padrões que a geada se formava nas vidraças durante os meses mais frios de Austermeer; os botões eram feitos de cristal sólido. Surpreendentemente, um vestido de safira foi colocado sobre a cama, esperando por ela. Em meio a todas as cores invernais, seu azul profundo e brilhante se destacava como uma gema contra a neve.

"Deve haver um erro", disse ela. Com cuidado, maravilhosamente, ela tocou na penteadeira, esperando que ela desaparecesse como uma ilusão em um castelo encantado. Em seguida, olhou para o vestido, sentindo que também poderia desaparecer se olhasse diretamente para ele. “Esse vestido não me pertence.

Eu nunca usei roupas tão boas.

"Absurdo. Mestre Ashcroft é uma companhia divertida hoje à noite, e você deverá parecer apresentável. Apenas seja grato por termos encontrado algo próximo do seu tamanho, senhorita.

Houve um barulho esta manhã, um barulho tão terrível. Felizmente, a sobrinha de Lady Victoria está viajando para o exterior e também é uma jovem muito alta. Conseguimos emprestar algumas peças de seu guarda-roupa e fazer ajustes em cima da hora. ”

A atenção de Elisabeth captou uma única palavra. "Companhia?" ela perguntou. “Você não pode esperar que um homem tão bom passe todas as noites à vontade. Vários membros do parlamento e suas esposas vão se juntar a ele para jantar.

O pulso dela acelerou. "Eles são feiticeiros?"

Hannah lançou-lhe um olhar estranho. "Não querido. Os convidados do mestre Ashcroft são do *Parlamento,* **não o Magisterium - e uma coisa boa também. Não tenho nervos para todos esses demônios.**

Sei que são necessárias, mas são criaturas não naturais. Ela estremeceu e não percebeu o jeito que Elisabeth relaxou. “Agora, vamos tirar esse vestido velho de você. ..... Basta olhar para aquele arranhão no seu ombro, pobre menina. ..... ”

Uma eternidade depois, Elisabeth fora preparada dentro de uma polegada de sua vida. Sua pele estava macia devido à fricção de Hannah, e o longo banho quente na banheira com pés de garra deixara as pontas dos dedos tão enrugadas quanto damascos secos. Seu couro cabeludo alternadamente doía e latejava pela tortura que Hannah infligira a ele com um pente. Ela cheirava fracamente, e de maneira inquietante, a gardênias.

Pilhas de seda safira farfalharam ao redor de seu corpo quando Hannah prendeu o vestido no lugar. Era bonito, mas tinha muito tecido extra; Elisabeth sentiu como se estivesse nadando em seu próprio mar em miniatura. Então Hannah começou a amarrar o espartilho nas costas, e a respiração de Elisabeth engatou.

"Eu não consigo respirar", disse ela, arranhando o peito.

Hannah pegou firmemente as mãos e as colocou de lado. "É a moda, senhorita." Elisabeth ficou profundamente alarmada com a ideia de que não respirar estava na moda. "E se eu tiver que correr", disse ela,

"ou lutar contra alguma coisa?"

"Na casa do mestre?" Hannah parecia chocada. “Sei que você teve algumas experiências terríveis ultimamente, querida, mas é melhor manter esses pensamentos em segredo. Esse tipo de conversa é bastante irregular para uma jovem. Por que, apenas olhe para você.

Ela virou Elisabeth para encarar o espelho. Elisabeth olhou para a garota refletida lá, mal se reconhecendo. Seus cabelos caíam sobre os ombros em ondas suaves e brilhantes, e ela estava mais limpa do que jamais esteve antes em sua vida. Seus olhos azuis contrastavam

vividamente contra suas bochechas rosadas e esfregadas. Embora nunca tivesse possuído muitas curvas, o vestido de safira fazia sua figura parecer orgulhosa e escultural. *Assim como o diretor,* **ela pensou, com um aperto na garganta. Até a cor do vestido a lembrava de um uniforme de diretor. Ela não entendeu por que era irregular falar sobre brigas - não quando ela estava do jeito que estava.**

"Que adorável", Hannah suspirou. "O azul mostra seus olhos, não é?"

Elisabeth alisou as mãos, maravilhada, sobre o tecido sedoso do vestido.

- Acho que é hora de trazê-lo para jantar. Não se preocupe, eu vou te levar até lá. É muito fácil se perder nesta casa - oh, querida, não tropece! Apenas levante um pouco o vestido, se for necessário. ..... ”

Crepúsculo agora pintava o terreno em tons de índigo e violeta, mas por dentro a mansão continuava tão brilhante quanto o dia. O perfume flutuava pelos corredores, misturando-se com a fragrância dos lírios dispostos em vasos em todas as mesas. Quando Hannah conduziu Elisabeth para a sala de jantar, seu brilho fez manchas florescerem em sua visão. A luz brilhava de tudo: os utensílios de prata, as jóias tremendo como gotas de chuva gigantescas nos ouvidos das mulheres, os aros das taças de champanhe enquanto os convidados se viravam para ver quem havia acabado de entrar.

Ashcroft estava conversando profundamente do outro lado da sala, mas uma mulher bonita e de aparência frágil correu para Elisabeth e se apresentou como a esposa de Ashcroft, Victoria. Seus cachos ruivos estavam empilhados no topo de sua cabeça em um movimento complexo, e ela tinha o hábito de tocar conscientemente o colar de pérolas em volta do pescoço, como se quisesse se assegurar de que ainda estava lá. Com sua luz, nervoso

movimentos e um vestido prateado brilhante, ela lembrou a Elisabeth a pomba que estava aninhada nas pedras do lado de fora dela e do quarto de Katrien uma primavera, balançando ansiosamente sempre que um deles enfiava a cabeça do lado de fora.

- Receio que Oberon não consiga fugir de Lord e Lady Ingram - disse ela, sorrindo calorosamente. “Por que não te levo por aí e apresento algumas pessoas antes de nos sentarmos? Todo mundo está tão animado em dar uma olhada em você. Eles leram tudo sobre você nos jornais.

Elisabeth passou os minutos seguintes desfilando pela sala, aprendendo os nomes de várias pessoas importantes e tentando fazer uma reverência para elas, com resultados mistos. Eventualmente, ela desistiu e explicou que a reverência não havia sido incluída em suas palestras na Grande Biblioteca, uma declaração que, por algum motivo, foi motivo de risadas. Ela sorriu, percebendo que eles pensavam que ela tinha feito uma piada.

Logo Ashcroft tocou um garfo contra o copo. O silêncio caiu quando ele pisou na cabeceira da mesa, e um criado pressionou uma taça de champanhe na mão de Elisabeth. Ela ouviu com entusiasmo o Chanceler fazer um discurso sobre o progresso, comparando os novos avanços no carvão, na energia a vapor e no gás natural com a feitiçaria.

“Como mágica”, ele disse, “a tecnologia assusta aqueles a quem seu funcionamento interno permanece um mistério, mas, para o progresso, a humanidade deve abraçar a mudança de braços abertos. Sempre acreditei que os feiticeiros só se atrapalham vivendo separados dos plebeus e conduzindo nossos negócios em segredo. Considero meu objetivo como Chanceler trazer feitiçaria das trevas e para a luz.

Suspiros soaram quando um brilho dourado encheu a sala, muito mais brilhante que as velas. Os sprays de lírios dispostos sobre as mesas começaram a brilhar, cada estame delicado brilhando

incandescentemente, banhando os rostos dos convidados sob uma luz cintilante e etérea.

Ashcroft falou sobre os aplausos. "Para progredir", disse ele, erguendo o copo. Elisabeth copiou os outros convidados e tomou um gole tentativo do champanhe. Tinha um gosto mais azedo do que ela esperava, mas suas bolhas passavam por sua garganta e queimavam brasas em seu estômago. Ela sorriu e bateu palmas, varrida por uma maré brilhante de felicidade que durou durante o jantar. Os criados chegaram com bandejas de sopa verde perfumada e peixe branco flutuando em um molho de ervas, seguidas por pratos de faisão vidrado e carne de veado em canteiros de aspargos. Ela nunca tinha comido nada tão

sublime. Ela terminou seus segundos e estava trabalhando em alguns terços

- "Eu suponho que você *estão* muito alto, querida - disse Lady Ingram, caridosa - quando alguém mencionou o nome de Nathaniel perto da cabeceira da mesa. Elisabeth parou de mastigar para ouvir.

"Ele deve considerar o casamento prontamente, é claro, pelo bem de Austermeer", um dos políticos estava enfatizando estrondosamente, arrastado pela bebida. “Sim, sim, ele tem apenas dezoito anos - mas Sua Majestade, a Rainha, está ficando apreensiva. E se tivéssemos outra guerra e nenhum Espinho para causar medo no coração de nossos inimigos? Ele bateu com o punho na mesa, fazendo os talheres estremecerem.

"Lorde Kicklighter, dificilmente estamos em perigo de guerra", alguém colocou. O bigode de Lorde Kicklighter estremeceu indignado. “Uma nação está sempre em perigo de guerra! Se não agora, daqui a cinquenta anos! E se Magister Thorn falha em produzir um herdeiro, o que então? Não temos população para se defender contra a Founderland. ”

Elisabeth franziu a testa e virou-se para Lady Ingram. "Aquele homem está falando de Nathaniel como se ele fosse gado."

Lady Ingram fungou. "Homens como Magister Thorn têm a responsabilidade de se casar, especialmente agora que ele não tem parentes sobreviventes", respondeu ela. “O grimório de necromancia de Baltasar Thorn será aberto apenas para aqueles de sua linhagem, o que significa que Nathaniel é atualmente o único feiticeiro que pode lê-

lo. Seu completo desinteresse no namoro colocou todos no governo no limite. ”

"Desagradável, na minha opinião", outro homem estava murmurando.

"Recorrer a hordas de mortos-vivos no lugar de bons homens austeros

..."

"- mas é um *último* **você entende, e manteve a paz desde a Guerra dos Ossos ...**

- Mas e o que aconteceu com o pobre Alistair? Certamente, seu destino é um sinal de que a necromancia é uma relíquia da Idade Média, não uma arma para a era moderna. ” Uma onda de murmúrios

escandalizados seguiu esse pronunciamento.

"Tal tragédia, a perda do irmão mais novo", uma mulher suspirou do outro lado da mesa. “Nós nem sabemos se Magister Thorn possui um *interesse* **em senhoras. Ele nunca dançou com uma garota no Royal Ball. Se apenas**

Maximilian ainda estava vivo, haveria menos barulho por continuar usando o nome de família.

Elisabeth rangeu os dentes. "Mas-"

Outra mulher, Lady Childress, estava observando Elisabeth há algum tempo. "Você o chama pelo primeiro nome, querida", ela interrompeu.

"Isso é bastante familiar." Ao mesmo tempo, todas as cabeças se viraram na direção de Elisabeth.

Ela nunca se sentiu constrangida com sua altura antes, mas agora desejava ser mais baixa, para não ver todos os convidados sentados de cima a baixo da mesa. Ela não sabia o que deveria dizer.

Ela não sabia que havia uma regra contra se referir à idade de uma pessoa pelo primeiro nome. Na verdade, ela pensou que Nathaniel a chamava de "Scrivener" porque ele não gostava dela. Ela teve a percepção de que, se ela transmitisse alguma dessas realizações em voz alta, todos pensariam que ela era uma idiota.

- Ele tem interesse em jovens, senhorita Scrivener? Lady Childress solicitou.

"Eu não sei", respondeu Elisabeth, irritada. “Ele não me contou.

Suponho que isso significa que não é da minha conta.

A chegada das sobremesas permitiu que todos fingissem que não tinham ouvido o comentário de Elisabeth. Ela franziu a testa ao aceitar um prato cheio de bolinhos de ameixa. O ar cínico de Nathaniel estava começando a fazer mais sentido. Ela não gostava de imaginar como seria ter os detalhes privados da vida sob constante escrutínio, sabendo que todas as facetas de sua existência eram fofocadas em jantares em Austermeer.

Ela ficou agradecida quando Ashcroft dirigiu a conversa para uma discussão sobre o poder

do vapor, que ela não entendeu, mas achou profundamente fascinante. Quando seu bom humor voltou, ela limpou um creme e um par de bolinhos de ameixa. Antes que ela percebesse, todo mundo estava saindo, cambaleando um pouco e cheirando fortemente a bebidas enquanto os criados os ajudavam a voltar para seus casacos. Elisabeth tinha tomado duas taças de champanhe e a mansão exibia um brilho cintilante, como se o enfeites tivessem sido pendurados nas janelas e nos lustres.

Ela seguiu os convidados até o vestíbulo, mas ninguém prestou mais atenção nela. Ashcroft ficou do lado de fora, tentando extrair seus dígitos do entusiasta aperto de mão de lorde Kicklighter, e Victoria estava profundamente conversando com

Lady Childress. Hannah deveria vir buscá-la, mas o criado não estava à vista. Um relógio próximo indicava que eram quase uma e meia da manhã. Depois de alguns minutos de espera, Elisabeth teve um vislumbre do fino chapéu de Hannah balançando no corredor. Ela correu atrás, certa de que se perderia na mansão se deixada por conta própria.

Hannah teve um avanço considerável e Elisabeth logo descobriu que não podia correr no chão liso enquanto usava chinelos de cetim. Depois de algumas voltas, ela perdeu de vista a pedreira e se viu presa em um corredor desconhecido. A grandeza da mansão envolveu-a em um mundo cintilante de mármore, ouro e espelho. Com o champanhe brilhando dentro de seu estômago como uma estrela recém-nascida, ela sentiu como se tivesse vagado em um sonho.

Fez uma pausa para examinar uma arandela de filigrana pingando cera de vela e depois passar os dedos pelas feições de um busto de mármore. O sujeito da estátua era jovem e bonito, e ela se viu imaginando o que Nathaniel estava fazendo naquele exato momento.

Ele estava sozinho em seu triste mausoléu de uma casa, incapaz de dormir, com apenas um demônio como companhia? Talvez ela o visse novamente um dia, quando era diretora. Mas se ela o fizesse, eles não seriam capazes de falar sobre o tempo em que lutaram contra os demônios ou observaram o espírito do musgo no Blackwald. Eles trocariam um punhado de palavras superficiais enquanto ela o escoltava para uma sala de leitura, nada melhor que estranhos.

Uma música tocou seus ouvidos e ela pegou a mão do busto. Em algum lugar próximo, alguém começou a cantar. O som saiu pelos corredores como um fio prateado, dolorosamente bonito, sua melodia sem palavras e estranha. Alojou um gancho no coração de Elisabeth, de alguma forma parecendo expressar com precisão a emoção de um desejo inarticulado que a encheu. Incapaz de resistir à atração, partiu em busca da fonte, passando por salões, salão de baile, um jardim de inverno repleto de palmeiras e orquídeas.

Finalmente, ela entrou em uma sala de música. Uma mulher elegante estava ao lado de um piano, com o rosto sombreado, girando um lírio



entre os dedos delgados e com luvas de renda. Elisabeth não a tinha visto no jantar. Ela teria lembrado. A mulher tinha uma queda de cabelo preto brilhante que chegava à cintura e estava vestida com um vestido preto requintado, contra o qual sua pele pálida e perfeita parecia branca como cera de vela. Ela parou de cantar quando Elisabeth entrou; seus dedos pararam e o lírio caiu no tapete, esquecido.

"Olá, querida", disse ela em uma voz musical, entrando na luz. "Eu me perguntei quanto tempo você levaria para me encontrar."

A resposta de Elisabeth morreu em seus lábios quando a boca escarlate e sorridente da mulher deu lugar a olhos escarlates e sem sorrir.

Ela não era mulher. Ela era um demônio.

TREZE

"H OW CHARMING você olha. O demônio avançou e colocou os pulsos sobre os ombros de Elisabeth, seus olhos brilhando vermelho à luz de velas. Sua beleza desumana era ao mesmo tempo atraente e pouco convidativa, como uma escultura feita de gelo. “Então, novamente”, ela continuou, “não é difícil para os mortais parecerem encantadores. Vocês são todos tão delicados, tão delicadamente macios e frágeis, como gatinhos.

Você não vem comigo?

Uma sensação familiar de calma tonta desceu sobre Elisabeth. Seus olhos caíram, subitamente pesados, e ela caiu nos braços frios do demônio. Mas embora ela não tivesse mais controle sobre seu corpo, seus pensamentos permaneceram claros. O desejo de ceder e confiar não a dominava como antes.

Por alguma razão, a influência do demônio não estava funcionando como deveria.

O que Silas disse? Ela resistiu a ele. Talvez ela estivesse resistindo agora. O demônio não pareceu notar nada de errado. Ela sorriu e afastou uma mecha de cabelo da bochecha de Elisabeth, como se ela fosse uma boneca. Então ela pegou a mão de Elisabeth na dela, gelada como a morte sob o laço áspero da luva. “Que garota doce você é”, ela disse, e a levou para fora da sala de música, de volta ao corredor.

Elisabeth teve vislumbres de si mesma nos espelhos por onde passavam: ondas de seda safira e ondas castanhas, seu próprio rosto tão vazio quanto um manequim enquanto caminhava ao lado do demônio. Seu pânico estava abafado e distante, um intruso batendo na porta em algum recesso oculto de sua mente.

Estranhamente, ela estava agradecida por isso, porque a falta de medo lhe permitia pensar. Ela imaginou que este era o criado de Ashcroft,

Lorelei. A cor de seus olhos era idêntica à vermelha incomparável do chanceler. Mas o que ela queria? Para onde eles estavam indo?

Eles viajaram mais fundo na mansão, de mãos dadas. Lorelei levou-a a um salão, onde Hannah estava polindo a prata com uma expressão sonhadora.

cantarolando para si mesma - trechos da mesma música que Lorelei estava cantando momentos atrás, um pouco desafinada. Ela nem olhou na direção deles.

Várias voltas depois, chegaram a uma porta de carvalho polido. A luz do fogo tremeluzia no parquet embaixo. Lorelei entrou sem bater, revelando o mesmo estudo que Ashcroft havia saído mais cedo naquele dia, quando ele apareceu do nada na frente de todos.

Um fogo estalou na lareira de um lado da sala. Por outro lado, uma grande janela arqueada dava para um oceano negro de árvores, além do qual estavam as luzes brilhantes da cidade. Ashcroft estava sentado em uma mesa em frente à porta. Não apenas sentado, mas olhando para um grimório, as mãos apoiadas em ambos os lados, segurando as bordas da mesa. Seu olhar estava desfocado e seus braços tremiam de tensão. Uma pressão sinistra encheu o ar. O grimório flutuava sobre a mesa, suas páginas flutuando sem peso, como se estivesse suspenso na água. Os outros grimórios nas prateleiras ao longo das paredes sussurravam e sussurravam inquietos.

Lorelei colocou Elisabeth em um divã. Assim que tocou nas almofadas, ficou desossada. Uma das pernas dela deslizou para pendurar em um ângulo estranho, mas ela não tinha poder para movê-la. Ela se sentia como um fantoche cujas cordas haviam sido cortadas.

"Mestre", disse Lorelei.

Ashcroft respirou fundo, emergindo de seu transe. Ele olhou na direção deles sem compreender, com a testa franzida. Então ele piscou, voltando para si mesmo. Ele desabotoou a capa e a varreu sobre o

grimório, escondendo-a de vista. Os ouvidos de Elisabeth estalaram quando a pressão na sala voltou ao normal.

"O que é isso? Aconteceu alguma coisa com a senhorita Scrivener? Ele atravessou a sala em alguns passos rápidos e pegou o pulso de Elisabeth, pressionando o polegar no pulso dela. Então ele franziu o cenho para Lorelei, perplexo. “Você a glamourou. Minhas ordens . . . ”

“Não a machucamos. Pensei que deveríamos conversar, mestre. "Não fique chateado", disse Ashcroft.

"Tudo funcionou perfeitamente". "Você poderia ter me dito o que estava planejando!" Sua voz baixou para um assobio. “Você convidou todos aqueles humanos para vir assistir! Esses repórteres!

“Minha querida, você sabe como eu prefiro conduzir meus negócios.

Quanto mais publicamente abordar meus negócios, menos espaço há para especulações. ”

Lorelei andou até a janela e fechou as cortinas. “Não são apenas os repórteres. Você envolveu aquele feiticeiro, Thorn. Eu não gosto disso O servo dele tem uma reputação.

"Não todos nós?"

Você não entende. Eu cresci ouvindo histórias sobre Silas no Outro Mundo. Você pode imaginar o que é preciso para um ser se tornar notório em *nosso* reino?" Ela colocou os braços em volta de si mesma e alisou as mãos sobre a pele nua. Ela ficou olhando as cortinas, como se ainda pudesse ver a noite, do outro lado da cidade. "Você não deve cortejar a atenção de alguém como ele."

“Ele pode ser assustador, mas não é onisciente. Eu me certifiquei de que nossos ajudantes permanecessem fora da vista.

Lorelei não respondeu. Ashcroft foi até o gabinete do escritório e serviu-se de uma bebida de uma jarra de cristal. Ele se sentou em uma

poltrona em frente a Elisabeth e girou seu copo pensativamente. Ele estudou o rosto dela por um momento, depois tomou um gole.

Elisabeth sabia que não deveria estar ouvindo nada disso, deitada de olhos vidrados e complacente no divã. Eles falavam como se ela nem estivesse na sala. E algo, ela estava começando a perceber, estava terrivelmente errado.

Ashcroft recostou-se e cruzou um tornozelo sobre o joelho oposto, com o copo solto na mão.

"Nathaniel melhor do que alguém do Magisterium", ele continuou finalmente. “Se a garota viu algo que não deveria, você não imagina que um feiticeiro diferente possa ter escrito as evidências dela muito antes de chegar a Brassbridge? Mas Nathaniel - eu sabia que ele não a machucaria. Devo dizer que fiquei bastante aliviado quando ele avançou com uma solução para esse desafio em particular. ” Ele tomou um gole. “Caso contrário, eu teria que recorrer a medidas mais drásticas. E você sabe o quanto eu odeio sujar as mãos.

A mente de Elisabeth girou doentia. Seus instintos gritavam para ela correr, lutar, mas ela não podia mais que apertar o dedo mindinho.

- Você deveria ter enviado mais demônios, mestre. Você deveria ter terminado isso em vez de desenhá-lo. Agora você não pode mais matá-

la. Há muitos humanos envolvidos.

“A intenção”, disse Ashcroft, “nunca era matá-la. Eu apenas exigi uma desculpa para trazê-la aqui. Nós apenas começamos, Lorelei. Qualquer que seja o erro ocorrido em Summershall, não posso me dar ao luxo de cometê-lo novamente. Não deve haver mais testemunhas sobreviventes.

"Então, o que devemos fazer com *dela?* Lorelei cuspiu. “Quem pode dizer que ela é testemunha? Ela pode não ter visto nada. "Mesmo que isso seja verdade, ela provará ser

um passivo."

Ashcroft levantou-se. “Eu sei como lidar com ela. Deite-a no chão, por favor, Lorelei. Como se ela tivesse caído. Faça parecer convincente.

Então nos deixe e busque Hannah.

As mãos frias do demônio se curvaram sob as axilas de Elisabeth.

"Você é irritante, mestre", ela murmurou.

"Ah, mas é exatamente por isso que minha vida tem um gosto tão excepcional para você, demônios." Ele ergueu o copo de cristal, refletindo prismas no rosto bonito e piscou. "Quanto mais ousado e brilhante o espírito, melhor a safra."

A bochecha de Elisabeth pressionou contra o tapete de lã. Agora ela só conseguia ver uma extensão de fibras estampadas inundadas pelo brilho avermelhado da lareira. Pensamentos circulavam em sua cabeça como abutres, sombrios e inevitáveis, enquanto Lorelei arrumava seus membros desossados: Ashcroft era o sabotador. Ele matou o diretor.

Ele enviou os demônios. Ele foi responsável por tudo. Nada parecia real

- nem a aspereza do tapete contra sua bochecha, nem o calor da lareira encharcando seu vestido. Um calafrio se instalou profundamente dentro dela. No início daquele dia, ela chegou segundos depois de selar seu próprio destino, dizendo a Ashcroft o que sabia.

Os passos de Lorelei recuaram. Um momento depois, um toque gentil pousou no ombro de Elisabeth. Ela se encolheu - uma verdadeira vacilada, uma reação física. O glamour estava passando.

Scrivener? Ashcroft perguntou suavemente. Scrivener, pode me ouvir?

Ela não queria nada mais do que voar de pé, se defender, gritar alto o suficiente para despertar toda a mansão, mas sua única esperança de sobrevivência era seguir adiante. Ela se ergueu nos cotovelos, os cabelos pendurados em uma cortina em volta do rosto. A azeda queima de champanhe subiu por sua garganta e seu estômago revirou.

Você se lembra de alguma coisa? Você está machucado? Permita-me ajudá-lo. "Eu não . . . ” Elisabeth balançou a cabeça, mantendo o rosto abatido enquanto Ashcroft a ajudava de pé. Ela tropeçou em uma ruga no tapete.

“Cuidado agora. Você levou bastante o outono. Hannah ”- a porta se abriu

- - Você poderia devolver a Srta. Scrivener ao quarto dela? Ela parece ter sofrido um acidente.

"Senhorita Scrivener!" Hannah exclamou.

Seguiu-se uma onda de conversas, a maioria das quais Elisabeth não ouviu, com a cabeça

latejando de horror. Ashcroft nunca pretendeu que os demônios a matassem. Ele esperava que ela e Nathaniel os combatessem e que o evento chegasse aos jornais. Ele havia planejado tudo para ter uma desculpa para interromper o interrogatório do Magisterium e trazer Elisabeth aqui, à sua mansão, como sua convidada.

Como prisioneiro.

“Sim”, estava dizendo Ashcroft, “ela entrou no escritório e simplesmente desabou - não tenho ideia do que estava fazendo vagando pela mansão. ..... ”

“Oh, senhor, sinto muito! Receio que isso seja minha culpa! Eu a procurei em todos os lugares ...

"Por favor, não se culpe", disse Ashcroft gentilmente. “Vou ligar para um médico logo de manhã.

Tenha certeza de que a Srta. Scrivener receberá apenas os melhores cuidados.

• • •

No dia seguinte, Elisabeth ficou olhando a moldura de prata na parede do quarto enquanto o estetoscópio do médico pressionava contra seu peito. Ela passou os últimos vinte minutos inspirando e expirando de acordo com as instruções dele, permitindo que ele espiasse em sua boca, olhos e ouvidos, e sentando-se imóvel enquanto ele examinava seu pescoço e axilas, murmurando indistintamente sobre as glândulas.

Enquanto esperava, ela se agarrou severamente à esperança. Ashcroft não sabia que tinha ouvido tudo na noite passada. Tudo o que ela precisava era de um momento a sós com o médico, e ela poderia explicar a situação e obter ajuda. Mas Hannah, que a havia irritado a manhã inteira, se recusou a sair do lado dela. Ela sentou no branco de pelúcia

assento de amor ao lado da cama, torcendo as mãos. O Sr. Hob estava perto da porta, esperando para mostrar o médico lá embaixo.

Elisabeth não podia confiar em ninguém, exceto no médico. Se Hannah era alguma indicação, os empregados estimavam seu empregador em alta estima. Na melhor das hipóteses, ela não acreditaria em Elisabeth;

na pior das hipóteses, ela iria diretamente para Ashcroft. E se o fizesse, Elisabeth estaria condenada.

"Hmmm", disse o médico ao remover a trombeta de marfim do estetoscópio. Ele anotou algo em seu caderno, franzindo a testa.

Ela não ficaria surpresa se seu batimento cardíaco soasse anormal. Ela mal conseguia ficar quieta e não tinha dormido. O reflexo no espelho da vaidade mostrava que ela estava pálida como um fantasma, com círculos escuros sob os olhos.

"E você diz que cresceu em uma biblioteca", continuou o médico.

"Interessante. Você lê muitos livros, Srta. Scrivener? Romances?

"Sim, claro. Tantos quanto eu puder. Todo mundo não?

“Hummm. Assim como eu pensava. Ele rabiscou outra nota. “Um excesso de leitura de romance, combinado com a emoção dos últimos dias. . . ”

Ela não conseguiu ver como isso era relevante. "Posso falar com você sozinho?" ela perguntou.

"Claro, Srta. Scrivener", ele respondeu, em um tom suave e indulgente que a provocou. Mas pelo menos ele dispensou Hannah e o Sr. Hob da sala. "Sobre o que você gostaria de falar comigo?"

Elisabeth respirou fundo, esperando até a porta se fechar. Então, ela começou uma explicação imediatamente, percorrendo os detalhes da combustão etérea em Summershall, a tentativa de sua vida na noite anterior e o que testemunhara no escritório de Ashcroft. Ela falou em um tom forte, ciente de que Hannah poderia tentar espionar do outro lado da porta.

“Então você vê”, ela concluiu, “você deve notificar alguém de uma só vez - alguém que não esteja envolvido com o Magisterium, caso algum dos outros feiticeiros seja leal ao chanceler.

Qualquer um no Collegium faria, ou até a rainha.

O médico anotou obedientemente o tempo todo. "Entendo", disse ele, acrescentando um floreio final. - Há quanto tempo você acredita que o chanceler seja responsável?

"Eu não *acreditam* **ele é responsável. Eu sei que ele é. Elisabeth sentou-se ereta. "O que você está escrevendo?" Entre as anotações rabiscadas do médico, ela havia distinguido a palavra "ilusões".**

Ele fechou o caderno. “Eu sei que tudo isso deve ser muito assustador para você, mas tente não se agitar. Excitação só vai piorar a inflamação. ”

Ela olhou. "O quê?"

"A inflamação do seu cérebro, Srta. Scrivener", ele explicou pacientemente. "É bastante comum entre mulheres que leem romances." Antes que Elisabeth pudesse pensar em uma resposta a esse comentário desconcertante, ele chamou Hannah de volta ao quarto, que parecia comprimido com preocupação. "Por favor, diga ao chanceler que eu prescrevo um período estrito de repouso para a paciente", disse ele. “Está claro que este é um caso clássico de histeria. Scrivener deve se esforçar o mínimo possível. Depois que o inchaço em seu cérebro diminuir, sua mente poderá voltar ao normal.

" *Posso* Retorna?" Hannah ofegou.

“Lamento dizer que, às vezes, esses casos são crônicos e até incuráveis.

Eu entendo que ela é uma fundadora, ficando aqui como uma ala do Chanceler Ashcroft? Permita-me escrever uma recomendação para o Leadgate Hospital. Conheço bem o médico principal. Se a Srta.

Scrivener não conseguir se recuperar, o Chanceler precisará enviar apenas uma carta ...

O sangue de Elisabeth batia quente de raiva. Ela escutou por tempo suficiente. Esse médico era como o diretor Finch, assim como Ashcroft:

um homem que achava que poderia fazer o que quisesse porque estava em uma posição de poder maior. Mas ele estava errado.

Quando ele se levantou, ela agarrou seu braço com força suficiente para detê-lo. Ele tentou em vão se afastar, depois a olhou boquiaberto como se a visse pela primeira vez, a boca abrindo e fechando como um peixe assustado. Ela o puxou para perto. Sem igual à força dela, ele perdeu o equilíbrio e quase caiu de cara na cama.

"Ouça-me", disse ela, em um murmúrio baixo e feroz demais para Hannah ouvir. “Eu não cresci em uma biblioteca comum. Eu cresci em uma grande biblioteca. Você pode zombar dos livros, mas nunca viu um livro real em toda a sua vida e deve se considerar sortudo, porque não sobreviveria a um momento sozinho com

1." Ela apertou os dedos até ele ofegar. “Você deve ir ao Collegium imediatamente. O chanceler disse que está apenas começando. O que quer que ele esteja planejando, mais pessoas morrerão. Voce entende?

Você deve . . . você deve . . . ”

O médico empalideceu. Scrivener? ele solicitou.

Elisabeth o soltou e apontou para o espelho. Ou melhor, no reflexo do Sr. Hob - pois, embora o mordomo estivesse do lado de fora no corredor, o espelho tornava possível vê-lo na esquina, esperando.

Só que ele não era mais um mordomo, nem mesmo um homem.

"Olha", ela sussurrou.

O fato de Hob era a única característica que permanecia inalterada.

Mas agora estava pendurado em uma estrutura magra, caída e desumana. Sua pele tinha um tom doentio de lavanda, e sua pele parecia grotescamente derretida, pedaços de carne pendendo de suas bochechas e queixo como gotas de sebo. Seus ouvidos estavam apontados para as extremidades; suas mãos roxas estavam arranhadas.

O pior de tudo eram seus olhos, anormalmente enormes, redondos e

pálidos, como discos voadores. Eles brilhavam nas sombras do corredor, um par de luas vitrificadas olhando para ela.

Olhando incerta entre Elisabeth e o médico, Hannah abriu a porta o resto do caminho. O Sr.

Hob não reagiu. Ele ficou em silêncio, sem piscar, com seus horríveis olhos brilhantes, enquanto todo mundo o encarava.

"Você vê", Elisabeth sussurrou. “Ele é um demônio. Algum tipo de duende, ou um diabinho.

Houve uma longa pausa. Então, a tensão quebrou. O médico pigarreou e pulou, contornando rapidamente em direção à porta, como se Elisabeth pudesse sair da cama e atacá-lo. Até parece *ela* eram o demônio, não o Sr. Hob.

"Como eu estava dizendo", disse ele a Hannah, "por favor, dê minha recomendação ao Chanceler o mais rápido possível." Ele enfiou um pedaço de papel na mão dela. “Este é obviamente um caso muito sério.

A Leadgate possui instalações de ponta. ..... ”

Ele não parecia nem um pouco angustiado pelo Sr. Hob quando o mordomo o levou para longe da vista. Sua voz retrocedeu pelo corredor, exaltando as virtudes dos banhos de água gelada para os

"mentalmente perturbados".

Elisabeth sentou-se atordoada e tremendo quando a reação dele afundou. Nenhum deles foi capaz de ver a verdadeira forma do Sr.

Hob, exceto ela.

O espelho emoldurou seu reflexo, sozinho. Tremendo sob uma camisola fina, o sangue drenado de seu rosto, Elisabeth teve que admitir que ela parecia cada centímetro da garota que o médico alegou ser. E ela estava presa na Ashcroft Manor mais certamente do que fora presa na masmorra da Grande Biblioteca, à mercê de seu maior inimigo.



QUATORZE

O Nos próximos dias, o chanceler Ashcroft tratou Elisabeth com nada além de preocupação solícita. Ela ficou confinada em seu quarto durante as manhãs e as noites, mas, durante um

breve período de tarde, Hannah a vestiu e a levou ao conservatório para um pouco de ar fresco. Lá, ela descansou sob a supervisão de Hannah em uma poltrona de vime almofadada, com um cobertor sobre as pernas, respirando a doçura úmida e terrosa de plantas e flores. Um tumulto de flores e samambaias rendadas a envolveu, suas pétalas exóticas pingando umidade. Isso teria formado a própria imagem do paraíso, se ela também não estivesse cercada por demônios.

Agora que ela tinha visto a verdadeira forma do Sr. Hob, ela via demônios por toda parte. Eles corriam de um lado para o outro em recados. Eles varreram folhas das lajes, regaram as panelas e podaram as flores. A maioria era menos imponente que o sr. Hob: menor, com a pele escamada em vez de abafada. Alguns tinham dentes afiados e outros longos, orelhas pontudas. Todos eles estavam vestidos incongruentemente com o uniforme dourado de Ashcroft. Os hóspedes costumavam passear pelos caminhos, mas nunca poupavam os demônios um segundo olhar.

Para eles, as criaturas pareciam nada mais que servos comuns. E os demônios também ignoraram os convidados, cumprindo respeitosamente suas tarefas.

Não foram os próprios demônios que assustaram Elisabeth, mas a questão de como Ashcroft conseguiu que tantos o obedecessem. Eles eram claramente demônios menores, não demônios nascidos como Silas e Lorelei. O que ele havia prometido a eles? Que oferta poderia ser tentadora o suficiente para que eles estivessem dispostos a vestir uniformes e servi-lo? As possibilidades eram horríveis demais para se imaginar.

Ela esperou sem fôlego por uma chance de falar com alguém, alguém, de fora da mansão, mas nenhum dos convidados se aventurou perto o suficiente para ela avisá-los. Eles a observaram à distância, como se ela fosse um dos raros espécimes de estufa do chanceler: uma planta carnívora de jarro ou um oleandro venenoso.

Naquela tarde, ela se forçou a não se encolher quando um demônio se aproximou com um par de tesouras e começou a aparar uma palma atrás dela. Sua pele era de um vermelho vivo e os olhos eram de um tom escuro de ponta a ponta. Hannah cantarolava distraidamente, passando uma agulha pelo aro de bordado. A música era suave e estranha - outra das melodias de Lorelei.

Sussurros chamaram a atenção de Elisabeth. Um grupo de garotas da sua idade espreitava em torno de uma fonte coberta de salpicos, vestida de seda e renda. Só conseguia imaginar como era para eles, sentada imóvel, lançando olhares tensos para um criado.

“Que pena”, disse um deles. "Foi tão gentil da chanceler Ashcroft aceitá-la. Ouvi dizer que ela está muito brava."

"Não!" exclamou outro, segurando o guarda-sol.

"Ai sim. Aparentemente, ela atacou um médico. Ela quase o derrubou no chão, de acordo com o pai. Seu estado de perturbação resulta em força bestial.

Não estou surpresa. Ela é enorme! Você já viu uma garota tão alta? O

primeiro disse maliciosamente:

"Eu poderia ter uma vez, em uma feira de viagens".

“Ouvi falar de Lady Ingram”, disse outro, “que ela se comportou estranhamente no jantar na outra noite. Ela falou pouco e, quando falou, foi rude e parecia nunca ter aprendido nenhuma maneira. Os sinais de alerta estavam lá desde o início, disse Lady Ingram.

A raiva ferveu dentro de Elisabeth, ameaçando transbordar. Ela não odiava com facilidade, mas descobriu naquele momento que odiava Lady Ingram, odiava essas garotas

- como eles poderiam ser tão cruéis e falar de maneiras no mesmo fôlego? Uma garota ofegou. "Você vê

como ela está olhando para nós?" "Rapidamente, corra—"

A fúria de Elisabeth se esvaiu quando eles fugiram de vista, as fitas dos vestidos flutuando entre as folhas das palmeiras. Ela acabara de perceber que isso era outro elemento do plano de Ashcroft.

Horrivelmente, fazia muito sentido. Quanto mais ele a exibia em público, mais seus convidados podiam fofocar sobre ela, ficando cada vez mais convencido de sua loucura. Enquanto isso, eles viram por si mesmos que ele não estava poupando despesas para mantenha-a confortável e bem. Assim como ele colocou uma ilusão em seus servos, ele criou uma grande decepção ao seu redor, tudo sem gastar uma única gota de magia. Mesmo que Elisabeth conseguisse falar com alguém, eles apenas veriam suas tentativas de procurar ajuda como mais uma evidência de seu desarranjo.

Ela não viu como escapar da armadilha que ele havia construído para ela. Fugir não era uma opção. Se ela tentasse correr, ele saberia que ela suspeitava dele, e o jogo chegaria ao fim. Ela perderia qualquer chance que lhe restava de expô-lo, por menor que fosse. Sua única opção era brincar junto.

Em algum lugar fora do jardim de inverno, um relógio tocou a hora.

"Venha, querida", disse Hannah, levantando-se da cadeira. “Está na hora de sua visita diária ao chanceler. Que homem gentil, ter um interesse tão pessoal em sua recuperação. Espero que você aprecie tudo o que ele está fazendo por você.

Elisabeth mordeu a língua enquanto seguia Hannah para fora do conservatório. Se ao menos Hannah conhecesse seu verdadeiro objetivo

de convocá-la para o escritório dele todos os dias. O medo se apoderou dela a cada passo que dava nos salões brilhantes e espelhados da mansão. Quando ela chegou ao escritório, seu interior estava em nós.

Ela se esforçou para controlar sua expressão quando a porta se abriu, revelando Ashcroft limpando as mãos em um pano.

“Boa tarde, Srta. Scrivener. Por que você não entra? Embora ele soasse tão quente como sempre, ela vislumbrou uma faísca de frustração dançando dentro de seus olhos incompatíveis. Era o único sinal de que essas visitas ainda não haviam produzido as informações que ele desejava. "Hannah, você poderia nos trazer chá?"

Ao seu gesto de boas-vindas, Elisabeth entrou e sentou-se rigidamente no sofá. Ela forçou os olhos a não se desviarem para o grimório na mesa de Ashcroft. Ele sempre a cobria com sua capa antes de ela entrar, mas ela sabia que era o mesmo grimório que ele estivera estudando sua primeira noite na mansão. Sua presença deixou um gosto amargo e mofado na parte de trás da língua. A maneira como ele esfregava as mãos sugeria que era igualmente desagradável de tocar.

Ashcroft colocou o pano de lado e sentou-se em frente a ela em sua poltrona favorita. Ele parecia tão genuinamente preocupado que, apesar de tudo, ela quase podia acreditar que uma parte dele se importava com ela. Então a luz do sol atingiu as profundezas de seu olho de rubi, e ela lembrou rapidamente como os cabelos ruivos do diretor haviam derramado no chão.

"Como você está se sentindo hoje?" ele perguntou, com uma gentileza que fez sua pele arrepiar.

"Muito melhor, obrigado." Ela engoliu em seco, reunindo coragem.

"Acho que posso estar pronto para sair agora."

A testa de Ashcroft franziu simpaticamente. - Só mais alguns dias, Srta.

Scrivener. O médico foi mais enfático sobre a importância do repouso na cama. ”

Ela olhou para baixo, tentando não deixar seu terror aparecer.

Felizmente, o médico não incluiu o que ela havia dito em suas anotações. Ashcroft não se incomodaria com essas reuniões se tivesse.

Uma batida anunciava o retorno de Hannah com uma bandeja de chá e bolos gelados. Elisabeth fez uma demonstração de mordiscada neles, mesmo que ela mal pudesse forçar a doçura deles. Seu estômago revirou quando a porta se abriu novamente. Desta vez, não era Hannah. Ela teve apenas alguns segundos de aviso antes que o glamour de Lorelei a envolvesse como um cobertor quente e sufocante. Então Ashcroft se inclinou para frente, cruzando as mãos na frente dos joelhos.

Todos os dias, era assim que o interrogatório começava.

“Agora, Srta. Scrivener”, ele disse, “por que não falamos sobre o ataque a Summershall novamente?

Vamos ver se você se lembra de novos detalhes, não é?

Ele parecia tão gentil quanto havia um momento atrás, mas o bom humor havia sumido de sua expressão.

Elisabeth sabia que caminhava ao longo da ponta de uma faca. Um deslize, e ele descobriria que o glamour de Lorelei não estava funcionando como deveria, obrigando-a a dizer a verdade. Um único lapso poderia significar a morte. Ela se esforçou para manter sua expressão em branco e sua voz de madeira, grata pela influência entorpecente do glamour. Sem ele, ela não seria capaz de se sentar e encarar Ashcroft com calma. Mais importante, ela não seria capaz de mentir.

"Você pode me dizer por que você acordou naquela noite?" Ashcroft pressionou. Você ouviu alguma coisa?

Sentiu alguma coisa?

Ele já havia feito essa pergunta muitas vezes. Ela teve o cuidado de manter a mesma resposta. "Uma tempestade soprou. O vento estava alto - soprou galhos contra a minha janela."

Ele franziu a testa, insatisfeito. "E quando você saiu da cama, você se sentiu diferente do normal?"

Ele queria saber como ela havia escapado do seu período de sono. Mas mesmo Elisabeth não teve uma resposta para essa pergunta.

Mecanicamente, ela balançou a cabeça.

A mandíbula de Ashcroft se apertou. Foi a primeira indicação de que sua paciência tinha limites, uma reação que a deixou doente. Ela não queria testemunhar do que ele era capaz quando perdeu a paciência.

Lorelei ouviu um som no canto, onde ela aplicava resina no arco de um violino. Hoje ela usava um vestido vermelho que combinava com seus lábios e olhos. Foi tão longo que caiu da cadeira como uma cachoeira e formou uma piscina cintilante no tapete, como se ela estivesse sentada em uma poça de sangue. "A menina está escondendo algo de você, mestre", disse ela.

Ashcroft olhou em volta. "Você está certo? Isso é possível?" Os cabelos se arrepiaram na nuca de Elisabeth. Ela se forçou a não reagir, ciente de que poderia se trair com qualquer movimento.

“Se ela tem um segredo, o impulso para protegê-lo pode permanecer, mesmo através de um glamour. A maioria dos humanos não tem coragem. Mas essa garota é obstinada. Seu espírito queima tão intensamente quanto uma chama. Lorelei olhou para Elisabeth sob os cílios, um gesto tão parecido com Silas que arrepios se espalharam por seus braços. "Eu desejo que eu possa provar."

Ashcroft recostou-se, juntando os dedos. "O que você propõe que eu faça?" “Entre na

mente dela. Pegue a memória dela à força e destrua o resto. É muito cedo para isso. Ela deve ser vista por mais alguns dias antes que eu me livre dela. Se as notícias de seu destino chegarem aos jornais, precisarei de testemunhas para apoiar o diagnóstico do médico.

Lorelei deu de ombros delicadamente. “Muito bem, mestre. E você tem certeza de que a presença dela aqui não a distrai do seu trabalho?

Ashcroft olhou para a mesa, para o grimório escondido sob a capa.

Com base no modo como levitara naquela primeira noite no escritório, Elisabeth imaginou que fosse uma classe cinco ou mesmo uma classe seis. A propriedade privada de grimórios Classe Quatro e acima foi tornada ilegal pelas Reformas. Se Ashcroft estava disposto a manter algo tão perigoso em sua casa, o livro tinha que ser importante.

Ele recostou-se na poltrona, sombras gravando linhas profundas em seu rosto. "Está se mostrando teimoso", disse ele, "mas terei o que preciso antes de Harrows".

O pulso de Elisabeth acelerou. A Grande Biblioteca de Harrows ficava no canto nordeste de Austermeer, onde os Blackwald encontravam as montanhas - o local mais remoto possível para armazenar objetos de alta segurança. As descrições que ela tinha lido do local o pintaram como uma fortaleza construída em pedra negra a partir dos ossos das montanhas Elkenspine. Seu cofre inacessível continha dois dos três grimórios de classe dez do reino. Ele pretendia atacá-lo, como Summershall e Knockfeld?

Quaisquer que fossem seus planos, o grimório em sua mesa claramente desempenhava algum papel essencial. E

não importa o risco, ela tinha que descobrir o que era.

• • •

Sua chance chegou dois dias depois, quando o Sr. Hob apareceu na porta no meio de seu interrogatório.

"Um visitante", ele anunciou em sua voz profunda e distorcida. "Lorde Kicklighter aqui para vê-lo."

"Sem palavra à frente?" A expressão de Ashcroft escureceu. “Eu o encontrarei no salão. Lorelei, cuide de Elisabeth. Ele saiu da sala e, um

momento depois, a saudação de lorde Kicklighter ecoou pelo corredor.

A mente de Elisabeth disparou. A julgar pelo comprimento do aperto de mão de Kicklighter na outra noite, Ashcroft ficaria ocupado por pelo menos alguns minutos. Ela sentiu o olhar entediado de Lorelei fazendo cócegas nela. Tudo o que ela precisava era fazer com que o demônio deixasse o escritório por alguns segundos. Mas ela não tinha nada com o que trabalhar. Se ao menos ela estivesse mais perto das estantes, tinha certeza de que conseguiria derrubar uma.

Um espelho decorativo na parede lhe dava uma visão de si mesma sentada no sofá. Ela parecia abatida e pálida, contrariando o extravagante vestido de ametista que Hannah a amarrava naquela manhã. Ela estava se acostumando com a maneira como os espartilhos caros apertavam seu peito, mas em momentos tensos como esse, as roupas ainda a faziam sentir falta de ar.

Uma ideia a atingiu como um raio. Ela ofegou alto, chamando a atenção de Lorelei. A mão dela voou para o peito. Então ela revirou os olhos para a cabeça e caiu no tapete com um gesto sem vida. *whump,* **aterrissando com tanta força que ela sacudiu as xícaras de chá na mesa de café.**

Silêncio. Elisabeth sentiu o peso da consideração de Lorelei. Uma vez que ela pareceu decidir que Elisabeth não estava fingindo, ela se levantou com um sussurro de cetim e passou por cima do corpo caído de Elisabeth a caminho de fora. Assim que ela saiu, Elisabeth levantou as saias e subiu até a mesa.

Preparando-se, ela varreu a capa de Ashcroft.

O grimório estava aberto sob um pedaço de corrente de ferro esticada ao longo do vale de sua espinha, suas páginas cheias de uma escrita inclinada e pontiaguda. Isso foi tudo o que ela teve a chance de observar antes que uma onda de malevolência colidisse contra ela, forçando-a a dar um passo para trás. A voz de um homem rugiu sem palavras em sua mente, rasgando-a em um turbilhão de angústia e fúria.

Ela não teve tempo de se perguntar se cometera um erro. As bordas da sala escureceram; as páginas do grimório chicotearam como se as janelas do escritório tivessem sido abertas durante um vendaval uivante. Ela cerrou os dentes e empurrou contra a vontade do grimório, estendendo a mão, tremendo com o esforço. O suor escorria por sua testa. Até os ponteiros do relógio na lareira pareciam desacelerar, como se o ar tivesse se transformado em melaço.

Finalmente, as pontas dos dedos roçaram o couro, e uma onda confusa e doentia de emoções percorreu seu corpo. Anseio. Raiva. Traição. Ela nunca havia sentido algo assim antes. Ela engoliu em seco, desejando ter luvas de ferro para amortecer as emanações psíquicas do grimório.

"Eu não sou seu inimigo", ela forçou a sair. Estou aqui como prisioneira do chanceler Ashcroft.

Pretendo detê-lo, se puder.

No mesmo instante, a voz do homem ficou em silêncio e a pressão no ar desapareceu. Elisabeth caiu para frente, pegando-se na mesa, seus músculos tremendo com a tensão. O grimório agora estava quieto. Seu palpite desesperado havia se mostrado correto - sua malícia e fúria tinham sido destinadas a Ashcroft, não a ela.

"O que ele quer de você?" ela murmurou. Com cuidado, ela o levantou da mesa.

A capa estava encadernada em couro escamado estranho, de cor carmesim, o que a lembrava perturbadoramente os diabinhos no jardim de inverno. Um pentagrama de cinco pontas estava estampado na frente. A idade havia desbotado o título, mas as palavras permaneceram legíveis:

O Codex Daemonicus.

Seu coração pulou uma batida. Ela tinha lido o título deste grimório antes, e não muito tempo atrás. Onde ela tinha visto? No ônibus de Nathaniel, viajando pelo

Blackwald. . .

Vou ter o que preciso antes de Harrows, **Ashcroft havia dito. O que quer que ele precisasse, parecia que ele o encontraria neste livro. Ela estragou sua memória, tentando lembrar por que o Lexicon havia mencionado esse volume. Estivera no capítulo sobre demônios. Tudo o que ela conseguia se lembrar era que ela supostamente continha os delírios de um feiticeiro louco, que alegava ter escondido algum tipo de segredo dentro**

-

Passos atravessaram o corredor. Sem fôlego, Elisabeth pegou a capa de Ashcroft e a puxou de volta sobre o grimório. Esperando que seus gritos psíquicos tivessem sido ouvidos apenas para ela, ela atravessou a sala e se jogou de volta no chão, arrumando seus membros o mais perto possível da posição original que conseguia.

Ela não foi um momento muito cedo. Uma sombra caiu sobre ela apenas alguns segundos depois, e então um cheiro ácido queimou suas narinas, zumbindo por todos os nervos de seu corpo. Ela se levantou, afastando um grito, apenas para Lorelei segurá-la em um aperto inflexível, uma sugestão de garras picando através do laço de suas luvas. O demônio segurava um frasco de cristal cheio do que parecia ser sal.

"Lá, lá", ela acalmou, seu tom estranhamente doce. "Você esta bem.

Era apenas cheiro de sais, querida.

Você teve um pequeno feitiço, mas acabou agora.

"Dê-a para mim", disse Ashcroft. “Essa farsa já durou o suficiente.

Está na hora."

Lorelei a soltou e deu um passo para trás. Antes que Elisabeth pudesse reagir, Ashcroft a agarrou e a girou. Sua expressão era terrível de se ver. Era como se ele tivesse gastado todo o seu charme gentil com Lorde Kicklighter, e ele não tivesse mais nada para manter o ato.

Sua paciência com ela chegou ao fim. Agora, ela estava prestes a encontrar o monstro embaixo do homem.

"Ouça-me, menina", disse ele, e a sacudiu até que seus dentes estremeceram, "você *vai* **Diga-me o que você sabe."**

E então ele espalhou a palma da mão sobre a testa dela, e os pensamentos de Elisabeth explodiram para fora como uma estrela recém-nascida.

O estudo desapareceu; tudo ficou escuro, exceto por ela, Ashcroft e fragmentos de prata com arestas afiadas que brilhavam na escuridão ao seu redor.

Imagens familiares fluíram sobre as superfícies dos fragmentos em silenciosos flashes de cor e movimento. Eles eram suas próprias memórias, flutuando no vazio como os cacos de um espelho quebrado.

Cada um mostrou uma cena diferente. Os cabelos ruivos do diretor brilhavam à luz das tochas. Diretor Finch apertando o botão. O

rosto risonho de Katrien.

Embora Elisabeth ainda sentisse vagamente o aperto brutal do chanceler em seu braço, neste lugar, ele se afastou dela. Ele se virou, absorvendo as memórias fragmentadas e depois levantou a mão. Os estilhaços começaram a girar em torno deles em um ciclone brilhante, desfocando-se juntos para mostrar a ele não apenas fragmentos isolados fora de ordem, mas também lembranças inteiras, a vida de Elisabeth passando em um rio cintilante de vidro. Sons distorcidos ecoaram no vazio: risadas, sussurros, gritos. Seu estômago se contraiu quando ela se viu como uma garotinha saltando pelo pomar em direção a Summershall, seus cabelos castanhos esvoaçando atrás dela, o Mestre Hargrove lutando para acompanhar. Estes foram *dela* **recordações.**

Não eram para Ashcroft ver.

"Mostre-me o que você está escondendo", ordenou o chanceler. Sua voz cruel e oca tocou em todas as direções.

A brilhante tarde de verão desapareceu, substituída por uma imagem fantasmagórica de Elisabeth descendo as escadas da Grande Biblioteca em sua camisola, uma vela erguida. Ela sentiu a magia dele tirando a memória dela, uma força tão inexorável quanto a ressaca de uma maré, e o pânico apertou seus pulmões. Ela podia sentir a lembrança, ouvir, cheirar. Ela observou quando Memory-Elisabeth destrancou a porta e ficou olhando com os olhos arregalados no escuro. A qualquer momento ela notaria a combustão etérea, prova de que um feiticeiro havia cometido o crime.

Elisabeth teve que parar. Mas ela não conseguiu resistir à atração da feitiçaria de Ashcroft. Ela sentiu que, se lutasse com ele, suas memórias se quebrariam em mil pedaços, se foram para sempre. Ele destruiria a mente dela

- sua própria vida - se fosse necessário. Ela precisava mostrar a ele *alguma coisa.*

Então ela alcançou profundamente dentro de si mesma, onde suas memórias mais preciosas

estavam escondidas, e encontrou algo que ela poderia dar.

"Você sabe por que eu escolhi ficar com você, Elisabeth?" o diretor perguntou. A respiração de Elisabeth ficou presa. A lembrança acelerou para o momento em que ela encontrou o corpo do diretor. Elas eram as mesmas palavras do cofre, mas desta vez sussurraram dos lábios agitados do diretor, últimas palavras destinadas a Elisabeth sozinho. Ela conseguiu desfocar as duas memórias juntas. E parecia real, porque para ela *foi* **real.**



Dor e desejo ardiam em seu coração como uma flecha. Ela nunca esperava ouvir a voz do diretor novamente.

"Foi assombroso, eu me lembro." As palavras cessantes caíram dos lábios rachados do diretor. Os grimórios estavam inquietos naquela noite. ..... ”

Olhando para a memória, Ashcroft franziu a testa. "A Grande Biblioteca havia reivindicado você."

Ashcroft balançou a cabeça em desgosto e se virou. Ele gesticulou e os fragmentos começaram a se desintegrar, batendo como uma folha de água em direção ao chão.

"Não!" Elisabeth gritou. Tarde demais, lembrou-se do que Lorelei havia dito dois dias atrás. *Pegue a memória dela à força e destrua o resto.*

Você pertenceu aqui. .... ”

A realidade voltou à tona em uma tempestade de cores e sons. Alguém estava gritando. A garganta de Elisabeth estava crua. Tudo ela era crua, e ela provou sal, cobre e o mundo fedia a metal chamuscado.

A voz de Ashcroft subiu acima de sua agonia como um navio em um mar calmo. Ela não sabia de nada. Aquela lembrança que ela escondeu de nós - era apenas um pouco sentimental. Importante para ela, talvez, mas não para nós. Pegue o Sr. Hob. Os arranjos foram feitos. Sua voz retrocedeu, ou talvez fosse ela se afastando mais, caindo em algum lugar escuro do qual não havia retorno. "Ela será enviada para Leadgate hoje à noite."

QUINZE

O Do lado de fora das janelas do treinador, a noite pairava em frangalhos. Nuvens oleosas cobriam a cidade, branqueadas pela lua cheia, que brilhava como uma moeda de prata perdida em uma calha suja. Elisabeth não tinha visto essa parte de Brassbridge quando ela e Nathaniel cavalgaram na semana passada, além de uma mancha sombria de fumaça de fábrica no horizonte. Os velhos prédios de tijolos estavam enegrecidos de fuligem e as rodas da carruagem espirravam através de poças de aparência desagradável. Um frio úmido

permeava o ar. Em algum lugar próximo, um sino tocou tristemente no escuro.

Ela sentou-se para a frente, tremendo incontrolavelmente. Pensamentos desarticulados enchiam sua cabeça como cacos de vidro, e a agonia atravessava seu crânio toda vez que o treinador pulava sobre uma rotina na estrada, esbarrando em sua visão.

Meu nome é Elisabeth Scrivener. Eu sou de Summershall. O chanceler Ashcroft é meu inimigo. Eu devo expô-lo. . . .

Ela recitou as palavras várias vezes na cabeça até que começaram a parecer reais. Um por um, ela juntou as bordas irregulares de suas memórias. O feitiço que Ashcroft usara nela deveria ter destruído sua mente, deixando-a com uma concha vazia - mas não havia conseguido.

Ela ainda era ela mesma. Até a dor só serviu para lembrá-la de que ela estava viva e tinha um propósito.

Uma cerca alta e serrilhada de metal passou pela janela. O treinador começou a desacelerar. Parou do lado de fora de um portão de ferro forjado, além do qual ocupava o edifício do Hospital Leadgate. O

hospital era um edifício longo e retangular com uma pitada de arquitetura clássica em sua frente com pilares e capela abobadada, mas esses floreios serviam apenas para enfatizar a desolação institucional do resto. Parecia acima da miséria circundante e da miséria como algo saído de um pesadelo. Ela sabia instintivamente que era um lugar de

sofrimento, não de cura. Um lugar onde pessoas indesejadas, como ela, foram feitas para desaparecer.

Os guardas abriram os portões para admiti-los, e a carruagem subiu a entrada. Elisabeth pressionou o rosto na janela. Uma festa os esperava às portas do hospital: uma mulher robusta e de rosto duro, com um avental engomado, ladeada por dois atendentes de uniforme branco.

Quando o treinador parou novamente, um dos atendentes abriu a porta. Névoa caiu dentro da carruagem como mingau derramado.

"Venha, querida", a matrona persuadiu. Ela falou com Elisabeth como uma criança pequena.

“Venha bem, e você terá uma boa e quente ceia junto ao fogo. Você gostaria disso, não é?

Ensopado, pão e pudim com passas - o quanto você quiser. Sou Matron Leach, e serei um bom amigo para você aqui.

Elisabeth saiu tropeçando, mantendo os olhos baixos. Ela assistiu através de uma cortina de cabelo quando um dos homens circulou ao seu redor, aproximando-se por trás com um pacote de tiras de couro e fivelas. Seu estômago revirou quando ela percebeu o que eram:

restrições, não apenas pelos pulsos, mas também pelos tornozelos. Com um esforço, ela se forçou a não entrar em pânico. Ela esperou até que o homem estivesse quase em cima dela. Então ela girou, exibiu os dentes e o deu um soco selvagem entre as pernas. Ela sentiu uma pontada de culpa quando ele gemeu e caiu no chão, mas não durou muito; ela já estava de folga, a matrona Leach gritando atrás dela.

Ela correu pelo terreno do hospital como um cervo corado de um matagal, suas longas pernas a carregando mais rápido do que os homens podiam perseguir. A grama fina dava lugar a um jardim mal cuidado, ladeado por sebes e árvores semi-mortas. Ela derrapou no meio de uma lama de folhas caídas.

Se ela continuasse correndo, ela apenas circularia pelo hospital. A cerca que rodeava o terreno era alta demais para ser escalada e encimada

por finials de metal farpado.

Mas os gritos atrás dela estavam se aproximando. Ela teve que tomar uma decisão. Seu coração batia forte no céu da boca enquanto ela se arrastava sob a cerca mais próxima. Raízes e galhos arranharam suas mãos cruas, e o cheiro doentio de flores podres encheu suas narinas.

Ela ajeitou as folhas atrás dela para fornecer cobertura extra e recolocou os braços para dentro quando as botas de um homem passaram correndo, espalhando sujeira e folhas em seu rosto.

Inspirada, ela pegou um punhado de terra e esfregou-os sobre si mesma até não poder distinguir seus membros além das raízes grossas que retorciam o chão.

Minutos se passaram. Lanternas balançavam no escuro, e as chamadas soavam a intervalos.

Homens espiaram as sebes e golpearam a vegetação com cacos, mas ela permaneceu perfeitamente imóvel, mesmo quando um dos cacos deu um golpe contundente em sua canela. Gooseflesh pontilhou seus braços quando a noite ficou mais fria, mas ela não se atreveu a tremer.

"Já chega, rapazes", disse um dos atendentes, finalmente. “Onde quer que ela esteja se escondendo, ela está presa aqui tão certa quanto um rato em um balde. Vamos ver se ela ainda está viva amanhã de manhã e depois nos divertiremos com ela.

O riso encontrou esse pronunciamento desagradável. Elisabeth assistiu eles se afastarem em direção ao hospital. Quando o último homem desapareceu lá dentro, ela saiu da cerca, tremendo da cabeça aos pés.

Mas com a mesma rapidez, ela se afastou de vista.

Ela não estava sozinha no quintal. Uma forma pairava no escuro a alguma distância, curvada no chão. Ela pensou que era outro atendente, até que viu que estava cheirando a

grama. Estava seguindo o caminho que ela havia tomado do vagão, rastejando por uma rota

sinuosa em direção ao seu esconderijo. E quando se endireitou, seus enormes olhos redondos e brilhantes captaram a luz como espelhos.

Era o Sr. Hob. Ele havia captado o cheiro dela e estava vindo atrás dela. Uma porta bateu na direção do hospital. Elisabeth respirou fundo e se jogou ao redor da cerca, achatando as costas contra uma árvore.

Alguém tinha saído e começado a abrir caminho para os jardins.

Olhando através das folhas, Elisabeth determinou que essa pessoa não fazia parte da equipe de busca. Ela usava um uniforme semelhante ao da matrona, mas era apenas uma garota, não muito mais velha que Elisabeth, com as mãos rachadas e um rosto redondo e infeliz, segurando uma lanterna sombreada no peito.

"Olá?" a menina chamou suavemente. "Você está aí?"

Olhando na direção oposta, Elisabeth descobriu que o Sr. Hob estava agora escalando o chão de quatro, não fingindo mais ser humano.

Elisabeth olhou entre eles, desejando ferozmente que a menina ficasse calada. Mas ela não viu o perigo em que estava e falou novamente no escuro.

“Eu sei que você está se escondendo. Eu vim para ajudá-lo. Ela procurou no bolso e trouxe um pedaço de algo embrulhado em um lenço. “Eu tenho pão. Não é muito, mas é tudo o que pude superar a matrona. Ela estava mentindo quando disse que lhe daria ensopado e pudim - ela diz isso a todos os pacientes que vêm aqui.

O Sr. Hob começou a correr, os olhos fixos na garota. Elisabeth se lançou da cerca viva em uma explosão de folhas e a alcançou primeiro, agarrando o pulso da garota, puxando-a na direção oposta. O pão caiu no chão.

"Você tem sal", perguntou Elisabeth, "ou ferro?" Ela não reconheceu o som de sua própria voz. Saiu como um coaxar horrível.

"Eu - eu não - por favor, não me machuque!" a menina chorou. Seu peso arrastou o braço de Elisabeth. Se eles não corressem mais rápido, o Sr. Hob os pegaria.

Pânico apertou o peito de Elisabeth. Ela percebeu como deveria ser: manchada de sujeira, os cabelos longos, emaranhados e cheios de folhas, os lábios secos rachados e sangrando. Não é de admirar que a garota tenha medo. "Qual o seu nome?" ela perguntou.

"Misericórdia", a garota gaguejou, tropeçando no chão irregular.

“Meu nome é Elisabeth. Estou tentando salvar sua vida. Vou pedir para você fazer alguma coisa, e então você vai acreditar em mim, mas precisa prometer não gritar.

Mercy assentiu, seus olhos arregalados e medrosos - provavelmente esperando que, se ela tocasse junto, Elisabeth não a machucasse.

"Olhe para trás", disse Elisabeth. Então ela bateu a mão suja na boca de Mercy, abafando o choro.

"O que é isso?" **ela lamentou, quando Elisabeth a soltou. "Por que isso** *nos perseguindo?* **Então o palpite de Elisabeth estava correto. No momento em que o Sr. Hob começou a cheirar o chão e correr de quatro, qualquer ilusão que Ashcroft tivesse lançado sobre ele não era mais convincente o suficiente para disfarçá-lo. Ele é um demônio. Eu acho que ele é um duende. Existe uma saída deste lugar?**

Pequenos barulhos de pânico vieram da garganta de Mercy antes que ela pudesse responder. “Um portão dos fundos. Para os trabalhadores que mantêm os motivos. Dessa maneira." Ela apontou. "O que-?"

"Corra mais rápido", disse Elisabeth sombriamente. "E me dê sua lanterna." Ela não se atreveu a parar de olhar por cima do ombro enquanto se lançavam em direção ao portão dos fundos. Ela estava escondida atrás de um galpão coberto de musgo, embaixo de uma árvore coberta de hera. Quanto mais eles se aproximavam, mais alto o chiado do Sr. Hob rugia nos calcanhares. Mercy remexeu nos bolsos e produziu uma chave. Quando ela foi para o portão, Elisabeth se virou, balançando a lanterna com toda a sua força.

O tempo congelou no espaço entre uma batida do coração e a próxima.

O Sr. Hob estava sobre ela, com o rosto abalado, uma paisagem hedionda de carne oscilante. Seus olhos eram tão grandes, tão pálidos, que ela viu duas versões em miniatura de si mesma refletidas dentro deles.

Então o vidro quebrou quando a lanterna bateu contra seu ombro. O

óleo espirrou, e com um estalo ansioso, o fogo floresceu na frente de seu traje mal ajustado. O calor abrasou a pele de Elisabeth; gritando, ela deixou cair a lanterna. O Sr. Hob cambaleou para trás e olhou sem entender as lambidas de chamas azuis ondulando em seu peito.

Finalmente, ocorreu-lhe tirar a jaqueta. Ele acendeu o fogo restante com uma mão desajeitada.

"Misericórdia", Elisabeth implorou.

"Estou tentando! Estou quase . . . ” A chave da Mercy raspou contra a fechadura. Suas mãos tremiam violentamente, perdendo uma e outra vez. Enquanto isso, o Sr. Hob avançava sobre eles, sua jaqueta fumando no chão atrás dele. Ele deu um passo à frente. Outro. E então a fechadura clicou e o portão se abriu, derramando flocos de ferrugem.

Elisabeth empurrou Mercy primeiro e depois disparou. Quando ela empurrou o portão fechado atrás deles, ele não fechou todo o caminho -

estava preso em algo cedendo. A mão do Sr. Hob. Ele olhou para eles sem piscar através das barras de ferro quando sua pele roxa começou a borbulhar e a vapor. Elisabeth jogou seu peso contra o portão, músculos contra a resistência do Sr. Hob. As solas das botas arranhavam a calçada. Ele era muito forte.

Do lado dela, veio um grito inesperado. Uma pedra voou pelo ar e esmagou as juntas do Sr. Hob com um ruído molhado e nauseante. Ele pegou a mão de volta e o portão tocou quando se fechou. A trava se encaixou automaticamente.

Elisabeth se afastou e trocou um olhar de olhos arregalados com Mercy, que claramente não podia acreditar no que ela acabara de fazer.

O Sr. Hob ficou lá, observando-os, como se não tivesse certeza do que fazer a seguir.

"Estamos seguros agora", Elisabeth sussurrou. “Ele não pode passar do ferro. E não acho que ele seja esperto o suficiente para descobrir outro caminho.

Mercy não respondeu, muito ocupada estremecendo e tomando goles, as mãos apoiadas nas coxas. Elisabeth olhou em volta. O portão os deixara sair por um beco atrás de uma fileira de prédios estreitos e sombrios. Suas cortinas estavam fechadas e não havia luzes acesas lá dentro. "Vamos lá", disse ela, pegando o braço de Mercy. Ela a levou para longe do Sr. Hob e a sentou em uma caixa virada.

"O que ele queria?" Mercy perguntou entre os dedos.

Elisabeth hesitou. Ela poderia explicar tudo. Ela poderia pedir a Mercy para ajudá-la - testemunhar contra Ashcroft. Mas quem acreditaria nela? Agora ela entendia que o mundo não era gentil com as mulheres jovens, especialmente quando elas se comportavam de maneiras que os homens não gostavam, e falava verdades que os homens não estavam prontos para ouvir. Ninguém ouvia Mercy, assim como ninguém a ouvia.

Ela se agachou na frente da outra garota, tomando uma decisão.

"Ouço. Era eu que o demônio queria, não você. Aguarde até que o treinador saia e, em seguida, você poderá retornar ao hospital. Sr. Hob, o demônio, ele não voltará para você. Ela fechou os olhos e respirou fundo. “Quando as pessoas perguntarem o que aconteceu, diga que eu te ataquei e você não teve escolha a não ser me ajudar a escapar.

Digamos que um homem nos perseguiu, um homem humano, vestido como um mordomo. Não mencione nada de estranho nele. E diga a eles que eu estava. . . que eu era como um animal selvagem. Que eu nem sabia meu nome.

Ela suspeitava que não importaria para Ashcroft estar apodrecendo no Hospital Leadgate ou morrendo de fome nas ruas. Desde que ele acreditasse que a mente dela havia sido destruída, e ele parecia ter feito

o possível para ajudar a pobre garota histérica sob seus cuidados, ele deixaria o assunto cair em favor de se concentrar em seus planos.

"Mas você salvou minha vida", protestou Mercy.

“Eu sou a razão de sua vida estar em perigo em primeiro lugar. Confie em mim. É melhor assim." Elisabeth colocou os braços em volta de si mesma, imaginando o quanto ela poderia revelar. "Você não quer atravessar o homem que o demônio serve", ela se estabeleceu finalmente. "Se ele acha que você sabe algo que não deveria, não hesitará em machucá-lo."

Mercy assentiu. Para consternação de Elisabeth, ela não pareceu surpresa. Para ela, os homens que queriam machucar as meninas eram simplesmente a ordem natural das coisas.

"Estou feliz que você tenha escapado de Leadgate." Mercy levantou o olhar e encontrou os olhos de Elisabeth com os seus, tristes olhos castanhos. “Você não pode imaginar que tipo de

coloque. As pessoas ricas pagam dinheiro para espantar os pacientes daqui - para simpatizar com a situação dos infelizes ou com esse tipo de lixo. As vezes . . . às vezes eles pagam por outras coisas também. A matrona ganha muito dinheiro com isso. Falando nisso ... aqui. Ela enfiou a mão no bolso e pressionou algo duro e frio na palma da mão de Elisabeth. Uma moeda.

Elisabeth lutou para encontrar palavras em torno do nó na garganta.

Ela não conseguia pensar no que dizer, então, em vez disso, puxou Mercy para um abraço apertado.

Mercy riu, surpresa. "Agora vou parecer suja o suficiente para dizer que você me atacou." "Obrigada", Elisabeth sussurrou. Ela deu um último aperto para Mercy, e então soltou-se e correu antes que as lágrimas que ardiam nas costas de seus olhos tivessem a chance de transbordar.



Ela passou por pilhas de lixo e desceu uma avenida íngreme de paralelepípedos. A essa hora da noite, as ruas estavam praticamente vazias. Ela duvidava que fosse necessário correr, mas toda vez que diminuía a marcha, via o diretor Finch zombando dela, ou as mãos de um homem cheio de tiras de couro, ou o sorriso encantador do chanceler. Ela parou em uma esquina para ficar doente e depois continuou. Ela não parou até que foi forçada a fazê-lo: alcançou um passeio com vista para o rio e se conteve contra o trilho.

A cidade adormecida parecia uma ilusão gerada por luzes de fadas.

Pináculos pontiagudos erguiam-se brilhando na sombra, as estátuas no topo cortando formas das estrelas. Colunas de ouro brilhavam na água negra abaixo. Perto, a Ponte dos Santos tremeluzia com a luz do gás, suas estátuas sombrias como uma procissão de lamentações atravessando o rio, em memória da morte de um rei morto há muito tempo. O vento emaranhava seus cabelos, cheirando a fuligem e algas e à extensão selvagem e

interminável do céu noturno.

Ela olhou para a cidade brilhante, antiga, impossivelmente vasta, e se perguntou como toda aquela luz e beleza poderiam existir lado a lado com tanta escuridão. Ela nunca se sentiu menor ou mais insignificante.

Mas finalmente, pela primeira vez em semanas, ela estava livre.

DEZESSEIS

"T Aqui deve haver algum erro - disse Elisabeth ao garoto sardento atrás do balcão. Mestre Hargrove me conheceu a vida inteira. Ele não enviou esta resposta.

O papel tremeu entre os dedos. A mensagem concisa somente leitura, *Não temos registro de uma aprendiz chamada Elisabeth Scrivener na Grande Biblioteca de Summershall.* **Por baixo, em vez de uma assinatura, alguém carimbara a chave cruzada e a pena do Collegium. Isso significava que a carta havia sido escrita por um diretor, mesmo que ela a tivesse endereçado a Hargrove.**

O recepcionista parecia compreensivo, mas seus olhos continuavam correndo nervosamente para a frente de vidro dos correios. “Sinto muito, senhorita. Não sei o que lhe dizer.

O papel ficou borrado enquanto ela tentava se concentrar. Isso estava errado. Certamente ela era - ela era -

"É Finch, o novo diretor", ela se ouviu dizer. “Ele deve ter interceptado minha carta. Ele me tirou dos registros. ..... ”

Alguém pigarreou por perto. Elisabeth olhou por cima do ombro a tempo de ver o cavalheiro bem vestido na fila atrás dela sussurrar algo para sua esposa, os dois olhando Elisabeth com uma combinação de desaprovação e desconforto.

Ela olhou de volta para o balconista e se viu através do seu olhar de pena. Ela dormia nas ruas nos últimos dias. Seus cabelos estavam emaranhados, suas roupas sujas. Pior de tudo, suas tentativas urgentes de entrar em contato com a Grande Biblioteca de Summershall estavam começando a se parecer com as ações de uma louca. Um sentimento estranho de vergonha queimou dentro de seu estômago.

"Por favor", disse ela, as palavras rasgando sua garganta dolorida. -

Você pode me dar instruções para Hemlock Park? Eu conheço alguém que mora lá.

O funcionário molhou os lábios, olhando entre ela e o casal que esperava. Ela poderia dizer que ele não acreditou nela. "Eu poderia postar uma carta para você, senhorita?"

Elisabeth tinha usado todo o dinheiro da Mercy enviando a primeira carta. Ela não pôde pagar por um segundo. De repente, a vergonha a dominou. Ela murmurou um pedido de

desculpas e passou pelo casal, pressionando a mão na boca enquanto fugia dos correios. Assim que chegou à rua, ela se dobrou em um acesso de tosse. Os pedestres deram a ela um amplo espaço, lançando seus olhares perturbados. Com uma mão trêmula, ela dobrou a carta e a colocou no bolso.

A febre dela estava piorando. Ontem de manhã, depois de dormir encolhida e tremendo na porta, ela acordou com tosse. Hoje ela se sentiu tão desorientada que mal encontrou o caminho de volta para os correios.

Seu calcanhar escorregou em algo viscoso quando ela começou a descer a calçada. Um jornal molhado, colado na sarjeta. Ela a soltou e segurou a manchete translúcida contra a luz, embora já tivesse lido o artigo uma dúzia de vezes desde que escapara de Leadgate.
TERCEIRO

ATAQUE EM UMA GRANDE

BIBLIOTECA - PROCURANDO EM CHAMAS,

proclamava a primeira página. Por baixo, havia uma ilustração de uma monstruosidade espinhosa e deformada - a interpretação do jornal de um Malefict - uivando na frente de um inferno. O artigo continuava dizendo que havia pelo menos duas dúzias de vítimas na vila, algumas vidas reivindicadas pela classe nove de maus-tratos, outras pelo incêndio. O número fez sua cabeça girar. Os comerciantes da Fettering ocasionalmente paravam no mercado da Summershall. Ela pode ter conhecido algumas das pessoas que morreram.

Perto do final, houve uma citação do Chanceler Ashcroft: *"Atualmente, acreditamos que o sabotador é um agente estrangeiro que trabalha para minar a força da magia austerista. O*

Magisterium não fará nada para apreender o culpado e restaurar a ordem em nosso grande reino.

O papel amassou na mão dela. O ataque aconteceu enquanto ela estava presa em sua mansão. Ele mentiu para os repórteres enquanto ela estava deitada na cama.

Ela estava ficando sem tempo para detê-lo.

No entanto, a resposta da carta a deixou despreocupada. Semanas atrás, ela não teria se incomodado com a carta; ela teria ido direto ao Collegium e batido nas portas da frente até alguém responder. Agora ela sabia que, se fizesse isso, seria afastada, ou pior. Ela contava com armar-se

com a boa palavra de Mestre Hargrove para provar que ela era alguém que vale a pena ouvir. A antecipação de manter sua resposta - de finalmente ser justificada - era o que a mantinha passando por longas noites frias e a dor constante da fome. Agora ela não tinha nada.

Não . . . não nada. Ela ainda tinha Nathaniel. Mas os dias de busca não a levaram mais perto de Hemlock Park. A cidade era enorme; ela sentiu como se pudesse permanecer perdida dentro dela para sempre, ficando cada vez mais invisível para as pessoas que passavam, até que ela desapareceu para uma sombra. Ninguém se mostrou disposto a ajudá-la. Poucos estavam dispostos a olhá-la.

Ela não sabia se Nathaniel seria diferente. Mas de todos em Brassbridge, ele era a única pessoa em quem ela podia confiar.

Um vislumbre de um garoto baixo e magro passando pela multidão puxou Elisabeth para uma parada. Ela ficou congelada na calçada enquanto as pessoas corriam ao seu redor. Não parecia possível. Ou a febre dela estava fazendo com que ela alucinasse, ou Silas parecia que

ela o havia chamado do nada pensando no nome de seu mestre. Ela poderia estar enganada?

Ela virou-se, procurando outro sinal dele do outro lado da rua. Seu olhar se prendeu a uma figura leve, pisando ordenadamente na agitação da tarde. O jovem não usava o uniforme verde de Silas, mas um terno finamente costurado, uma gravata amarrada impecavelmente ao pescoço pálido. Mas seu cabelo - branco puro, preso com uma fita -

não podia pertencer a mais ninguém. Ele não era uma alucinação. Ele era real.

Ela hesitou, vacilando, e depois correu pela rua, com o grito consternado de um motorista de carruagem atrás dela. Ela examinou a multidão quando chegou à calçada, mas Silas não estava mais à vista.

Ela correu na direção em que ele estava indo, espiando pelas vitrines das lojas enquanto ela passava. Seu próprio reflexo sujo a encarava, comprimido e desesperado, seus olhos azuis brilhando de febre. Ela começou a correr, tentando ignorar o fogo que rugia em seus pulmões quando ela instou seu corpo a se mover mais rápido.

Lá. Um flash de cabelos brancos à frente, virando em uma rua lateral.

Ela se apressou atrás dele, mal percebendo que os prédios ao seu redor haviam se deteriorado, o tráfego diminuído, suas carruagens substituídas por carretas cheias de lixo e produtos murchados. Beirais tortos pairavam sobre a avenida estreita, amarrados com linhas de roupa não utilizadas.

Os cantos úmidos e escuros fedia a urina. Silas se destacou como um polegar dolorido em seu terno caro, mas ninguém o poupou um segundo olhar. O mesmo não era verdade para Elisabeth.

"Onde você está com tanta pressa, pequena senhorita?"

O coração dela tropeçou. Ela manteve o olhar fixo para a frente, como se não tivesse notado o rosto zombeteiro do homem na periferia de sua visão. Mas ele não desistiu, como ela esperava. Uma bota triturou o vidro quebrado atrás dela e várias formas se destacaram da sombra de um prédio próximo.

“Eu disse, onde você está indo? Talvez possamos ajudar. "Dê-nos um sorriso para o nosso problema, hein?" outro homem sugeriu. Silas estava muito à frente, uma forma vislumbrada atrás de um carrinho que passava. Elisabeth tentou chamar. Embora ela apenas emitisse um som rouco e patético, ele parou e começou a se virar, um olho amarelo brilhando na luz.

Ela não sabia dizer se ele realmente a ouvira ou se a reação era uma coincidência. Ela não teve tempo de descobrir. "Silas", ela sussurrou. E

então ela correu.

Pavimento arranhou sob seus calcanhares. Quando os homens se moveram para cortá-la, ela se desviou da rua principal e entrou em um beco, tropeçando em caixotes e montes de jornais encharcados. Os ratos fugiram gritando em direção a um beco que se ramificava, e ela os seguiu, esperando que soubessem o melhor lugar para se esconder.

Enquanto as sombras profundas a envolviam, suas botas derraparam em algo escorregadio. Um fedor pútrido pairava no ar e poças de fluido brilhavam nos paralelepípedos, cobertos de espuma escorregadia. Ela entrou na parte traseira de um açougue. Sua respiração entrou em gritos agonizantes e agitados.

"Deste jeito!" uma voz chamou. Os homens estavam perto dela.

Elisabeth cambaleou até o final do beco e dobrou a esquina, apenas para fechar em um beco sem saída.

O prédio que dava para esse beco parecia abandonado. Suas janelas estavam emparedadas com tijolos, e a porta, uma vez pintada de preto, estava muito descascada e trancada com um cadeado. Ela puxou a maçaneta da porta, mas o cadeado segurou.

Passos espirraram através das poças. Não adiantava tentar ficar quieto; seus perseguidores notariam o beco adjacente a qualquer momento. Alimentado pelo terror,

ela enfiou os dedos em uma das tábuas de madeira que cruzavam a porta e puxou com toda a força, cambaleando para trás quando se

soltou com um guincho metálico de protesto. A prancha havia se soltado em suas mãos. Unhas dobradas e enferrujadas se projetavam das pontas.

Ela não se armou nem um momento antes. Um homem apareceu na entrada do beco, as calças manchadas de sangue congelado. Seu cabelo estava quase todo despenteado e crostas cobriam suas bochechas magras. A repulsa torceu o estômago de Elisabeth com o olhar em seus olhos.

Ele sorriu. - Aí está, pequena senhorita. Que tal aquele sorriso? "Fique para trás", ela avisou. "Vou feri-lo."

Ele não ouviu. Com um sorriso de dentes amarelos ainda fixo no rosto, ele deu um passo à frente.

Elisabeth se preparou e balançou. A prancha atingiu seu ombro e se alojou ali, presa rapidamente. Ele uivou, caindo de joelhos, pegando a arma improvisada. Quando ela o arrancou de novo, as unhas fizeram um horrível squelch. Um arco de sangue respingou na parede de tijolos.

Chocada, ela cambaleou para trás até que as omoplatas atingiram a porta. Ela matou um Malefict e lutou contra demônios, mas isso era diferente. Ele era uma pessoa. Não importa o quão mau ele fosse, ele não se desintegraria em cinzas ou retornaria ao Outro mundo se morresse. Seus gemidos de dor latejavam doentiamente em seus ouvidos.

Officium adusque mortem. **Era seu dever lutar com ele, mesmo correndo o risco de matá-lo, se escapar de suas garras significasse salvar muito mais vidas?**

"Aqui, seus idiotas!" o homem rosnou, apertando a mão na manga molhada e rasgada enquanto se erguia, usando a parede como apoio.

Sangue borbulhou sobre seus dedos quando ele olhou para Elisabeth.

E tenha cuidado! Ela encontrou uma arma para si mesma.

Não houve resposta do lote do açougueiro.

"Ouviste-me?"

O beco estava silencioso como uma tumba. "Pare

de brincar!" ele perdeu a cabeça.

Ouviu um leve som de salpicos na esquina. E então uma voz suave e cortês disse: "Não julgue seus amigos com muita severidade. Eu temo que eles sejam

indisposto."

"Isso é algum tipo de piada?" Ele mancou de volta para dar uma olhada. Toda a cor sumiu de seu rosto frouxo. "O que, o que *estão* **vocês?" ele gaguejou.**

"Essa é uma pergunta difícil de responder", respondeu a voz sussurrante. "Eu sou uma coisa antiga, você vê.

Eu provoquei a queda dos impérios e assisti aos leitos da morte dos reis.

As nações agora perdiam tempo, uma vez travaram guerras pelo segredo do meu verdadeiro nome. " Ele suspirou. "Mas atualmente estou incomodado.

Os planos do meu dia não incluíam percorrer um beco esquálido para despachar um punhado de criminosos de segunda classe. Não em um traje limpo, e certamente não em um novo par de sapatos.

Os olhos do homem saltaram de sua cabeça. Ele tentou correr, mas isso foi um erro. Elisabeth não viu o que aconteceu depois que ele fugiu da esquina, fora da vista. Ela apenas ouviu um grito sufocado, seguido por um silêncio tão espesso que fez seus ouvidos zumbirem.

Ela deslizou pela porta, o quadro manchado caindo no chão. Uma tosse tomou conta de seu corpo e a sacudiu como um coelho nas mandíbulas de um cão. Ela piscou para conter as lágrimas quando Silas apareceu.

Ele parecia exatamente como na rua, exceto por um respingo de sangue

no rosto. Ele tirou um lenço do bolso do peito e limpou o sangue, depois examinou o lenço sujo, franziu os lábios e o deixou de lado.

"Senhorita Scrivener", disse ele, dando-lhe uma pequena reverência.

"Silas", ela ofegou. "Estou tão feliz em vê-lo."

"Curioso. Não é isso que as pessoas costumam me dizer em um momento como este. ” "O que eles costumam dizer?"

"Geralmente eles choram ou se molham." Ele a estudou. "O que você está fazendo aqui? Mestre Thorn e eu assumimos que você já estaria de volta a Summershall agora.

Elisabeth não tinha energia para explicar Ashcroft e Leadgate. Ela não tinha mais certeza de que as lágrimas em seus olhos tinham a ver com o quanto ela estava tossindo. Ela sabia que não deveria ficar tão aliviada ao ver Silas - que ele era mau, um assassino, o pior inimigo de um diretor. Mas ele não fingiu ser outra coisa senão um monstro. Dessa forma, ele era mais honrado do que a maioria das pessoas que ela conhecera desde que deixara Summershall.

"Você matou aqueles homens?" ela perguntou.

"Quando alguém invoca um demônio, deve estar preparado para a morte seguir." —Eu não fiz. . . ”

Você falou meu nome. Você queria que eu te salvasse.

"Você poderia ter deixado ele correr", disse ela. Quando ele não disse nada, apenas olhou para ela, ela acrescentou: "Suponho que você vai me dizer que eles eram homens maus, como da última vez".

"Isso faria você se sentir melhor, senhorita?"

Ela sentiu uma pontada de horror ao perceber que sim. E uma vez que uma pessoa começou a pensar assim, ela não tinha certeza de como eles conseguiram parar. Um calafrio a percorreu. "Não diga", ela sussurrou. “Silas - eu vi coisas terríveis. Eu tenho . . . ”

Ele se ajoelhou na frente dela. Ele a alcançou, e ela se encolheu, mas ele apenas colocou a mão nua na testa dela, seu toque tão frio que queimou. "Você não está bem", ele disse suavemente. "Há quanto tempo você está com febre?"

Quando ela não respondeu, insegura, ele começou a desabotoar o paletó. Ela balançou a cabeça quando ele se moveu para abraçá-la. "Eu vou sujar suas roupas", ela protestou.

“Isso não importa, senhorita. Até você vem.

Ele a levantou do chão tão facilmente quanto na última vez. Elisabeth se perguntou se isso

significava que ela terminaria de morrer de fome, correr, dormir na chuva; talvez ela pudesse parar de brigar, só por um tempo.

Ela virou o rosto contra o peito dele enquanto ele a carregava. "Você é um monstro de verdade, Silas", ela murmurou, apanhada no meio do caminho em um sonho. "Estou feliz por isso."

Se ele respondeu, ela não o ouviu. Ela flutuava pelo mundo como se estivesse à deriva em um barco salva-vidas em um mar que balançava suavemente. A próxima coisa que ela soube foi Silas dizendo: - Fique acordado, Srta. Scrivener.

Só mais um pouco. Estamos quase lá."

Ela percebeu, nebulosamente, que Silas a carregara em uma carruagem, talvez há algum tempo. A cabeça dela pendeu. Ela piscou e a rua ficou em foco além das janelas, as grandes casas do Hemlock Park passando.

Suas pálpebras cederam, e seu olhar caiu sobre as mãos de Silas, descansando dobrado em seu colo. As garras que inclinavam seus longos dedos brancos estavam primorosamente limpas e bem cuidadas

- e afiadas o suficiente para cortar a garganta de uma pessoa. Quando ele a viu olhando,

seus lábios afinaram. Ele colocou as luvas de volta, e todas as evidências das garras desapareceram.

Logo a mansão de Nathaniel apareceu à vista. Foi construído no cruzamento de duas ruas angulares, dando-lhe uma curiosa forma de cunha. Com sua profusão de gárgulas, esculturas e guarnições de pedra pontiaguda, parecia um castelo esmagado em um triângulo medonho de cinco andares. Quando a carruagem parou, Silas a levantou. Ela o viu pagar o motorista com um fascínio confuso. Como era curioso ver alguém tratá-lo como um cavalheiro, não um demônio ou mesmo um criado, o motorista inclinando o chapéu em respeito.

A porta da frente da mansão tinha seis aldravas, cada uma com tamanho, forma e metal diferentes.

Quando Silas abriu a porta, ele bateu no prato segundo a partir do topo. Embora fosse feito de cobre sólido manchado de verdete, não emitia som; em vez disso, um sino tocou nas profundezas da casa.

Elisabeth adivinhou que cada aldrava correspondia a um andar, com o sexto e o menor pertencentes à adega. Silas a pegou nos braços novamente e a trouxe para dentro.

Passos batiam no andar de cima. Nathaniel apareceu no patamar, subindo os degraus dois de cada vez.

Elisabeth ficou olhando. Ele usava apenas uma calça confortável e uma camisa branca

solta, que ondulava ao seu redor enquanto ele descia as escadas com os pés descalços. Seu cabelo preto estava tão bagunçado que a mecha prateada quase não era visível. Ela nunca o imaginara assim, desprotegido, *normal,* **mas é claro que ele não poderia passar a vida inteira vestindo uma capa de magíster e um sorriso cínico. Por baixo de tudo, ele ainda era um garoto de dezoito anos.**

Silas ajudou Elisabeth a entrar em uma das poltronas de couro no saguão. Ela estava tão mole e fraca quanto esteve sob a influência de Lorelei, o último de suas forças gastas se defendendo no beco.

"Silas!" Nathaniel exclamou. - Você tem minha ... ah! O que é *aquele?* **-**

Essa é Elisabeth Scrivener, mestre.

Nathaniel enrijeceu, vendo-a. Emoções brilharam em seu rosto muito rapidamente para seguir. Por um momento, o choque prevaleceu. Seu olhar saltou sobre sua pele machucada e roupas sujas. Então ele se retirou para dentro, sua expressão endurecendo.

"Isso é uma surpresa", ele observou em tom cortante, descendo o resto das escadas a um ritmo medido. "Porque ela está aqui? Pensei ter lhe dito que eu ...

ele mesmo olhando rapidamente para Elisabeth, seus lábios pressionados em uma linha fina.

"Ela exige um lugar para ficar", disse Silas.

"E você pensou que seria uma excelente idéia trazê-la aqui, de todos os lugares?" "Olha para ela. Ela está doente. Ela não tem mais para onde ir. Quando a encontrei, ela estava sendo perseguida por criminosos.

Os olhos de Nathaniel se arregalaram, mas ele se recuperou rapidamente. - Suponho que em seguida você estará resgatando órfãos e ajudando viúvas idosas do outro lado da rua. Isso é um absurdo." Os nós dos dedos ficaram brancos no corrimão. "Desde quando você se preocupa com o bem-estar de um ser humano?"

"Eu não sou o único que se importa", Silas disse suavemente.

"O que isto quer dizer?"

- Você se importa com ela, mestre, mais do que eu vi você se importa com algo em anos. Não tente negar - acrescentou quando Nathaniel abriu a boca. "Não há outra razão pela qual você deseje com tanto fervor que ela saia."

Elisabeth não entendeu o que Silas estava dizendo, mas algo terrível aconteceu com a expressão de Nathaniel. Ele pareceu perceber isso e

desviou o olhar. "Essa é uma ideia miserável", ele disse, "e você deveria saber disso melhor do que ninguém".

"Eu sei melhor do que ninguém." Silas atravessou o vestíbulo para ficar diante dele. “Melhor que você, certamente. E assim posso dizer com confiança que isolar-se nesta casa não vai poupar você do legado de sua família. Isso só vai levá-lo à ruína.

O rosto de Nathaniel torceu. "Eu poderia ordenar que você a levasse embora." Por um momento, Silas não respondeu. Quando ele fez, ele falou em um sussurro. "Sim. De acordo com os termos de nossa barganha, devo obedecer a qualquer comando que você me der, por mais que eu não goste, ou por quanto discorde.

Nathaniel deu um passo à frente. Com sua altura muito maior, ele se ergueu sobre Silas, que parecia muito leve, quase insubstancial apenas nas mangas da camisa. Silas abaixou os olhos com respeito. Embora Elisabeth não visse outra mudança em sua expressão ou postura, Silas parecia ao mesmo tempo tão antigo, tão perigoso e tão assustadoramente educado

que um arrepio percorreu sua espinha. Mas Nathaniel não parecia nem um pouco assustado.

"Silas", ele começou.

Silas olhou por seus cílios. "Algo está acontecendo", ele interrompeu.

“Algo de consequência. Sinto isso no tecido entre os mundos, ondulando para fora, lançando sua influência em todas as direções, e a Srta.

Scrivener ficou no seu caminho como uma pedra. Sua vida é diferente de qualquer outra que eu já vi.

Mesmo marcado pela sombra, queima tão ferozmente que é ofuscante.

Mas ela não é invencível, mestre.



Nenhum humano é. Se você não a ajudar, essa ameaça acabará por reivindicá-la.

"Do que você está falando? Que ameaça?

"Eu não sei." O olhar de Silas voou para Elisabeth. "Mas ela pode."

Nathaniel ficou parado, seu peito subindo e descendo silenciosamente, mas com força apaixonada, como se tivesse acabado de correr uma maratona e tentando não mostrar que estava sem fôlego. A cor estava alta em suas bochechas. "Bem. Ela pode ficar. Ele girou nos calcanhares, acenando com a mão. “Como essa foi sua ideia, você cuida dela. Eu estarei no meu escritório.

Elisabeth assistiu enquanto ele se afastava pelo labirinto escuro da mansão, de costas retas e feições definidas - enquanto seu passo se afastava, e ele quase olhou para ela. Mas ele não fez. Essa foi a última coisa que ela lembrou antes que a escuridão a reivindicasse, e ela se afastou mais uma vez.

DEZESSETE

E LISABETH agitou-se contra os lençóis macios da cama. Ela ficou deitada por um momento com a mente vazia como um céu de verão, agradavelmente à deriva, e depois acordou de repente, seus nervos faiscando com energia. Ela se sentou e jogou as cobertas. O movimento perturbou algo próximo, que tilintou.

Um serviço de café da manhã prateado havia sido colocado na cama ao lado dela, brilhando à luz do sol da manhã. Aromas tentadores de manteiga derretida e salsicha quente flutuavam por baixo dos pratos cobertos. A saliva inundou sua boca e seu estômago roncou. Talvez parar Ashcroft pudesse esperar mais alguns minutos.

Ela pegou os talheres dispostos em cima de um guardanapo dobrado e depois hesitou. Ela tinha vagas lembranças de ser lavada e cuidada antes de ser embalada para dormir pelos movimentos suaves de um pente deslizando por seus cabelos. O sangue correu por suas bochechas, mas ela resolveu agradecer a Silas, apesar de seu constrangimento. Ele tinha sido muito mais gentil com ela do que Hannah, e agora ela tinha certeza de que, quando ele expressara sua falta de interesse nos corpos humanos, ele estava dizendo a verdade.

Enquanto tomava o café da manhã, tentou entender seu estado atual. A hora do dia sugeria que ela dormira por quase vinte e quatro horas. A febre dela tinha quebrado. Ela estava na sala lilás novamente, como da última vez. Um roupão de seda preto a envolvia, quase exatamente o comprimento certo para a sua figura alta, que ela suspeitava que fosse de Nathaniel. Cheirava a sabão caro e um perfume curioso que ela só conseguia identificar, de maneira desconcertada, como *Garoto*

- que não parecia ser um bom cheiro, mas era.

Uma percepção afundou: todas as suas posses haviam desaparecido.

Ela nem tinha roupas limpas. O único item na sala que lhe pertencia era a carta de Summershall, ainda dobrada, repousando discretamente

na mesa de cabeceira. Silas deve ter recuperado do bolso. Como ela deveria lutar contra o chanceler quando ele tinha tanto, e ela tão pouco?

Uma batida bateu na porta. "Estou acordada", disse Elisabeth em torno de um bocado de massa. Ela esperava Silas, mas, em vez disso, Nathaniel entrou, completamente vestido desta vez, blindado em uma tempestade de seda esmeralda. Antes que ela pudesse dizer outra palavra, ele andou até a janela e apoiou as mãos no peitoril. Ele não parecia querer olhar para ela. Na verdade, ele parecia querer dizer o que quer que fosse que ele veio aqui para dizer e depois desocupar o quarto o mais rápido possível.

Elisabeth terminou de mastigar e engoliu. A massa ficou seca em sua garganta.

"Eu deveria saber que você iria enfrentar problemas o mais cedo possível, você completa o terror", disse Nathaniel à janela. Suas palavras saíram às pressas, como se ele as estivesse ensaiando no espelho. “Parece que nem o chanceler estava preparado para mantê-lo fora de perigo. Por que você não está em Summershall? Deixa pra lá.

Entraremos em contato com o Collegium, e eles organizarão um treinador para você. Ele ficou tenso, inclinando o rosto. "O que é isso?"

Elisabeth havia se aproximado dele com a carta de Summershall.

Relutantemente, ele pegou o jornal. As pontas dos dedos roçaram, e ela notou surpresa que ele tinha calos na mão. Ela recuou, cruzando os braços firmemente sobre o estômago, subitamente consciente de que estava vestindo as roupas de Nathaniel com pouco mais por baixo.

Sua testa franziu quando ele leu a carta uma vez, duas vezes, seus olhos cinzentos levantando para os dela, desconfortavelmente penetrantes em sua intensidade. "Eu não entendo."

“O novo diretor não me quer de volta. Ele me impressionou nos registros. Ela afundou na ponta da cama. "E eu tenho mais a lhe dizer."

"É sobre a ameaça mencionada por Silas?" "Acho que sim. Você pode querer se sentar.

Nathaniel ergueu as sobrancelhas, mas ele se comprometeu encostado na parede ao lado da janela. Elisabeth abriu a boca, depois hesitou e fechou os olhos. As palavras formaram nós dentro de seu peito. Era mais difícil começar do que ela esperava. Ela havia sido traída muitas vezes, por tantas pessoas diferentes. E se ela estivesse errada sobre Nathaniel, e ela também não pudesse confiar nele?

"Você não precisa me dizer se não quer." Os olhos dela se abriram.

Nathaniel estava contemplando-a com uma expressão ilegível. "Está tudo bem", disse ele. "Eu sei . . . ” Ele considerou suas próximas palavras. “Eu sei como é ter coisas que você não pode dizer. Para ninguém."

Uma torrente de alívio fluiu através de Elisabeth. *Ele não é o chanceler.*

Ele não é como o médico ou o diretor Finch. **Desamparada, rouca, ela começou a rir. Sons histéricos arrancavam-se de seu corpo, beirando soluços, e lágrimas se acumulavam nos cantos dos olhos. Ela tentou parar, mas isso só piorou; sua risada se transformou em suspiros de pânico.**

Ela esperava que Nathaniel olhasse como todo mundo, como se ela tivesse enlouquecido, pois até ela sentia que estava enlouquecida, mas, em vez disso, a maneira como ele a olhava era - era - era como virar uma esquina e encontrá-la inesperadamente. próprio olhar no

espelho, na fração de segundo que seus olhos assustados pertenciam a um estranho. Um choque a percorreu. De alguma forma, ele entendeu. Ela desviou o olhar, finalmente capaz de respirar até se acalmar. Ele não disse nada, apenas esperou.

"EU *devo* te digo - ela disse finalmente, fechando as mãos em punhos.

Isso é muito importante.

Alguém tem que saber além de mim. Ela respirou fundo outra vez.

“Começou naquela primeira noite, com o Livro dos Olhos, quando

desci as escadas e cheirei a combustão etérea. ..... ”

Quanto mais ela falava, mais peso saía de seus ombros. Até agora, ela não tinha percebido o quão punitivo tinha sido manter todos esses segredos - ser a única pessoa que sabia sobre Ashcroft, constantemente consciente de que se algo acontecesse com ela, a verdade desapareceria para sempre.

Nathaniel ouviu atentamente, sem interromper, sua expressão se escurecendo quanto mais ela progredia.

Quando ela alcançou a parte sobre o feitiço que Ashcroft havia usado nela, uma sombra caiu sobre a sala. A princípio, ela pensou que o sol havia passado por trás de uma nuvem. Então ela viu as faíscas de esmeralda dançando ao redor dos dedos de Nathaniel enquanto a sala mergulhava cada vez mais na escuridão da meia-noite.

Ela parou. "O que-?"

Nathaniel estava tão focado nela que ele não tinha notado sua própria reação. Ele olhou em volta e empalideceu. A escuridão recuou.

"Desculpe", ele forçou a sair. —Eu não fiz. ... ” Ele lutou para se recompor. Então ele disse calmamente:

“O que o chanceler fez com você, esse feitiço, você não deveria ter foi capaz de se recuperar dele. E você também não deveria ter conseguido ver através de suas ilusões ou resistir ao glamour de seu servo. Parece que você tem algum tipo de resistência à influência demoníaca -

o que explicaria bastante, na verdade, sobre tudo o que aconteceu com você desde o Livro dos Olhos. ”

Ele passou a mão pelos cabelos, distraído. “Mas é estranho. Eu nunca ouvi falar de ninguém. . . deixa pra lá. Continue. Por que diabos você está sorrindo?

Elisabeth não tinha certeza. O sol estava brilhando através da janela novamente. A mecha prateada no cabelo de Nathaniel estava grudada, e ele claramente não tinha notado. E ele

acreditou nela.

Finalmente. Ele creu em cada palavra. Olhando para os joelhos, ela continuou.

“Então você vê,” ela terminou por fim, “devo ir ao Collegium imediatamente e contar tudo o que aprendi.

Acho que Ashcroft atacará a Grande Biblioteca de Fairwater em seguida, depois Harrows. Ele está se movendo em um círculo ao redor do reino, sabotando cada Grande Biblioteca em ordem. Talvez ele esteja guardando a Biblioteca Real para o final. Mas o ataque a Harrows é especial para ele por algum motivo.

Os olhos de Nathaniel se estreitaram. As defesas de Harrows devem ser impenetráveis. É mais seguro que a Biblioteca Real.

“Seu ancestral construiu as Grandes Bibliotecas. Ele pode conhecer uma maneira secreta de entrar. Ela mordeu o lábio. - E há dois grimórios de classe dez em seu cofre. Se ele conseguir

- ”

Nathaniel se endireitou. "Entendo o seu ponto."

"Você não parece surpreendido por nada que eu lhe disse", disse Elisabeth hesitante. "Você conhece Ashcroft há muito tempo, mas ainda acredita em mim."

Ele olhou pela janela novamente, o ângulo escondendo seu rosto.

“Passei o último dia pensando em tudo o que poderia ter acontecido com você e em todas as pessoas que possam ser responsáveis por isso.

Passei do ponto de surpresa. E além disso - ele acrescentou rapidamente, amargamente, antes que ela pudesse comentar -, faço questão de nunca subestimar o que um feiticeiro pode fazer.

Não importa o quão bom, gentil ou confiável eles pareçam, eu já vi do que eles são capazes com meus próprios olhos.

As linhas de seu ombro e costas eram tensas. Para ele, isso era obviamente um assunto pessoal. "Você está falando sobre seu pai", disse ela calmamente, quando todos os comentários que as pessoas fizeram sobre Alistair começaram a se reunir.

Nathaniel ficou rígido. O silêncio reinou por um longo momento. Então ele disse, numa clara tentativa de mudar de assunto: “Você não confiava em mim antes. O que mudou de idéia?

Elisabeth pegou na bainha do roupão. “Eu tinha medo de você no começo. Agora eu entendo que você me ajudou. E eu acredito. . . ”

Ele se virou e levantou uma sobrancelha indagadora.

"Eu acredito que há bondade em você", ela deixou escapar. "Mesmo que você tente fingir o contrário."

A sobrancelha levantou mais. "Então você está esperando que eu possa ajudá-lo a expor Ashcroft?"

"Sim", ela disse. "Por

quê?"

"É a coisa certa a fazer."

Ele deu uma risada incrédula. Parecia quase dolorido, como se alguém o tivesse atingido.

“Diga-me, você tem alguma evidência? Um motivo? Ashcroft é o homem mais poderoso do reino, e sua reputação é tão impecável quanto a roupa de cama da rainha. Todo mundo o adora.

“Eu sei que ele está estudando o Codex Daemonicus. O que quer que esteja lá dentro explicará seus planos.

"Feiticeiros estudam o Codex há séculos e não encontraram nada que valha a pena." Ele balançou sua cabeça. - Você poderia levar suas alegações para o Collegium, para a própria rainha, e ninguém acreditaria em você. Ashcroft você declarou insano. Ele tem um diagnóstico de um médico e, ao que parece, dezenas de testemunhas da alta sociedade. ” As mãos de Elisabeth torceram o roupão. Nathaniel continuou incansavelmente: "Seria a sua palavra, uma bibliotecária aprendiz desonrada, contra as opiniões das pessoas mais respeitadas de Austermeer".

"Mas se você veio comigo e disse a eles"

Não tenho nada para contar. Eu poderia jurar sua honestidade por dias, mas o fato é que não testemunhei nada do que você me contou em primeira mão. Todo mundo me via prestando atenção em você, e depois daquele desastre com a imprensa, eles simplesmente assumiam que eu. .

. ” Ele passou a mão pelos cabelos novamente, mais ou menos desta vez.

"É você o que?"

Ele fez uma careta. - Um conselho, Scrivener. O que quer que Ashcroft esteja fazendo, deixe para lá. Ele terminou com você - você está seguro agora. Vou encontrar uma maneira de resolver o problema com Summershall e então você poderá voltar para casa, para sua vida inocente no campo.

"Não." Elisabeth levantou-se do fim da cama. "Eu não voltarei até que eu o pare."

O rosto de Nathaniel endureceu. "Às vezes as pessoas morrem", ele disse, "e não há nada que você possa fazer para impedir isso".

"Eu vou salvá-los."

"Você vai se juntar a eles", ele retrucou.

A fúria surgiu através de Elisabeth. Ele inchou em seu coração, estalou sobre sua pele, borbulhou as raízes de seus cabelos. Ela avançou em

Nathaniel até que seus narizes quase se tocaram. "Isso é melhor do que não fazer nada!" ela gritou.

Por um momento ele não respondeu. Eles ficaram olhando um para o outro, combinando em altura. A respiração dele se mexeu contra o rosto dela. Quando ele finalmente falou, lutou para manter a voz nivelada. "Você foi atacado, violado, atormentado, deixado nas ruas para morrer de fome. As chances que você enfrenta são impossíveis. Se você continuar nesse caminho, você morrerá. Por que você não desiste?

Ela olhou. Isso foi algo que as pessoas fizeram - simplesmente desistiram? Quando havia tanto no mundo para amar, para lutar? "Eu não posso", disse ela ferozmente. "Eu nunca vou."

Os lábios de Nathaniel se separaram para entregar uma resposta que nunca veio. O olhar dela foi para a boca dele, e foi só isso que o ar entre eles mudou. O calor corou seu rosto ao perceber quão perto eles estavam; Os olhos de Nathaniel se arregalaram, suas pupilas escuras.

Ele deu um passo abrupto para trás. Então ele girou e agarrou a beirada da porta. Recuperando-se rapidamente, Elisabeth pegou antes que ele pudesse bater com força entre eles.

"O que Silas quis dizer quando ele disse que você se importava comigo?" ela desafiou. Uma queda de cabelo escondeu o rosto de Nathaniel, mostrando apenas a linha de sua mandíbula. "Você, dentre todas as pessoas, deve saber que não deve ter o hábito de ouvir demônios.

Ele estava certo. O que o diretor pensaria se visse Elisabeth agora, aceitando voluntariamente refúgio na casa de um feiticeiro e seu demônio? Os dedos dela afrouxaram em choque. A porta puxou de suas mãos, mas Nathaniel não a bateu, como ela esperava - ela se fechou com um clique silencioso. Quando os passos dele desapareceram, ela caiu contra o interior da porta e enfiou as juntas dos dedos nos olhos.



Ela tentou tirar a imagem fantasmagórica do diretor de sua mente.

Costumava ser tão fácil distinguir o certo do errado. Os guardas seguiram um código simples: proteger o reino de influências demoníacas e nunca se envolver em feitiçaria. Mas o que ela deveria fazer quando o código se voltou contra si mesmo? Se ela não tivesse aceitado a ajuda de Silas, ela poderia ter morrido, e qualquer esperança de desmascarar Ashcroft teria sido perdida junto com ela.

Certamente era seu dever buscar justiça, não importando o custo.

A confusão agitou dentro dela como uma doença. Talvez ter esses pensamentos significasse que ela não estava preparada para ser uma diretora. Mesmo assim, ela se recusou a voltar. Ela precisava encontrar uma cópia do Codex.

Ela tinha que descobrir o que Ashcroft estava procurando. E não havia lugar melhor para começar do que na casa de um feiticeiro.

DEZOITO

E A LUZ MERALD Derramava através da fenda abaixo da porta, iluminando a poeira e as impressões nas tábuas do assoalho. Do lado de fora no corredor, Elisabeth mudou de pé para pé. Ela passou horas explorando a mansão. Depois de enfiar a cabeça em inúmeros quartos não utilizados, com os móveis cobertos de lençóis, ela encontrou um deles escondido em um canto do primeiro andar. Nathaniel tinha sido calado dentro dela fazendo algum tipo de mágica o dia todo: ocasionalmente ela o ouvia se mexer ou murmurar um encantamento.

Ela esperou a tarde toda, mas ele não apareceu uma vez. Sua paciência estava começando a desaparecer.

Uma olhada no corredor confirmou que a casa estava mais vazia do que nunca. Além de Silas, que parecia estar fora, ela não encontrou nenhum criado. Ela reuniu coragem e bateu à porta.

"Eu pensei que você não voltaria até o jantar", disse Nathaniel conversando. “Bem, se apresse e entre. Eu poderia usar sua opinião. . .

” Ele se virou quando a porta se abriu, sua expressão azeda.

"Scrivener".

Elisabeth não respondeu, muito ocupada olhando boquiaberta para os arredores. A porta se abriu não em um quarto, mas em uma floresta.

Nathaniel estava no meio de uma clareira coberta de musgo, o chão manchado por raios de luz cor de jade que lançavam através dos pinheiros colossais. Borboletas do tamanho de pratos de jantar se aglomeravam nos troncos, abanando suas iridescentes asas turquesas e notas líquidas de canto de pássaros ecoando no ar. A floresta parecia durar para sempre, suas profundezas envoltas em névoa rodopiante que ocasionalmente se separavam para revelar indícios de encostas escuras e distantes e córregos brancos.

Os espíritos de Elisabeth dispararam quando ela atravessou a porta, passando de um mundo para outro.

Ela respirou o cheiro de musgo esmagado e seiva de pinheiro, e levantou a mão para deixar a luz verde filtrar por entre os dedos.

Nathaniel observou-a por um momento, silenciosamente. Então sua boca se torceu em um sorriso amargo. “Não fique muito animado.

Nada disso é real. Vejo? É apenas uma ilusão na qual estou trabalhando para o Royal Ball.

Ele acenou com a mão e o cenário ficou turvo como uma pintura em aquarela escorrendo para o lado. Ela piscou, vendo as samambaias se dissolverem em pedaços de névoa verde; as borboletas piscaram para fora da existência como bolhas de sabão estouradas. Logo a última árvore desapareceu e, em vez de uma floresta, ela ficou na entrada de um escritório.

Mas este quarto não era nada como o escritório de Ashcroft - nada como qualquer quarto em que ela já estivera antes. Foi maravilhoso.

Dificilmente havia um caminho a percorrer sem derrubar algo.

Papéis caíam de todas as superfícies, presos aqui e ali por estranhos instrumentos de bronze e vidro.

Um globo de jóias brilhava em um canto em um suporte de latão, e o esqueleto articulado de um pássaro grande pendia de fios acima da cabeça de Nathaniel. O teto escavava cinco andares acima, terminando em uma clarabóia que admitia raios de sol brilhantes. E nas prateleiras, girando e girando, alcançáveis apenas por escadas. . .

Elisabeth se iluminou. "Grimórios", ela respirou, ainda mais encantada do que antes. A expressão de Nathaniel ficou estranha.

"Você gosta deste lugar?" "Claro que eu faço. Tem livros nele.

Ele apenas ficou lá, sem tentar detê-la, então Elisabeth subiu a escada mais próxima. Ela tinha visto um título familiar na prateleira, piscando seu brilho por atenção. Quando ela o alcançou, ela se contorceu dos vizinhos e caiu avidamente em sua mão.

"Eu sabia que você tinha que estar aqui em algum lugar!" ela disse ao léxico. Ela não o via desde a viagem para Brassbridge. "Eu não posso acreditar que ele roubou você."

O grimório deu um farfalhar culpado. Ela olhou por cima do ombro para o maravilhoso e brilhante caos do estúdio. Desse ponto de vista, ela podia ver chamas esmeraldas dançando na lareira, e por cima dela um caldeirão de vidro enviando mechas de vapor púrpura pela chaminé. Não havia caveiras, nem pés de galinha cortados, nem frascos de sangue. De fato, o estudo parecia. . . amigáveis. Com uma carranca pensativa, voltou-se para o Lexicon. "Suponho que você esteja melhor aqui do que com Ashcroft", ela admitiu.

"O que você quer?" perguntou Nathaniel atrás dela. "Suponho que há uma razão para você estar se infligindo a mim."

Ela colocou o léxico embaixo do braço. "Eu gostaria de pedir um favor." Ele se virou e começou a vasculhar os papéis em sua mesa, parecendo não conseguir nada em particular além de criar uma bagunça maior. “Pensei ter me esclarecido esta manhã. Não vou ajudar você a se matar.

"Eu só quero emprestar alguns livros."

"E esse impulso repentino e suspeito não tem nada a ver com Ashcroft?"

Elisabeth viu alguns instrumentos de vidro frágeis dispostos em uma mesa próxima. Ela desceu a escada e se aproximou deles. "Quem são esses?" ela perguntou. "Eles parecem quebráveis."

"Não toque aqueles", Nathaniel disse apressadamente. "Não - não toque nisso também", acrescentou, quando ela mudou de rumo e se dirigiu para o globo de jóias. Quando ela o ignorou, ele levantou as mãos em sinal de rendição. "Bem! Faça do seu jeito, seu terror absoluto. Você pode emprestar quantos grimórios quiser, desde que mantenha as mãos afastadas de todo o resto. Essa é a regra.

Ela sorriu. Ele a encarou por um momento e depois voltou a olhar para a mesa.

"O que é isso?"

"Você precisa de roupas novas", disse ele, fingindo ler um dos jornais.

Ela sabia que ele estava fingindo, porque o jornal estava de cabeça para baixo. “Vou ficar sem pijama nesse ritmo. Vou definir Silas para a tarefa - ele adora esse tipo de coisa. Prepare-se para estar na moda, Scrivener, porque ele não aceitará nada menos.

Elisabeth ficou vermelha. Ela esquecera que ainda estava usando o roupão de Nathaniel. Ela tentou afastar a lembrança de seus olhos escuros e lábios separados, a poucos centímetros dos seus. “O jeito que você fala sobre Silas. . . você realmente confia nele, não é?

Por alguma razão, Nathaniel riu. "Com a minha vida."

Levou um momento para entender o duplo sentido de sua resposta e, quando o fez, seu coração caiu. Era fácil esquecer que ele havia negociado sua vida em troca

pelo serviço de Silas. Quanto disso? Ela não conseguiu perguntar.

Ela sacudiu os pensamentos perturbados e se inclinou para a tarefa que estava pela frente. Quando Nathaniel retomou seu trabalho, ela subiu as escadas do escritório, arrancando qualquer grimório que parecesse promissor. A luz mudou e se aprofundou, inclinando a clarabóia em um ângulo acentuado. As horas se passaram, mas Elisabeth mal tomou nota.

Ela estava de volta aonde pertencia, cercada pelos sussurros e farfalhar de páginas; o cheiro doce e mofado dos livros.

Ocasionalmente, ela olhou para baixo para ver o que Nathaniel estava fazendo, e o encontrou examinando borboletas e flores conjuradas sob as lentes de um dispositivo de ampliação de aparência estranha. Ele nunca olhou para ela em troca. Mas de vez em quando, quando estava de costas, podia jurar que sentia o olhar dele fixar-se nela, tão hesitante quanto o roçar da asa de uma borboleta.

No final da tarde, ela cambaleou para fora do escritório com uma pilha tão prodigiosa de grimórios que teve que inclinar a cabeça para ver ao seu redor. Subir três lances de escada para o quarto dela não parecia sábio.

Em vez disso, ela levou os livros para uma sala que havia descoberto durante sua exploração: uma pequena sala de estar escondida em uma fenda quente e ensolarada da mansão, suas poltronas rechonchudas dispostas em torno de uma lareira na qual alguém havia deixado um buquê de lavanda seca, as flores agora marrom e quebradiço com a idade. Ela colocou os grimórios na mesa de café, espirrando na nuvem de poeira que soprava de sua superfície.

Uma revisão do Lexicon a levou a se concentrar em Aldous Prendergast, o autor do Codex Daemonicus. Os livros que ela selecionara para começar eram todos grimórios de classe um e dois, com seções sobre a história do século XVI. Um deles parecia especialmente promissor: o Manual Completo de Personagens Históricos de Lady Primrose, edição nova e revisada, que continuava emitindo escárnios delicados e femininos à mesa empoeirada, e se recusou a abrir para ela até voltar e pegar emprestado um par de luvas de pelica Nathaniel.

Ao cair da noite, no entanto, os grimórios haviam rendido muito pouca informação. Ela lera que Prendergast havia dedicado sua vida ao estudo dos demônios e do Outro Mundo. Ele era obsessivo com seu trabalho, chegando ao ponto de afirmar que havia viajado para o Outro Mundo, que parecia ser o começo de sua briga com Cornelius.

Os dois eram amigos íntimos antes de Prendergast escrever o Codex.

Logo depois, Cornélio o declarou louco e o trancou em uma torre, onde morreu depois de cair em algum tipo de

estado em coma. Elisabeth não estava perdida que Ashcroft tentara se livrar dela da mesma maneira.

Não é de admirar que os uivos psíquicos do volume se enfurecessem com fúria e traição.

Mas nenhum dos grimórios continha o que ela realmente precisava: uma pista sobre que tipo de segredo Prendergast poderia ter escondido dentro do Codex - ou, exceto, onde poderia encontrar uma cópia para estudar.

Frustrada, ela colocou o último grimório de lado e olhou pela janela.

Estava quase escuro demais para continuar lendo. Uma escuridão azulada desceu sobre a sala, e o tráfego diminuiu do lado de fora. Seus pensamentos se afastaram quando uma carruagem passou, brilhando pela chuva, folhas amarelas brilhantes coladas no teto. Até o momento, os ataques às Grandes Bibliotecas ocorreram com duas semanas de intervalo. Isso significava que ela tinha pouco mais de uma semana para expor Ashcroft antes que ele atacasse a Grande Biblioteca de Fairwater, e menos de um mês até ele atacar Harrows. Ela mal começara e já estava ficando sem tempo.

Scrivener? Ela pulou. Silas estava na entrada da sala, segurando uma bandeja de prata.

"Tomei a liberdade de trazer seu jantar, a menos que você prefira ir para a sala de jantar."

Elisabeth correu para limpar um ponto na mesa de café, ignorando os protestos indignados de Lady Primrose. "Isto é bom. Obrigado." Ela observou Silas pousar a bandeja. Mais cedo, ela se aventurou na cozinha e não viu ninguém. "Você cozinha toda a comida aqui?"

"Sim senhorita." Silas acendeu a lamparina no canto, depois foi fechar as cortinas. Era estranho vê-lo realizar tarefas tão mundanas. Sua forma pálida e esbelta parecia etérea no crepúsculo, quase humana.

"Servi o Mestre Thorn em todas as suas capacidades nos últimos seis anos."

Estou até comendo refeições feitas por um demônio, **ela pensou consternada. No entanto, ela devia sua vida a Silas. Não parecia certo que ele esperasse nas mãos e nos pés dela. "Você iria . . . você gostaria de se juntar a mim?"**

Ele fez uma pausa, a cabeça inclinada. "Você me deseja?"

Elisabeth hesitou, sem saber o que dizer.

Ele a considerou através de seus cílios. “Eu não como comida humana, senhorita - não sem uma razão.

Para mim, tem gosto de nada além de cinzas e poeira. Ele puxou o cortinas fechadas. Antes de fecharem, ela notou que a respiração dele não embaçava o copo. "Mas eu vou jantar com você, se você desejar."

Ela o ofendeu? Sempre foi tão difícil de dizer. "Nesse caso, não vou incomodá-lo."

Ele assentiu e foi embora.

"É muito bom", ela deixou escapar. “Eu nunca comi isso bem, exceto em Ashcroft Manor, e eu prefiro esquecer isso. Você é uma excelente cozinheira, embora eu não tenha idéia de como você o administra, se não pode provar nada.

Silas parou. Ela estremeceu, ouvindo as palavras desajeitadas novamente, mas ele não parecia insultado por seus louvores. Se alguma coisa, uma pitada de satisfação mostrou em

suas características de alabastro. Ele acenou com a cabeça novamente, desta vez mais profundamente, e desapareceu nas sombras do corredor.

• • •

No dia seguinte, entrou na sala com uma segunda pilha de livros e descobriu que, em sua ausência, cada centímetro havia sido polido e polido, o tapete batido, os lençóis removidos dos móveis restantes; os painéis em forma de diamante das janelas brilhavam entre os montantes. Um aroma doce pairava sobre a sala, que Elisabeth traçou para o novo buquê de lavanda na lareira. Até Lady Primrose não encontrou nada para criticar e recorreu a alguns cheiros sem compromisso antes que ela relutantemente se calasse.

Elisabeth passou outra tarde sem sucesso lendo. Dois dias se estenderam em três, e ela não se viu mais perto de uma resposta. Às vezes, sua atenção vagava enquanto ela subia pelas vigas do escritório de Nathaniel, e ela parava para vê-lo adicionar um ingrediente ao caldeirão de vidro, que ainda estava emitindo fumaça roxa, ou conjurar um bando de beija-flores que disparavam em volta dele em flashes iridescentes de viridiano. A luz que vinha de cima delineou seus ombros e franjou seus cabelos rebeldes. Às vezes, quando o sol esquentava, ele tirava o colete e arregaçava as mangas. Então ela viu a cicatriz cruel que contornava o interior do antebraço direito, mais gritante aqui do que no corredor escuro da pousada.

Ele continuou a ignorá-la, mas Elisabeth não surpreendeu, um sentimento hostil de silêncio. Era como estar de volta a Summershall, acompanhando seus negócios com outros bibliotecários fazendo o mesmo

próximo. Não queria examinar esse pensamento de perto, pois parecia errado que o escritório de um feiticeiro se sentisse tão curiosamente em casa.

As roupas chegaram como cortesia de Silas, um desfile de vestidos de seda em tons de cerúleo, rosa e creme às riscas. Depois de experimentá-

los e se perguntar sobre a novidade de ter roupas que não mostravam seus tornozelos inteiros, Elisabeth moveu com culpa o vestido azul para a parte de trás de seu guarda-roupa. A cor não a lembrava mais do uniforme de diretor, mas do tempo que passava como prisioneira na mansão Ashcroft. Ela teve pesadelos desde então, suas memórias das últimas semanas se confundindo em horrores fantasmagóricos - caídas no encanto do encanto de Lorelei, enquanto Ashcroft golpeava o diretor na sua frente, ou enquanto um atendente uniformizado apertava tiras de couro ao seu redor Hob, parado sem piscar por perto. Ela acordou desses sonhos suando de terror e levou horas para voltar a dormir depois.

Sua descoberta ocorreu na terceira noite de sua pesquisa e aconteceu inteiramente por acidente.

Ela estava anotando no salão quando uma briga começou entre Lady Primrose e uma classe dois chamada Throckmorton Peerage, que estava cuspindo maços de tinta nos outros grimórios durante a tarde inteira. Finalmente, os nervos de Lady Primrose atingiram seus limites.

A sala transformou-se brevemente em um dervixe de poeira voadora e páginas agitadas; então Throckmorton se escondeu embaixo de um armário, desesperado para se afastar o máximo possível da vingativa Lady Primrose, que emitia um grito alto e fino, como uma chaleira.

- Não posso dizer que sinto muito por você - disse Elisabeth severamente, agachando-se nas mãos e nos joelhos para levar

Throckmorton de volta como um gato que se comporta mal. "Você deveria saber melhor do que provocar outro grimório."

Então ela viu: o flash de um objeto de metal preso atrás do armário, a luz do sol batendo nele. O que quer que fosse, parecia ter deslizado e se perdido, preso na parede. Elisabeth pegou e instantaneamente recolocou os dedos em choque. O objeto estava gelado ao toque.

Ela colocou a mão na saia e tentou novamente, desta vez levantando cuidadosamente o objeto à vista.

Era um pequeno espelho de mão, sua moldura de prata ornamentada elaboradamente rolada e rodopiada.

Mas não era um espelho comum. Pingentes pendiam das bordas da moldura e uma camada de gelo nublava o vidro. Quando Elisabeth olhou mais perto, ela não viu

sugestão de seu próprio reflexo. Imagens fantasmagóricas e desconhecidas fluíam pela superfície do espelho, movendo-se sob o gelo.

Primeiro, o espelho mostrou a ela um salão vazio em uma casa desconhecida, suas cores reduzidas a pálidas sugestões pelo gelo. Ela respirou fundo quando uma criança correu rindo pelo salão, perseguida por uma babá. Então a imagem girou, substituída por um escritório no qual um homem estava sentado assinando papéis e, novamente, mostrando a ela uma sala de estar na qual uma mulher tocava piano enquanto outra bordava nas proximidades. Elisabeth olhou, extasiada. Aquelas eram pessoas reais. A julgar pelo ângulo, ela estava vendo através dos espelhos de seus quartos.

Ela segurou o espelho perto do rosto. Toda vez que ela exalava, sua respiração embaçava o gelo, e logo um ponto claro derreteu no centro, provocando uma descarga de cor nas imagens. As notas tilintantes do piano encheram a sala, como se estivesse sendo tocada atrás de uma porta fechada na casa de Nathaniel, a poucos cômodos de distância.

Uma dor solitária encheu o peito de Elisabeth.

"Eu gostaria que você me mostrasse alguém que eu conhecia", ela sussurrou para o copo. "Eu gostaria", disse ela, "que você me mostrasse meu amigo Katrien."

A música do piano parou. A mulher franziu a testa e olhou para Elisabeth. Seus olhos se arregalaram e ela voou do banquinho com um grito agudo. Elisabeth não testemunhou o resto. Ela ainda estava processando o fato de que a mulher tinha conseguido vê-la quando a

imagem voltou a rodar. Desta vez, olhou para o próprio quarto em Summershall.

O quarto dela e o de Katrien. Katrien estava sentado em sua cama, folheando maços de anotações rabiscadas.

Pedaços de papel amassado cobriam a colcha antiga de Elisabeth e se reuniam em torno das bordas da sala como montes de neve. Alguns deles estavam sentados na cômoda, contra o espelho, escritos em um rabisco deliberadamente ilegível. Katrien estava claramente tramando algo.

A garganta de Elisabeth se apertou. O espelho tremia na mão dela. Ela não esperava que ele obedecesse a seu pedido. Se o Collegium descobrisse que ela havia usado um artefato mágico, ela nunca seria autorizada a voltar para dentro de uma Grande Biblioteca. Não só isso, ela não sabia como o espelho funcionava, ou de onde ele tirava sua magia - poderia ser perigoso usá-lo. Ela deveria colocá-lo de volta onde havia encontrado e nunca mais tocá-lo.

Mas este era Katrien - verdadeiramente Katrien, bem na frente dela. E

ela não teve forças para se afastar.

"Katrien", ela sussurrou.

Katrien sentou-se na posição vertical, depois se virou. "Elisabeth!" ela exclamou, correndo para a cômoda, o rosto preenchendo o espelho. "O

que está acontecendo? Você é um prisioneiro? Ela fez uma pausa para apreciar a paisagem de Elisabeth. "Onde *estão* vocês?"

"Eu tenho tanto para lhe contar. Esperar! Não vá!

"Eu não estou indo a lugar nenhum! Mas, Elisabeth, você está desaparecendo, ficou transparente ...

O gelo estava voltando. Ela respirou no espelho novamente, mas não adiantou. Desta vez, o gelo não recuou. Enquanto ela procurava uma solução, uma ideia diferente ocorreu a ela. Na Grande Biblioteca, Katrien tinha acesso a recursos que Elisabeth não tinha.

"Eu preciso da sua ajuda", disse ela no círculo que diminui rapidamente. "Não tenho tempo para explicar, mas é importante."

"Qualquer coisa", disse Katrien sombriamente.

“Existe um grimório chamado Codex Daemonicus. Eu acho que é uma classe cinco ou seis. Preciso descobrir onde posso localizar uma cópia ...

A última seção de geada cristalizou no lugar, e a superfície do espelho ficou branca leitosa.

Elisabeth não tinha como saber se Katrien a ouvira. Ela recostou-se, apertando os olhos contra lágrimas frustradas.

Ela manteve o espelho fechado pelo resto do dia, escondido sob as almofadas da poltrona, verificando-o periodicamente. Mas sua mágica parecia ter se esgotado. Não lhe mostrou nada, apenas um oval branco em branco. Ela ficou acordada na cama naquela noite, observando uma faixa de luz da lua atravessar o teto, imaginando o que fazer. O espelho estava nas cobertas ao lado dela, seu frio gelado arrepiando seus braços nus. Katrien imediatamente pareceu perto o suficiente para tocar e mais longe do que nunca.

Talvez eu deva ir para Nathaniel, **ela pensou.** *Ele saberá se há uma maneira de restaurar sua mágica.*

Ela descartou a ideia imediatamente. Nathaniel parecia disposto a tolerar seus esforços para expor Ashcroft, mas apenas sob a condição

de que ela não o envolvesse de forma alguma. Ele poderia tirar o espelho dela, especialmente se fosse perigoso, ou se ele temesse que ela o quebrasse. Melhor esperar e ver se a mágica retornou por conta própria.

Nathaniel . . . ela ainda não o entendeu. Ele não estava sendo cruel com ela, mas ele obviamente também não gostava da presença dela. A chegada dela o perturbara por algum motivo - sua discussão com Silas deixara isso bem claro. Eles nunca dividiram as refeições juntos, e ele só falou com ela quando absolutamente necessário. Quando eles não estavam em seu escritório, ele a evitou completamente.

Talvez ele não quisesse encorajá-la. Ele poderia não estar interessado em mulheres, como as damas sugeriram durante o jantar no Ashcroft Manor, ou ele poderia ser como Katrien, que não tinha nenhum interesse em assuntos românticos. Qualquer um pode explicar por que ele nunca cortejou. Mas ela não se enganara com a maneira como os olhos dele escureceram na outra manhã, ou com a tensão que inundou o ar entre eles.

Ela virou-se sob as cobertas, inquieta. Ela imaginou andar pelo corredor de camisola e bater na porta do quarto de Nathaniel. Ela o imaginou respondendo no escuro, os cabelos despenteados pelo sono, a camisa de dormir desamarrada na frente. Quando ela finalmente adormeceu, foi para a lembrança de como os cabelos dele eram macios em Summershall, e o toque calejado de seus dedos quando ele tocou a mão dela.

• • •

Quando ela acordou na manhã seguinte, a primeira coisa que ela fez foi se sentar e agarrar o espelho, seus cabelos caindo ao redor em uma cortina emaranhada. A magia estava de volta. Imagens movidas sob o gelo novamente. Mas antes que ela pudesse invocar Katrien, uma batida bateu na porta. Ela enfiou o espelho embaixo dos cobertores, prendendo a respiração.

Silas entrou no café da manhã. Seus olhos amarelos traçavam sobre ela, mas se ele sentia algo errado, ele não disse nada. Elisabeth agradeceu-lhe apressadamente quando ele trouxe a bandeja e, ao perceber que seu agradecimento lhe parecia bastante peculiar, pegou uma massa e enfiou-a na boca. Nada nessa apresentação pareceu surpreendê-lo, quando ele se curvou e partiu sem comentar. Ela esperou vários momentos depois que ele se foi, certo de

que

os sentidos eram muito mais aguçados do que os humanos. Então ela se esforçou para recuperar o espelho, ignorando a mordida do metal congelado.

"Mostre-me Katrien", ela ordenou, e respirou contra o vidro. O

espelho girou. Katrien estava esparramado de bruços em sua cama, parcialmente enterrado nas bolas de papel amassadas.

Depois que Elisabeth disse seu nome várias vezes, ela bufou acordada e rolou direto para o chão.

Elisabeth estremeceu com a pancada que fez no tapete.

"Você está bem?" ela perguntou.

Katrien tropeçou no espelho, apertando os olhos à luz da manhã. "Eu ia fazer a mesma pergunta, mas vejo que você está tomando café da manhã na cama."

"Estou seguro, por enquanto." Elisabeth hesitou. “Katrien, você parece. . . ” Pálido. Excesso de trabalho.

Exausta. Ela se amaldiçoou por não perceber isso no outro dia. As sacolas sob os olhos de Katrien e a palidez acinzentada de sua pele marrom falavam em muito mais do que apenas uma noite de sono perdido.

Sua amiga olhou por cima do ombro para a porta e parou por um momento como se tivesse certeza de que não havia ninguém lá fora. "O

diretor Finch está administrando o local como uma prisão", confessou,

baixando a voz. “Os guardas realizam inspeções aleatórias na sala a cada poucos dias. Ele dobrou a quantidade de trabalho que os aprendizes precisam fazer e somos jogados na masmorra se não terminarmos. ” Ela esfregou o pulso, onde Elisabeth vislumbrou as marcas inchadas de um interruptor. “Se você acha que estou mal, deveria ver Stefan. Mas não se preocupe. Isso não vai durar muito mais tempo.

"O que você quer dizer?"

“Eu diria, mas estou preocupada que o tempo acabe novamente. Confie em mim. Eu tenho a situação sob controle.

Ela se inclinou para mais perto. "Então, eu consegui dar uma olhada nos registros ontem à noite."

Elisabeth sentou-se ereta. "Você achou isso?"

Katrien assentiu. “Havia apenas duas cópias do Codex Daemonicus já escritas. Um

desapareceu centenas de anos atrás e o outro está guardado em algum lugar da Biblioteca Real.

“Então Ashcroft deve ter a cópia que falta. ..... ” Ela parou, pensando muito. Ela descobrira em Silas que a Biblioteca Real era uma das vítimas

edifícios com vista para o rio, a uma curta caminhada do Hemlock Park.

"Elisabeth", disse Katrien.

Ela olhou para cima e encontrou a geada rastejando de volta pelo espelho, engolindo o rosto de Katrien. O

coração de Elisabeth pulou na garganta. "Somente feiticeiros são permitidos na Biblioteca Real", disse ela rapidamente. “E estudiosos, se eles receberem permissão do Collegium - mas eles precisam ter credenciais. Eu preciso encontrar uma maneira de entrar.



"Isso é fácil", respondeu Katrien. "Consiga um emprego lá como servo." "Mas eles nunca deixam um criado estudar um grimório."

"Claro que eles não vão *deixei* **vocês. Você percebe o que tem que fazer, não é? Elisabeth balançou a cabeça, mas sua boca ficou seca. Na verdade, ela sabia o que Katrien iria lhe dizer, e ela não queria ouvir.**

"Eu sei que você não gosta, mas não há outro jeito." A voz de sua amiga estava desaparecendo rapidamente. “Você precisa descobrir onde o Codex está guardado na Biblioteca Real. Você tem que entrar lá

- disse ela - e depois roubar.

DEZENOVE

F INDING UM TRABALHO na Biblioteca Real mostrou-se menos desafiador do que Elisabeth havia previsto. Como se viu, uma criada deixou a casa logo depois que uma livraria gigante deslizou por sua perna e a Biblioteca Real precisava de um substituto imediato.

Elisabeth demonstrou ao mordomo que seria uma candidata ideal levantando uma extremidade de um gabinete em seu escritório, descobrindo uma livraria por baixo e pisoteando-a, para o deleite de um jovem aprendiz que passava por ali. Ela então se sentou em frente à mesa do administrador e respondeu a uma série de perguntas relacionadas ao trabalho, como a rapidez com que podia correr e se ela valorizava fortemente manter todos os dez dedos. O mordomo pareceu impressionado por achar todas as perguntas dele perfeitamente razoáveis. A maioria das pessoas, explicou, saiu direto pela porta.

"Mas isso é uma biblioteca", ela respondeu surpresa. “O que eles esperam - que os livros *não* tentar morder seus dedos?

Após a entrevista com o administrador, ela teve que se encontrar com a diretora adjunta, senhora Petronella Wick.

Elisabeth nunca tinha ouvido falar de um vice-diretor, mas concluiu que a Biblioteca Real era grande o suficiente para precisar de um. Ela entendeu instantaneamente ao entrar no escritório que estava na presença de uma pessoa extremamente importante. A senhora Wick usava as túnicas índigo de uma bibliotecária sênior decorada, apertada no alto da garganta com uma chave de ouro e pena. Seu cabelo tinha ficado prateado com a idade, mas isso não diminuía a elegância de suas tranças artisticamente empilhadas. Ela tinha uma pele marrom escura contra a qual seus olhos brancos pareciam quase opalescentes, e sua postura era tão impecável que Elisabeth sentiu sua própria gangliness preencher a sala como uma terceira presença. Ela estava certa de que a senhora Wick podia sentir isso, embora estivesse claramente cega.

"Você pode estar se perguntando por que foi trazido diante de mim", disse a senhora Wick sem preâmbulos. “Aqui na Biblioteca Real, até a posição de criada é uma grande responsabilidade. Não podemos deixar ninguém entrar em nossos corredores.

"Sim, senhora Wick", disse Elisabeth, sentada petrificada em frente à mesa. “Também é um trabalho perigoso.

Durante meu período como vice-diretor, vários funcionários foram mortos. Outros perderam membros, sentidos ou até a mente. Portanto, devo perguntar: por que você deseja trabalhar em uma grande biblioteca, de todos os lugares?

"Porque eu . . . ” Elisabeth engoliu em seco e decidiu ser o mais honesta possível. "Porque eu pertenço aqui", ela deixou escapar. "Porque há algo que preciso encontrar, e só posso encontrá-lo aqui, entre os livros."

"O que você deseja encontrar?"

Desta vez, ela falou sem hesitar. "A verdade."

A senhora Wick ficou em silêncio por um longo tempo. Tempo o suficiente para que Elisabeth tivesse certeza de que seria afastada. Ela sentiu como se sua própria alma estivesse sendo examinada; como se a senhora Wick pudesse sentir suas verdadeiras intenções de vir aqui, e a qualquer momento convocasse um diretor para prendê-la no local. Mas então a diretora adjunta se levantou da cadeira e disse: “Muito bem.

Venha comigo. Antes de começar seu treinamento, você deve visitar o arsenal.

Eles saíram dos escritórios e caminharam juntos por um corredor com colunas, seus passos ecoando no teto abobadado acima. Caixas de vidro reforçado foram colocadas em nichos ao longo das paredes, lançando estranhos brilhos de cores diferentes nas lajes. Os casos não continham grimórios. Em vez disso, eles mantinham artefatos mágicos: uma caveira

irradiando luz esmeralda, um cálice cheio de um rascunho do céu noturno, uma espada cujo pomo estava entrelaçado com glórias da

manhã, as flores desabrochando, morrendo e desabrochando novamente enquanto Elisabeth observava, suas pétalas caídas caindo longe para nada. Ela se forçou a não desacelerar, consciente da mão da senhora Wick descansando em seu ombro. Mas quando ela passou no próximo caso, ela parou de surpresa.

Dentro havia um espelho congelado, os pingentes de gelo tão compridos que se fundiram e formaram um pedestal translúcido. Cristais de gelo giravam em volta do espelho como se uma nevasca uivasse por trás do vidro da caixa.

"Estamos no Salão de Artes Proibidas", explicou a senhora Wick.

“Todo artefato neste lugar foi banido cento e cinquenta anos atrás pelas reformas. Eles são relíquias de um passado, preservados para nos lembrar do que era antes. ” Ela se moveu em direção ao estojo, estendendo a mão. Ela passou os dedos pela placa. Depois de um momento, Elisabeth percebeu que estava lendo as letras gravadas pelo toque. “Este é um espelho de observação”, disse ela, afastando a mão,

“criada pelos feiticeiros da antiguidade, com os quais se pode olhar através de todos os espelhos deste mundo. Acredita-se que seja o último de seu tipo. O resto foi confiscado e destruído, e ninguém sabe mais como fazê-los.

Elisabeth se aproximou. "O espelho é perigoso?"

“O conhecimento sempre tem o potencial de ser perigoso. É uma arma mais poderosa do que qualquer espada ou feitiço.

“Mas o espelho é mágico. Feitiçaria." Elisabeth sabia que não deveria dizer mais nada, mas ansiava por respostas, não apenas sobre o espelho, mas sobre a mudança ocorrendo dentro de seu coração. "Isso não deveria automaticamente torná-lo mal?"

A senhora Wick virou bruscamente a cabeça e imediatamente se arrependeu de perguntar. No entanto, a vice-diretora apenas colocou a mão no ombro de Elisabeth e a conduziu para longe, movendo-se com tanta segurança que era óbvio que ela poderia navegar sozinha pelo

salão. Elisabeth foi quem estava sendo guiada por esse lugar perigoso, e não o contrário.

"Alguns diriam", disse a senhora Wick. “Mas sempre há mais de uma maneira de ver o mundo. Aqueles que afirmam o contrário gostariam que você morasse para sempre no escuro.

O arsenal estava no outro extremo do Salão de Artes Proibidas, guardado por duas estátuas que mantinham as lanças cruzadas em frente às portas de ferro. A senhora Wick mostrou-lhes o alfinete do Collegium e eles ergueram as lanças. As portas se abriram sem um toque.

Elisabeth olhou com espanto. Raios de sol caíam do alto sobre mantos, espadas e cartuchos, e até sobre armaduras arcaicas que ficavam atentas ao longo dos pilares, com o metal polido a um alto brilho. Uma fila de estátuas dispostas ao longo das costas parecia ter sido usada para praticar armas; eles tinham pedaços faltando aqui e ali, e expressões cansadas congeladas em seus rostos. Apenas uma pessoa estava na sala. Um menino estava em uma mesa de cavalete perto do centro,

colocando pilhas de sal nos centros de pedaços de tecido. O produto finalizado formava pequenos pacotes redondos, como bolsas de moedas, amarrados com barbante. Ele olhou para cima quando eles entraram e ofereceu a Elisabeth um sorriso amigável.

"Boa tarde, Parsifal", disse a senhora Wick. "Elisabeth, a bibliotecária júnior Parsifal garantirá que você esteja equipado para o trabalho."

"Olá", disse Parsifal. Elisabeth gostou dele imediatamente. Ele parecia ter dezenove anos, suas vestes azuis pálidas amarradas sobre o estômago roliço. Ele tinha um rosto agradável e um cabelo curto e loiro preso em alguns lugares.

Depois que a senhora Wick saiu, ele se apressou em torno dos itens de busca do arsenal e estendeu-os para ela em uma seção vazia da mesa: um cinto de couro, coberto de laços e bolsas, e uma capa de lã branca

com capuz, estampada nas costas com uma chave e uma pena, e forrada por dentro com uma fina camada de cota de malha.

"Eu não tinha ideia de que seria capaz de usar algo assim", disse ela, tocando reverentemente a capa.

"Até os empregados têm seus próprios uniformes aqui", respondeu Parsifal com orgulho. "Embora, é claro, seja principalmente por necessidade. Se você vai trabalhar na Biblioteca Real, precisa usar ferro -

especialmente nos dias de hoje, com tudo o que está acontecendo.

Agora, essas são chamadas de rodadas de sal - disse ele, demonstrando como pendurar os pacotes de sal no cinto e como o tecido fino estourou quando jogado contra as lajes, liberando uma explosão de sal no ar. "Se você tiver problemas, usá-los deve lhe dar tempo suficiente para correr e alertar um diretor."

"Eu também recebo uma chave de ouro?" ela perguntou esperançosa, olhando as duas chaves no chaveiro de Parsifal. Os bibliotecários ganharam o segundo quando se formaram de aprendizes a bibliotecários juniores.

Ele lhe deu um olhar de desculpas. "Receio que não. Razões de segurança e tudo isso. Você terá que bater na porta do pessoal no início do seu turno, e alguém o deixará entrar. . . " Ele franziu o cenho, pensativo, olhando para ela. "Diga, esse é o seu gato?"

Elisabeth se virou, confusa. Um gato branco e fofo estava sentado no chão atrás dela,

olhando-os com olhos amarelos. Era bem pequeno para um gato adulto; poderia ser um gatinho, ela pensou, ou talvez fosse apenas delicado. E estranho. . . aqueles olhos amarelos pareciam terrivelmente familiares. . . .

Seu coração pulou uma batida. "Sim", ela engasgou, sem ver outra opção. "Isso é, meu gato."

Está tudo bem assegurou Parsifal. “Gatos são sempre bem-vindos na Biblioteca Real. Eles pegam piolhos e sabem ficar longe dos grimórios.

Ter um gato com você pode até ajudar a mantê-lo seguro, já que eles são tão talentosos em sentir mágica. Para seu horror, ele foi até Silas e o pegou, segurando-o no alto dos olhos. “Que gato adorável você é! Você é um menino ou uma menina?"

"Ele é um menino", disse Elisabeth apressadamente, quando Parsifal parecia estar prestes a abaixar a cabeça e verificar. "O nome dele é ...

er ... é", ela engoliu em seco "Sir Fluffington."

Pendurado nas mãos de Parsifal, Silas lançou-lhe um olhar de extrema reprovação. Parsifal sorriu.

"Adorável", ele repetiu. "Bem, você pode tê-lo de volta." Ele passou Silas. “Eu vou te mostrar um pouco, embora não se preocupe em aprender o seu caminho ainda. Você terá tempo de sobra para fazer isso durante o treinamento. Primeiro, esta é a ala nordeste, onde estão todos os escritórios. ..... ”

Elisabeth se afastou quando Parsifal conversou, olhando horrorizado para o demônio em seus braços. O

nariz e as patas das patas contrastavam com o pêlo nevado. Ele era muito fofo. Ela sentiu um desejo alarmante de pressionar o rosto contra a barriga dele, como se ele fosse realmente um gato e não um ser imortal antigo.

"Nathaniel enviou você para se certificar de que eu não tive problemas?" ela sussurrou. Silas piscou lentamente, o que parecia significar "sim". Ela fez uma careta. “Eu não vou ser pego por Ashcroft. Passei dezesseis anos sem ver um feiticeiro em Summershall -

não vou encontrar um aqui. E, de qualquer forma, eu usarei um capuz.

"Mew", disse Silas. Até o miado dele era adorável. Elisabeth estremeceu e o colocou no chão. Ele correu atrás deles, balançando o rabo plumoso.

Parsifal a conduziu pelo restante da ala nordeste, passou pelas salas de leitura e entrou no átrio central, que poderia caber dentro da Grande Biblioteca de Summershall inteira. Era um espaço octogonal colossal do qual as quatro asas se ramificavam sob arcos embelezados com pergaminhos e anjos de bronze. O teto abobadado era de vitral, azul profundo e coberto de constelações. Escadas de mármore graciosamente esculpidas subiam aos níveis

superiores, onde as prateleiras subiam mais e mais até que se perdiam na névoa indigotigida da cúpula.

Bibliotecários atravessaram o chão de mármore quadriculado, seu status

diferenciado não apenas pelo número de chaves em seu chaveiro, mas também pela tonalidade de suas vestes, variando de azul claro a azul escuro.

Enquanto Parsifal conversava, ela fechou os olhos, deixando que os murmúrios ecoantes e grimórios dos grimórios a inundassem. Ela não tinha percebido o quanto sentia falta de estar em uma Grande Biblioteca até agora - como algo dentro dela, desalinhado desde que deixou Summershall, voltando ao seu devido lugar. Ela estava em casa.

Ela se agarrou à sensação enquanto Parsifal lhe mostrava as estátuas que moviam as escadas sob comando, o mapa de azulejos da biblioteca situado no centro do piso do átrio e os tubos pneumáticos escondidos atrás das estantes de livros que carregavam mensagens pelo prédio à velocidade da luz.

Enquanto o fazia, ele explicou o que ela poderia esperar trabalhando ao lado de grimórios.

"Você entende muito rápido", disse ele, impressionado. “Pena que você não é órfão. Oh, isso saiu errado. O que quero dizer é que você seria um excelente aprendiz.

O elogio atingiu Elisabeth como um golpe. Por um momento, sentiu-se desorientada, como se tivesse sido jogada fora de seu corpo. Quando as

pessoas olhavam para ela agora, não viam um bibliotecário aprendiz e certamente não um futuro diretor. Talvez eles estivessem certos. Depois de usar um artefato mágico proibido e conspirar para roubar da Biblioteca Real, até parar Ashcroft pode não ser suficiente para recuperar seu aprendizado. Essa sombra de sua vida anterior era tudo o que restara?

"Obrigada", disse ela, olhando para o chão para que Parsifal não visse sua expressão.

Felizmente, ele não percebeu nada de errado quando a conduziu em direção à entrada da ala noroeste. Pressentimento formigou a pele de Elisabeth quando eles se aproximaram. As figuras angelicais esculpidas ao redor do arco tinham crânios sob os capuzes, e a entrada era isolada com uma corda de veludo. Além da corda, sombras envolveram a asa.

Uma névoa espessa se espalhou pelo chão, e baixos murmúrios e sussurros correram pelo corredor, ecoando na pedra. Eles pareciam estar vindo de trás de um portão de ferro que se erguia da escuridão, com mais de trinta metros de altura, a névoa girando em torno de suas bordas. Ela ouviu Parsifal vagamente explicar que essa asa continha a entrada do cofre.

"Mas o que é esse portão?" ela perguntou.

“Essa é a entrada para os arquivos restritos. Os grimórios lá dentro são quase perigosos o suficiente para o cofre, mas não exatamente. Não se preocupe - você não será designado

para a ala noroeste. Agora, se apressarmos a Spire Sul, talvez cheguemos a tempo de ver os guardas treinando no local.

Quando eles se viraram, Silas olhou com olhos brilhantes para as sombras da asa, e ela se perguntou o que ele viu que ela não podia.

• • •

Quando Elisabeth voltou à casa de Nathaniel naquela noite, estava tão exausta que jantou e caiu diretamente na cama. Então ela acordou cedo na manhã seguinte e começou a caminhada de quinze minutos até a

Biblioteca Real, através do Hemlock Park, Silas seguindo atrás dela na penumbra do amanhecer como um fantasma em forma de gato. Não era provável que Ashcroft passasse por ela em uma carruagem, mas por precaução, ela ficou fora da rua principal e fez uma rota tortuosa por trilhas cobertas de pedestres e por uma seção do parque arborizado. Ela passou apenas por empregados que colhiam ervas do café da manhã nos jardins do quintal, jogando pá de fuligem e esvaziando os potes de suas casas. Ela sentiu uma pontada de vergonha de culpa ao perceber que Silas normalmente deveria ser responsável por essas tarefas - embora, na verdade, ela não pudesse imaginá-lo fazendo-as.

O último trecho da caminhada a levou pelos terrenos do Collegium. Os cavalos cutucavam o nariz dos estábulos de pedra, cheirando docemente a feno e a corpos quentes. Uma névoa baixa pairava no gramado, onde os guardas praticavam espadas. Ela tentou ignorar a dor no peito ao ver os dormitórios, decorados com gárgulas e empenas ornamentadas, onde os guardas moravam quando começaram o treinamento. Agora que ela havia lavado o chão, seu sonho de se juntar a eles parecia pertencer a outra pessoa.

Assim que chegou à entrada dos criados da Biblioteca Real, ela foi imediatamente colocada em trabalho por um antigo criado chamado Gertrude, que a supervisionou de perto enquanto puxava um balde com sabão pelo chão de laje. Em seguida, varreu e espanou uma sala de leitura não utilizada e ajudou Gertrude a levar os tapetes a serem batidos. Enquanto o dia se prolongava, a frustração fervia sob sua pele.

Ela não chegaria nem perto de localizar o Codex com Gertrude a observando como um falcão. Os idosos

a criada até insistiu em almoçar com ela, o que eliminou toda a esperança de Elisabeth aproveitar a chance de escapar e checar o catálogo.

Mas uma oportunidade chegou depois do almoço, quando Elisabeth moveu uma poltrona para varrer por baixo dela e, ao fazê-lo, perturbou um ninho de piolhos. Os piolhos deslizavam em todas as direções, cinzentos e quitinosos, os jovens não maiores que ovos de

galinha. Elisabeth soltou um grito feroz e começou a bater nelas com sua vassoura. Quando vários fugiram em direção à porta, ela finalmente sentiu o gosto da liberdade.

"Devagar, menina!" Gertrude gritou, mas Elisabeth fingiu não ouvir enquanto corria pela

esquina, perseguindo os piolhos com a vassoura erguida como uma lança. Gertrude logo ficou para trás, chiando. A partir daí, Elisabeth só teve que fazer mais algumas voltas antes de desaparecer.

Verificou-se ao entrar no átrio, reduzindo sua velocidade ao que esperava ser um passo de propósito.

Ela abriu caminho entre os bibliotecários e se escondeu atrás de um pilar. A sala do catálogo ficava na faceta do octógono em frente às portas da frente da Biblioteca Real. Tudo o que ela precisava fazer era esgueirar-se para dentro, vasculhar as gavetas do catálogo e encontrar o cartão com a localização do Codex. Mas quando ela olhou ao redor do pilar, seu espírito despencou.

A sala estava cheia de atividades. Bibliotecários de todos os escalões subiram escadas e se consultaram sobre mesas, supervisionados por um arquivista de óculos. Ninguém a olharia duas vezes se ela estivesse vestindo um roupão azul-claro de um aprendiz, mas tinha certeza de que o arquivista a notaria se subisse uma das escadas e começasse a passar pelas minúsculas gavetas douradas que cobriam cada centímetro das paredes. E não havia muitos lugares para se esconder lá, além de embaixo das mesas e atrás de algumas vitrines contendo grimórios.

Ela olhou para a vitrine mais próxima. O grimório parecia familiar e, de fato, ela o reconheceu de Summershall, onde outra cópia estava em exibição no corredor do lado de fora da sala de leitura. Era uma classe ostentosa chamada Classe 4 chamada Harmônica Cantrips de Madame Bouchard, sua capa entre parênteses em ouro e costurada com penas de pavão. O coração de Elisabeth disparou quando um plano começou a se desdobrar em sua mente. O único problema era que ela não podia fazer isso sozinha.

Um grunhido gutural chamou sua atenção para a seção mais próxima de estantes de livros. Um gato de cor de marmelada agachado ali, com pêlos em pé, a cauda chicoteando para trás

e quatro. Em frente, estava Silas, parecendo extremamente despreocupado. Enquanto o outro gato continuava a uivar, ele levantou uma de suas delicadas patas e a lambeu.

"Silas", Elisabeth sibilou. Ela foi e pegou-o. O outro gato fugiu. "Eu preciso da sua ajuda", ela sussurrou, ignorando o olhar estranho enviado a ela por um aprendiz que passava.

Silas olhou para ela com firmeza. "É

importante", ela tentou.

Seu rabo sacudiu, de uma maneira que sugeria que ele estava se sentindo incomodado. Ela suspeitava que ele ainda não tivesse superado o incidente de Sir Fluffington.

"Se você me deixar por conta própria", ela disse a ele, "provavelmente vou ter problemas, e tenho certeza de que Nathaniel não apreciaria isso."

Os olhos amarelos de Silas se estreitaram. Lentamente, ele piscou.

Elisabeth caiu de alívio. "Boa. Agora, aqui está o que eu preciso que você faça. ..... ” Nenhum dos bibliotecários da sala do catálogo se preocupou quando, alguns minutos depois, um pequeno gato branco entrou trotando. Nenhuma alma reagiu quando ele pulou em uma das mesas e picou através dela. Mas eles prestaram atenção quando Silas se jogou na vitrine de vidro, a derrubou e rapidamente saiu da cena, procurando o mundo inteiro como um gato comum que se metera em problemas inesperados. Todo mundo congelou quando o caso oscilou uma vez - duas vezes

- então caiu no chão e quebrou.

As Cantrips Harmônicas de Madame Bouchard pareciam estar esperando a vida inteira por esse momento. Ele se ergueu gloriosamente dos destroços, desenrolando um conjunto de asas de papel, com uns bons sete ou oito pés de diâmetro. Enquanto os bibliotecários protegiam a cabeça de seus pinhões agitados, ela espalhava suas páginas e soltava um lamento estridente e operístico.

Mesas tremiam. Gavetas chacoalhavam. Os óculos do arquivista racharam. Os bibliotecários fugiram em todas as direções, cobrindo os ouvidos contra o vibrato que o abria.

Elisabeth esperou até que o último bibliotecário esvaziasse antes de disparar para dentro. Ela apertou os dentes contra o barulho - vendo que possuía uma platéia, madame Bouchard lançara uma ária - e olhou em volta para as gavetas. O sistema de catalogação era diferente aqui do que em Summershall, e tinha que haver milhares de gavetas no total. No entanto, ela rapidamente determinou que o as gavetas foram divididas em sete colunas diferentes, com números de bronze fixados acima deles, variando de I a VII. Aqueles tinham que representar classes de grimório, com as classes Oito a Dez omitidas no catálogo público.

Ela havia estimado anteriormente que o Codex era da Classe Cinco ou da Classe Seis. Ela subiu a escada pertencente à seção da Classe Cinco primeiro e encontrou a gaveta marcada “Pe-Pi”.

Depois de folhear os cartões e não encontrar nada, ela checou a gaveta chamada “Ci-Co”, para o caso de os grimórios serem catalogados por título, em vez de autor. Quando isso não deu certo, ela foi para a seção da Classe Seis, com os nervos gritando quase tão alto quanto Madame Bouchard.

Durante os breves intervalos em que o grimório parou para respirar, ouviu gritos ecoando pelo átrio, aproximando-se rapidamente.

Ela encontrou o cartão do Codex na última gaveta que verificou, olhou para ele e fechou a gaveta. Quando ela saltou da escada, um diretor entrou a passos largos com uma rodada de sal pronta e uma corrente



de ferro. Ele olhou para Elisabeth, perplexo. Ela pegou sua vassoura e a apertou com força.

"O que você esta fazendo aqui?" ele gritou sobre madame Bouchard, que agora estava praticando balanças energeticamente.

Elisabeth jogou um pouco de vidro quebrado para o lado. "Estou limpando a bagunça, senhor!" ela gritou de volta.

Um turbilhão de caos se seguiu. Por fim, o diretor a entregou a uma bibliotecária igualmente confusa, que disse: "Bem, devo elogiá-la por ir além do dever, menina" e a levou de volta a Gertrude, que a censurou profundamente. Mas Elisabeth não estava com nenhum problema real, pois dificilmente poderia ser punida por varrer o chão.

Ela passou o resto do dia obedecendo humildemente aos comandos de Gertrude. Sob circunstâncias diferentes, ela não poderia esperar para voltar para casa e contar a Katrien o que havia feito, pois era exatamente o tipo de história que sua amiga adoraria. Mas o que ela viu no cartão de catálogo sombreava seu humor como uma nuvem negra. Ela não queria contar a Katrien sobre isso; ela nem queria pensar nisso sozinha.

O Codex Daemonicus não seria fácil de roubar, porque estava arquivado nos arquivos restritos da ala noroeste.

VINTE

E LISABETH dormiu mal naquela noite e teve sonhos perturbadores.

Neles, ela caminhou pelo corredor escuro da ala noroeste, o portão pairando cada vez maior acima dela, estendendo-se impossivelmente alto. Quando ela se aproximou, o portão se abriu por vontade própria.

Havia uma forma dentro da névoa rodopiante, esperando por ela, sua presença a inundando de horror profundo.

Antes de descobrir quem ou o que era, ela sempre acordava.

Ela desejava poder falar com Katrien novamente, mas a mágica do espelho só se renovava a cada doze horas, mais ou menos, e eles tinham que guardar suas breves conversas para assuntos importantes. Eles não podiam deitar na cama e conversar até altas horas da noite como em Summershall, olhos brilhantes e inquietos no escuro. Como último recurso, Elisabeth imaginou que estava de volta à sala da torre, aconchegada sob o peso familiar de sua colcha, segura atrás das grossas paredes de pedra da biblioteca, até que ela se afastou mais uma vez.

Não adiantava. Ela voltou ao portão, e a figura sinistra ainda a esperava. Dessa vez,

quando o portão se abriu, ele abriu a boca e gritou.

Os olhos de Elisabeth se abriram, seu pulso acelerado. Mas os gritos não desapareceram. Eles se chocaram contra o crânio dela, ecoando incessantemente de todas as direções. Eles não haviam acontecido no sonho dela -

eram reais.

Ela pulou da cama e correu nas rodadas de sal, depois pegou um pôquer e tropeçou no corredor, onde os gritos ficaram mais altos. Eles vieram do chão, do teto. Eles arrancaram das próprias paredes. Era como se a própria casa tivesse começado a uivar de angústia.

Um cheiro de combustão etéreo pairou sobre ela, e seu estômago se apertou de medo. Alguém estava fazendo feitiçaria. E se Ashcroft a tivesse visto na Biblioteca Real, afinal, e a tivesse rastreado até aqui - e agora estivesse lançando um ataque à casa de Nathaniel?

Sem pensar, ela foi para o quarto de Nathaniel. Ele saberia o que fazer.

Os gritos pulsavam dolorosamente em seus ouvidos enquanto ela corria pelo corredor, jogando pôquer. Ela virou uma esquina e parou.

À luz da lua, algo molhado brilhava nas paredes. Ela se aproximou do lambris com passos hesitantes e tocou a substância. Quando ela levantou a mão, ela brilhava carmesim na ponta dos dedos.

As paredes estavam chorando sangue.

Então ela piscou, e tudo voltou ao normal. Os gritos cessaram. O

sangue desapareceu de seus dedos. Perplexa, ela deixou o pôquer cair ao seu lado. No súbito silêncio, ela ouviu vozes pelo corredor. Eles estavam vindo do quarto de Nathaniel.

"Mestre", Silas estava dizendo. “Mestre, me escute. Foi apenas um sonho. "Silas!" Essa voz crua e torturada tinha que pertencer a Nathaniel, embora parecesse pouco com ele. "Ele os trouxe de volta, mãe e Maximilian-"

"Silêncio. Você está acordado agora.

- Ele está vivo e vai - por favor, Silas, você deve acreditar em mim - eu o vi

- ”

“Tudo está bem, mestre. Eu estou aqui. Eu não vou deixar você ferir. O

silêncio desceu como uma guilhotina.

Então, "Silas", Nathaniel ofegou, como se estivesse se afogando.

"Ajude-me."

Elisabeth sentiu como se houvesse uma corda presa ao meio, rebocando-a para frente.

Ela não quis dar um passo, mas aproximou-se da sala, paralisada.

A porta estava aberta. Nathaniel sentou-se em sua camisola, enroscada em um grunhido de roupa de cama, seu cabelo em um estado selvagem de desordem. Sua expressão era terrível de se ver: suas pupilas haviam engolido seus olhos e ele olhou como se não visse nada ao seu redor. Ele estava ofegando e tremendo; sua camisa de dormir se agarrava ao corpo com suor. Silas estava sentado ao lado da cama, afastando-se de Elisabeth, com um joelho esticado para enfrentar Nathaniel. Embora

devessem ser duas ou três da manhã, ele ainda estava vestido com o uniforme, além das mãos, que estavam nuas.

"Beba isso", ele disse suavemente, pegando um copo na mesa de cabeceira. Quando Nathaniel tentou agarrar o copo e quase derramou, Silas o guiou até os lábios com a garantia de muitos anos de prática.

Nathaniel bebeu. Quando ele terminou, ele fechou os olhos e caiu contra a cabeceira da cama.

Seu rosto se contorceu como se estivesse tentando impedir-se de chorar, e sua mão procurou a de Silas e apertou-a com força.

Elisabeth de repente sentiu que já tinha visto o suficiente. Ela se retirou e recuou pelo corredor. Mas ela permaneceu na esquina, pisando primeiro em uma direção e depois outra, dilacerada pela indecisão, como se estivesse passeando pelos limites de uma gaiola. Ela não conseguiu voltar para a cama. Ela não seria capaz de dormir, sabendo que Nathaniel estava com tanta dor. Não depois do que ela ouvira, do que ele havia dito. Ela lembrou dos comentários que as pessoas fizeram sobre Alistair. Nathaniel estava tendo um pesadelo, mas era apenas um pesadelo, ou algo mais?

Depois de vários minutos, Silas apareceu no corredor e ela percebeu que estava esperando por ele. Ele acenou para ela sem surpresa - ele sabia que ela estava lá o tempo todo. Ela não conseguia ler nada em sua expressão.

"Nathaniel vai ficar bem?" ela sussurrou.

"Mestre Thorn tomou remédio e permanecerá tranquilo até a manhã seguinte." Essa não era precisamente uma resposta à pergunta que ela fizera, mas antes que ela pudesse dizer isso, ele continuou: - Eu ficaria agradecido se você não mencionasse os eventos desta noite ao meu mestre. Ele temia que isso acontecesse. Ele tem pesadelos frequentemente. O rascunho fará com que ele esqueça.

Oh, **pensou Elisabeth, e o mundo parecia mudar levemente sob seus pés. "É por isso que ele não queria que eu ficasse aqui?"**

“A resposta é complicada - mas sim, em parte. Seus pesadelos expulsaram os criados

humanos de seu pai da casa há muito tempo.

Eles costumam fazer com que ele revele sua magia, como você viu, e ele se preocupa que, com o tempo, ele possa perder o controle de maneiras ainda piores. ”

"Então ele empurra as pessoas para ele", ela murmurou, pensando em voz alta. "Ele não deixa ninguém chegar perto." O olhar dela se voltou para a parede, depois voltou para Silas. “Isso não me incomoda. Ou seja, eu não gosto de ser acordado pelo som de gritos e ver sangue escorrer pelas paredes, mas não estou chateado com isso, agora que sei por que isso acontece. Eu não estou com medo."

Silas a considerou por um longo momento. "Então talvez você deva falar com meu mestre, afinal", disse ele finalmente. Ele virou. "Venha comigo. Há algo que devo lhe dar. Algo que, lamento dizer, tenho escondido de você injustamente.

Ele a levou escada abaixo para uma sala de estar - um dos muitos cômodos da casa de Nathaniel que ela espiara, mas nunca havia entrado. Ele não acendeu nenhuma lâmpada, então Elisabeth mal podia ver. Por todos os direitos, estar sozinho no escuro com um demônio deveria tê-la assustado, mas ela só tinha o pensamento estranho de que talvez Silas estivesse angustiado, à sua maneira, e não fosse ele mesmo, pois sempre se lembrava de acender as lâmpadas. Ela sentiu o caminho de um sofá e sentou-se. O rosto e as mãos de alabastro de Silas se destacavam, sem corpo, como se sua pele produzisse sua própria luz pálida.

Uma porta do armário se abriu e fechou. Ele se endireitou com um pacote longo e esguio, que segurava com cautela, como se pudesse explodir em chamas a qualquer momento.

"Isso chegou de Summershall um dia antes de eu te encontrar na rua", disse ele, estendendo-a para ela. "Não havia nenhuma nota, mas foi

postada por alguém chamado Master Hargrove."

O coração de Elisabeth deu uma pulsação rápida e dolorosa, como um martelo atingindo uma bigorna.

Ela pegou o embrulho com as mãos trêmulas. Só havia uma coisa: quando ela desamarrou o barbante e separou o tecido, o mais leve sussurro da luz da lua brilhou através de granadas e um comprimento líquido da lâmina.

"Eu não entendo." Ela olhou para Silas. "Por que você não me deu isso antes?"

Seu rosto ainda estava tão mármore quanto ele respondeu: "O ferro é uma das poucas coisas capazes de banir um demônio de volta ao Outro Mundo".

Ela hesitou. “E você pensou que eu poderia usá-lo contra você?

Suponho que não posso te culpar. Eu teria, uma vez. Sem mencionar, o nome dele é Demonslayer. Ela olhou impotente para a espada. Ela ainda não havia tocado. Ela não

suportava, por medo de que pudesse rejeitá-la; que poderia escaldá-la como se ela própria fosse um demônio.

"Algo está errado, Srta. Scrivener?"

“O diretor deixou Demonslayer comigo por vontade dela, mas eu. . .

Não tenho certeza se sou digno de empunhá-lo. Uma pressão construída em seu peito. "Não sei mais o que é certo e o que está errado."

Suas mãos pousaram sobre as dela, frias e arranhadas, e cuidadosamente as trouxeram para descansar contra a espada. "Não se preocupe, Srta. Scrivener", disse ele em sua voz sussurrante. "Eu posso ver sua alma tão claramente quanto uma chama dentro de um copo."

Eles ficaram ali em silêncio por um tempo. Elisabeth lembrou-se daquele dia na sala de leitura, quando o diretor a viu atrás da estante e quase sorriu. Ela estava violando as regras, mas o diretor não se

importava. De qualquer maneira, ela havia deixado seu Demonslayer. E

ela nem sempre foi a diretora - ela já tinha um nome, Irena, e já fora uma garota também, e teve dúvidas e se sentiu incerta e cometeu erros.

De alguma forma, pensar nessas coisas fez Elisabeth sentir como se estivesse perdendo o diretor novamente, porque percebeu agora que nunca conhecera Irena de verdade e nunca teria a chance.

Quando um soluço escapou dela, Silas não disse nada. Ele apenas passou o lenço para ela e esperou pacientemente que ela parasse de chorar.

Um longo momento se passou antes que ela pudesse falar. Ela secou as lágrimas e piscou para Silas. Ocorreu-lhe que ele aguentou bastante os humanos sob seus cuidados.

"Por que você temeu minha espada", ela perguntou, "se você não pode morrer no reino mortal?" Um traço de sorriso iluminava seus belos traços. “Não temo por mim mesma. Se eu fosse banido, minha perda seria um inconveniente para o Mestre Thorn. Me assusta imaginar o estado de seu guarda-roupa. Ele ofenderia as moças com sua gravata.

Ela riu, pega de surpresa, mas foi uma risada dolorosa, pois a verdade era terrivelmente triste. Se algo acontecesse com Silas, Nathaniel estaria bem e verdadeiramente sozinho. Ele perderia a única família que restara.

"Silas-" Ela hesitou, então seguiu em frente. "Você vai me contar o que aconteceu com Alistair Thorn?"

“É uma história desagradável. Tem certeza de que deseja saber? Ela assentiu.

"Muito bem." Ele se virou e foi até a lareira, olhando para nada que ela pudesse discernir, exceto talvez as cinzas. - Você se lembra de eu lhe dizer que Charlotte e Maximilian morreram em um acidente.

Esse foi o começo de tudo.

Elisabeth lembrou o que Nathaniel havia dito lá em cima, possibilidades terríveis começando a tomar forma em sua mente. *Ele os trouxe de volta, mãe e Maximilian. . . .*

“Alistair era um homem gentil, bom, se você perdoar a ironia de um demônio dizendo isso, e um marido e pai devotados. Mas após o acidente, uma mudança ocorreu sobre ele. Ele começou a estudar o trabalho de Baltasar dia e noite. O jovem mestre Thorn ficou sozinho e desenvolveu o hábito de se esconder no escritório de seu pai para companhia. Silas fez uma pausa, como se estivesse pensando em continuar. “Eu vou direto ao ponto. Dois meses após a morte de sua esposa e filho mais novo, Alistair exumou seus corpos e tentou ressuscitá-los por necromancia, aqui nesta casa. O ritual não os teria ressuscitado dentre os mortos - não como eles mesmos -, mas ele se perdera de luto e não ouviria mais a razão. ”

Gelo fluiu pelas veias de Elisabeth. “Quando você me disse que o matou. ... ”

"Sim", Silas sussurrou. “Alistair e eu estávamos distraídos, e nós dois não percebemos que o Mestre Thorn havia se escondido atrás das cortinas. Ele esteve lá a manhã toda, quieto como um rato. Entendemos que o feitiço poderia tirar a vida de Alistair, pois era uma mágica sombria e terrível, mas eu sabia quando vislumbrei aqueles olhos nos observando através das cortinas que levaria também o filho de seu filho. Então eu terminei de uma só vez, da única maneira possível.

Mestre Thorn viu tudo: os corpos, o ritual, a morte de seu pai nas minhas mãos. Ele ainda o vê quando fecha os olhos para descansar.

Elisabeth não disse nada. O horror disso era extremo demais. Seus pensamentos feridos saltaram para a jornada através do Blackwald, lembrando como Nathaniel tinha ficado acordado, incapaz de dormir.

Quão pouco ela havia entendido.

"Há uma lição a ser tirada daquela noite." Silas desviou o olhar da lareira e a encarou novamente. Ele parecia perfeitamente calmo.

Alistair confiou em mim. Ele acreditava que eu nunca o machucaria,

então ele falhou em me ordenar que não o fizesse. Sua confiança foi sua ruína.

"Não. Ele estava certo em confiar em você. O estômago de Elisabeth torceu. Como Silas não entendeu?

“Se ele estivesse em sã consciência, ele gostaria que você o parasse, não importa o custo. Você salvou a vida de Nathaniel.

"E o que eu fiz a seguir, Srta. Scrivener?" ele perguntou. "O que você quer dizer?"

"Quando Mestre Thorn me chamou, enquanto o corpo de seu pai ainda estava quente no chão, o que eu fiz então?"

Ela não teve resposta.

Eu tirei a vida dele. Vinte anos depois, ele barganhou comigo, quando mal tinha visto a passagem de metade desse número e não entendeu o que estava dando, apenas que não queria ficar sozinho. Ele deu um passo à frente. "E terá um sabor doce assim que o tiver, assim como o pai está diante dele, e a vida de seus antepassados remonta a trezentos anos."

As mãos de Elisabeth se apertaram reflexivamente no Demonslayer.

Duas décadas. **"Mas como . . . como você pode-?"**

"Eu devorei todos eles, Srta. Scrivener." Ele deu outro passo à frente.

Seus olhos eram fendas amarelas. Ele não estava bonito agora. "Não veja compaixão onde não há. Não era a minha vantagem salvar a vida de Mestre Thorn, para que eu pudesse reivindicar uma parte dela para mim?

Silas estava quase em cima dela. Ela levantou Demonslayer entre eles e apontou para o peito dele para interromper seu avanço. No entanto, ele deu um terceiro passo à frente, no entanto, e a lâmina pressionou contra suas costelas, sobre seu coração, se ele tivesse uma. Um cheiro de carne queimada encheu o ar.

"Pare com isso!" ela chorou. "Eu não quero te machucar. Não posso.

Não importa o que você tenha feito, Nathaniel precisa de você.

"Sim", ele sussurrou, como se ela finalmente visse a verdade. "Veja bem, não há absolvição nem penitência para uma criatura como eu."

Seus olhos brilhavam com dor. "Você poderia me derrubar e o golpe só prejudicaria outro."

Ela deixou a espada cair. Silas ordenadamente recuou e levou a mão ao peito. Alguma luz horrível parecia ter desaparecido dele.

"Eu sou um demônio", disse ele. "Você não pode me ver como algo mais."

Elisabeth balançou da cabeça aos pés. Ela sabia que se tentasse ficar de pé, seus joelhos cederiam embaixo dela. Mas não era o medo que ela sentia. Ela não sabia o que era essa emoção. Pena, talvez, embora ela não pudesse dizer por quem, e raiva e desespero, rasgando através dela como uma tempestade. Ela acreditava que Silas se importava com Nathaniel; ela tinha visto isso tão claramente quanto o dia. Mas como alguém poderia cuidar de outro e ainda assim tirar muito deles?

20 anos. Se Nathaniel estava destinado a morrer jovem - com quarenta e poucos anos, talvez

- então, com tanta coisa tirada, ele pode ter apenas alguns anos restantes. Seu peito apertou com o pensamento, o ar torceu de seus pulmões como a água de um pano. Ela não conseguiu mais encontrar o olhar de Silas.

Quando ela olhou para baixo, um brilho de metal chamou sua atenção.

Outro objeto estava no fundo dos embrulhos, onde havia sido escondido embaixo do Demonslayer. Mestre Hargrove havia lhe enviado mais do que apenas uma espada. Lentamente, ela colocou Demonslayer de lado. Ela enfiou a mão nos embrulhos e levantou uma corrente. Ela abaixou a cabeça e passou a corrente por cima dela, sentindo o peso da ponta de seu peito contra o peito: frio, mas não por muito tempo. Então ela passou os dedos pelos sulcos, tão familiares que eram uma parte de si mesma, projetada para abrir as portas externas de qualquer Grande Biblioteca do reino.

"Silas", disse ela lentamente. "Se eu nos colocasse na Biblioteca Real depois de horas, você seria capaz de abrir o portão dos arquivos restritos?"

Ele fez uma pausa. "Há uma maneira."

Ela olhou para ele, segurando a chave. "Ajude-me." A tempestade dentro dela havia parado. “Você tirou vidas.



Agora me ajude a economizar um pouco.

Ele olhou para ela, lindo novamente, um anjo considerando a petição de um mortal de longe. "É assim tão simples, Srta. Scrivener?" ele perguntou.

"Deve ser", ela respondeu. "Pois é a única coisa a fazer."

VINTE E UM

UMA A GRANDE BIBLIOTECA NUNCA dormiu, mesmo depois de todas as pessoas terem ido para a cama. Vozes ecoaram pelo átrio enquanto Elisabeth se arrastava, mantendo a curva da parede, onde sua capa branca se misturava com o mármore. Alguns dos grimórios roncam, enquanto seus vizinhos faziam barulhos descontentes por roncarem muito alto; outros sussurraram e riram. Um grimório solitário cantou um lamento penetrante que se elevou bem acima do resto, um som que passou pelas flechas da luz da lua azul derramando através da cúpula estrelada e soou sobrenatural no firmamento, como música tocada em um copo de cristal.

Sempre que uma lanterna aparecia, Elisabeth se escondia e esperava até que o diretor

passasse. A Biblioteca Real era ainda mais fortemente patrulhada à noite do que ela esperava. Ela invejava Silas, passeando ao lado dela como um gato. Depois de uma ligação particularmente íntima - o diretor chegou perto o suficiente para Elisabeth ver seus olhos verdes e contar o número de botões em seu casaco -

Silas se transformou novamente em um humano e segurou seu ombro antes de sair do esconderijo.

"Eu devo lhe dizer uma coisa antes de continuarmos", ele murmurou.

“Os guardas usam ferro demais para eu influenciá-los. Se eles te encontrarem, não posso fazê-los se afastar e esquecer o que viram.

Ela suspeitava saber o que ele estava dizendo. "E se isso acontecer, você me deixará enfrentar as consequências sozinho?"

Ele inclinou a cabeça, o menor indício de arrependimento gravado em sua testa. "Eu entendo", ela sussurrou. "Você deve sua lealdade a Nathaniel, não a mim."

Enquanto eles seguiam em frente, Elisabeth se perguntou se sua própria proximidade deixava Silas desconfortável. Ela usava sua chave

de fenda, e havia também a fina camada de ferro que revestia sua capa.

O

demonslayer, deslizou através de seu cinto, formou um tranquilizador peso ao lado dela. Mas se tivesse, ele teria que tolerar. Ela não pôde entrar nos arquivos desprotegida.

Eles passaram por várias patrulhas antes de chegarem à entrada da ala noroeste. Os anjos esqueléticos esculpidos ao redor do arco olhavam para ela, seus olhos vazios, crânios de bronze brilhando, e os cabelos se erguiam em seus braços enquanto ela os imaginava virando a cabeça para vê-la passar. Mas nenhum deles se mexeu. Eles não precisavam.

Coisas muito piores a aguardavam adiante.

Ela e Silas passaram pela corda de veludo. A névoa se derramou sobre suas botas e lambeu a bainha de sua capa. Agora era mais espessa do que durante o dia, sem dúvida uma emanação mágica de um dos grimórios dentro dos arquivos. Silas, um gato de novo e apenas visível como um redemoinho de movimento dentro da névoa, foi em direção ao portão. Elisabeth se forçou a não absorver sua presença iminente, ainda fresca de seus sonhos. Em vez disso, concentrou-se no que Silas a instruiu a fazer antes de partirem. Os dois, trabalhando juntos, precisariam se esgueirar por dentro sem serem detectados.

Ela se apertou em uma alcova na parede e esperou que um diretor passasse, a lanterna dele flutuando assustadoramente através da névoa.

Então ela voltou a se esconder. Eles tiveram cerca de um minuto até o próximo diretor aparecer.

Silas já estava dentro dos arquivos, tendo se espremido entre as barras do portão antes de se transformar novamente em sua forma humana.

Ela seguiu o olhar dele quando ele assentiu. Ali, acima do portão, a uns cinco metros do chão, pendia um sino de ferro. Ela colocou as botas no ferro e começou a subir.

Ela logo desejou ter trazido um par de luvas. As palmas das mãos suadas encontraram pouca coisa contra as barras, que já estavam

escorregadias com a umidade da névoa. Levou mais que o dobro do tempo para escalar o portão do que ela havia estimado - tempo suficiente para que a próxima patrulha passasse enquanto ela se agarrava às ferragens no alto. Ela prendeu a respiração, os ombros doendo com o esforço de permanecer imóvel, mas o diretor não olhou para cima. Sua silhueta desapareceu na névoa.

Soltando uma mão, ela pegou um maço de algodão e um pedaço de barbante de uma das bolsas do cinto. Ela enrolou o algodão em torno do badalo da campainha e usou os dentes para ajudar a amarrá-la no lugar. Quando terminou, ela deslizou de volta e aterrissou com um impacto estridente nos lajes. Silas reapareceu em frente às barras.

Ele havia tirado a jaqueta e agora a usava para proteger a mão do ferro, enquanto girava uma trava no portão. Ela se abriu silenciosamente em dobradiças bem lubrificadas.

"O portão foi projetado para abrir por dentro", ele havia explicado anteriormente. "É à prova de falhas, para que ninguém possa ficar preso dentro se a chave deles for retirada. Mas existe, é claro, um mecanismo para alertar os outros guardas, caso esse evento ocorra. "

Acima deles, a campainha balançava freneticamente para frente e para trás, mas mal emitia um som. A adulteração de Elisabeth teve sucesso.

Ela entrou, ciente de que a parte mais perigosa ainda estava por vir.

Se a chave deles é retirada deles, **Silas havia dito. Não se eles** *perdido* **sua chave, pois nenhum diretor seria tolo o suficiente para deslocar seu chaveiro.**

Os arquivos restritos se estendiam por um longo corredor, alinhado de ambos os lados por estantes de livros que se elevavam da névoa e se estendiam para a escuridão. Lanternas penduradas em postes de ferro em intervalos regulares, criando um caminho no centro. Ela teve a sensação perturbadora de que as lanternas foram feitas para impedir que as pessoas se perdessem, mesmo que o corredor parecesse seguir adiante em uma linha reta e ininterrupta. O olhar dela vagou pelas prateleiras, depois voltou à frente. A maioria dos grimórios estava

acorrentada às estantes. Mas os mais perigosos tinham seus próprios monitores, erguidos em pedestais ou trancados em gaiolas. Durante seu breve olhar, ela avistou um manuscrito encadernado com pele humana costurada, preso dentro de uma gaiola cheia de espinhos como um dispositivo de tortura medieval. Outro tinha dentes bordados nas bordas da capa, contidos por um pedaço de ferro enfiado entre as páginas. Todos eles ficaram em silêncio, observando-a. Esperando para ver o que ela faria.

Ela se virou para falar com Silas, mas ele não estava em lugar algum.

Ele desapareceu no ar, deixando o portão aberto atrás dele. Ela não deveria ter ficado surpresa, mas seu abandono doeu da mesma forma.

Talvez ele estivesse tentando reforçar sua mensagem da outra noite: que ele era um demônio, e não era confiável.

Não importava, ela disse a si mesma. Ela só precisava dele para entrar.

O resto, ela poderia fazer por conta própria.

Assim que o portão se fechou, a murmuração começou. Vozes de todas as descrições rastejavam, deslizavam e pulavam pelo corredor. A pele dela se arrepiou; ela quase podia sentir as vozes alcançando a névoa e agarrando-a como

mãos Ela puxou o capuz de cadarço de ferro sobre a cabeça e os sons diminuíram a um

murmúrio distante e sinistro.

Ela partiu pelo corredor, seguindo o caminho da luz do lampião através do centro. O número de telefone do Codex indicava que estava arquivado na metade dos arquivos. Agora era apenas uma questão de encontrá-lo, removê-lo da prateleira e voltar furtivamente por onde ela viera. A parte mais difícil seria subir o portão novamente para consertar a campainha depois que ela escapasse. Ela não sabia o que esperar do Codex - se iria cooperar com ela como a cópia no escritório de Ashcroft, ou se iria lutar com ela por todo o caminho até a Biblioteca Real.

Sem aviso, uma forma alta e pálida surgiu do chão próximo. Elisabeth virou-se, afastando a capa para segurar o punho de Demonslayer. Nada

estava lá - apenas um redemoinho na neblina e um pedestal de exibição de pedra branca. Ela vislumbrara o pedestal pelo canto do olho e o confundira com uma pessoa. Amaldiçoando-se, ela voltou à frente.

E como uma cena de seus pesadelos, o chanceler Ashcroft estava diante dela. Ele parecia exatamente o mesmo que ela o vira pela última vez, mas cera, seu belo rosto sem expressão, tanto o olho azul quanto o vermelho olhando diretamente através dela. Sua capa dourada parecia girar da luz da lâmpada e da névoa. Com um grito abafado, Elisabeth puxou Demonslayer do cinto e o balançou no ar.

Ashcroft saiu do alcance. O mais fraco dos sorrisos puxou sua boca. Ela balançou mais uma vez, e novamente ele recuou, com a espada perdida por um fio de cabelo. Aquele sorriso leve e provocador sugeria que ele sabia exatamente por que ela estava aqui.

Desta vez, ela não tinha dúvida de que ele a mataria. Mesmo armada com ferro, ela não era páreo para a magia dele. Mas ele parecia contente em brincar com ela primeiro, e ela não afundaria sem brigar, não se houvesse a menor chance de impedi-lo. Eles se moveram pelos arquivos em uma dança silenciosa: Elisabeth cortando a névoa em fitas, Ashcroft voltando para as prateleiras.

Então ele não deu um passo rápido o suficiente, e a espada dela o golpeou. Ele se dissolveu em névoa.

Mais figuras emergiram das sombras, avançando em sua direção.

Diretor Finch. Lorelei. Sr. Hob.

Até o homem que a havia encurralado no beco - e ele não era a única pessoa morta entre eles. A diretora também se levantou da névoa, seu rosto espectral sombrio de decepção. Eles se aproximavam cada vez mais, mas Elisabeth

não recuou, mesmo que a expressão do diretor a fizesse estremecer. Os números não eram reais. Quem os conjurou, por outro lado -

"Seja o que for, você está me mostrando meus medos", declarou ela, surpresa com a firmeza de sua voz. "Você está tentando me prender, não está?"

Ela embainhou Demonslayer e se virou. Uma grande gaiola ornamentada estava logo atrás dela. Se ela tivesse dado mais um passo, longe das ilusões, teria se deparado com isso. Assim que ela percebeu isso, as figuras voltaram à neblina.

O rosto pálido e murcho de uma mulher a olhava de dentro da gaiola, a meros centímetros de distância, flutuando na escuridão. Ou teria olhado para ela, se os olhos não estivessem fechados. E o rosto não pertencia a uma pessoa, pelo menos não mais: fora costurado na capa de um grimório, que levitava ao lado de Elisabeth em meio a um turbilhão de vapor. Uma fita preta rodopiou no ar ao redor do grimório, uma agulha de prata brilhando na ponta.

"Garota esperta." **O grimório falou com uma voz sibilante e multitudinária: homens, mulheres e crianças todos falando em coro, cada um tão seco quanto a areia sussurrando sobre os ossos.** *"Pegamos três guardas com esse truque, agora que convencemos o Illusarium a nos ajudar. Que pena. Um rosto tão interessante que você tem. Não é bonito, mas ousado.*

O grimório era incomumente grosso e fortemente amarrado, cheio de ...

mais rostos, **Elisabeth pensou horrorizada, quando a encadernação rangeu e a capa foi levantada, folheando página após página de rostos humanos, o roteiro Enochiano fervendo sobre eles como marcas recém-colocadas. Por fim, instalou-se em uma página vazia e acariciou carinhosamente o pergaminho nu com sua agulha.**

"Temos espaço para você, se você mudar de idéia."

"Não, obrigado", disse Elisabeth, afastando-se.

"Nossos pontos são arrumados. Só doeria um pouco. ..... "

Elisabeth ergueu os ombros e girou, atenta para não esbarrar no pedestal de pedra branca que vira antes, situado a poucos metros da gaiola. Uma placa sob o pedestal dizia O

ILUSARIO, CLASSE VII, e no topo havia uma esfera de vidro como a bola de cristal de uma vidente.

Tanta névoa derramava da esfera que ela não conseguia distinguir a forma interior. Se esse grimório

possuía uma voz, optou por permanecer em silêncio. Talvez ele só pudesse se comunicar usando suas ilusões.

Ela se forçou a continuar andando e não olhar para trás, apesar de quase sentir a agulha do primeiro grimório arranhando entre as omoplatas. Quando ela se aproximou da seção numerada no cartão do catálogo, seus passos diminuíram e sua cabeça inclinou-se para trás.

Ela engoliu em seco.

Uma escada subiu três andares na escuridão, a névoa lambendo seus degraus inferiores. O número de telefone sugeria que o Codex estava no topo, onde a luz da lâmpada mal chegava. Ela endureceu-se e colocou a bota no degrau mais baixo, ignorando as vaias maldosas dos grimórios nas prateleiras. Quando ela começou sua subida, eles sacudiram suas correntes com força suficiente para fazer a escada saltar e tremer.

Maços de tinta voaram por ela no escuro.

Parte dela esperava chegar ao topo e encontrar o Codex faltando.

Parecia que ela chegara longe demais e enfrentara muitas provações para que qualquer aspecto dessa missão chegasse facilmente a ela. Mas quando ela finalmente se elevou até o degrau final, a familiar capa em escala do Codex esperava por ela, cercada por correntes. O segredo do plano de Ashcroft, perto o suficiente para tocar.

Ela pegou as correntes e congelou. Suas articulações travaram; seus músculos se recusaram a obedecer. Ela veio aqui para roubar da Biblioteca Real, mas agora que o momento estava chegando, todas as fibras de seu corpo se revoltaram. Depois de cruzar essa linha, não

havia como voltar atrás. Ela imaginou ser pega, tendo que enfrentar Parsifal e a senhora Wick, que a trataram com tanta gentileza. Seu coração ardia de vergonha.

"Pense nisso como mais uma missão de resgate", Katrien havia lhe dito durante a última e breve conversa através do espelho. - Tenho certeza de que o Codex prefere estar com você do que com pessoas que acham que foi escrito por um louco. Você pode imaginar como seria isso, conhecendo algum tipo de segredo enorme e ninguém acreditando em você?

Sim, **Elisabeth pensou, com uma chave no peito. Para o Codex, este lugar deve ser tão ruim quanto o Hospital Leadgate. Os livros também tinham corações, embora não fossem iguais aos das pessoas, e o coração de um livro podia ser quebrado: ela já tinha visto isso acontecer antes.**

Grimórios que se recusavam a abrir, suas vozes ficaram em silêncio, ou cuja tinta desapareceu e sangrou pelas páginas como lágrimas.

O Codex parecia que ninguém o havia tocado em décadas. A poeira revestia suas correntes, e um estojo negligenciado de Brittle-Spine deixara seu couro rachado e acinzentado. Não se mexeu com a chegada dela, como se a passagem do tempo a reduzisse a um livro comum.

Só assim, ela descobriu que poderia se mover novamente. "Estou aqui para ajudá-lo", ela sussurrou. Ela soltou delicadamente as correntes da prateleira. Os outros grimórios começaram a sacudir com mais força do que nunca, seus sussurros desagradáveis se transformando em apelos desesperados enquanto observavam seu vizinho ganhar sua liberdade, mas o Codex permaneceu imóvel, quase sem vida. Não resistiu a ela quando ela

colocou, correntes e tudo, em um saco amarrado ao cinto.

Quando ela desceu a escada, os grimórios pararam de chocalhar. Um silêncio profundo caiu sobre os arquivos. Nenhuma voz sinistra sussurrou. Nenhuma figura ameaçadora apareceu da névoa. O silêncio não parecia hostil, mas Elisabeth não iria demorar. Quando ela passou rapidamente pela gaiola, o rosto pálido girou para observá-la.

"Está esperando há muito tempo, esse" **sussurrou.** *"Desde que o Codex conheceu um toque gentil, uma mente aberta. Mas agora vejo que você não é igual aos outros humanos. . . você é diferente, de alguma forma. . . sim, um verdadeiro filho da biblioteca. ..... "*

Os passos de Elisabeth vacilaram. Ela queria ouvir o que o grimório tinha a dizer. Mas agora, ela não tinha tempo para conversar com livros.

Uma mistura de alívio e arrependimento a inundou quando ela deslizou pelo portão, deixando os arquivos para trás. Ela esperou até que uma patrulha passasse, depois deslizou pelo portão para restaurar a campainha, pressionada pelo volume desajeitado do Codex em seu quadril. As palavras do grimório ecoaram em sua mente quando ela se virou para ir embora. *Um verdadeiro filho da biblioteca.* **O que isso significava? Como sabia disso? O**

Livro dos Olhos havia dito que havia algo diferente nela também.

Ela deu um passo em direção ao átrio. Antes que ela pudesse dar um segundo, uma mão disparou da névoa e agarrou sua capa. Com uma força implacável, a arrastou do centro do corredor para a mesma alcova em que ela havia se escondido antes. Mas quando a mão caiu, ela não fugiu nem alcançou o Demonslayer. Silas estava na frente dela, luminosamente pálido, agachado entre as figuras encapuzadas esculpidas na parede.

Então ele não me abandonou, afinal, **ela pensou maravilhada.** *Mas onde ele esteve?*

Antes que ela pudesse fazer a pergunta em voz alta, ele levou um dedo aos lábios. Seus olhos amarelos se voltaram para o corredor.

Luzes brilhavam através da névoa. Rodas gemeram quando algo pesado rolou pelo corredor, acompanhado por passos. Os sons rodavam assustadoramente, distorcidos pela pedra e pela névoa, mas tinham que estar vindo da direção do cofre. Elisabeth prendeu a respiração quando o primeiro diretor apareceu. Ela tinha uma lanterna em uma mão, uma

espada desembainhada na outra. Mais guardas se seguiram, uma boa dúzia ao todo. Perto da cabeça da procissão, caminhou a senhora Wick, elegante em suas longas túnicas índigo, e um homem que não podia ser outro senão o diretor da Biblioteca Real.

Medalhas decoravam seu casaco azul. Os cabelos grisalhos caíam sobre os ombros, escondendo algumas das cicatrizes brutais que lhe cortaram o rosto. Dois dedos estavam faltando em sua mão, que repousava no punho de uma enorme espada larga.

"Você tem certeza de que isso é sábio, Marius?" perguntou a senhora Wick. "Não", o homem respondeu sombriamente. "Mas não podemos correr o risco." A sobrancelha da

senhora Wick franziu. “Se o padrão do sabotador continuar, é quase certo que ele atinja Harrows. Não posso deixar de sentir que estamos jogando nas mãos dele.

“Seja como for, não há outro cofre em Austermeer que possa conter as Crônicas dos Mortos. O

sabotador pode decidir atingir a Biblioteca Real a qualquer momento.

E se ele soltar as Crônicas, todo homem, mulher e criança em Brassbridge estará morto ao nascer do sol.

A pele de Elisabeth formigou. Ela não reconheceu o título, mas no jantar de Ashcroft, Lady Ingram mencionou um grimório escrito por Baltasar Thorn - um grimório de necromancia. Apenas um punhado de textos necromânticos existia. Eles estavam discutindo o mesmo?

"É verdade que Harrows está melhor preparado." A senhora Wick olhou atentamente para a frente. "E o diretor Hyde?"

“Hyde entende seu dever. Ele aceita que ele morra se precisar, se for o caso. Se o sacrifício dele salvar milhares.

Os gemidos e guinchos das rodas abafaram suas vozes. Uma forma se materializou da escuridão, navegando através da névoa como um navio preto deslizando sobre águas fantasmagóricas. Era uma gaiola, uma grande gaiola com rodas, que a princípio parecia não ter nada dentro.



Então a luz da lâmpada fluiu através dela, e Elisabeth viu um cofre de ferro pendurado no centro, preso ali por uma teia de correntes esticadas em cada canto da gaiola.

Sua boca ficou seca e um dedo frio percorreu sua espinha. A sombra que caiu sobre a parede entre os guardas não pertencia a uma jaula. A forma de outra coisa ondulou ao longo da pedra, estendendo-se até o teto muitas histórias acima, onde se curvava lateralmente para fluir através dos arcos estriados acima.

Dedos com garras se contorceram acima dos guardas como se estivessem agarrando por eles, cada garra do tamanho de uma espada.

Embora a sombra fosse muito vasta, distorcida pela alvenaria para Elisabeth discernir suas características, algo sobre sua forma parecia assustadoramente familiar.

Uma classe dez. **Do jeito que eles falavam do grimório, tinha que ser.**

Mesmo como futura diretora, ela nunca esperava ver um. Muito menos que ela encontraria uma transferência em andamento - a primeira desse tipo em centenas de anos.

Logo, todos os três grimórios de classe dez do reino estariam no cofre em Harrows.

VINTE E DOIS

E LISABETH enterrou o esfregão no balde com sabão e depois jogou-o no chão, empurrando espuma nas lajes. Água suja escorria à frente, despejando piolhos de livros de seus esconderijos na moldagem. Ela não tinha energia para persegui-los. Enquanto ela observava um piolho gordo deslizando em um círculo de pânico, ela parou para se apoiar na esfregona. Suas pálpebras se fecharam. Apenas um momento. Um momento para descansar os olhos. . .

“Meu Deus, garota! O que deu em você?"

Elisabeth acordou, com o coração acelerado ao ver uma longa sombra se estendendo pela parede. Mas ela piscou, e era apenas Gertrude, com os punhos apoiados nos quadris.

- Você não está continuando com um jovem, está? Bem, deixe-me dizer-lhe - disse Gertrude, levantando o balde pesado e içando-o pelo corredor em uma rara demonstração de bondade -, ele não vale a pena.

Não se ele te mantiver acordado à noite e tornar o resto da sua vida uma miséria. Aí está você, sua garota boba.

Elisabeth assentiu mecanicamente e voltou a esfregar. Seus membros pareciam feitos de chumbo. Areia e areia encheram seus olhos. Se ao menos Gertrude soubesse a verdade.

Quando saiu da Biblioteca Real mais cedo naquela manhã, os sinos da cidade tocavam na quinta hora, e os servos de Hemlock Park já estavam agitados sobre o trabalho deles no escuro antes do amanhecer.

Embora tivesse se sentido perfeitamente acordada nos arquivos, suas duas noites de sono perdido desabaram na viagem de volta. Sua visão começara a embaçar; seus passos se entrelaçaram como os de um bêbado. Quando chegou à casa de Nathaniel e tropeçou no limiar, lembrou vagamente que Silas a levantou e a carregou para cima. Ele a ajudou a se preparar para o trabalho enquanto ela cochilava. Então, antes que ela percebesse, estava de volta à biblioteca.

Levou toda a sua força de vontade para não pular o trabalho a favor de começar no Codex. Não havia nada mais frustrante do que passar a manhã esfregando

sabendo que Ashcroft poderia dar o próximo passo a qualquer momento. Mas ela não podia arriscar atrair atenção. Era apenas o terceiro dia de trabalho na Biblioteca Real e, se ela desaparecesse logo após o roubo de um grimório de classe seis, a senhora Wick tomaria nota. Melhor passar a manhã limpando o chão do que definhar na masmorra.

Até agora, ela não havia notado nenhum sinal de que o Codex havia sido esquecido. Nenhum sininho começou a tocar; nenhum guarda passou correndo. A manhã se arrastou em uma névoa lanosa de exaustão.

Ao meio-dia, Gertrude concedeu-lhe uma hora de folga e ordenou que tirasse uma soneca e depois voltasse ao trabalho preparado para receber seu salário. Elisabeth levou o almoço para um quarto que Parsifal lhe mostrara no South Spire. Olhou para o terreno, as amplas faixas de verde cercadas por grupos de árvores resplandecentes em tons de vermelho e laranja enferrujado. Era um dia ensolarado e ensolarado de outono, e os vigias em treinamento praticavam exercícios. Ela abriu uma janela para que os sons distantes de gritos e espadas colidindo chegassem à brisa. Os estagiários não eram muito mais velhos que Elisabeth. Apenas algumas semanas atrás, ela teria se imaginado facilmente entre eles. Agora ela sentia como se fosse um fantasma assombrando seu próprio corpo, olhando sua vida através de um vidro sujo.

Ela não tinha certeza de onde ela pertencia - ou, ainda mais estranho, o que ela queria.

Ela estava no meio do almoço, sentada em uma mesa de trabalho no canto, quando Parsifal apareceu na porta. "Eu pensei que você poderia estar aqui em cima", disse ele. "Eu posso me juntar a você?"

Quando ela assentiu, ele veio olhar pela janela. “Eu estava com vergonha de lhe contar outro dia, mas costumava vir aqui porque os outros aprendizes me intimidavam. É o que acontece quando você tem um nome como Parsifal. Eu fantasiaria como seria um diretor um dia e faria com que se arrependessem.

Ela parou de mastigar sua maçã. "Você queria se tornar um diretor?"

"Não olhe *também* **surpreso.**

Claro que sim. Todo aprendiz quer ser um. Às vezes pelas razões certas, mas principalmente porque eles gostam da ideia de estar no comando e espancar outros aprendizes para viver. ”

"Isso não é verdade", protestou ela, mas depois pensou no diretor Finch e teve que admitir que ele tinha razão. "O que o fez mudar de idéia?"

Ele encolheu os ombros. "Não tenho certeza. É que há mais na vida do que parecer sombrio e esfaquear coisas com espadas, não é? Existem outras maneiras de fazer a diferença. ” Ele ficou lá, mexendo no chaveiro, como se estivesse criando coragem para dizer alguma coisa.

Enquanto os segundos passavam, ela começou a se sentir desconfortável. “Elisabeth,” ele deixou escapar, “Eu sei que você disse ao mordomo que seu nome é Elisabeth Cross. Mas você é . . você é Elisabeth Scrivener, dos jornais?

O sangue foi drenado do rosto de Elisabeth. Seu primeiro nome era tão comum que ela pensou que estava em segurança.

"Não vou contar a ninguém", acrescentou Parsifal. “Ninguém mais sabe. Só que eu fiquei pensando nisso outro dia, quando eu te dei a turnê, e você sabia demais sobre grimórios para alguém que nunca esteve em uma Grande Biblioteca antes. E você vê, eu estava, ah,

acompanhando sua história nas notícias.

Seus ouvidos ficaram vermelhos. "Eu apenas - desde que você derrotou um Malefito Classe Oito, e tudo."

Elisabeth balançou na posição vertical. "Tem mais alguma coisa sobre mim nas notícias?"

“Não, nada! É por isso que eu queria. . . foi como se você tivesse desaparecido completamente após o comunicado de imprensa do chanceler. Ele olhou por cima do ombro. Então ele abaixou a voz.

“Você está em algum tipo de missão secreta para o Collegium? Você foi enviado disfarçado?

Ela olhou.

"Certo", disse ele conscientemente, batendo na lateral do nariz. "Você não seria capaz de me dizer se fosse."

"Está correto", disse ela fracamente, imaginando quantos problemas seria possível para uma pessoa entrar em uma vida.

Ele olhou por cima do ombro novamente. “Bem, eu tenho algumas informações para você. Eu ouvi dois guardas conversando esta manhã.

Aparentemente, o sabotador atingiu a Biblioteca Real ontem à noite.

"O que?"

“Ele roubou um grimório de classe seis enquanto os guardas realizavam uma transferência do cofre. Eles mantiveram a calma, porque não querem deixar a imprensa em frenesi. Mas eu pensei que você deveria estar ciente. Pois você sabe - ele abaixou a voz ainda mais -

sua investigação.

"Obrigado, Parsifal", disse ela. "Agora, eu deveria voltar para ... er-"

Ela assentiu em direção à janela, esperando que Parsifal usasse sua imaginação.

“Oh, sim, certamente! Isso é uma aposta? Você está procurando alguém? Certo, você não pode me dizer.

Eu nem deveria estar aqui. Eu vou apenas. . . ” Ele avançou em direção à porta. Ela assentiu encorajadoramente e bateu na lateral do nariz.

Ele saiu correndo de vista, parecendo emocionado.

Elisabeth soltou um suspiro e caiu de volta na cadeira. Pelo menos uma coisa boa saiu disso. Se os guardas acreditavam que o sabotador havia roubado o Codex, provavelmente

não lançariam suas suspeitas em relação a uma serva humilde. Talvez depois de mais alguns dias, ela pudesse voltar toda a atenção para Ashcroft sem distrações. Agora que

as Crônicas dos Mortos estavam a caminho de Harrows, a necessidade era mais urgente do que nunca.

• • •

Ela mal se lembrava de se arrastar para casa e subir as escadas para o quarto. O único detalhe que se destacou foi que ela não via Nathaniel desde o pesadelo. Ele permaneceu fechado dentro de seu escritório o dia inteiro ontem e, a julgar pela luz esmeralda que piscava embaixo da porta, ele ainda estava lá. Ela se perguntou se ele havia saído da sala.

No andar de cima, ela acendeu uma vela. Ela não tirou o uniforme da criada, ciente de que poderia precisar de sal e ferro na mão. Matador de Demônios caiu no chão ao lado dela, a uma curta distância, mas não perto o suficiente para parecer ameaçador. Ela não queria que o Codex a visse como inimiga.

O grimório esperou debaixo da cama, ainda dentro do saco que ela usara para contrabandear da Biblioteca Real. Ela pegou e colocou no colo, sentindo as pesadas correntes tilintar através do tecido. Sentada no chão, com as costas apoiadas no colchão, dobrou a estopa e desembaraçou a corrente no tapete. O Codex estava inerte e sem resposta. Ela respirou fundo, com a mão suspensa no ar.

"Sou amiga", disse ela, desejando que suas intenções passassem pelo braço,

sua pele, quando ela colocou a palma da mão contra o grimório.

Por um momento, nada aconteceu. Nenhuma voz uivou para ela de raiva e traição. Nenhuma pressão ameaçadora encheu a sala. Tudo ficou em silêncio. Então suas páginas se agitaram em uma brisa invisível.

Lentamente, como um velho se espreguiçando e saindo do sono, o Codex se desdobrou em suas mãos.

A esperança a emocionou, seguida por um tremor de apreensão. Se Ashcroft havia passado tanto tempo estudando esse grimório sem sucesso, por que ela teria sucesso onde ele falhou? Ao contrário dele, ela não tinha a menor idéia do segredo de Prendergast, e também não sabia quase nada sobre códigos e cifras. Atingir essa etapa consumira tanta atenção que ela não teve tempo de se preparar para o que veio depois.

Ela digitalizou as páginas que lhe abriram. As palavras nadaram em sua visão, e ela tentou afastar sua exaustão, apenas para descobrir que seus olhos não estavam errados. Eram as palavras que se moviam, a tinta sangrava em riachos lentos através do pergaminho. Ela virou para uma seção diferente, diagramas passados rotulados com o roteiro de Enochian, e encontrou a mesma coisa acontecendo lá também.

Enquanto o texto em si era legível, as frases haviam se arrastado completamente fora de

ordem. Ocasionalmente, eles se alinhavam de tal maneira que um único parágrafo se tornava compreensível: *Os demônios nascidos vivos mantêm sua corte brilhante sob um céu sem sol. Uma vez a cada quinzena, eles montam cavalos brancos com chifres, vestidos de seda, para caçar bestas nas florestas do Outro Mundo, com bandos de demônios latindo ao seu lado. O som de uma trompa demoníaca não é esquecido em breve; pois é tão bonito e tão terrível que congela a pedreira da caça como se a presa se transformasse em pedra. . . .*

Mas o resto se separou antes que ela pudesse terminar, as frases serpenteando pela página como linhas de formigas marchando.

Frustrada, ela se virou para o espelho e chamou Katrien. Quando o rosto de sua amiga apareceu no copo, ela parecia tão cansada quanto Elisabeth, pálida sob a pátina de gelo do copo.

Eles não tiveram tempo de recuperar o atraso. Eles correram pelas possibilidades mais prováveis o mais rápido possível, mal parando para respirar.

"As frases só podem se alinhar completamente em uma data e hora específicas", teorizou Elisabeth, "como a meia-noite no solstício de inverno ou durante certas condições, como um eclipse".

- Mas Ashcroft está certo de que ele pode decifrar isso em breve, não é?

Portanto, se for esse o caso, ou o fenômeno deve ocorrer em algum momento nas próximas duas semanas, ou

- ”

"Ou a cifra tem uma solução completamente diferente", Elisabeth terminou, triste. "Dê uma segunda olhada em sua pesquisa", insistiu Katrien. “Pode haver uma pista que não parecia relevante antes. Será que sabemos ao certo que Prendergast escondeu seu segredo como uma cifra, ou isso é apenas uma suposição que as pessoas fizeram sem evidências? Enquanto isso, vou ver se consigo encontrar alguma coisa do meu lado.

Quando o tempo acabou, Elisabeth engoliu o desejo lamentável de implorar a Katrien para não ir, observando-a desaparecer sob o gelo. A solidão pressionou, agravada por sua exaustão de cabeça confusa.

Ela sabia que deveria ir para a cama, mas estava cansada demais para levantar do chão e enrolar o Codex em sua corrente.

Em vez disso, viu-se virando páginas à toa, hipnotizada pelo texto rastejante. Enquanto as frases se juntavam, ela leu descrições luxuosas e inquietantes sobre o que os demônios comiam em suas festas ou o que usavam em seus bailes noturnos de uma semana. Embora as descrições fragmentadas a deixassem cada vez mais perturbada, ela não conseguiu desviar os olhos.

Cisnes envenenados até a morte com sombra são considerados uma iguaria particular nos

banquetes. . . .

A roupa mais elegante daquela noite foi um vestido feito de mariposas de prata, preso vivo ao tecido para preservar seu brilho. . . .

A vela ardia mais baixo na mesa de cabeceira. A cabeça dela assentiu.

Imagens desconexas rodavam atrás de suas pálpebras: demônios dançando em trajes elaborados, sorrindo enquanto festejavam, rasgando carne. As fantasias de pesadelo pareciam agarrá-la e arrastá-

la para baixo, como as mãos de sirenes segurando um marinheiro naufragado, jogando-o na escuridão profunda e silenciosa.

Abruptamente, ela acordou.

Ou ela não acordou - pois isso tinha que ser um sonho.

Ela ficou em algum tipo de oficina antiquada. Ervas desconhecidas pendiam em feixes das vigas. As velas de sebo tremeluziam em todas as superfícies, salpicando as tábuas manchadas do chão com cera amarela oleosa. Itens bizarros entulhavam as prateleiras e a mesa no centro da sala: penas de pássaros, crânios de animais, jarros contendo globs escuros flutuando em vinagre. Mas essa não foi a parte que a convenceu de que estava sonhando. A sala estava suspensa no vazio. As bordas quebradas de suas tábuas do assoalho projetavam-se em um abismo preto, e pedaços do teto haviam caído para dentro, mostrando o mesmo nada escuro acima.

Não - nada. A substância negra brilhante a lembrava de algo familiar.

Um rico e revelador perfume de pigmentos encheu o ar. Tinta.

"Quem é Você?" disse a voz de um homem atrás dela, dura de raiva.

"O que você está fazendo aqui?"

Elisabeth girou, seu coração batendo contra as costelas.

O homem que ficou lá igualou como ela sempre imaginou que um feiticeiro pareceria antes de conhecer Nathaniel e Ashcroft. Alto, magro e pálido, com brilhantes olhos de obsidiana e uma barba negra bem aparada que terminava em um ponto no queixo. Ele usava roupas esvoaçantes e anéis adornavam cada um de seus dedos, cravejados de gemas de cores diferentes.

"Seja você quem for, eu me recuso a lhe contar qualquer coisa", ele retrucou. "Eu não passei centenas de anos preso neste lugar por nada."

Centenas de anos. **Ele parecia sério. Agora que ela percebeu a expressão dele, viu que ele não estava com raiva, não inteiramente. Sob a raiva, ele parecia com medo, como se ela**

tivesse pegado algo dele pela força.

Suas vestes pareciam antiquadas, assim como todo o resto da oficina, intocado pelo tempo durante séculos.

Qualquer que fosse esse lugar, não era um sonho. E nem esse homem -

esse feiticeiro. Ela olhou novamente para o vazio escuro que os cercava, seus olhos se arregalando à medida que a possibilidade surgia.

Prendergast havia escondido seu segredo *dentro* **o Codex.**

Ela voltou-se para o feiticeiro. Você é Aldous Prendergast? Essa não era a coisa certa a dizer. Seu rosto ficou sombrio e ele cruzou a distância entre eles em vários passos rápidos. "Como você chegou aqui?" ele exigiu, agarrando seus ombros. Ele a sacudiu até seus dentes estremecerem.

"Responda-me menina!"

"Eu não sei! Eu estava lendo o Codex. Adormeci."

"Isso é impossível", ele rosnou.

“Uma coisa estranha a dizer”, ela deixou escapar, “para alguém com mais de trezentos anos.

Isso também não me parece possível.

Os ombros de Prendergast caíram. Ele soltou seus ombros e agarrou a borda da mesa, olhando furioso. Ela descobriu, surpresa, que não tinha o menor medo dele. Ele era tão magro que ela poderia facilmente empurrá-lo para fora do chão, se ele tentasse machucá-la.

"Em que ano estamos?" ele perguntou finalmente, dirigindo o olhar para uma garrafa cheia do que parecia ser caudas de rato preservadas.

Perguntas se amontoavam na parte de trás da língua, mas ela suspeitava que ele não se incomodaria em responder nenhuma até que

ela respondesse a primeira. "Dezoito vinte e quatro."

Ele digeriu a resposta dela. "Não estou vivo", disse ele após uma longa pausa fatalista. "Não em nenhum sentido real."

Elisabeth recuou. "Necromancia", ela ofegou, vendo as bochechas vazias e a figura cadavérica novamente.

"Não, não necromancia, seu filho idiota", ele retrucou. Eu não sou um cadáver. Deixei meu corpo físico para trás no reino mortal e ancorei minha mente nisso -

- bem, eu não imagino que você entenderia. Você não é feiticeiro, claramente, a menos que os padrões tenham se deteriorado significativamente desde o meu tempo. Tudo que você precisa saber é que estou preso aqui por meu próprio projeto. Eu não posso sair deste lugar. E você não deveria ter me visitado pelo Codex, não sem a minha permissão.

Ela olhou em volta. “Estamos dentro do Codex? Uma dimensão alternativa de algum tipo?

Os olhos dele se estreitaram. "Então você conhece sua teoria taumatúrgica." Elisabeth decidiu não dizer a ele que ela simplesmente leu muitos romances. “Este é um plano artificial da existência”, ele continuou relutantemente, “ancorado ao meu grimório, não maior que o quarto que nos rodeia. Tentar criar um maior arriscaria desestabilizar a fronteira entre o reino mortal e o Outro Mundo. ”

"Você realmente esteve lá, então", disse ela. "Para o Outro Mundo."

Os olhos dele se estreitaram ainda mais. “A maioria das pessoas não acreditou em mim. Eles me acusaram de fabricar meus estudos.

"Além de um homem." Ela observou a expressão dele de perto. "Um homem que se chamava seu amigo."

O rosto dele convulsionou. "Quem é Você?" ele murmurou.

“Meu nome é Elisabeth Scrivener. Eu sou - eu era - um bibliotecário aprendiz. Mas isso não é importante. Não há cifra escondida dentro do Codex, existe? *Vocês* **são a cifra. Você se escondeu aqui para fugir de Cornelius Ashcroft.**

A cor sangrava dos dedos de Prendergast, ainda segurando a mesa. "Se você não tivesse", continuou ela, a verdade surgindo enquanto falava,

"ele teria usado a magia para ler suas memórias e, seja qual for o segredo que você esteja guardando, ele a teria levado à força". Vendo seus olhos arregalados, ela explicou: "O descendente dele tentou fazer a mesma coisa comigo".

Prendergast olhou para ela por mais um momento e depois começou a rir. Havia um nervosismo agudo em sua risada que alarmou Elisabeth.

Ela lembrou a si mesma que ele estava preso aqui há centenas de anos, sozinho, e ela não reagiu de maneira tão diferente depois de ter sido capturada por Nathaniel.

"Você está mentindo", disse ele, uma vez que recuperou o fôlego. "Eu vejo agora. Você está em aliança com os Ashcrofts. Não há outra maneira que você possa saber. . . que você adivinharia. . . ”

"Eu não estou! Eu juro."

"Eu sei uma coisa com certeza: os Ashcrofts não deixam suas vítimas intactas." Um brilho febril vidrou seus olhos. - Você pode começar a imaginar o que me levou a escolher uma

eternidade de isolamento sobre as atenções de meu querido velho amigo? Eu deixei *tudo* **atrás. Meu corpo real tornou-se uma casca babada e sem sentido.**

Mas é isso que Cornelius teria feito comigo de qualquer maneira quando ele terminasse de rasgar minha mente. Pelo menos assim eu fui capaz de frustrá-lo, o diabo. Prendergast falou com ferocidade repentina. “Ele nunca terá isso. E você também não.

"Ter *que?* **"**

Prendergast não respondeu. Ele girou e começou a se afastar, suas vestes ondulando ao redor dele, embora não houvesse lugar para onde ele pudesse ir, exceto mais fundo na oficina, entre as prateleiras desordenadas e caídas.

- Você pode ter superado Cornelius - exclamou Elisabeth, correndo atrás dele -, mas a descendente dele está atrás do seu segredo agora. Ele sabe que você está aqui e não vai parar por nada para encontrar você.

Prendergast acenou com a mão fina, as gemas nos dedos piscando à luz das velas. "Não importa. Ele não será capaz de ...

"Chegue aqui, como eu acabei de fazer?"

Ele ficou quieto. "Você está desperdiçando seu tempo."

"Ouça-me", ela insistiu. “Procurei seu grimório porque ele está lançando Maleficts das Grandes Bibliotecas.

Dezenas de pessoas morreram. Preciso descobrir por que ele está fazendo isso, para que eu possa trazer provas para o Collegium. Caso contrário, ele nunca enfrentará justiça.

O silêncio reinou. "Então ele começou, não é?", Disse Prendergast finalmente, cansado. "Ele está tentando terminar o que Cornelius começou."

“Se você me dissesse o que ele está planejando. Sei que, seja o que for, depende da Grande Biblioteca de Harrows ...

A voz de Prendergast soou como um chicote. "O suficiente! Deixe-me ser. Não importa o que ele está planejando, porque "- ele se inclinou, apoiando as mãos nos joelhos e forçou o resto -" sem mim -

ele não pode ter sucesso ".

Ela não tinha chegado tão longe, roubada da Biblioteca Real, procurado a ajuda de um demônio, apenas para desistir agora. Ela caminhou atrás de Prendergast e o agarrou pelo braço. Ao toque dela,

seu corpo inteiro estremeceu e ele caiu de joelhos. A dor torceu seu rosto magro.

A culpa tomou conta de Elisabeth. "Você está bem?"

Mas assim que ela falou, viu que o que estava acontecendo não se limitava a Prendergast. As velas crepitaram, gotejando em poças de cera. A escuridão caiu sobre a oficina. Então o chão se agitou, uma convulsão sísmica que quase jogou Elisabeth de seus pés. Frascos rolaram da mesa e quebraram.

"O Codex Daemonicus", Prendergast resmungou. “Algo está acontecendo com o grimório. Você está em perigo, garota. Seu corpo ainda está no reino mortal.

Seu coração batia forte na garganta. Como eu volto? Eu nem sei como cheguei aqui.

"Saltar!" ele rosnou.

Ela não teve tempo de pensar na ordem dele - não com o mundo tremendo ao seu redor. Ela correu em direção à borda, reunindo forças e se jogou sobre as pontas irregulares das tábuas do assoalho, pensando: *Isso não é real. Está apenas na minha mente. Eu não cairei.*

Mas parecia que estava caindo: tombando de ponta a ponta no ar até que ela não tivesse noção de subir ou descer, o gosto amargo da tinta enchendo sua boca, inundando o nariz, sufocando-a ...

Ela acordou com um suspiro e uma sensação de impacto, como se sua alma tivesse sido golpeada de volta em seu corpo pela força. Ela estava sentada no chão do quarto, atordoada, com o Codex no colo.

A vela se apagou. Não porque tinha terminado de queimar, mas porque ela deslizou de lado durante o sono e bateu o ombro contra a mesa de cabeceira. Isso derrubou o castiçal, afogando a chama. Ela se considerou sortuda por a vela não ter acendido o fogo. Mas ela rapidamente mudou de idéia, porque havia feito algo ainda pior.



Gotas de cera quente haviam se espalhado pelas páginas do Codex.

Enquanto ela observava, a tinta se espalhou para fora das bordas da cera como uma mancha de sangue, encharcando o papel, deixando as páginas pretas. Ela se levantou, jogando o grimório no tapete.

Derrubada, sua cobertura se elevava e abaulava como se algo dentro estivesse tentando escapar. Sua sombra enluarada se estendeu pelo chão. Elisabeth arrancou um sal do cinto, nem por um momento; no segundo em que reagiu, uma mão fina e escamada se esticou no chão e agarrou o tornozelo em seu aperto encolhido.

O Codex se transformou em um Malefict.

VINTE E TRÊS

E LISABETH provou o sal quando a rodada explodiu, enchendo a sala com partículas brilhantes, inesperadamente bonitas ao luar, como neve.

Os dedos afrouxaram o suficiente para ela soltar o tornozelo. O

Malefict respondeu com um grito áspero. Houve uma confusão confusa de movimentos, membros descaídos chicoteando em todas as direções, e então a porta do quarto rasgou direto de suas dobradiças, deixando escapar um raio de luz das arandelas no corredor. Uma figura curvada, com orelhas compridas, estava em silhueta na porta. Outro grito e ele se virou na esquina.

Ela pegou Demonslayer do chão e partiu em perseguição, saltando sobre os restos lascados da porta. O

Malefict acelerou pelo corredor com uma marcha mancando, a origem de sua ligação agora clara. Parecia os diabinhos da Mansão Ashcroft, mas suas escamas carmesim estavam empoeiradas e desidratadas, e costuras de costura corriam por sua pele. Booklice deixou seus ouvidos esfarrapados. Manchas de folha de ouro grudavam no corpo, maçantes e escabrosas com o tempo.

Quando chegou às escadas, deslizou de quatro, suas garras deixando cortes no carpete. No fundo, caía sobre uma mesa, enviando um vaso para os azulejos de mármore. Rosas caíam pelo chão em meio a uma cascata de água e porcelana quebrada. Há quanto tempo flores frescas no hall de entrada? Elisabeth não tinha notado.

Ela dispensou os degraus a favor de deslizar pela amurada, pulando na briga enquanto o Malefict se esforçava para se recuperar nos ladrilhos escorregadios. Ela avançou devagar, com o Demonslayer pronto.

Afastou-se dela, apertando as mãos emaciadas contra o peito, os olhos negros como tinta redondos e brilhantes. Ela reprimiu uma onda de piedade quando a encurralou contra a parede. Ela não estava prestes a subestimar sua força - não depois do que tinha feito à sua porta. Uma Classe Seis agitada era mais do que capaz de dominar um diretor.

"O que diabos está acontecendo aqui fora?"

Elisabeth congelou ao som da voz de Nathaniel vindo do corredor. Um momento depois, ele entrou no luar do vestíbulo, completamente vestido apesar da hora. Ele parou e se inclinou contra a entrada, avaliando calmamente a cena, como se desse um tipo de caos diariamente.

Seu estômago realizou uma estranha manobra. Sua última lembrança dele, pálida e trêmula, alcançando a mão de Silas, ainda parecia recente o suficiente para tocar. Agora que ela o via dessa maneira, parecia impossível para ele parecer tão calmo. Tão normal, como se nada nele tivesse mudado.

Mas então - nada tinha. Ele esteve escondendo sua dor dela o tempo todo. Não apenas ela, mas todo mundo exceto Silas, que sozinho havia entendido.

"Scrivener", ele suspirou. "Eu deveria saber que era você no momento em que ouvi o inestimável vaso antigo da minha bisavó bater no chão."

Ele voltou seu olhar avaliador para o Malefict. "E quem é este? Um amigo seu?"

O Codex mostrou um bocado de presas e produziu um grito estridente.

Acima deles, o lustre tremia.

"Encantado", disse Nathaniel. Ele voltou-se para Elisabeth. - Se vocês dois sentem a necessidade de destruir qualquer outra coisa, tenho pensado em me livrar da tapeçaria de tia Clothilde há anos.

Você saberá quando vir. É malva.

Elisabeth abriu a boca várias vezes antes que pudesse falar. "Preciso da tua ajuda."

"Pelo que? Parece que você tem a situação sob controle. "Você pode transformar um Malefict de volta em um grimório? Com feitiçaria?

"Possivelmente, supondo que não seja muito poderoso." Nathaniel levantou uma sobrancelha. "Por quê?"

Ela resistiu ao desejo de cerrar os dentes. Pesadelos à parte, ele estava tão irritante como sempre. "Este grimório é uma evidência importante contra Ashcroft." Dolorosa, ela admitiu: "É a única coisa que tenho."

As duas sobrancelhas dele se ergueram. "EU *sabia* **você estava tramando algo na Biblioteca Real. Roubo, no entanto? Sério, Scrivener?**

O sangue correu ardentemente pelas bochechas dela. Seu domínio sobre Matador de Demônios afrouxou. Ela sentiu o erro no momento em que o cometeu - não podia se distrair -, mas reagiu uma fração de segundo tarde demais quando o Malefict entrou em ação, atingindo-a de lado e passando por cima da guarda. A próxima coisa que ela soube foi se deitar no chão, o ar batendo em seus pulmões.

Não deixe escapar, **ela pensou desesperadamente. Se o Codex escapasse, tudo estaria perdido.**

As sílabas de um encantamento queimaram o ar. A luz esmeralda girava sobre ela, refletindo nos azulejos molhados, limitando as pétalas das rosas espalhadas. Elisabeth ergueu-se sobre um cotovelo, tossindo, para ver o Malefict congelado no meio do salto a um mero palmo das janelas. Nathaniel estava atrás dele, um braço estendido, tão rígido com a tensão que uma veia se destacava em seu pescoço. Sua mão tremia com esforço enquanto seus lábios formavam as palavras do feitiço.

Lenta e seguramente, o Malefict começou a se dobrar para dentro de si mesmo. Os membros se curvaram, a cabeça inclinou-se, a pele escamada encolheu-se para dentro. Sua

forma foi ficando cada vez menor. E então a luz desapareceu, e o Codex caiu no chão, intacto, com um estrondo que ecoou pelo vestíbulo.

Cautelosamente, Elisabeth se levantou quando Nathaniel se dobrou, ofegante. Ele reprimiu um gemido abafado, e ela percebeu que havia perguntado muito mais a ele do que ela imaginara. Ela se sentiu

confiante de que Nathaniel poderia lidar com magia assim - Nathaniel, que trouxe vida à pedra e evocou tempestades -

mas, na verdade, ela nunca tinha ouvido falar de uma condição de Malefict sendo revertida. Se fosse fácil, não haveria necessidade das Grandes Bibliotecas ou guardas.

"Nathaniel", disse ela. Ela deu um passo em sua direção e desmoronou.

A escuridão nadou diante de seus olhos. Sangue rugiu em seus ouvidos.

Através das ondas de tontura, ela percebeu que alguém a segurava. Ela piscou rapidamente, e o mundo voltou à tona. Nathaniel a estava tocando. As mãos dele percorreram os lados dela, os braços dela, o contato ao mesmo tempo impessoal e cheio de urgência. Ele estava verificando o corpo dela em busca de ferimentos.

Ela não queria que ele parasse. Ela nunca tinha sido tocada assim antes. As mãos dele deixaram impressões em sua pele como trilhas de cometas, urgentes e formigantes, seu corpo ansiando por mais.

Uma dor sem fôlego encheu seu peito. A intensidade da sensação a dominou.

“Onde você está machucado? Você pode me dizer?" Quando ela não respondeu, Nathaniel embalou o rosto em suas mãos. "Elisabeth!"

O som do seu primeiro nome falado na voz de Nathaniel, naquele tom, finalmente a sacudiu. "Não estou machucada", disse ela. O pulso dela disparou sob as pontas dos dedos. “Eu me levantei rápido demais. Eu estou . . . ”

"Exausto", ele terminou quando ela parou, seus olhos cinzentos percorrendo o rosto dela. "Quando foi a última vez que você dormiu?"

Três noites atrás. **Ela não disse isso em voz alta. A expressão de Nathaniel já havia se retirado. Um músculo ficou tenso em sua mandíbula quando ele a ajudou a se levantar e a guiou para uma cadeira. Ele parecia doente, como se o toque comum deles tivesse se tornado tóxico, ou o ar estivesse saindo da sala como água pelo ralo. A**

confusão bateu na cabeça de Elisabeth. À medida que a tontura diminuía, sua mente apanhava. A explicação ficou clara: ele pensou que isso era culpa dele.

"Espere", ela protestou, mas ele já havia se afastado. "Silas", disse ele.

No momento em que Silas apareceu nas sombras do vestíbulo, Nathaniel foi até ele. Elisabeth se sentia bem agora, mal tonta, mas o emaranhado de emoções em sua garganta formava um nó tão grande que ela mal conseguia respirar. O que quer que estivesse prestes a acontecer, ela desejou poder parar, reverter o tempo, dar a si mesma a chance de conversar com Nathaniel primeiro. Desamparado, ela o viu se inclinar sobre Silas e falar em um tom furioso.

“Por que você não me disse que tenho tido pesadelos? Não sou mais criança. Se eu uso feitiço enquanto estou dormindo, *enquanto houver mais alguém na casa,* **Eu preciso saber sobre isso! Pelo amor de Deus, Silas, eu poderia tê-la machucado!**

"Mestre", disse Silas, quellly.

"Que horas são?" Nathaniel continuou, implacável. “Sangue pingando das paredes, ou cadáveres rastejando pelo corredor? Ou talvez fosse o meu favorito, a aparição do pai cambaleando com o pescoço cortado.

Aquele se livrou do mordomo com pressa.

“São ilusões, mestre. Inofensivo."

"Não." A palavra caiu como um tapa. “Você conhece a mágica que corre no sangue da minha família.

Você serviu Baltasar.

Silas inclinou a cabeça. "Portanto, devo pensar que minha opinião ..."

não. **Não discuta comigo. Não sobre isso. Ele acrescentou, com expressão fria, cada centímetro um magister: "Isso é uma ordem".**

Os lábios de Silas afinaram. Então, impassível, ele se curvou.

Nathaniel passou as mãos pelos cabelos e andou pelo vestíbulo. Ele não encontrou nenhum dos olhos deles. "Vou encontrar acomodações alternativas para você, Srta. Scrivener", disse ele. “Não deve demorar mais de um dia ou dois. Esse arranjo foi temporário desde o início.

Com isso, ele foi para as escadas.

Elisabeth tentou entender como ela passou de "Elisabeth" para "Miss Scrivener" em questão de segundos. A situação estava se afastando dela a uma velocidade horrível, se desenrolando como um carretel de linha.

Ela sentiu que se não intervisse, ela e Nathaniel se tornariam estranhos um ao outro, e ela não seria capaz de colocar as coisas de volta do jeito que eram antes. Ela respirou instável.

"Eu não quero outro lugar para ficar!" ela gritou escada acima.

Nathaniel deu mais um passo e parou, com a coluna reta. Ele não se virou, como se não pudesse suportar encará-la.

"Eu gosto daqui", disse ela, a verdade a surpreendendo enquanto falava. “Parece quase um lar para mim.

Sinto-me seguro. Não tenho medo de você ou de seus pesadelos.

Ele riu uma vez, um som amargo e sem humor. "Você mal me conhece.

Você não viu o que eu posso fazer, não de verdade. Quando isso acontecer, espero que mude de idéia.

Ela pensou naquela noite no Blackwald, quando ele ficou olhando a floresta para o trabalho de seu antepassado, um ferimento de centenas de anos e ainda apodrecendo. Era isso o que ele temia - que o mal de

Baltasar vivesse dentro de si? Cada batida do coração doía, como uma faca deslizando entre as costelas.

Ela levantou uma rosa do chão. Suas pétalas estavam úmidas e os espinhos picaram seus dedos. Um símbolo de amor, vida e beleza, tão improvável de ver na mansão vazia e desesperada de Nathaniel, embora na verdade ela não tivesse pensado na casa dele.

caminho em algum tempo. Agora ela entendeu que as rosas tinham sido para ela. Um sinal de esperança, lutando entre as cinzas.

"Talvez eu não tenha visto o que você pode fazer", disse ela. "Mas eu vi o que você escolhe fazer." Ela olhou para cima. "Isso não é mais importante?"

A pergunta passou pela guarda de Nathaniel. Ele agarrou o corrimão, desequilibrado. "Eu escolhi não ajudá-lo a combater Ashcroft."

Seu coração doía. Ela olhou para os ombros dele, a linha de suas costas, que expressava sua infelicidade tão claramente. "Não é tarde demais para mudar de idéia."

Nathaniel se inclinou e apoiou a testa no braço. O silêncio reinou. O

hall de entrada fedia a combustão etéreo, mas por baixo disso havia um leve aroma de rosas. "Tudo bem", ele disse finalmente.

Joy correu por Elisabeth como um gole de champanhe, mas ela não se atreveu a pedir muito de uma só vez.

"Eu posso ficar?"

“Claro que você pode ficar, você ameaça. Não é como se eu pudesse impedi-lo, mesmo que quisesse. Ele parou de novo. Ela esperou, sem fôlego, por ele forçar o resto. “E tudo bem, eu vou ajudá-lo. Não por nenhuma razão nobre - ele acrescentou rapidamente, enquanto o

espírito dela aumentava. Ainda acho que é uma causa perdida.

Provavelmente vamos nos matar. Ele voltou a subir as escadas. “Mas



todo homem tem seus limites. Se há uma coisa que não posso fazer, é esperar e ver você demolir antiguidades insubstituíveis.

Elisabeth estava sorrindo de orelha a orelha. "Obrigado!" ela gritou atrás dele. Nathaniel acenou com desdém do topo do patamar. Mas antes que ele sumisse na esquina, ela o viu sorrindo também.

VINTE E QUATRO

W Quando Elisabeth trouxe o espelho do escritório de Nathaniel na noite seguinte, ele não pareceu surpreso - embora, segundo ele, estivesse perdido na maior parte de um século.

"Pertencia à minha tia Clothilde", explicou. "Ela morreu antes de eu nascer, mas sempre ouvi histórias sobre como ela usava isso para espionar seus sogros".

Elisabeth hesitou, lembrando o que a senhora Wick havia lhe dito outro dia. "Isso não foi depois das reformas?"

"Sim, mas você não acreditaria no número de artefatos proibidos esquecidos em casas antigas como esta." Ele fechou os olhos e passou os dedos pelas bordas do espelho, concentrando-se. - Os Lovelaces encontraram dispositivos de tortura ambulatoriais em seu porão, incluindo uma donzela de ferro que os perseguiu de volta para o andar de cima, abrindo e fechando como um molusco. Pessoalmente, eu nem vou entrar no meu porão. Há portas lá embaixo que não foram abertas desde que Baltasar construiu o local, e Silas me diz que ele tinha uma obsessão bizarra por fantoches..... Ah. Os olhos dele se abriram.

"Aqui estamos."

Ela se inclinou no sofá para olhar mais de perto. O esmalte de gelo recuou da superfície do espelho. Segundo Nathaniel, não havia nada errado com isso; sua magia só precisava ser reabastecida depois de permanecer adormecida por tantos anos. Agora, ela e Katrien devem poder conversar o quanto quiserem.

Uma risada encantada escapou dela. Ela olhou para cima e viu Nathaniel olhando para ela, com os olhos atentos, como se ele estivesse estudando o rosto dela como uma pintura. Um choque percorreu seu corpo quando seus olhares se encontraram. Tudo mudou para um foco nítido: os instrumentos do escritório brilhavam sobre seu ombro, a

suavidade de seus lábios à luz das velas, a estrutura cristalina de suas íris, infinitamente complexa de perto.

Por um batimento cardíaco, parecia que algo poderia acontecer. Então uma sombra caiu sobre seus olhos. Ele limpou a garganta e passou o espelho para ela. "Você está

pronto?" ele perguntou.

Elisabeth reprimiu uma onda de vergonha, lutando para não deixar nada aparecer em seu rosto.

Felizmente, ele não notaria que as bochechas dela estavam coradas, ou, se o fizesse, confundiria o rubor com excitação por Katrien.

"Sim, mas quero tentar outra coisa primeiro." Ela aproximou o espelho do nariz, ignorando o nervosismo no estômago. "Mostre-me Ashcroft", ela ordenou.

Nathaniel ficou tenso quando a superfície do espelho girou. Quando apagou, no entanto, não mostrou uma imagem. Uma piscina de luz dourada cintilante encheu o copo. Elisabeth franziu a testa. Ela nunca tinha visto o espelho fazer algo assim antes.

Eu não entendo. Ele está em um lugar sem espelhos por perto? "Essa é a mágica de Ashcroft." A tensão de Nathaniel havia diminuído. “Parece que ele lançou alas protetoras para si mesmo. Eles pretendem interromper rituais maliciosos, mas evidentemente também bloqueiam espelhos de observação. ”

Ela soltou um suspiro, percebendo que ela estava segurando o tempo todo. “Ele se prepara para tudo.

Isso foi uma coisa que eu entendi enquanto estava preso em sua mansão. Parecia bom demais para ser verdade, ser capaz de espioná-lo, mas eu tinha que tentar.

"Talvez seja o melhor", Nathaniel simpatizou. “Imagine se o pegássemos em privado. Ou aparando os pelos do nariz. Ou até ...

Elisabeth fez uma careta. "Mostre-me Katrien", disse ela ao espelho, antes que ele pudesse adicionar mais alguma coisa.

Os dedos dela apertaram a moldura quando o copo voltou a girar. Ela havia preparado Katrien e Nathaniel para esse momento da melhor maneira possível, considerando que só tinha mais um minuto para falar com Katrien naquela manhã, mas agora que chegara a hora de eles se conhecerem, ela se sentiu perturbada. Por alguma razão, ela não achava que poderia suportar se sua melhor amiga acabasse odiando Nathaniel.

O rosto de Katrien apareceu no espelho. Ela se sentou de pernas cruzadas no chão, enrolada no queixo em uma colcha de grandes dimensões. De alguma forma, ela conseguiu fazer o efeito parecer ameaçador. Talvez fosse o seu olhar, dissecando Nathaniel como uma amostra de laboratório.

"Espinho", ela entoou.

"Quillworthy", ele respondeu.

Uma longa pausa passou, durante a qual Elisabeth se perguntou se ela poderia vomitar.

Finalmente, Katrien puxou uma mão marrom da colcha e levantou os óculos. A mão se afastou de vista como se nunca tivesse existido.

"Suponho que sim", disse ela. "Agora, o que mais eu preciso saber antes de começarmos?"

Assim, o constrangimento desapareceu. Elisabeth mal resistiu a pular e torcer. Ela inclinou o espelho para que Katrien pudesse ver os dois rostos. "Para começar, Ashcroft está dois dias atrasado atacando a Grande Biblioteca de Fairwater."

Katrien franziu a testa. "Você acha que é porque ele não fez nenhum progresso no Codex?"

“Exatamente - ele poderia estar comprando mais tempo, porque não está pronto para seguir em frente com o que planejou para Harrows.

..... ”

Os três falaram até altas horas da noite, interrompidos uma vez por uma inspeção aleatória na sala que os deixou lutando para cancelar o feitiço do espelho antes que um diretor visse seus rostos desencarnados pairando sobre o armário de Katrien, e uma segunda vez por Silas, que insistia em servi-los um jantar de três pratos na mesa de café. Katrien observou Silas com grande interesse, mas felizmente não disse nada.

Eles terminaram a reunião tentando colocar Nathaniel no Codex.

Primeiro eles tentaram fazê-lo ir sozinho - a fim de estabelecer um controle, explicou Katrien, mas Elisabeth suspeitava que ela só queria assistir Nathaniel lutar. Em seguida, eles tentaram ir juntos, unindo os braços na esperança de que Elisabeth pudesse de alguma forma puxá-

lo junto com ela. Mas toda vez, ela simplesmente se materializou na dimensão da oficina por conta própria. Prendergast ficou tão chateado com suas chegadas repetidas que ele começou a atirar frascos cheios de dedos decepados para ela, quando decidiram encerrar a noite.

"Elisabeth", disse Katrien, quando todos se levantaram e se espreguiçaram. “Posso falar com você sobre alguma coisa? Em particular."

O alarme disparou direto para o estômago de Elisabeth. Sem dúvida, Katrien notara o modo como ficava vermelha toda vez que Nathaniel a segurava pelo braço. Eles realmente precisavam falar sobre isso?

Quando Nathaniel e Silas deixaram o escritório, ela afundou no sofá, colocando as mãos entre os joelhos.

"Você está bem?" Katrien perguntou. “Parece que você tem indigestão.

Enfim, estive pensando em sua resistência à magia. De onde pode ter vindo, e assim por diante.

Elisabeth caiu nos travesseiros. Ela sentiu como se seus órgãos estivessem liquefeitos com alívio. "Você teve alguma idéia?"

"Bem", disse Katrien, "deve haver uma razão pela qual você é a única pessoa que conseguiu entrar no Codex, e isso tem que estar relacionado." Ela fez uma pausa. "Você se lembra daquela vez em que caiu do telhado e não quebrou nada?"

Elisabeth assentiu, pensando de novo. Ela tinha catorze anos na época e subira dois andares para evitar ser vista pelo diretor Finch. "Eu tive sorte."

"Acho que não. Essa queda deveria ter machucado você, mas você só foi embora com alguns machucados. Stefan jura que você quebrou uma das lajes. Depois houve o incidente com o candelabro no refeitório - ele praticamente caiu em você. E a vez que você tem geléia de morango por toda parte ...

"Eu sei!" Elisabeth interrompeu, corando. "Eu lembro. Mas o que isso tem a ver comigo sendo capaz de entrar no Codex? ”

Katrien mordeu o lábio. “Você não é apenas resistente à magia. Você também é mais resistente fisicamente do que uma pessoa normal. Você sobreviveu a coisas que matariam mais alguém.

Elisabeth começou a se opor, depois se lembrou de sua batalha com o Livro dos Olhos. O Malefict a apertou até que ela pensou que seus pulmões estourariam, mas, tanto quanto ela sabia, ela não tinha sequer quebrado uma costela. Em retrospecto, isso parecia estranho.

“Eu estava pensando em como essas qualidades poderiam estar conectadas”, continuou Katrien lentamente, “e algo me ocorreu. Você se lembra das experiências que fiz quando nos conhecemos?

"Aqueles com piolhos?"

Katrien assentiu. Os olhos dela ficaram um pouco enevoados.

“Criaturas fascinantes, piolhos. Eles passam o dia inteiro correndo em

pó de pergaminho, comendo e respirando feitiçaria, mas isso não os prejudica. Eles são gigantes e difíceis de matar. Eu pensei que eles eram uma espécie diferente a princípio, sem relação com os piolhos normais.

Mas depois

estudando-os, percebi que não era o caso. Eles começam normais quando eclodem. É a exposição aos grimórios que os muda.

Por um momento, Elisabeth não conseguiu falar. A cabeça dela girou.

Ela se imaginou como um bebê, rastejando entre as prateleiras.

Quando menina, esgueirando-se pelas passagens. Ela mal conseguia se lembrar de uma época em sua infância em que não estava coberta da cabeça aos pés em poeira. - Você está dizendo que eu sou uma *booklouse?* **"**

"A versão humana de uma, pelo menos", disse Katrien. "Até onde sabemos, você é a única pessoa que já cresceu em uma Grande Biblioteca. Quando a maioria dos aprendizes chega aos treze anos, devemos estar muito desenvolvidos para que qualquer mudança ocorra. Mas você . . . "

Elisabeth sentiu como se tivesse sido atingida na cabeça por um grimório. Ela viveu dezesseis anos e meio com um caso de visão dupla e, de repente, pela primeira vez, o mundo entrou em foco. Foi por isso que ela acordou na noite da fuga do Livro dos Olhos. Foi por isso que ela foi capaz de resistir a Ashcroft e por que o volume nos arquivos a chamou - como a chamava?

Um verdadeiro filho da biblioteca.

Tinta e pergaminho corriam por suas veias. A magia das Grandes Bibliotecas vivia em seus próprios ossos. Eles eram uma parte dela, e ela uma parte deles.

• • •

Na Biblioteca Real daquela semana, Elisabeth pensou em pouco mais.

Ela continuou seu trabalho como se estivesse perdida em um sonho,

observando inúmeras coisas que não havia notado antes. Grimórios farfalhavam nas prateleiras quando ela passava, mas permaneciam imóveis e silenciosos para os bibliotecários. Estantes estalavam.

Volumes raros tocavam em suas vitrines para chamar sua atenção. Sua rota de e para o depósito a levou a uma classe quatro que era famosa entre os aprendizes por seu mau humor - eles fugiram pelo corredor, gritando, enquanto cuspiam maços de tinta nos calcanhares - mas tudo o que ela precisava fazer era acene com a cabeça todas as manhãs, e isso a deixa sozinha. Em um incidente particularmente memorável, uma seção de estantes se abriu inesperadamente, derrubando Gertrude de seus pés em seu desejo de chamar Elisabeth em direção a uma passagem secreta.

Mas quanto mais ela varria, esfregava e polia, mais a sensação cintilante de admiração desaparecia, substituída por um vazio que esvaziava um abismo.

o peito dela. Se ela nunca foi capaz de recuperar sua posição no Collegium, o que restou para ela no mundo? Fora das Grandes Bibliotecas, ela se sentia como um animal em um zoológico - uma singularidade arrancada de sua casa e desfilando por lugares a que não pertencia. Todos os dias, ela tentava se convencer a sair para poder concentrar toda sua energia em Ashcroft. E todos os dias, uma onda de terror a paralisa com o mero pensamento. No momento em que ela largou o uniforme e saiu pela porta, não havia como voltar atrás.

Gertrude deu um suspiro e suspirou, ainda convencida de que Elisabeth estava preocupada com um menino.

De certa forma, Elisabeth era. Sua falta de sono agora se devia a altas noites em torno do fogo verde tremulante no escritório de Nathaniel.

Cheia de resultados das reuniões, a sala parecia cada vez mais a base de operações de uma guerra. Eles haviam reorganizado os móveis e pregado notas nas paredes. Mas, apesar de seus esforços, Prendergast permaneceu tão cooperativo como sempre, e eles não haviam chegado mais perto de descobrir os planos de Ashcroft.

Hoje Elisabeth foi colocada para trabalhar na limpeza do piso do Observatório, cujos azulejos azuis e prateados brilhavam como pedras preciosas a cada golpe do esfregão. A sala foi projetada para grimórios cujo texto só poderia ser revelado pela luz da lua ou da estrela ou durante certos alinhamentos planetários. Aparelhos astronômicos zuniam gentilmente, fora do alcance do toque, particularmente a enorme esfera armilar de bronze que pendia do centro da cúpula de vidro do Observatório como um lustre.

Quando ela se afastou para a beira da sala e olhou para baixo, descobriu uma vista estonteante dos jardins do Collegium. Todos pareciam quietos esta tarde, exceto por um único cavaleiro galopando em direção à biblioteca, vestido com o uniforme do Collegium manchado de viagem.

Ela estava quase terminando quando a porta do Observatório se abriu.

Ela olhou para cima, esperando Gertrude com outra tarefa. Em vez disso, viu de relance uma capa de ouro entrando na sala.

"Sobre o que você gostaria de falar comigo, vice-diretor?" O choque a entorpeceu ao ouvir a voz de Ashcroft, como se o chão tivesse desmoronado e a tivesse mergulhado na água gelada. Ela correu para trás de um pedestal, segurando a esfregona no peito. Escondida ali, congelada, ela ouviu o farfalhar das vestes da senhora Wick, desejando que ela não levasse Ashcroft mais perto. Sem dúvida, os dois acreditavam que a sala estava vazia.

O olhar de Elisabeth desviou para o balde de água com sabão a alguns metros de distância, e faíscas frias dançaram sobre sua pele. Desde que Ashcroft não olhe na direção errada. . .

"Apenas alguns momentos atrás, recebemos notícias de um mensageiro", disse a senhora Wick. "Eu pensei que você deveria ser o primeiro a saber que a Grande Biblioteca de Fairwater foi sabotada."

A respiração de Elisabeth parou. Girando, ela espiou através dos anéis de bloqueio do instrumento em cima do pedestal. Os dois pararam perto do centro da sala, onde uma série de espelhos refletia um feixe

concentrado de luz solar nos azulejos. Ashcroft estava parcialmente dentro dele, a luz cortando uma faixa na manga e piscando intensamente de algo em sua mão. Ele segurava uma bengala decorativa, a alça de ouro esculpida na forma da cabeça de um grifo.

"Oh, querida", disse ele. "Sinto muito." Embora ele parecesse genuíno, diversão brilhava em seus olhos incompatíveis. "Houve muitas baixas?"

“Quatro guardas e três civis estão mortos, envenenados pelo miasma do Malefict. A diretora Florentine sobreviveu, mas sofreu um grave ferimento na cabeça. Alegadamente, ela não consegue se lembrar de nenhum detalhe do ataque.

Os lábios de Ashcroft se curvaram em um sorriso satisfeito. Um ferimento na cabeça ou os efeitos de um feitiço? O

estômago de Elisabeth se revirou. Se ao menos a senhora Wick pudesse ver sua expressão.

Enquanto os dois continuavam falando, ela se lembrou da reunião da noite passada com Katrien e Nathaniel. A essa altura, eles estavam quase certos de que Ashcroft não deixou Brassbridge quando os ataques aconteceram. A menos que ele conhecesse um feitiço inédito, poderoso o suficiente para se transportar para o outro lado do país, ele não poderia ter realizado os ataques pessoalmente - não o de Fettering, enquanto interrogava Elisabeth todos os dias em seu escritório, e não este. , ou; suas roupas não mostravam sinais de viagem. O melhor palpite de Nathaniel era que ele tinha que estar trabalhando com outro feiticeiro como cúmplice.

Finalmente, Ashcroft virou-se para sair. "Voltarei ao Magistério imediatamente", ele estava dizendo.

"Garanto-lhe, temos nossos melhores feiticeiros no caso."

- Se eu posso falar sem rodeios, chanceler, temo que seus melhores feiticeiros não estejam à altura da tarefa. Até agora, apenas a Grande

Biblioteca de Harrows permanece intocada. O sabotador chegou a mirar na Biblioteca Real sem consequências. .... ”

Um arrepio percorreu Elisabeth quando Ashcroft abriu a porta para a senhora Wick. É claro que a notícia do desaparecimento do Codex já havia chegado a ele - no momento em que atribuíram seu roubo ao sabotador, ele se tornou parte da investigação. O Collegium daria a ele acesso aos registros da Biblioteca Real? E se sim, ele se incomodaria em dar

uma olhada nos novos servos que haviam sido contratados?

No meio da porta, ele parou. Seus dedos acariciaram a cabeça do grifo esculpido. Ele se virou para examinar o Observatório, seu olho de rubi passando por cima dos instrumentos. Ela ficou tensa quando o olhar dele se aproximou do balde, mas ele não pareceu vê-lo; a atenção dele passou para o esconderijo dela. Ela sumiu de vista, com o coração batendo forte no céu da boca. Mesmo depois que a porta se fechou um momento depois, ela permaneceu paralisada por quase um minuto antes de ousar olhar novamente.

Ashcroft se foi. Ela estava sozinha.

• • •

Naquela noite, um humor solene pairou sobre o escritório. Nathaniel passou o dia todo trabalhando em suas ilusões para o Royal Ball, mas as borboletas batendo incongruentemente ao redor da sala não conseguiram elevar o espírito de Elisabeth. Nos últimos dias, parecia cada vez mais possível que Ashcroft tivesse adiado seus planos e que eles pudessem ter semanas extras ou até meses para prendê-lo.

Ninguém sabia o que dizer para as notícias de Elisabeth. Sua dolorosa decisão de não voltar à Biblioteca Real atraíra um olhar de simpatia, mesmo de Silas.

Ela respirou fundo. Chegara a hora de fazer uma admissão. “Eu não acho que Prendergast vai me dizer algo sobre o objetivo de Ashcroft.

Ele ainda não confia em mim. E se eu sou a única pessoa capaz de visitá-lo, o que parece provável, não podemos usar o Codex como prova. Não temos mais nada para continuar.

Ela olhou em volta para os rostos deles e viu a verdade refletida ali. Os três acreditaram em tudo o que ela lhes dissera, apesar de nunca terem testemunhado nenhum sinal de Prendergast por si mesmos. Mas para todos os outros, ela simplesmente aparecia como uma garota que havia escapado de um hospital psiquiátrico, fazendo reivindicações selvagens sobre um livro roubado. Eles chegaram a um beco sem saída. A escuridão desceu sobre o escritório, pontuada por uma chuva contra as janelas.

Por fim, Silas se levantou. "Vou buscar um chá."

De alguma forma, o chá ajudou. Elisabeth embalou sua xícara fumegante, grata pelo calor que se espalhava do estômago até os dedos dos pés. Ela ofereceu a Nathaniel um leve sorriso quando ele se juntou a ela pelo fogo. A chuva havia se intensificado para uma batida constante lá fora. O vento gemia através dos beirais, e o fogo assobiava quando as gotas desciam pela chaminé. O brilho verde das chamas virou os olhos de Nathaniel da mesma cor que a tempestade que ele havia chamado em sua primeira noite na cidade. Ele hesitou antes de falar.

“Eu queria que você soubesse. No final, se não conseguirmos parar Ashcroft, não vou abandoná-lo depois. EU-"

Ele parecia perturbado, à beira de uma confissão difícil. Um raio de nervos passou por ela, como se estivesse solto por uma besta, batendo direto na boca do estômago.

"Eu farei tudo ao meu alcance para restaurar sua posição no Collegium", ele terminou, lançando seu olhar para o fogo. “Para ter certeza de que você está seguro, em um lugar onde Ashcroft nunca o encontrará. Knockfeld, talvez, ou Fairwater - algum lugar que os feiticeiros nem sempre visitam.

Elisabeth assentiu, não confiando em si mesma para falar. Ela não entendeu a decepção que ardeu em seus olhos. Ele estava oferecendo a ela exatamente o que ela queria. Só que ela pensou, por um momento, que ele poderia dizer outra coisa.

"O que você acha que Silas e Katrien estão falando?" ela perguntou, desesperada para mudar de assunto.

Os dois estavam conversando profundamente por vários minutos.

"Meu melhor palpite é que eles estão planejando dominar o mundo."

Nathaniel estreitou os olhos. “Acho que não devemos deixá-los sozinhos juntos. Isso me incomoda.

"Pelo menos se eles dominarem o mundo, não precisaremos mais nos preocupar com Ashcroft."

Ela viu uma borboleta pousar em cima do espelho e abanar suas asas de safira. Sem dúvida, Ashcroft também estaria no Royal Ball. Ela nem seria capaz de ver a ilusão completa de Nathaniel. . . .

Ela sentou-se ereta. "Espere um momento. Eu pensei em algo. “Por mais tentador que seja a perspectiva”, disse Nathaniel, “não estamos tentando dominar o mundo. Parece divertido em teoria, mas na realidade é um pesadelo logístico. Todos esses assassinatos e assim por diante. Em seu olhar vazio, ele explicou: "Silas costumava me contar histórias para dormir".

"Estou falando sério", ela insistiu. “Eu tive uma ideia. Podemos não ter provas para fazer uma acusação oficial contra Ashcroft, mas isso não significa que estamos indefesos. Ainda podemos mostrar a todos quem ele realmente é. ”

"Eu não sigo."

“Nós o confrontamos em público, em um evento em que todas as pessoas importantes em Brassbridge podem ver sua reação. Ele acredita que destruiu minha mente. E mesmo antes de ele usar essa mágica em mim, ele não fazia ideia de que eu ouvi tudo o que ele disse enquanto eu estava sob o glamour de Lorelei.

Ela viu o momento em que Nathaniel entendeu, porque sua expressão foi cuidadosamente neutra.

"Você quer tomar a ofensiva", disse ele lentamente. "Revele-se para Ashcroft e faça uma acusação pública antes que ele possa recuperar o controle da situação."

Ela assentiu, inclinando-se para a frente. “Todo mundo pode pensar que eu estou ficando louca no começo, mas há muitas coincidências suspeitas para ignorar. Ele não será capaz de escapar disso. E com *vocês* ao meu lado, acusando-o junto comigo. . . pense nisso. Mesmo se ele tentar nos machucar, ele só vai provar ...

"Não", Nathaniel interrompeu. "Muito perigoso." Ele se levantou e bateu palmas rapidamente. "Reunião adiada."

Ela agarrou a manga dele e o puxou de volta antes que ele pudesse lançar o feitiço para dispensar Katrien. “Quando é o baile real? É

breve, não é?



Nathaniel fez uma careta.

"O baile é neste fim de semana, Srta. Scrivener", disse Silas. "Mestre Thorn, é claro, deve comparecer, e seu convite inclui um companheiro."

Quando Nathaniel lançou-lhe um olhar de traição, ele retornou um sorriso angelical. "Você não me mandou ficar em silêncio, mestre."

Elisabeth ignorou o protesto engasgado de Nathaniel. “Silas, você poderia ficar de olho em Ashcroft para nós? Sem ele te ver?

Ele considerou a pergunta por um momento e depois inclinou a cabeça.

“Eu poderia segui-lo a noite toda, caso ele tentasse retaliar. A serva do Chanceler, Lorelei, não é uma ameaça significativa para mim. Nem os demônios menores a seu serviço.

Um arrepio percorreu sua espinha ao recordar a maneira como Lorelei havia falado sobre Silas no escritório de Ashcroft. "O Royal Ball seria uma oportunidade perfeita", disse ela, voltando-se para Nathaniel. “E

com Silas cuidando de nós, estaríamos muito mais seguros. Por favor -

ela acrescentou. "Eu sei que este é o último recurso, mas pode ser a nossa única chance de detê-lo."

"Você também pode fazer isso", disse Katrien do espelho. Quando os três olharam para ela, ela deu de ombros. Provocando o feiticeiro mais poderoso do reino, soltando Elisabeth em um salão de baile. . . O que poderia dar errado?"

VINTE E CINCO

P Resentida com o artigo genuíno, Elisabeth admitiu que, de fato, fora tolice dela confundir Ashcroft Manor com um palácio. O palácio real era tão grande que ela não podia ver o edifício inteiro pela janela da carruagem. Em vez disso, ela ficou boquiaberta com as torres de cabeça para baixo na piscina refletida, que passou por uma eternidade, iluminada por votivos flutuando na água. Ela sentiu como se eles tivessem passado para um mundo diferente, deixando a cidade para trás. O caminho pela estrada se apegava a ela como um feitiço - as árvores brilhando com luzes de fadas, sebes aparadas em labirintos geométricos e fontes em forma de cisnes e leões, tudo velado no brilho sedutor do crepúsculo.

Mas seu encantamento desapareceu como um glamour quando a carruagem diminuiu, juntando-se à fila de carruagens que estacionavam nas portas da frente. As carruagens se estendiam em uma corrente ao redor da piscina refletida, ejetando um fluxo interminável de convidados, que subiam os degraus à luz de velas. Logo, ela teria que convencer todos eles da culpa de Ashcroft.

Seu estômago revirou quando o treinador parou completamente. Uma criada de uniforme

cor-de-rosa do palácio abriu a porta e Elisabeth aceitou a mão de Nathaniel, descendo com cuidado em seus sapatos de seda firmemente amarrados. Sua expressão severa vacilou quando sua mão roçou a capa que cobria o vestido dela.

- Scrivener - disse ele com cuidado -, não pretendo avançar, mas isso é um ... - Uma espada escondida debaixo do meu vestido? Sim, ele é."

"Entendo. E como é exatamente ...

"Eu pensei que você não queria estar à frente." Ela apertou o braço dele. "Vamos lá", disse ela, com uma confiança que não sentia. "Vamos lá."

Lustres brilhavam através das janelas do palácio, quase deslumbrantes demais para olhar diretamente.

Ela estava ciente de uma série de olhares curiosos sendo enviados Na direção em que subiam as escadas, todos ansiosos para ver o primeiro companheiro que Nathaniel havia trazido para o baile. O

coração dela bateu forte. Se ao menos eles estivessem presentes como um casal de verdade, prestes a passar a noite dançando, rindo e bebendo champanhe.

No topo da escada, um par de lacaios os conduziu para dentro.

Lentamente, ela soltou Nathaniel. Os pilares subiam para um teto curvo pintado com nuvens e querubins em movimento. As nuvens douradas e creme flutuavam pelo céu azul pastel, e os querubins abanavam suas asas. O arco do outro lado do corredor tinha que levar ao salão de baile, com a entrada enviando uma cortina de folhas douradas. Os convidados ofegaram de prazer enquanto atravessavam a ilusão, desaparecendo na sala do outro lado.

Um criado se aproximou para pegar a capa de Elisabeth. Ela hesitou antes de desfazer a fita que amarrava a roupa na garganta, sentindo a seda deslizar por entre os dedos, o pelo e o veludo se afastando.

Depois, ela resistiu à vontade de cruzar os braços sobre o peito. O ar gelou sua pele nua como se ela tivesse derramado uma pele de armadura.

Nathaniel olhou para ela e parou. Ele ainda não a tinha visto em seu vestido. Os lustres jogavam prismas sobre o tecido de marfim, deixando a seda ruched reluzente com um brilho prateado. Folhas douradas fluíam por todo o corpete, agrupadas no topo para formar um decote de vieiras e novamente na bainha do vestido, onde flutuavam sobre uma camada de organza. Brincos de pérola tremiam contra seu pescoço como lascas de gelo.

Nathaniel havia passado o caminho para o palácio em silêncio, seus pensamentos impossíveis de adivinhar. Agora seus olhos se

arregalaram; ele parecia perdido. "Elisabeth", disse ele, sua voz rouca.

"Você parece . . . ”

"Maravilhoso", disse um homem, apressando-se para apertar a mão de Nathaniel. Com o coração afundando, Elisabeth reconheceu-o como lorde Ingram do jantar de Ashcroft. - Maravilhoso vê-lo, Magister Thorn. Eu só queria dizer, que excelente trabalho sobre as ilusões.

Quando soubemos que você tinha sido contratado este ano, esperávamos chegar e encontrar o lugar decorado com esqueletos! Ele soltou uma risada estridente da própria piada. A mandíbula de Nathaniel se apertou, mas lorde Ingram não percebeu. "E

quem é essa adorável jovem?" Ele se virou para Elisabeth, olhando para cima e depois mais um pouco, quando descobriu que ela era quase uma cabeça mais alta que ele.

"É a senhorita Scrivener, querida", disse Lady Ingram, chegando ao lado do marido. "Dos papéis."

Oh. *Oh* **Lorde Ingram balançou sobre os calcanhares. "Srta. Scrivener, fiquei com a impressão de que você foi enviada - bem, isso não é apropriado para mim - por favor, com licença." Lady Ingram estava puxando-o para longe, um sorriso gélido fixo em seu rosto. Ele ficou sem reclamar, lançando olhares preocupados por cima do ombro.**

O coração de Elisabeth afundou ainda mais. Agora que ela olhou, ela viu sinais dos rumores por toda parte. As mulheres pararam para olhar, depois sussurraram para os parceiros, os lábios moldando a palavra

"hospital". Ninguém mais tentou se aproximar dela e Nathaniel enquanto se dirigiam para o salão de baile. As fofocas se agitavam, escondidas atrás de mãos enluvadas e sorrisos educados.

"Estou arruinando sua reputação, não estou?" ela perguntou, assistindo o espetáculo se desenrolar.

"Não se preocupe", disse Nathaniel. “Eu tenho trabalhado duro tentando arruinar minha reputação há anos. Talvez depois disso, famílias influentes parem de tentar catapultar suas filhas solteiras sobre a minha cerca do jardim. O que realmente aconteceu uma vez.

Eu tive que afastá-la com uma espátula.

Elisabeth sorriu, incapaz de resistir ao seu sorriso. Mas o sorriso dela desapareceu quando eles se aproximaram do arco.

"Você está tendo dúvidas?" ele perguntou.

Ela balançou a cabeça, tentando ignorar o torno que se fechava em seus pulmões. Era tarde demais para voltar.

Mesmo que não fosse, mesmo que o salão estivesse cheio de demônios de Ashcroft, ela ainda

continuaria; ela não tinha outra escolha.

Ao passarem pela cortina de folhas, a maravilha venceu brevemente seu medo. Eles estavam em uma grande câmara coberta por uma clareira da floresta. Um bando de borboletas de safira girava em torno deles, brilhando como jóias, apenas para se afastar em direção à orquestra e se espalhar entre os instrumentos. Ivy se enroscou nas estantes de música e flores silvestres envolveram as mesas de refresco.

A cena encantada estava cheia de pessoas vestidas de seda, peles e diamantes, rindo de espanto quando as folhas caíam dos candelabros.

Mas nenhuma quantidade de beleza poderia superar o fato de que em algum lugar dentro dessa grandeza, Ashcroft os esperava.

"Você gostaria de uma bebida, senhorita?"

Mesmo antes de Elisabeth se virar, ela sabia quem encontraria ao seu lado. Ainda assim, ela quase se surpreendeu ao olhar para Silas: loiro e olhos castanhos, vestido com o uniforme do palácio, segurando uma bandeja de taças de champanhe. Ele parecia completamente, resignadamente humano. Ela e Nathaniel fizeram um show selecionando os óculos para comprarem alguns segundos.

"Obrigado por fazer isso", Elisabeth sussurrou.

Silas suspirou. “Garanto-lhe que não teria concordado com o plano se essa indignidade fizesse parte da sua proposta original. A decoração é inadequada, e eu não gostaria de servir essa detestável safra nem para um plebeu. Sem querer ofender, Srta. Scrivener.

Elisabeth tossiu, escondendo uma risada. "Nenhuma tomada."

Demônios não eram permitidos dentro do palácio, mas Nathaniel tinha sido capaz de esgueirar Silas naquela tarde, ilusão e tudo, quando ele chegou para encantar o salão de baile. Silas estava de olho nas coisas desde então.

“O chanceler Ashcroft está do outro lado da sala”, continuou ele,

“falando com Lady Ingram. Acredito que ele esteja se preparando para seguir em frente. Eu permanecerei por perto. Com isso, ele deu um breve aceno de cabeça e se misturou de volta à multidão.

O estômago de Elisabeth torceu. Ela esticou o pescoço, esforçando-se para encontrar qualquer indício de Ashcroft, mas mesmo que sua altura lhe permitisse ver muito além do salão de baile, havia muitos convidados bloqueando sua visão.

Nathaniel pegou a mão dela. "Deste jeito. Vi uma provável multidão. O

príncipe Leopold é um tipo sensível - ele deve simpatizar com o que temos a dizer.

Os pensamentos dela gaguejaram com a sensação inesperada dos dedos dele entrelaçando nos dela. Ela se forçou a se concentrar. Ele a estava puxando em direção a um grupo de pessoas que incluía lorde Kicklighter, todos se curvando e raspando para um jovem de uniforme militar vermelho.

—É ele? O príncipe?"

Nathaniel assentiu. “Se você pode acreditar, eu gostava dele. Então ele foi e cresceu aquele bigode. Ou ele assassinou um gerbil e o colocou no

rosto. Pela minha vida, não sei dizer qual.

Ela olhou para ele surpresa. "Eu não percebi - então você quer dizer -"

"Eu também gosto de garotas, Scrivener." Diversão dançou nos olhos de Nathaniel. "Eu gosto de ambos. Se você vai fantasiar sobre minha vida amorosa, insisto que faça isso com precisão.

Ela fez uma careta. "Eu não estou fantasiando sobre sua vida amorosa."

"Estranho. Este é um território desconhecido. As moças geralmente ficam mais do que felizes em dedicar uma parte considerável de seus cérebros à tarefa de contemplar meu esplendor.

"E aqueles que jogam champanhe na sua cara?" “Isso só aconteceu *uma vez,* **muito obrigado, e houve atenuantes**

- De repente, sua alegria desapareceu. "Deixa pra lá. Aqui vem ele.

Lembre-se do que praticamos.

"Nathaniel", Ashcroft disse atrás deles. Scrivener. Quão excelente é vê-

lo.

Sua voz deslizou pela espinha de Elisabeth como uma gota de suor frio.

Ela se preparou e se virou.

Assim que ela encontrou os olhos dele, a miséria de seus dias em Ashcroft Manor desabou sobre ela em força. Sua boca ficou seca e suas mãos tremiam. Ela tinha esquecido o quão bonito ele era de perto -

como ele se parecia com um herói de um livro de histórias, com aquele cabelo dourado e um sorriso encantador.

Lady Ingram estava ao lado dele, claramente desejando chegar ao fundo do reaparecimento de Elisabeth o mais rápido possível. Por um momento, foi como se Elisabeth estivesse de volta lá, presa sem possibilidade de escapar.

Um espaço discretamente formado na multidão. Os outros convidados mantiveram suas próprias conversas, mas Elisabeth sentiu o peso de sua atenção. Por tudo o que pareciam ocupados, eles estavam pendurados em cada palavra.

"Estávamos todos tão preocupados quando você desapareceu do Hospital Leadgate", disse Ashcroft. Os olhos dele se enrugaram de preocupação - a mesma preocupação que a havia enganado semanas atrás. “Temíamos que você estivesse perdido nas ruas. Algumas áreas da cidade podem ser terrivelmente perigosas para uma jovem sozinha.

"Você está certo", disse Nathaniel. Seus olhos cinzentos avaliaram o traje cor de pérola de Ashcroft e fizeram uma pausa para pegar sua bengala, que tinha o mesmo cabo da cabeça do grifo do Observatório.

"Ela estava em perigo", ele continuou, seu olhar desdenhoso voltando rapidamente para o rosto de Ashcroft. "Mas, como se vê, os criminosos nas ruas não são tão ruins quanto os que vivem em mansões."

O sorriso de Ashcroft endureceu. Elisabeth poderia ter imaginado: um lampejo de incerteza em sua expressão, uma sombra da realização do amanhecer.

- Ouvi dizer que você fez uma recuperação milagrosa, Srta. Scrivener -

ele disse suavemente, voltando-se para ela.

"Isso é verdade?"

Qualquer um poderia ter banhado Elisabeth, vestido-a, escovado seus cabelos e levado-a ao Baile Real, mesmo que ela não tivesse mais o que falar. Ela sabia que era isso que Ashcroft estava esperando, até esperando: que ela era pouco mais que uma boneca viva, incapaz de responder. Agora chegou o momento em que ele descobriria que, apesar de tudo o que

havia feito com ela, ele não conseguiu quebrá-la.

O pensamento a encheu de determinação, como uma lâmina derretida mergulhada fervendo na água.

"Eu não me recuperei", disse ela. Suspiros ecoaram ao redor deles.

Agora sou o mesmo de quando você me condenou ao Hospital Leadgate, por recomendação de um médico que mal falou comigo. O

único milagre é que eu sobrevivi.

Ashcroft abriu a boca para responder, mas ela o interrompeu.

"É vergonhoso chamar esse local de hospital". Ela lembrou o rosto triste de Mercy e sabia que não era a única garota que permaneceu sem voz por muito tempo. “O superintendente, matrona Leach, aceita dinheiro de clientes ricos que abusam dos pacientes por prazer. Ou pelo menos o fez antes de se entregar às autoridades esta manhã. Isso tinha sido feito por Silas; ele retornou nas primeiras horas, suspirando sobre a sujeira da cidade baixa.

A voz estrondosa de lorde Kicklighter quase a fez pular. "Eu digo, Chanceler Ashcroft, esse não é o mesmo hospital que recebe seu financiamento?"

"Eu vou ter certeza de olhar para o assunto." O sorriso de Ashcroft havia se tornado mais fino e seus olhos haviam perdido o calor genial.

“Lembre-se de que essas reivindicações vêm de

- ”

"Uma jovem de quem você esperava lucrar?" Nathaniel perguntou, com uma selvageria que assustou Elisabeth. “A matrona Leach produziu documentos conectando você ao esquema, afinal.

Ou existe outra razão mais premente por que você queria que Miss Scrivener sumisse de vista, Chanceler? Talvez você possa nos esclarecer.

"Eu lembro de tudo, Ashcroft", acrescentou ela em voz baixa. “Tudo o que você fez comigo. Aquelas tardes no estudo. O feitiço que você usou em mim. Os demônios.

Choque ondulou para fora. "Meu Deus", alguém murmurou, "ela disse *demônios?* **Ashcroft não estava mais fingindo sorrir. “Essas alegações são absurdas. Lembre-se, pessoal, que a pobre Srta.**

Scrivener foi diagnosticada com histeria por um médico licenciado. Ela sofre de extrema ansiedade.

Ilusões.

"Eu não acho que imaginei os demônios", disse Elisabeth. "Eles estavam nos jornais." Na multidão, alguém deu uma risada nervosa. As pessoas olharam entre ela e Nathaniel, depois de volta para Ashcroft.

A atmosfera havia mudado.

Elisabeth prendeu a respiração. Eles haviam praticado as próximas falas de Nathaniel centenas de vezes.

- Se você realmente não tem nada a esconder - disse ele lentamente, com o olhar fixo em Ashcroft -, tenho certeza de que todos gostaríamos de saber por que você estava tão ansioso por silenciar uma testemunha na investigação da Grande Biblioteca. A essa altura, parece que você não quer que o sabotador seja encontrado.

Um silêncio caiu enquanto todos esperavam que ele respondesse. No recente silêncio, lorde Kicklighter estava transmitindo informações ao príncipe Leopold no que ele sem dúvida imaginou ser um sussurro:

“Sim, Hospital Leadgate. Esse é esse. As acusações mais perturbadoras.

. . ”

Quando a orquestra começou com uma onda de violinos, Ashcroft estremeceu. Várias pessoas deram um passo atrás dele. Lady Ingram agarrou o braço do marido e se afastou, sua postura rígida indicando que ela não queria participar desse novo e inesperado escândalo.

- Com licença - disse Ashcroft rapidamente, oferecendo a todos uma imitação forçada do seu sorriso habitual. "Tenho assuntos a tratar em outro lugar." Então ele se virou e se afastou.

Todo mundo assistiu ele ir, de boca aberta. Os convidados se separaram para deixá-lo passar. Cabeças inclinadas juntas, joias cintilantes, enquanto as notícias do que havia acontecido se espalhavam como fogo pelo salão. Olhares horrorizados seguiram a partida de Ashcroft.

Ninguém, além de Elisabeth e Nathaniel, prestou atenção ao criado do palácio que deixou a bandeja de lado e, um momento depois, seguiu Ashcroft pela porta.

O brilho dos lustres encheu a visão de Elisabeth. As bolhas na taça de champanhe batiam contra o copo, cada uma uma explosão em

miniatura sob as pontas dos dedos. De repente, o salão de baile estava muito claro, alto demais, cheio de pessoas, todas elas virando na direção dela.

Scrivener? O rosto de um homem desconhecido nadava diante dela.

Sua audição flutuou estranhamente quando ele se apresentou como funcionário do

Magisterium. "Se você estivesse disponível para fazer uma declaração"

"Amanhã", Nathaniel interrompeu. Ele estava examinando Elisabeth, com os olhos atentos. Uma onda de gratidão a dominou quando ele a pegou pelo braço. "Vamos a algum lugar mais calmo", disse ele.

Sua memória pareceu pular. Um momento ele a estava dirigindo através da multidão, e no outro a estava apoiando em um corredor, permitindo que ela se agarrasse a ele enquanto seus pulmões se rebelavam. Cada trago de ar batia contra suas costelas como um soco.

Pontos negros enxameavam nas bordas de sua visão.

"Acabou. Apenas Respire. Apenas respire, Elisabeth.

Ela pressionou a testa no ombro dele, fechando os olhos. Ela estava ciente de que o estava segurando com tanta força que provavelmente doía, mas ela não conseguia parar. Ela sentiu como se estivesse pendurada na borda de uma torre e cairia se a soltasse. "Sinto muito", ela ofegou.

"Está tudo bem."

"Eu não - eu não sei por que -"

"Está tudo bem", disse ele novamente. Ele fez uma pausa e acrescentou: "Quando coisas terríveis acontecem com você, às vezes a promessa de algo bom pode ser igualmente assustadora".

Ela não sabia quanto tempo eles ficaram lá. Finalmente, seu tremor diminuiu e, quando ela abriu os olhos novamente, ela os encontrou em um corredor alinhado com janelas e pinturas. Não havia ninguém à

vista, além de um criado que passava com uma bandeja no final do corredor. Distantes sons de música surgiram do salão de baile.

"Como você sabia o que fazer?" ela resmungou, voltando-se para Nathaniel. Sua expressão era ilegível. "Experiência. Eu mal podia sair de casa por meses após a morte de meu pai sem ter um ataque semelhante.

Ela respirou fundo. Ela percebeu que ainda estava segurando o casaco dele e forçou os dedos a desenrolar-se. "Eu sinto Muito."

"Eu disse que estava tudo bem."

“Eu quis dizer para você. Sinto muito que você tenha passado por isso.

Por um momento, ele ficou em silêncio. Então ele empurrou as cortinas para o lado e olhou pela janela mais próxima. - Ashcroft entrou em sua carruagem há alguns minutos - ele saiu com pressa. Um treinador do Magisterium também está saindo agora. Parece que talvez

nem precisássemos de Silas.

Elisabeth respirou mais algumas vezes, aceitando cautelosamente a vitória. O plano dela funcionara. O

que aconteceu foi real. “Você viu os olhares no rosto de todo mundo?

Eu acho que eles realmente. . . ” Ela fez uma pausa. "Nathaniel?"

Ele se apoiou contra a parede, piscando com força. Ela estava prestes a perguntar se ele estava bem quando colocou o copo no parapeito da janela, jogando champanhe por cima da borda. Ela não tinha tocado sua própria bebida, onde quer que fosse, mas evidentemente ele não tinha sido tão cuidadoso.

Agora que ela olhou mais de perto, percebeu a escuridão de suas pupilas alargadas. Sua cor era alta, sua gravata despenteada.

"Nathaniel . . . ”

"Você vem comigo?" ele perguntou rapidamente, como se temesse o que ela poderia dizer. "Eu gostaria de mostrar uma coisa."

Ela hesitou, seu peito apertado. "E Ashcroft?"

“Suspeito que talvez não precisemos mais nos preocupar com ele. Não essa noite. Possivelmente também não depois de hoje à noite. Ele olhou para baixo, um músculo se mexendo na mandíbula. "Eu apenas pensei que nós-"

Elisabeth percebeu rapidamente, deixando-a tonta. Se a suspeita se apoderasse de Ashcroft, tudo mudaria, e logo. Não haveria mais noites no escritório de Nathaniel, as cabeças inclinadas juntas, compartilhando o jantar perto da fogueira. Ela teria que enfrentar seu futuro, e seu futuro poderia não tê-lo nele.

"Sim." Antes que ele pudesse pensar melhor, ela pegou a mão dele.

Distantemente, ela observou que a música ficou doce e triste. Como se ela tivesse pisado

do lado de fora do corpo, ela o viu envolvê-la em seu casaco, primorosamente cuidadoso e puxá-la para fora pelas portas de vidro no final do corredor.

O ar da noite esfriou suas bochechas coradas. Os passos deles seguiram o caminho em direção aos jardins. Em algum lugar por perto, uma fonte espirrou. As sebes altas os envolveram, perfumadas com o cheiro melancólico de flores que passavam pelo auge, e o braço de Nathaniel aqueceu seu lado. Após o ataque no corredor, sentiu-se sonolenta, sonhadora e estranha, sobrecarregada pelas palavras não ditas entre eles.

Finalmente chegaram a um portão, quase escondido pelas cercas vivas.

Nathaniel encontrou uma trava e os deixou entrar.

A respiração de Elisabeth ficou presa. O verão não havia se perdido neste lugar secreto. As rosas floresciam em cem tons diferentes de pérola e escarlate, seu perfume inebriante encharcando os caminhos

cultivados. No final do jardim murado, havia um pavilhão de mármore branco, brilhando ao luar, suas varandas cobertas de trepadeiras. Eles andaram de braços dados, passando por baixo de mandris que pingavam flores, as pedras do pavimento cobertas de pétalas.

"Como você descobriu sobre isso?" Elisabeth perguntou, enquanto subiam os degraus do pavilhão. Ela sentiu como se pudesse desaparecer sob seus pés a qualquer momento, como uma ilusão.

“Meus pais costumavam me trazer aqui quando eu era jovem. Eu pensei que era a ruína de um castelo antigo. Maximilian e eu tocávamos por horas. Ele fez uma pausa. “Eu não voltei aqui desde então. Ele teria quatorze anos agora - meu irmão.

O silêncio caiu entre eles. Eles chegaram ao topo. Sobre uma balaustrada entrelaçada com rosas brancas florescendo, a vista dava para os jardins, voltando para o palácio. Suas janelas brilhavam como diamantes em um cenário de pedra, as torres emolduradas por estrelas.

Eles estavam longe demais para Elisabeth adivinhar onde o salão estava em meio a toda aquela luz: um mundo diferente, cheio de música, dança e risadas.

A tristeza contraiu sua garganta. Ela considerou Nathaniel, seus traços pálidos tão distantes. Ela não sabia o que dizer ou como atravessar o abismo entre eles. Ela não suportava a ideia de deixá-lo, como todo mundo tinha feito, todos menos Silas, cujo serviço custava um custo tão terrível. A dor disso cantava dentro dela como música, cada nota uma ferida.

"Sinto muito", disse Nathaniel. “Eu não te trouxe aqui para falar sobre minha

família."

"Não." Ela balançou a cabeça. "Por favor. Nunca me peça desculpas por isso. "Dificilmente é um tópico apropriado para uma ocasião comemorativa."

Ela o viu puxando para dentro, preparando-se para se trancar. "Você não é como Baltasar", ela deixou escapar, percebendo que essa poderia ser sua única chance de dizer isso. "Você sabe disso, não é?"

O rosto dele se contorceu. Por um momento terrível, ela pensou que ele poderia rir. Então ele disse:

“Há algo que você precisa saber sobre mim. Quando meu pai começou a pesquisar o ritual, eu sabia exatamente o que ele estava planejando.

Eu nunca tentei detê-lo. Eu esperava que funcionasse. Eu os queria de volta, Max e minha

mãe. Eu teria feito qualquer coisa má para tê-los de volta.

"Você tinha doze anos", ela disse suavemente.

"Velho o suficiente para saber o certo do errado." Finalmente, ele olhou para ela, seus olhos sombrios. “Meu pai era um bom homem.

Durante toda a sua vida, ele foi bom, exceto no final. Sua expressão disse: *Então, como pode haver alguma esperança para mim?*

"Você é bom, Nathaniel", disse ela calmamente. Ela colocou a mão na bochecha dele. "Tu es."

Sob seu toque, um tremor o percorreu. Ele olhou para ela como se estivesse se afogando, como se ela tivesse sido a única a empurrá-lo, e ele não sabia o que fazer. "Elisabeth", disse ele, seu nome arrancado dele como um apelo.

O coração dela parou. Seus olhos eram tão escuros e turbulentos como um rio no meio do inverno, e muito próximos. Ela sentiu como se estivesse em um precipício, e que se ela se inclinasse para frente, ela cairia. Ela cairia e se afogaria com ele; ela nunca voltaria a ter ar.

Ela se inclinou para ele e sentiu que ele fazia o mesmo. A cabeça dela girou. Nada poderia tê-la preparado para isso: que ela experimentaria seu primeiro beijo ao luar, cercado de rosas, com um garoto que convocava tempestades e ordenava que anjos abrissem suas asas. Foi

como um sonho. Ela se preparou para o choque e o mergulho, para extinguir essa agonia dentro dela, que forçou sua alma a quebrar.

Seus lábios roçaram divinamente macios; o toque mais simples, mais inebriante que o perfume das rosas. "Você não tem gosto de champanhe", ela respirou vertiginosamente, imaginando. "Eu pensei que você provaria champanhe."

Desta vez, ele riu. Ela sentiu isso como um arrepio de ar em sua bochecha. “Eu não bebi nada. Eu pensei que era melhor não.

"Mas-" Ela se afastou e olhou para ele. Ela imaginou aquele momento na sala? O momento em que ele subitamente perdeu o equilíbrio, pareceu desorientado, logo depois que olhou para fora e disse. . .

Os cabelos estavam em seus braços.

"Algo está errado?" Nathaniel perguntou.

"Eu não sei." Ela olhou em volta. "Se você não queria falar sobre sua família, por que você me trouxe aqui?"

"EU . . . ” Sua testa franziu. “Estranhamente, não posso exatamente. . .

” Ele não sabia. Ele não conseguia se lembrar. Porque ele não tomou a decisão de trazê-la aqui - alguém o fez. Ela puxou a saia e puxou o Demonslayer, girando para enfrentar o resto do pavilhão.

Nas sombras, alguém começou a bater palmas.

- Você entendeu mais rápido do que eu previ, Srta. Scrivener - disse Ashcroft, entrando na luz da lua, pronta para bater palmas.

Elisabeth mal conseguia respirar. "Você lançou um feitiço nele", ela sussurrou. Matador de demônios tremia em suas mãos.

"Agora, não há necessidade de lutar comigo", disse Ashcroft. "Eu só trouxe vocês dois aqui para fazer uma transação simples."



Ele alcançou atrás de si e puxou. Correntes de ferro ecoaram contra o mármore enquanto uma figura esbelta se espalhava aos seus pés. A princípio, Elisabeth não conseguiu entender o que viu: cabelos brancos e longos, espalhados pela pedra. Um rosto bonito se contorcia de sofrimento, olhos sulfurosos abatidos.

"Dê-me a garota", disse Ashcroft a Nathaniel, "e eu devolverei seu demônio."

VINTE E SEIS

T O sangue escorreu do rosto de Nathaniel. Por um instante, ele pareceu anos mais novo, um garoto assustado a ponto de perder tudo mais uma vez. "Silas?" ele perguntou.

As correntes mudaram. Silas olhou para Nathaniel, seus olhos nublados de dor. O esforço até desse pequeno movimento pareceu dominá-lo. Ele se acalmou contra o mármore, com os olhos fechados.

Nathaniel olhou. Polegada por polegada, sua expressão endureceu, como as vigias de um cofre rebocando.

Quando ele terminou, ele não tinha mais nenhuma expressão. Ele deu um passo em direção a Ashcroft. "O que você quer com Elisabeth?" ele exigiu, cada sílaba tão afiada quanto o vidro.

“Você não descobriu? Para alcançar Prendergast, naturalmente. Sei que a senhorita Scrivener pode acessá-lo. Ashcroft sorriu brandamente com o horror em seus rostos. “Você não é o único com um espelho, você sabe. Você realmente deveria procurar nas enfermarias de sua casa, Nathaniel. Alguns desses feitiços antigos não são atualizados há séculos.

E você pode querer arrumar seu estudo também.

O estômago de Elisabeth revirou. Tão claramente quanto o dia, ela viu os aparelhos sobre a mesa do escritório de Nathaniel, com suas muitas lentes e espelhos. Todas aquelas noites em que ela se considerava segura pelo fogo - a presença de Ashcroft agora obscurecia essas lembranças como uma mancha. Ela lutou para entender sua violação.

"Você estava apenas fingindo lá", ela percebeu em voz alta. "Você queria que pensássemos que tínhamos vencido."

“Não é a experiência mais agradável, concedida, mas dificilmente importa. Em alguns dias, ninguém vai se importar com as fofocas do salão.

Sangue cantou nos ouvidos de Elisabeth. Seu aperto no Demonslayer aumentou. Sem pensar, ela se moveu.

"Eu não faria", Ashcroft advertiu, interrompendo-a. Ele torceu a cabeça do grifo na bengala e uma espada deslizou livre, brilhante ao luar. Ele colocou a ponta contra a garganta branca de Silas, onde enviou uma onda de vapor. Silas não se mexeu ou emitiu um som, mas seus cílios tremeram, como se ele estivesse lutando para permanecer consciente.

“Este não foi fácil de subjugar”, continuou Ashcroft, “mesmo com uma armadilha no lugar. Tenho meia mente para matá-lo, simplesmente para me livrar do problema.

"Espere", disse Nathaniel, sua voz bruta. Ashcroft olhou para cima, expectante. A espada mudou minuciosamente do pescoço de Silas. À

distância, Elisabeth ouviu Nathaniel terminar: "Eu desafio você a um duelo."

"Duelo de feiticeiro?" Ashcroft riu. “Bom Deus. Você sabe que aqueles foram proibidos pelas reformas. Você está certo?"

Com firmeza, Nathaniel assentiu.

"Oh, muito bem", disse Ashcroft. "Isso deve ser novo." "Nathaniel", Elisabeth sussurrou.

Ele encontrou os olhos dela. Deliberadamente, ele olhou para Silas.

Então ele girou nos calcanhares.

Ele caminhou até o extremo oposto do pavilhão, onde se virou para encará-los novamente, olhando Ashcroft através da longa extensão. Sua voz soou quando ele arregaçou as mangas. “As regras de um duelo são assim: não podemos envolver nossos demônios. Sem armas, além de feitiçaria. Uma vez que começamos, lutamos até a morte. Você aceita?"

"Por minha honra", disse Ashcroft. Seu olho de rubi brilhava. Ele enfiou a espada no cinto e caminhou para frente, colocando-se diante

de Nathaniel.

Ashcroft não estava planejando jogar limpo. Mas nem Nathaniel. No momento em que Elisabeth libertasse Silas, seriam três contra um. Ela ficou tensa, preparando-se. Enquanto Ashcroft e Nathaniel se curvavam um para o outro, o tempo entre cada batimento cardíaco se estendia por uma eternidade.

Nenhum deles se levantou do arco. Ela olhou entre eles, incerta. Seus olhos estavam fechados em concentração; baixinho, ambos estavam murmurando encantamentos.

Nathaniel foi o primeiro a terminar. Ele se endireitou com um chicote de fogo esmeralda na mão, suas chamas cuspindo brasas verdes sobre o mármore. Mas quando o chicote atingiu o pavilhão, Ashcroft cortou a mão no ar e inofensivamente

bateu de lado. Uma manga rasgada revelou que ele havia transformado o braço: a pele estava coberta de escamas douradas, os dedos com garras. Quando ele sorriu, seus dentes caninos se alongaram em presas.

Ela não teve tempo de assistir o que aconteceu depois. Ela mergulhou para Silas, ajoelhando-se ao lado dele. As mãos dela percorreram as correntes que amarravam os pulsos dele atrás das costas dele, envolvendo o peito, a cintura e as pernas. Onde quer que tocassem sua pele nua, deixavam vergões crus e fumegantes. Ele se mexeu sob o toque dela, mas não parecia ter total controle de seus sentidos. Seu coração pulou uma batida quando os punhos dele subiram, expondo marcas enegrecidas nos dois lados dos braços, como se tivessem sido empalados em uma espiga de ferro.

Não importava o quão freneticamente ela procurava, ela não conseguia encontrar um ponto fraco, uma junção ou mesmo uma trava segurando os links no lugar. Era como se as correntes tivessem se enrolado em seu corpo e se fundido perfeitamente.

Silas respirou fundo. "Senhorita Scrivener", ele murmurou. "Atrás de você." Elisabeth girou. Uma figura elegante estava pendurada no

parapeito, encostada a um arbusto com rosas que floresciam tarde. Um raio disperso da luz da lua revelou dedos vagarosamente pendurados em um joelho, suas garras envernizadas da cor de sangue. O resto permaneceu indistinto, velado por flores e sombras, mas Elisabeth sabia quem era, mesmo antes de falar.

"Você pega meu mestre por tolo?" A voz de Lorelei pingou de satisfação. “Ele não deixaria Silas desprotegido. Embora confesse, gostei de ver você lutar.

Elisabeth levantou Demonslayer entre eles. Perto dali veio o estalo do chicote de Nathaniel e logo depois um grito de dor sufocado. Não sabia dizer se pertencia a Ashcroft ou Nathaniel. Ela não se atreveu a tirar os olhos de Lorelei.

"Abaixe sua espada, querida", disse o demônio. “Nós não temos que lutar. Se você se render, meu mestre o levará de volta. Você já teve um gostinho de como ele trata seus convidados. Vestidos novos todas as noites, baús cheios de jóias e tantos bolinhos de ameixa

quanto seu coração desejar. Isso não parece tentador?

"Não", disse Elisabeth. "Ele me usaria para entrar em contato com Prendergast e depois me mataria."

A seda deslizou contra a pedra quando Lorelei deslizou da grade e emergiu ao luar. Ela usava um vestido de obsidiana que brilhava com tons de jóias, como as penas de um estorninho. O verde tremeluzente da feitiçaria de Nathaniel, entrelaçado com o ouro de Ashcroft, refletia nas profundezas de seus olhos vermelhos.

"Não agora que ele entende o seu valor", ela respirou, seu olhar fixo com fome no rosto de Elisabeth. “Uma garota que pode resistir à magia

- que especial. Imagine como você poderia ser útil para ele: capaz de ver através de qualquer ilusão, imune à influência de demônios. Isso será uma vantagem nos próximos dias. ” Um sorriso curvou seus lábios escarlates. “E se você estivesse ao lado dele, ele te recompensaria. Eu prometo."

"Como assim, nos próximos dias?" Elisabeth apertou o Matador de Demônios e sentiu o suor escorregar no pomo. "O que Ashcroft quer de Prendergast?"

"Oh céus." Os lábios de Lorelei se curvaram em um sorriso enigmático. "Eu falei demais?" Não adiantava ouvir demônios, Elisabeth disse a si mesma. Eles eram mentirosos. Enganadores. Não confiável para o núcleo.

Exceto quando não estavam.

Um som de raspagem veio detrás dela: Silas tentando, em vão, levantar-se. Ela ajustou sua postura, colocando-se entre ele e Lorelei.

"O que você está fazendo?" Os olhos de Lorelei se estreitaram, tentando decifrar as ações de Elisabeth. Choque registrou em seu rosto, seguido por uma alegria crescente. “Sua garota tola! Você se importa com ele!

Elisabeth respondeu não com palavras, mas com sua espada. A ponta do demonslayer assobiou no ar, passando dentro de um fio de cabelo do estômago de Lorelei, enquanto ela dava um passo para trás, seus longos cabelos negros correndo ao seu redor.

"Isso é ainda melhor do que eu imaginava", disse ela, animada. “Silas não retorna seus sentimentos ternos, você sabe. Você entenderá isso um dia.

Elisabeth balançou repetidamente, empurrando implacavelmente Lorelei de volta contra o parapeito. O

demônio riu, um som arrebatador e arrebatador, enquanto ela evitava cada ataque. Ela estava provocando Elisabeth, brincando com ela. Mas não por muito. Ela subestimou a força da determinação de Elisabeth - e no momento seguinte ela ofegou, a mão voando para a bochecha. Ela ficou congelada, encarando os olhos arregalados.

Elisabeth. Um único riacho de sangue escorreu por baixo de seus dedos.

Matador de demônios tinha cortado seu rosto.

E agora, seu ponto repousava na cavidade de sua garganta.

Desse ângulo, Elisabeth podia ver a outra batalha travando o pavilhão.

Listras negras queimavam o mármore onde o chicote de Nathaniel havia atingido o chão. Os dois homens estavam sem fôlego, mas ainda de pé. Alívio a inundou. Embora a manga de Nathaniel tivesse sido

cortada e seu colar estava grudado no pescoço com suor, ele não parecia ferido. Acima da gravata desgrenhada, seu rosto era uma máscara: fixo em concentração, cabelos escuros emaranhados, os olhos e a mecha em sua têmpora tinham o mesmo tom de prata brilhante.

Seu chicote serpenteou novamente, a língua da chama esmeralda lambendo Ashcroft, que lançou o feitiço de lado, depois gritou e caiu de joelhos, pegando-se com a mão demoníaca.

A greve foi uma finta. Enquanto Ashcroft estava focado no chicote de Nathaniel, as trepadeiras subindo pela balaustrada ganharam vida e se amarraram em torno de seu tornozelo. Quando ele se moveu para rasgá-los com suas garras, mais videiras estalaram, amarrando seu pulso. Os espinhos se apertaram mais, puxando seu braço esticado.

Sombriamente, Nathaniel avançou.

Matador de demônios descansou na garganta de Lorelei, infalível. Um batimento cardíaco passou. E então, impossivelmente, Lorelei não estava mais lá.

Elisabeth tropeçou para frente. Ela virou-se. Lorelei permaneceu equilibrada no parapeito a vários metros de distância, pétalas girando na brisa criada por sua velocidade sobrenatural. Enquanto Elisabeth observava com uma sensação de horror, Lorelei levou os dedos aos lábios e assobiou.

Um rosnado em resposta ecoou pelo pavilhão. Elisabeth se abaixou bem a tempo. O caramanchão explodiu como se tivesse sido atingido por um canhão, pulverizando flores rasgadas e lascas de madeira pintada em todas as direções. Um demônio passou por ela e derrapou até parar no mármore, soltando as folhas emaranhadas em seus chifres. Então exalou uma respiração fumegante e fixou os olhos vermelhos em Elisabeth. Vários outros demônios subiram as escadas, ossos e tendões ondulando sob suas escamas.

Ela girou, tentando antecipar qual dos demônios atacaria primeiro. Ela apontou Demonslayer primeiro para um alvo, depois para outro, o

ponto da espada vacilando com desespero. Ela não podia enfrentar os demônios e Lorelei ao mesmo tempo.

Vendo Elisabeth encurralada, Nathaniel empalideceu. Ele hesitou no meio do

encantamento. Essa era a reação que Ashcroft estava esperando.

O tempo pareceu diminuir quando uma luz dourada apareceu no ar na frente de Ashcroft, e quando ele se empurrou para dentro dela, desaparecendo do lugar em que se ajoelhara para aparecer atrás de Nathaniel. As videiras que o prendiam se desenrolavam no chão como cordas cortadas.

Nathaniel se virou. Elisabeth gritou. A mão com garras de Ashcroft varreu o ar, cada garra do tamanho de uma faca. O golpe golpeou com força suficiente para derrubar Nathaniel um passo para trás.

A princípio, Nathaniel pareceu ileso e Elisabeth alimentou a louca esperança de que o golpe de alguma forma sentisse sua falta. Ele exibia uma expressão de surpresa, quase perplexa. Então ele recuou mais um passo. Ele olhou para baixo, onde manchas apareceram aqui e ali em sua camisa, pequenas a princípio, mas se espalhando, florescendo como papoulas, absorvendo o tecido até todo o peito ficar liso e vermelho. O

chicote em sua mão fracassou. Ele caiu de joelhos.

A visão de Elisabeth ficou turva. Ela se jogou para frente, golpeando cegamente o demônio agachado entre ela e Ashcroft.

Ferro mordido em escalas. O demônio uivou quando ela arrancou Demonslayer de seu ombro e golpeou de novo e de novo, quase inconsciente de seu corpo, a força selvagem que a encheu ao ver Nathaniel estupefata e sangrando. Com um último grito, o demônio entrou em colapso. Elisabeth saltou para frente, usando seu corpo tombado como trampolim antes mesmo de atingir o chão. Por um momento, ela pareceu capaz de fugir. Matador de demônios brilhava como luar líquido, envolto em vapor; O casaco de Nathaniel ondulou atrás dela, e o vento assobiou em seus ouvidos.

Mas ela nunca terminou o salto. Um peso bateu contra ela no ar, jogando-a de volta ao chão. Seu mundo se dissolveu em uma confusão de fôlego, escamas de obsidiana, um respingo de saliva quente em seu pescoço. Matador de demônios girou de sua mão, acendendo faíscas no mármore, que deslizou para fora da vista. Assim que ela começou a entender o ataque do segundo demônio, um pé com garras pressionou suas costelas, prendendo-a no chão. Pontos nadaram diante de seus olhos quando seu peso esmagou o ar de seus pulmões.

Em um ângulo de noventa graus, ela assistiu Ashcroft sacar sua espada.

Nathaniel estava dobrado para a frente agora, uma mão apoiada no chão, a outra segurando seu peito.

Sangue retorceu em um fluxo pelo pulso.

A desesperança acinzentou seus pensamentos. Ela não viu como eles poderiam sobreviver a isso. Não não *eles*

-para *ela* sobreviveria, roubado de volta para Ashcroft Manor como o prêmio do Chanceler. Ela percebeu, em desespero, que preferia morrer ao lado de Nathaniel.

“Devo admitir”, disse Ashcroft, “é uma pena vê-lo partir. O herdeiro final da grande casa Thorn, abatido antes do seu auge. Ele considerou Nathaniel enquanto passava o polegar pela ponta da espada, testando sua nitidez. “Então, novamente, você sempre estava determinado a ser o último, não estava? Você faria qualquer coisa para impedir outro Baltasar, outro Alistair.

Os ombros de Nathaniel engataram. A outra mão bateu no chão, pegando seu peso, deixando uma marca sangrenta quando seus dedos se mexeram. Ashcroft observou-o com pena.

"Então eu suponho", disse ele, erguendo a espada, "que de certa forma, estou apenas dando a você o que você sempre quis".

Nathaniel olhou para cima, seus olhos claros e frios. No mármore, usando seu sangue, ele desenhara um sigilo enoquiano. E estava

começando a brilhar com luz esmeralda.

A expressão de Ashcroft ficou em branco. *É assim que ele se parece quando é realmente pego de surpresa,* **Elisabeth pensou. O sigilo brilhava cada vez mais e ele recuou com um grito de dor, jogando um braço sobre os olhos. Ela se fechou, sentindo a onda de choque mágica ondular sobre ela como uma onda de faíscas de formigamento.**

O chão levantou. Mármore rachou e desmoronou. Quando ela abriu os olhos lacrimejantes, foi à vista das trepadeiras, agora tão grossas quanto os troncos das árvores, derramando fragmentos da balaustrada.

O

pavilhão fora preso em um emaranhado de espinhos, sobrenatural à luz da lua, como algo de um conto antigo.

Os espinhos colossais perfuravam pedras e demônios. Enquanto ela observava, as trepadeiras continuavam crescendo, curvando-se e entrelaçando, envolvendo os corpos dos demônios enquanto seus pontos brilhantes se estendiam em direção ao céu estrelado.

Ela não cheirava sangue, carne carbonizada ou qualquer outra coisa suja. Apenas o doce e melancólico perfume das rosas. A pressão em seu peito havia aumentado e, quando ela olhou por cima do ombro, viu o demônio que a atacou sendo envolvido.

pela vegetação. A luz desapareceu de seus olhos quando botões brotaram em folhas, escondendo-a de vista.

Ashcroft cambaleou, desorientado e piscando. Ele esbarrou nos espinhos entrelaçados que haviam crescido ao seu redor como uma gaiola. Elisabeth só tinha olhos para Nathaniel. Enquanto ela observava, ele balançou e desmaiou, desmoronando em uma poça de sangue.

Com um grito, ela começou a avançar. E, ao fazê-lo, tropeçou nos braços de Lorelei.

O demônio a dobrou em um abraço frio e duro. A calma entorpecente de um glamour envolveu Elisabeth, forçando seus pensamentos a desacelerar e seus músculos a relaxar. Ela se tornou um inseto, preso na teia de uma aranha.

- Relaxe agora, querida - Lorelei murmurou em seu ouvido. "Está quase acabando. Quando meu mestre se libertar, ele fará um breve trabalho com o garoto Thorn. Você ouve o batimento cardíaco dele desaparecendo? Eu faço." Garras deslizaram pelo lado do rosto, acima da orelha, acariciando seus cabelos. As mãos a viraram. "Assista ele morrer."

Isso foi um erro. Ao ver Ashcroft esmagando os espinhos para alcançar Nathaniel, Elisabeth sentiu tudo de uma vez: a picada de seus cortes e machucados, o sangue bombeando em suas veias, o ar noturno enchendo seus pulmões, a brisa esfriando suas bochechas molhadas.

Seu entorno ficou nítido e cristalino quando a influência de Lorelei se transformou em teias de aranha.

E havia Silas. Em algum momento da batalha, ele conseguiu se agachar.

Embora a agonia embaçasse seus olhos amarelos, ele a observava calmamente, com intenção significativa. Matador de demônios estava ao lado dele, quase tocando suas mãos atadas. Ele olhou para a espada e depois para ela. Ele estava esperando o sinal dela.

Elisabeth não pôde concordar. Lorelei veria. Lentamente, como um gato, ela piscou. Matador de demônios deslizou pelo mármore. Quando chegou ao alcance, Elisabeth pisou

no punho, lançando a espada no ar.

Ela ignorou a fatia brilhante de dor quando pegou a lâmina nua em uma mão e a empurrou para trás, profundamente no corpo de Lorelei.

Havia menos resistência do que ela esperava. Lorelei engasgou, tossiu.

Suas garras se apertaram convulsivamente nos braços de Elisabeth.

"Você", ela resmungou. "Quão

atreva-se-"

E então ela se foi. A morte de um demônio de nascimento não era como a de um demônio. Nenhum corpo permaneceu, apenas tentáculos de vapor que serpenteavam ao redor de Elisabeth, envolvendo-a em um abraço final, cheirando levemente a enxofre.

Sem pensar, ela cambaleou para Silas. Ela empurrou Demonslayer através de um elo nas correntes e torceu, alavancando a espada com todas as suas forças. Metal gemeu. O link distorceu e se abriu.

Muito tarde. Pelo canto do olho, ela viu Ashcroft levantar a espada acima do peito de Nathaniel. Ela não conseguiu chegar a tempo. E

Silas, enfraquecido—

As correntes caíram no chão, enroladas vazias nas lajes. A espada de Ashcroft brilhou ao luar, inscrevendo um arco descendente. E o ponto emergiu vermelho, saindo das costas de Silas, onde a arma o lançara através do coração. No espaço de uma respiração, ele apareceu entre Ashcroft e Nathaniel, usando seu próprio corpo como escudo.

O mundo ficou parado. O silêncio desceu como geada. Os cabelos soltos de Silas caíam, escondendo o rosto.

Depois de um momento, sua mão pálida ergueu-se para tocar o comprimento de ferro que entrava em seu peito, quase curiosamente, embora, ao fazê-lo, suas garras emitissem mechas de vapor.

"Eu não entendo." Ashcroft falou hesitante. "Ele não ordenou que você fizesse isso."

Silas olhou para ele. Suas expressões não poderiam ter sido mais diferentes. Silas era um santo esculpido, seu semblante de mármore bonito, impassível, intocado pela emoção ou pela dor. E Ashcroft era um mortal confrontado, pela primeira vez em sua vida, por algo que ele não conseguia compreender.

“Se você o deixasse morrer”, disse Ashcroft, “sua barganha teria sido cumprida. A vida que ele prometeu a você - você a teria recebido. Mas agora você perdeu tudo.

"Sim", sussurrou Silas. "Eu sinto. Já se foi."

Os olhos de Ashcroft estavam arregalados. “Diga-me porque, demônio!

Diga-me o que você tinha a ganhar ...

Um fio de sangue escorreu do canto da boca de Silas, chocantemente vermelho contra sua pele branca. Ele fechou os olhos, aparentemente aliviado. Então, ele desapareceu.

No momento em que a espada de Ashcroft se soltou, Elisabeth estava lá para encontrá-la. Ferro colidiu contra ferro quando ela forçou o Chanceler a voltar, sem poupar suas forças. Ele conseguiu uma série de desvios desajeitados; então Demonslayer travou com o punho da espada e arrancou a arma de suas mãos, fazendo-a voar fora de alcance.

O pânico brilhou em seu rosto. Com um sobressalto, Elisabeth percebeu que seus dois olhos eram azuis. Não apenas sua marca demoníaca desapareceu, sua manga direita pendia em farrapos sobre um braço normal. Na ausência de Lorelei, ele não era mais um feiticeiro, apenas um homem comum.

Lentamente, ele levantou as mãos vazias em sinal de rendição.

"Você vai me matar, Srta. Scrivener?" ele perguntou, seu rosto estranhamente solene. “Se você fizer isso, você mudará para sempre.

Ele definirá um caminho do qual você não poderá voltar atrás.

Acredite em mim, eu sei.

Matador de demônios caiu. No momento de hesitação de Elisabeth, as botas de Ashcroft roçaram a pedra. Movendo-se mais rápido do que ela poderia ter previsto, ele se esquivou entre as videiras e saltou sobre a beira do pavilhão.

Ela correu para frente e se pegou contra a balaustrada desmoronada, o coração batendo forte, tenso para perseguir. Ela poderia alcançá-lo com facilidade: ele parecia ter torcido o tornozelo pulando para baixo,



pois tropeçou enquanto fugia através do emaranhado de rosas. Ela poderia persegui-lo, pegá-lo e encerrar sua trama para sempre.

Ou ela poderia correr na direção oposta e encontrar a ajuda de que precisava para salvar a vida de Nathaniel.

VINTE E SETE

T O restante da noite passou em um borrão. Primeiro, houve o brilho desorientador do palácio, seguido pelos rostos assustados dos convidados que Elisabeth encontrou nos

corredores. Depois disso, ela se lembrou de gritar, uma onda de ação. Um médico foi convocado.

Alguém perguntou sobre o ferimento na mão de Elisabeth, mas ela alegou que o sangue era de Nathaniel, o que levou todo mundo lá fora com pressa. A próxima coisa que ela soube foi que ela ficou no jardim de rosas enquanto dois homens carregavam o corpo flácido de Nathaniel em uma carruagem.

Sua condição era grave. Ela sabia disso pela urgência do médico, pelos gritos que soavam por ajuda. Ela tentou ir até ele, mas as mãos a seguraram. Eles precisavam saber o que tinha acontecido. *O Chanceler,* **ela disse, e ninguém acreditou nela. Só quando um homem chamou do alto do pavilhão e levantou a espada de Ashcroft, o grifo em seu pomo era inconfundível ao luar.**

Pandemônio. A voz estridente de lorde Kicklighter cortou o barulho.

Um convidado a ajudou a ir para a carruagem - e quão estranho o visual de todos parecia, marcado aqui e ali com manchas do sangue de Nathaniel. O seu próprio vestido fora arruinado sem reparo. Silas não ficaria satisfeito com isso; eles passaram o dia inteiro fazendo compras, e ele pacientemente sentou-se em vários acessórios, durante os quais Elisabeth teve que ficar muito quieta, para que a costureira não a ficasse com alfinetes. Ela podia imaginar claramente seu olhar de desaprovação.

Então ela lembrou que Silas havia atravessado com uma espada e se foi.

Ela entrou na carruagem com Nathaniel e o médico. As rodas bateram em terreno irregular e, uma vez, Nathaniel gemeu. O suor escorria por sua testa, mas sua mão estava gelada. Ela não se lembrava de pegá-lo.

O médico estava ocupado aplicando pressão no peito de Nathaniel. Ele

olhou uma vez para a palma machucada, depois para o rosto dela, e não disse nada.

Eles pararam do lado de fora da casa de Nathaniel, onde uma multidão havia se reunido. Metade do salão parecia segui-los até Hemlock Park, agora misturado com repórteres e feiticeiros vestindo suas roupas de dormir. Luzes brilhavam nas casas por toda a rua, suas janelas se abriam, pessoas inclinadas para fora. Elisabeth mal notou a comoção, porque nada disso era uma fração tão estranha quanto o que estava acontecendo com a casa de Nathaniel.

Todas as gárgulas haviam ganhado vida. Eles rondaram ao longo da linha do telhado e se enrolaram, rosnando, ao redor das mísulas. Os arbustos de espinhos que cresciam nos jardins desarrumados ao redor da casa tinham se estendido a sebes altas e impenetráveis, chocalhando ameaçadoramente qualquer um que se aproximasse da cerca de ferro.

Nuvens negras ferviam no alto.

"As enfermarias foram ativadas", disse o médico. “A casa reconhece que seu herdeiro está em perigo e fará de tudo para protegê-lo de mais danos. A dificuldade é que não há mais ninguém da sua linhagem que possa nos deixar passar com segurança. Scrivener, Nathaniel confia em você?

Ela viu os homens levantarem Nathaniel da carruagem. Para alcançar seus ferimentos, o médico tirou a camisa. Sua pele, onde não estava coberta de sangue, era branca como papel. Sua cabeça balançou e um dos braços se soltou. Seu cabelo preto caiu como um derramamento de tinta em torno de seu rosto pálido -

preto, sem um toque de prata. A injustiça disso a deixou atordoada.

"Eu não sei", disse ela. "Sim. Acho que sim."

“Não é convencional, mas não temos muito tempo. Tente se aproximar da casa. Se alguma coisa o ameaça, recue rapidamente. Prefiro não terminar com dois pacientes hoje à noite.

O tumulto se acalmou quando Elisabeth se adiantou. Rostos assistiram ansiosamente da multidão. Ela reconheceu uma delas como uma das garotas que fofocavam sobre ela no conservatório de Ashcroft, que agora parecia magoada, segurando a mão de um amigo.

Durante o passeio de carruagem, Elisabeth não largou o Demonslayer.

Ela brilhava ao seu lado quando ela atravessou a soleira do portão aberto, em direção aos arbustos de espinhos, os galhos tortos pairando acima dela.

Instantaneamente, seus barulhos cessaram. Um sussurro atravessou a cerca. Então os galhos recuaram, criando um caminho para a porta da frente.

Uma gárgula afundou, e depois outra, abaixando a cabeça como retentores que recebiam o retorno da rainha.

O silêncio prevaleceu. Ela subiu o caminho e subiu os degraus. Quando ela alcançou a maçaneta, a trava clicou sozinha e a porta se abriu sem tocar.

Atordoada, ela se afastou para deixar o médico passar. Ele correu pelo caminho, dando instruções aos homens carregando Nathaniel, os dedos no pulso de Nathaniel. Uma jovem de óculos correu ao lado deles, carregada de malas e estojos. Atrás deles, os galhos se fecharam, entrelaçando-se como fios de um tear, bloqueando a multidão. A última coisa que Elisabeth viu antes dos espinhos se fecharem foi um repórter olhando para ela. Wonder transformou suas feições e seu lápis caiu no chão, esquecido.

Ela seguiu a procissão no andar de cima, incapaz de tirar os olhos do rosto inconsciente de Nathaniel. Não havia espaço para ela no quarto dele, então ela ficou do lado de fora, achatando-se contra a parede toda vez que o assistente do médico passava com uma jarra

de água ou um punhado de lençóis encharcados de sangue.

Ninguém disse nada, mas ficou claro que Elisabeth estava atrapalhando. Humildemente, ela desceu as escadas. Ela tirou o casaco

de Nathaniel e o pendurou no tapete. Ela notou algumas gotas de sangue no chão do vestíbulo e usou o vestido para limpá-las, já que a seda de marfim já estava arruinada. Depois, sentou-se no degrau mais baixo, a cabeça zumbindo com o ruído branco. Vagamente, lá de cima, ela ouviu o barulho dos pés acompanhado por uma tensa troca de vozes. O relógio do avô batia no ritmo do coração.

A partir desse momento, Ashcroft estava arruinado. Tudo sairia nos jornais da manhã. O mundo inteiro o conheceria por quem ele realmente era. Mas isso não parecia uma vitória. Não com Silas perdido, e Nathaniel sangrando no andar de cima. Não com Ashcroft ainda em liberdade.

Não - a luta ainda não havia terminado. Seria tolice imaginar o contrário. Ela ficou sentada por mais um momento, considerando isso, e então se levantou e caminhou com propósito até o escritório de Nathaniel, onde pegou o dispositivo de ampliação da mesa dele, jogou-o no chão e esmagou-o sob os calcanhares. Ela foi para o quarto ao lado, onde encontrou outro espelho e o arrancou da parede.

Ela não parou por aí. Um caminho de destruição marcou seu progresso pela casa. Vidro

rachado, quebrado, explodiu em tapetes, saltando em fragmentos cintilantes pelos móveis.

Nenhum espelho estava seguro. Ela levou o cabo de Demonslayer até o da sala de estar, onde passara tantas horas estudando grimórios, e observou seu reflexo se despedaçar e depois cair no chão. Quando terminou o andar de baixo, subiu, deixando um rastro de cacos pelos corredores.

Parecia que ela deveria sentir alguma coisa, mas ela não sentiu. A mão machucada não doía, mesmo quando o sangue corria livremente pelo pomo de Demonslayer. Os espelhos em suas molduras pesadas cederam a ela sem esforço. Era como se ela fosse feita de luz e ar, mal presa ao mundo físico, ao mesmo tempo imparável e em perigo de se desfazer, queimar, flutuar.

Por fim, ela chegou ao quarto. Ela pegou o espelho. Ela tentou explicar o que havia acontecido com Katrien, que fez várias perguntas que ela não conseguiu responder, porque em algum momento as palavras pararam de fazer sentido. Quando eles terminaram de conversar, Elisabeth enrolou o espelho em uma fronha e o jogou na rampa da lavanderia. Ashcroft não seria capaz de espioná-la a partir daí. Então ela começou a tornar o resto do quarto seguro, da única maneira que sabia.

Uma quantidade incalculável de tempo depois, ela voltou a si mesma, o Demonslayer apertado em sua mão boa, cercado por madeira e vidro quebrados. Ela pensou,

Silas não vai gostar disso. **Então ela pensou:** *Vou ajudá-lo a limpá-lo.*

A dor, quando veio, atingiu-a como um soco no estômago. Ela se dobrou e afundou no chão, sua respiração entrando em suspiros estrangulados. Ela não era feita de ar ou luz. Ela era fraca, devastadoramente humana, e sentia dor, mais do que podia suportar.

Silas se foi. Ela não sabia o que Nathaniel ia fazer, ou como iria contar a ele, ou se poderia suportar a expressão no rosto dele quando o fizesse.

Ela não sabia se Nathaniel iria acordar novamente.

Ela chorou até o mundo amolecer e ficar turvo ao seu redor, e finalmente ela não sabia mais nada.

• • •

Quando ela abriu os olhos inchados, foi à vista de uma mulher desconhecida sentada em uma cadeira no canto. A luz da tarde brilhava através das cortinas. Elisabeth olhou para si mesma na cama, facilmente administrada porque estava apoiada nos travesseiros. Um curativo envolveu sua mão machucada.

Matador de demônios estava em cima das cobertas do outro lado, os dedos ainda apertados ao redor do punho.

"Dr. Godfrey e eu não podíamos arrancá-lo de você, mesmo depois que você dormiu. Elisabeth olhou de volta para a mulher. Ela não estava familiarizada, afinal. Ela era assistente do médico, magra e de óculos, vestindo um avental branco engomado. Sangue seco riscava a frente, mas sua presença não parecia incomodá-la.

"Meu nome é Beatrice", disse ela. "Eu sou a pessoa que está cuidando de você." O coração de Elisabeth pulou. Ela não conseguia desviar o olhar do avental manchado. "Nathaniel é-?"

“Ele está indo bem. Pelo menos, assim como pode ser esperado. Beba isso. Ela trouxe um copo de água aos lábios de Elisabeth e observou-a engolir um pouco antes de continuar, falando calmamente, como se para ela fosse uma manhã perfeitamente normal, nada diferente de uma conversa durante o café da manhã.

Magister Thorn perdeu muito sangue, mas o Dr. Godfrey está confiante de que se recuperará. Feiticeiros podem sobreviver a ferimentos notáveis com a ajuda de suas enfermarias. Mesmo assim, ele não deve sair da cama até que seu peito comece a se curar.

Alívio caiu sobre Elisabeth. Ela se levantou e ficou paralisada, reprimindo um gemido. Cada centímetro do seu corpo doía. Até seus ossos doíam. "Há um espelho no quarto dele", disse ela. "Eu devo-"

Beatrice colocou a mão no ombro dela. "Dr. Godfrey e eu já cuidamos disso. Ela acrescentou mais gentilmente: - Você nos contou o que estava fazendo ontem à noite, quando a encontramos aqui no chão.

Você não se lembra disso?

Elisabeth não, e ela preferiu não imaginar o estado em que a descobriram, mas estava agradecida por eles a terem levado a sério.

Ela olhou para baixo, rangendo os dentes contra os protestos de seu corpo. "Posso ver Nathaniel?" ela perguntou.

“Se você quiser, ele ainda não acordará por horas. Quando ele faz, ele pode não ser completamente ele mesmo. Ele recebeu láudano pela dor.

Ela ajudou Elisabeth a vestir um roupão e a acompanhou pelo corredor. Elisabeth não tinha certeza de que poderia ter conseguido a jornada sozinha. Enquanto cambaleava como uma mulher idosa, Beatrice disse-lhe como tinha sorte de não ter

quebrou qualquer coisa. "A maioria das pessoas teria, depois de sofrer golpes tão fortes." E então ela olhou de soslaio para Demonslayer, ainda agarrada na mão de Elisabeth.

Quando chegaram à porta de Nathaniel, ela só pôde olhar. Nathaniel parecia abandonado na vasta extensão de sua cama de dossel, com seus pilares esculpidos e cortinas de brocado escuro. Seu rosto estava virado para o lado, e o ângulo da luz do sol atravessava sua bochecha afiada, fazendo uma escultura de suas feições. Sob o colarinho aberto da camisa de dormir, ataduras envolviam seu peito.

De alguma forma, não parecia certo vê-lo dessa maneira. Sua respiração era tão superficial que seu peito mal subia e descia. Seu rosto estava parado: a testa lisa, a boca frouxa. Sombras azuis matizavam a pele sob seus olhos. Parecia que ele iria quebrar se ela o tocasse, como se ele tivesse se transformado em uma substância diferente de carne e sangue, tão frágil quanto porcelana.

Beatrice a ajudou na poltrona puxada perto dele e se virou para ir embora. Ela parou na porta, abrindo um pouco a cabeceira, como uma cortina, para revelar uma pitada de cautela por baixo. "É verdade que Magister Thorn não tem servos humanos?" ela perguntou. "Apenas um demônio?"

“Sim, mas não há necessidade de ter medo. Silas - esse é o nome dele -

ele não está mais aqui. Mesmo se ele fosse, ele não iria ... Elisabeth lutou por palavras, dominada por uma necessidade esmagadora de explicar, para fazer Beatrice entender. Era inaceitável que ninguém mais soubesse quem era Silas e o que ele havia feito. Ela terminou com dificuldade: "Ele se sacrificou para salvar a vida de Nathaniel."

Beatrice franziu a testa, deu um leve aceno de cabeça e saiu, imóvel pela revelação. *Ela acha que ele agiu sob as ordens de Nathaniel.* **E**

simplesmente, Elisabeth percebeu que ninguém jamais apreciaria o ato final de Silas. Não era uma história em que alguém acreditaria. Ele desapareceu do mundo como névoa, não deixando nada para trás, exceto rumores: a terrível criatura que serviu a House Thorn.

A injustiça disso a dominou, picou seus olhos como agulhas. Por um longo tempo, ela ficou em silêncio, a cabeça inclinada, piscando para conter as lágrimas.

Tecido farfalhou. Ao lado dela, Nathaniel se mexeu. Ela prendeu a respiração quando os cílios dele tremeram, embora seus movimentos parecessem menos um esforço consciente para acordar do que uma reação a um sonho.

Impulsivamente, ela estendeu a mão para escovar uma mecha de cabelo da testa dele. Os fios deslizaram por seus dedos, mais macios que a seda. Ela tinha tão pouco para dar a ele, mas pelo menos ela poderia deixá-lo saber que ele não estava sozinho.

Os olhos de Nathaniel se abriram, brilhantes e sem foco. "Silas?" ele sussurrou.

O coração de Elisabeth se apertou. Ela terminou de enfiar o cabelo dele atrás da orelha e depois pegou a mão dele. Ela o viu deslizar, tranquilizada, de volta ao sono.

A perda de sua marca demoníaca dizia a ela que recuperara as duas décadas de vida que havia negociado com Silas. No entanto, era impossível ficar feliz por ele. Ela sabia que, dada a escolha, ele trocaria os anos novamente em um piscar de olhos para ter Silas de volta.

Horas se passaram. Beatrice veio e se foi, trazendo um almoço frio retirado da cozinha. Depois, o Dr.

Godfrey mudou as ataduras de Nathaniel. Elisabeth estava sentada segurando os braços da cadeira enquanto o pano manchado se afastava para revelar quatro linhas irregulares esculpidas na diagonal no peito de Nathaniel. Eles se estendiam da parte inferior das costelas de um

lado para a clavícula do outro, presas com suturas. Ela se forçou a não desviar o olhar, lembrando das garras de Ashcroft, o olhar vazio no rosto de Nathaniel quando ele tropeçou para trás. Ela sabia que as feridas deixariam cicatrizes ferozes e permanentes.

Quando o Dr. Godfrey terminou de reaplicar os curativos, ele colocou a palma da mão na testa de Nathaniel e franziu a testa.

"O que há de errado?" ela deixou escapar.

Ele está com febre. Isso é comum em lesões dessa natureza. A febre de feridas pode ser perigosa, mas, no caso dele, as alas devem protegê-lo de qualquer dano sério. Ele fez uma pausa. Magister Thorn? Você pode nos ouvir?"

Fracamente, da cama, Nathaniel tossiu. Elisabeth se equilibrou na beirada da cadeira, cada músculo tenso. Logo os olhos de Nathaniel se abriram, o cinza claro e claro de quartzo. Ele a olhou em silêncio, estudando o rosto dela como se nunca o tivesse visto antes, ou como temia ter esquecido enquanto dormia. Por fim, ele disse: "Você ficou comigo." Sua voz era apenas um suspiro, uma respiração.

Ela assentiu. Lágrimas encheram seus olhos. Ela engoliu em seco, mas as palavras saíram de qualquer maneira, imparável. "Eu sinto Muito.

Isso é tudo minha culpa. Foi minha idéia confrontar Ashcroft no baile.

Sem mim, nada disso teria acontecido.

Uma ruga apareceu entre as sobrancelhas. A princípio, ela pensou que ele estava tendo problemas para se lembrar. Então ele disse: "Não. O

espelho olhando. . . você não poderia

sabia." Ele fez uma pausa, reunindo suas forças. Até a respiração parecia doer. Ashcroft. Você o pegou?

Chorando, ela balançou a cabeça. Ela não queria contar o resto, mas precisava. "Silas-" Sua voz soou alta, estranha, diferente de si mesma.

A garganta dela se fechou. Ela não conseguiu terminar.

As rugas se aprofundaram em confusão. Ela viu o momento em que ele começou a entender. O olhar dele não saiu do rosto dela, mas ele ficou muito quieto.

Talheres tocaram no corredor. Beatrice. Ela desceu as escadas para fazer chá.

Nathaniel ficou alerta. Antes que Elisabeth pudesse detê-lo, ele se levantou. Ele instantaneamente ficou cinzento de dor e listou para um lado, pegando-se no cotovelo, mas não emitiu nenhum som. Ele olhou para a porta com tanta intensidade, esperando, que quando Beatrice apareceu e o viu, ela congelou.

“Se você quiser se sentar”, disse Godfrey, “providenciaremos os travesseiros para você. Você não deve se esforçar tão cedo.

Nathaniel não pareceu ouvi-lo. Uma sensação de destruição iminente tomou conta do estômago de Elisabeth.

Beatrice estava segurando a mesma bandeja de prata que Silas sempre usava. Os olhos de Nathaniel eram duros, selvagens, quase sem ver.

"Saia", disse ele calmamente.

Beatrice e Dr. Godfrey trocaram um olhar.

"Vocês dois. Saia."

Beatrice avançou e colocou a bandeja na mesa de cabeceira, depois recuou, as mãos cruzadas contra o avental. Ela tinha o jeito de alguém acostumado a lidar com pacientes difíceis. Mas ela não sabia que, para Nathaniel, o que ela havia feito era imperdoável.

O crime dela foi simples. Ela trouxe chá. Ela não era Silas.

Calmamente, ela começou: "O láudano pode fazer você se sentir ..."

Nathaniel saiu da cama, pegou a bandeja e a jogou contra a parede.

Todos se encolheram quando a porcelana se quebrou, deixando um pouco de chá pingando no papel de parede.

"FORA!" Nathaniel rugiu. "Saia da minha casa!"

Sua voz ecoou de todas as direções, ampliada. As paredes tremiam e gemia ameaçadoramente; um fio de gesso caiu do teto sobre a cama.

Ele estava ofegante, de camisola e calça de pijama, os olhos brilhando com uma luz febril.

"Venha, Beatrice", disse Godfrey, fechando sua caixa de couro com um estalo. Ele lançou Nathaniel um último olhar enquanto ele conduzia seu assistente da sala. Passos rangiam nas escadas. Um momento depois, a porta da frente se fechou.

Elisabeth olhou pela janela. O sol pairava baixo no céu, piscando vermelho entre os arbustos espinhosos. Seus galhos emaranhados se desenrolaram para deixar o dr. Godfrey e Beatrice passarem e depois se entrelaçaram novamente.

Ela voltou-se para Nathaniel, com a boca aberta.

Sua raiva desapareceu, embora não o brilho febril em seus olhos.

"Vamos, Scrivener", disse ele brilhantemente.

“Nós devemos ir imediatamente. Você se importa se eu me apoiar em você?

"Espere", ela protestou. "Você não deveria estar fora da cama." Ah.

Isso explica por que minhas pernas pararam de funcionar. Ele lançou um olhar de aprovação para Demonslayer. "Bom, você veio preparado."

"Mas-" Quando ele caiu, ela correu para pegá-lo antes que ele caísse no chão. Ele ficou tão caído que exigiu algum esforço para colocar o braço sobre os ombros dela. "Onde estamos indo?"

Ele riu como se ela tivesse feito uma pergunta completamente sem sentido. “Estamos convocando Silas, é claro. Estamos trazendo-o de volta.

Os olhos dela se arregalaram. Ela não sabia que trazer Silas de volta era possível. Mas, assim, ela sabia onde levá-los sem Nathaniel ter que dizer em voz alta. A sala proibida. Aquele atrás da porta trancada.

Levou uma eternidade para caminhar pelo corredor, parando toda vez que ele se afundava

contra ela, piscando de volta à consciência.

Certamente não foi uma boa ideia. Se ela tivesse algum sentido, ela se viraria e o colocaria de volta na cama. Ele não podia assustá-la como Beatrice e Dr.

Godfrey; mesmo que pudesse, ele não seria capaz de atravessar o corredor sozinho. Mas assim que o pensamento lhe ocorreu, sua consciência se revoltou.

Ele nunca a perdoaria pela traição. E ela não podia deixá-lo em paz, como ele tinha doze anos, sem mais ninguém no mundo para confiar.

Agora, ela era a única pessoa que ele havia deixado.

Quando eles chegaram à porta, Nathaniel murmurou uma frase enochiana baixinho e estalou os dedos. Nada aconteceu. Ele piscou, olhou sem entender a maçaneta da porta e depois xingou.

“Silas é quem acompanha todas as chaves. Normalmente eu apenas. . .

” Ele estalou os dedos novamente, sem sucesso. Sua magia se foi. Ela viu no rosto dele o quanto sua ausência o abalou, como se ele tivesse estendido a mão para se firmar e não encontrasse nada, apenas ar vazio. Agora ele não sabia o que fazer.

"Aguente." Ela levantou o Demonslayer e bateu o punho contra a maçaneta da porta. O primeiro golpe amassou a maçaneta. O segundo a jogou ruidosamente no chão.

Nathaniel começou a tremer. Ela olhou para ele preocupada, apenas para descobrir que ele estava rindo.

"Scrivener", disse ele.

Ela fez uma careta. "O que?"

"É só que você é tão ..." Ele estava rindo demais para terminar, ofegando impotente pela dor. Ele fez um movimento com a mão que sugeria um martelo atingindo um prego.

"Eu acho que você teve muito láudano", disse ela. Ela abriu a porta sem resistência e o puxou para dentro.

O fedor de combustão etéreo quase a sufocou. Quando ela olhou em volta, a parte de trás do pescoço formigou. As cortinas estavam fechadas, deixando entrar luz suficiente para ela perceber que o quarto parecia vazio. Alguns pequenos objetos que ela não conseguiu identificar estavam espalhados pelo centro da sala, como se as crianças tivessem vivido lá e deixado alguns de seus brinquedos para trás. Pela primeira vez em semanas, ela sentiu a presença imaginária dos fantasmas da casa, dos mortos de Nathaniel. Movendo-se com cuidado, ela o abaixou no chão e atravessou a sala para abrir as cortinas.

A poeira rodopiava em meio à luz do sol que entrava. Olhando para baixo, ela pulou para o

lado. Um pentagrama elaborado estava esculpido nas tábuas do chão, debaixo dos pés, os sulcos queimavam de preto e cobertos de sujeira. Manchas escureciam a madeira dentro e ao redor dela - manchas de sangue, algumas delas tão grandes que ela se perguntava se elas marcariam lugares onde as pessoas haviam morrido.

Os objetos que ela vislumbrara acabaram

ser velas meio derretidas, ancoradas em poças de sua própria cera em cada um dos cinco pontos do pentagrama.

Dois outros itens esperavam no chão ao lado do círculo. Uma caixa de fósforos e uma adaga, o metal embotado por uma pátina de poeira.

Lembrou-se do que Silas havia dito a ela todas aquelas semanas atrás.

Você não gostaria de ver. **Foi ali que ele foi levado ao reino mortal, não uma vez no passado distante, mas uma e outra vez.**

Nathaniel mexeu na caixa de fósforos, seus dedos tremendo violentamente demais para retirar uma partida. Elisabeth colocou o

Demonslayer debaixo do braço e pegou-o. "Eu quero ajudar", disse ela.

"Como isso é feito?"

Ele olhou para ela, tão pálido, a luz inclinada brilhando translúcida através do tecido fino de sua camisa de dormir, revelando o contorno de seu corpo embaixo. Ele parecia um fantasma. "Você está certo?"

Isso foi pior do que usar o espelho. Pior ainda do que roubar da Biblioteca Real. No primeiro dia de seu aprendizado, Elisabeth prometeu proteger o reino de influências demoníacas. Se ela participasse de uma convocação e surgisse um boato, mesmo um sussurro de especulação, toda Grande Biblioteca estaria fechada para ela. Nenhum diretor falaria com ela. Ela se tornaria uma pária do único mundo em que já havia pertencido.

Mas seus juramentos não significavam nada se lhe pedissem para abandonar as pessoas com quem se importava no maior momento de necessidade. Se isso era o que ser um diretor exigia dela, então ela não deveria se tornar uma. Ela teria que decidir por si mesma o que estava certo e o que estava errado.

Embora ela não falasse, Nathaniel viu a resposta escrita em seu rosto.

Sua mão se fechou em punho contra o chão. Ela pensou que ele poderia tentar dissuadi-la, mas então ele disse: - Acenda-os em ordem, no sentido anti-horário. Certifique-se de ficar fora do círculo. Não cruze as linhas. Isso é importante."

Elisabeth desajeitadamente acertou um fósforo com a mão enfaixada e se moveu pelo pentagrama. À

medida que cada vela brilhava, parecia marcar a imolação de algo passado e o começo de algo novo.

Muitas de suas memórias foram caracterizadas por chamas. O brilho da luz de velas nas granadas de Demonslayer. Diretor Finch, o brilho avermelhado de uma tocha tocando em seu rosto, perguntando se ela estava se relacionando com demônios. O Livro dos Olhos reduzido a cinzas pelo vento.

Quando ela sacudiu a partida final, ela olhou para cima e encontrou a adaga em

Mão de Nathaniel. Antes que ela pudesse reagir, ele o puxou pelo pulso descoberto, ao lado da cicatriz que torcia o antebraço. Apenas um corte raso, mas a visão de sangue pingando em sua pele ainda fazia seu coração pular com uma ansiedade que nunca sentira antes em nome de outra pessoa. Quando ele terminou, a adaga caiu de seu punho enfraquecido.

"Afaste-se", disse ele. Ele pressionou o pulso na beirada do círculo, deixando uma mancha vermelha nas tábuas do assoalho. Quando ele falou novamente, sua voz ecoou com poder antigo. "Pelo sangue da Casa Thorn, eu convoco você, Silariathas."

Silariathas. **O verdadeiro nome de Silas. Não deslizou de sua mente como as outras palavras enoquianas que ela ouvira Nathaniel falar, mas permaneceu rápida e ardente, como se estivesse marcada por fogo na superfície de seus pensamentos.**

Do lado de fora, o sol se punha atrás dos telhados, mergulhando a sala na sombra. Uma brisa perturbou o ar estagnado, apagando todas as cinco velas simultaneamente. Os anéis das cortinas tocaram quando as cortinas se mexeram. E uma figura apareceu no centro do pentagrama.

Ele não usava nada além de um pano branco em volta da cintura. Na sua nudez, ele parecia não apenas esbelto, como ela pensara antes, mas magro, quase magro. Sombras traçavam suas costelas, os ossos do pulso, as bordas afiadas das omoplatas, uma forma elegante em sua consciência, como se tudo o que fosse desnecessário tivesse sido diminuído. Seus cabelos soltos caíam em uma cascata reta e prateada que passava por seus ombros, escondendo seu rosto abatido. Onde a espada havia entrado nele, seu peito estava liso. Ele parecia diferente assim - mais bonito, mais assustador. Menos humano do que nunca.

Ele levantou a cabeça e sorriu. "Olá Nathaniel."



VINTE E OITO

F OU UM MOMENTO, nada aconteceu. Olhando para Silas do chão, Nathaniel usava a expressão de um homem prestes a mergulhar em uma batalha que ele sabia que poderia vencer, mas apenas a um custo terrível. Elisabeth não entendeu. Ela não esperava que uma reunião alegre acontecesse dentro de um pentagrama encharcado de sangue, mas isso. . .

parecia errado. Havia algo tão estranho no sorriso de Silas.

"Silas", disse ela, dando um passo à frente. "Você está bem?"

"Não." O comando áspero e urgente de Nathaniel a atingiu como um tapa. A mão dele pegou o pulso dela.

"Não toque no círculo."

Ela poderia facilmente ter se livrado do aperto de Nathaniel. Em vez disso, foi o olhar de Silas que a deteve.

Suas pupilas estavam tão dilatadas que suas íris pareciam pretas, rodeadas por uma fina borda amarela, como o sol durante um eclipse total. Seus olhos não tinham traço de seu eu habitual, nem sinal de que ele a reconhecesse.

“Ele não pode cruzar as fronteiras”, disse Nathaniel, “mas no instante em que você toca-los, ele reivindicará sua vida. Ele vai matar você.

Isso não fazia sentido. Ontem de manhã, Silas trouxe seu café da manhã. Ele a ajudou a vestir seu vestido de baile e prendeu os brincos.

Mas Nathaniel não diria algo assim a menos que quisesse. "O que há de errado com ele?" ela sussurrou.

Por um instante, Nathaniel fechou os olhos com força. O suor brilhava em suas têmporas, colando alguns cachos de seus cabelos. "Ele está com fome", disse ele após uma longa pausa. “Geralmente, os demônios do nascimento são convocados diretamente após a morte de seu mestre

anterior. Quando estão saciados, é mais fácil negociar. Mas faz seis anos desde então. . . ”

Desde a morte de Alistair Thorn, **Elisabeth pensou.** *Desde o último pagamento de Silas.*

"Silas não é humano", Nathaniel continuou. “Quando ele é assim, o tempo que passamos com ele, os entendimentos que alcançamos - nada disso importa

mais longo. A fome é muito grande.

E Silas não estava apenas com fome. Ele estava morrendo de fome.

Lentamente, ele voltou seu olhar enervante para Nathaniel. Se ele se importava que eles estavam falando sobre ele, ou mesmo os ouvia, ele não dava nenhum sinal.

"Silariathas", Nathaniel disse, com uma calma que Elisabeth não conseguia entender, embora talvez fosse o láudano, ou a perda de sangue, ou o simples fato de que ele já havia enfrentado essa versão de Silas antes. Convoquei você a renovar nossa barganha. Ofereço vinte anos da minha vida em troca de seu serviço.

"Trinta", Silas rebateu, em uma voz suave e rouca.

Nathaniel respondeu imediatamente, sem hesitar. "Vinte e cinco."

"Você me ofereceria tão pouco?" Silas olhou para Nathaniel como se ele fosse um inseto rastejante. Suas palavras sussurradas dispararam como granizo. “Lembre-se de quem eu sou. Antes de a Casa Thorn me vincular a seu serviço, servi a imperadores e reis. Os rios fluíam vermelhos com o sangue dos mortais que eu matava a seu pedido. Você é apenas um garoto, e eu me desonesto dobrando suas roupas e pegando seu chá. Trinta anos, ou encontrarei um novo mestre, alguém que me recompensará proporcionalmente ao meu valor.

As pálpebras de Nathaniel tremeram. Fazendo uma careta, ele colocou a mão no peito e segurou os curativos através da camisa. Quando ele soltou um suspiro, Elisabeth percebeu que estava usando a dor para se

manter consciente. Ele estava desaparecendo e, a qualquer momento, desistiria. Faria qualquer coisa para recuperar Silas, até barganhando um tempo que talvez não tivesse.

Ela não aguentou. Silas assistiu sem piedade, sem interesse, o sofrimento do garoto que o amava, cuja vida ele havia tentado tanto para salvar.

"Nathaniel está machucado, Silas!" ela exclamou. "Você não pode ver?"

O olhar de Silas se desvencilhou de Nathaniel, lentamente, como se ele achasse difícil desviar o olhar, e se fixou nela. A respiração dela ficou presa no vazio em seus olhos escuros, mas ela não vacilou.

"Eu sei que você ainda se importa", disse ela. “Apenas algumas horas atrás, você se sacrificou por ele.

Não desperdice isso pedindo muito dele. E se ele não tiver trinta anos para dar?

Scrivener - ele sussurrou, e a pele dela se arrepiou; então ele a reconheceu, afinal. De alguma forma, isso foi pior. “Você continua me enganando. Quando interceptei a lâmina do chanceler, o fiz sabendo que seria convocado novamente, desta vez por uma recompensa ainda maior. Você vê sacrifício onde há apenas egoísmo. ”

Isso não é verdade. Eu estava lá."

"Se você deseja provar isso", ele disse, "você precisa apenas entrar no círculo". Ela viu a verdade, então: a tensão segurando seus músculos, a miséria lutando para romper sua máscara fria e faminta. Se ela desse um passo à frente, ele a mataria; ele não seria capaz de se conter. Mas ele não queria machucá-la. Ele também não queria tirar três décadas de Nathaniel. Ela acreditava nisso com todo o coração.

"Tire os dez anos extras de mim", disse ela. "Elisabeth", Nathaniel resmungou. "Não."

Ela prosseguiu: - Você disse que minha vida era como nenhuma outra que você já viu. Você gostaria de provar, não é?

Os lábios de Silas se separaram. Nos seus olhos negros, um lampejo.

Qualquer batalha travada dentro dele deixava a superfície gelada intocada. Finalmente, ele sussurrou: "Sim".

“Então pegue. Vamos acabar com isso.

Lembrou-se da noite em que ele lhe dera o Demonslayer, quando ele avançou sobre ela e a assustou. Foi assim novamente, vendo uma luz terrível sair dele enquanto sua fome recuava. Seus cílios se abaixaram.

Encapuzado, seu olhar considerou o chão. “Você entende que eu só posso servir um mortal de cada vez. Enquanto eu andar neste reino, você será marcado. Mas você não receberá nada em troca.

"Eu sei."

"As mesmas condições de antes, Mestre Thorn?"

Nathaniel estava encostado em um braço, que tremia com o esforço de segurá-lo na posição vertical, e ele não tinha força para olhar para nenhum deles. O silêncio girou. Ela o sentiu tentando reunir energia para resistir, argumentar, encontrando sua vontade minada e suas últimas reservas gastas. Por fim, miseravelmente, ele assentiu.

Silas saiu do pentagrama e se ajoelhou diante deles. Ele pegou a mão não enfaixada de Elisabeth e a beijou. Enquanto os lábios dele roçavam a pele dela, um toque tão sedoso quanto as pétalas de uma rosa, ela sentiu a promessa dos dez anos que prometera que ele saísse de seu corpo e penetrasse no dele - uma sensação tonta e enfraquecida, como sangue correndo. da cabeça dela. Em seguida, ele pegou a mão de Nathaniel e repetiu o gesto. Ela assistiu a prata fluir de volta para os cabelos de Nathaniel, começando pelas raízes, um fio de mercúrio fluindo através dos fios.

"Eu sou seu servo dedicado", disse Silas. “Através de mim, você recebe a arte da feitiçaria.

Qualquer comando que você der, eu seguirei.

A exaustão arrastou as palavras de Nathaniel. “Você odeia seguir os comandos. Se eu te ordeno, você sempre me faz arrepender.

Um leve e lindo sorriso iluminou o rosto de Silas. "Mesmo assim."

Sem problemas, ele se levantou, mas não conseguiu concluir o movimento. Nathaniel tinha jogado seus braços em volta dele e agora o segurava rápido. Silas não estava acostumado a ser abraçado. Isso estava claro.

Ele ficou curvado, congelado, os olhos arregalados, olhando por cima da cabeça de Nathaniel, como se esperasse que seu olhar pudesse pousar por acaso em uma desculpa grande o suficiente para aliviá-lo de sua dificuldade atual. Quando nenhuma desculpa apareceu, ele levantou a mão e a colocou cuidadosamente sobre os cachos despenteados de seu mestre. Eles permaneceram assim por um tempo, até que os braços de Nathaniel se soltaram, depois deslizaram da cintura de Silas. Ele caiu inconsciente.

Silas olhou para ele e suspirou. Ele arrumou os membros de Nathaniel e o levantou como se ele fosse uma criança que adormecera pelo fogo, e agora precisava ser carregada para a cama. Ele executou a manobra com tanta familiaridade que Elisabeth entendeu que ele havia feito isso muitas vezes antes, embora sem dúvida quando Nathaniel era muito menor. Silas suportou o peso de seu mestre com facilidade, mas, como o fato permaneceu totalmente crescido, Nathaniel representava um fardo embaraçoso, para dizer o mínimo.

"Vou ver o mestre Thorn resolvido." Silas parou para cheirar o ar ao lado de Elisabeth. “Então, Srta.

Scrivener, vou tomar um banho para você. Eu acredito que a ceia também está em ordem. E ... ninguém acendeu as lâmpadas? Ele parecia ofendido. "Quase não estou ausente há vinte e quatro horas e o mundo já está em ruínas."

• • •

Vida e ordem voltaram para casa. A luz afugentou a escuridão que pressionava contra as vidraças. A roupa de cama era despida, as camas arrumadas e o restante das refeições levadas embora. Os cacos de vidro de espelho desapareciam de todos os cômodos. Finalmente, depois de passar o dedo indicador por uma arandela na parede e inspecioná-la, Silas anunciou que ia colocar algo no jantar e desapareceu na cozinha.

Elisabeth ficou sentada por alguns minutos sozinha com Nathaniel, observando-o dormir. Ela ficou tentada a deitar a cabeça nas cobertas e se juntar a ele. Em vez disso, ela se forçou a se levantar e descer as escadas. Ela precisava conversar com Silas.

Ela se moveu silenciosamente pela casa. Mesmo assim, quando ela se aproximou da porta da cozinha, ele falou sem se virar. "Encontrei o espelho, Srta. Scrivener." Seu tom era suave. "No futuro, eu aconselho a não usar a rampa da lavanderia para descartar artefatos mágicos."

Envergonhada, ela entrou e empoleirou-se em um banquinho perto da lareira. Havia sinais de Beatrice fazendo uso da cozinha: uma tábua com um pedaço de pão ao lado, restos de legumes em cubos. Uma panela fervia no fogo. Quando Nathaniel a expulsou, ela estava fazendo sopa.

Silas estava impecavelmente vestido com o uniforme de seu servo mais uma vez, os cabelos presos para trás, examinando o trabalho de Beatrice com desdém. Enquanto ela observava, ele ajustou a tábua de corte de forma que ficasse paralela à borda do balcão. Ela procurou dentro de si mesma por ressentimento, medo, raiva por ele, e não encontrou nada. Ele sempre foi honesto com ela sobre o que ele era.

"O que você fez com o espelho?" ela perguntou.

Coloquei-o no sótão, de frente para um retrato de Clothilde Thorn. Se o chanceler examinar, confio que ele receberá uma surpresa desagradável. Antes que Elisabeth pudesse responder, ele disse: "Você experimentaria esse caldo e me contaria o gosto?"

Ela encontrou uma concha e mergulhou-a na panela. "Está bom", ela relatou. "Mas não excepcional?"

"Suponho que não", disse ela, sem saber se havia algo como caldo excepcional.

"Eu temia isso", ele suspirou. "Vou ter que começar do zero."

Elisabeth observou-o cortar cenouras e cebolas, hipnotizado pelo bater rítmico da faca contra o tabuleiro. Depois da noite passada, parecia impossível que suas mãos de alabastro parecessem tão perfeitas. As feridas queimadas e fumegantes brilharam diante de seus olhos, e ela estremeceu. "Silas", disse ela timidamente. "Como Ashcroft pegou você?"

A faca parou. Ela não sabia dizer se a sugestão de tensão nos ombros dele era real ou imaginada. "Ele usou um dispositivo inventado pelo Collegium durante as reformas, projetado para controlar feiticeiros rebeldes capturando seus servos. Eu não esperava isso. Eu não via um desde os dias em que servi o bisavô de Mestre Thorn.

"Eu sinto Muito." A culpa torceu seu estômago. "Se eu não tivesse lhe pedido para ir ..." "Não se desculpe comigo, Srta. Scrivener." Sua voz soou cortante, tão perto da raiva como ela já o ouvira. "Foi o meu próprio descuido em falta."

Elisabeth duvidava disso. Silas nunca foi nada além de meticuloso. No entanto, ela recebeu a impressão de que ele não gostaria que ela falasse tão alto.

Finalmente, ele falou novamente. "Você desceu as escadas para perguntar sobre a vida que me negociou.

Você queria saber como isso funciona.

Ela sentou-se surpresa. "Sim."

"Mas agora você está tendo dúvidas."

"Estou pensando se ... talvez seja melhor não saber." Ela hesitou. "Eu ainda poderia viver até os setenta anos ou morrer amanhã. Se eu soubesse, se você me dissesse, acho que isso mudaria a maneira como eu vivia. Eu sempre estaria pensando sobre isso e não quero isso.

Silas continuou cortando, ciente de que não havia terminado.

"Mas eu gostaria de saber. . . como isso acontece Você faz isso sozinho?

Ou nós apenas. . . ?

Ela se imaginou tombando, seu coração parou em um instante. Isso não seria tão terrível, pelo menos não para si mesma. O pensamento de Nathaniel morrendo assim -

"Não", disse Silas. "Não é assim." Agora era sua vez de hesitar. Ele continuou baixinho: “É

impossível saber quantos anos um humano viverá ou em que maneira que eles vão morrer. A vida é como o óleo dentro de uma lâmpada. Pode ser medido, mas o ritmo em que queima depende de como o mostrador é girado dia a dia, de quão brilhante e feroz a chama. E não há como prever se a lâmpada pode ser derrubada no chão e quebrada, quando poderia ter acendido por um bom tempo.

Essa é a imprevisibilidade da vida. É bom você não ter muitas perguntas; Eu não tenho respostas. Uma porção do combustível, a força vital que pertenceu a você e ao Mestre Thorn - eu o mantenho agora dentro de mim. É tudo o que posso lhe dizer. O resto permanece incerto.

Pensativa, Elisabeth recostou-se nas pedras quentes da lareira.

"Entendo." Ela achou a explicação estranhamente reconfortante - a idéia de que ela não tinha um número predeterminado de anos restantes, que nem Silas sabia o seu destino.

O calor das pedras acalmou seus músculos machucados e doloridos.

Suas pálpebras caíram. Ela sentiu como se estivesse meio na cozinha, ouvindo o barulho silencioso de tachos e panelas, e meio atrás em

Summershall, sonhando com as maçãs no outono, o mercado saturado de luz dourada. Eventualmente, ela foi despertada por Silas colocando a mesa na frente dela. Seu estômago roncou com o rico aroma de tomilho que emanava da panela no fogo. Ela piscou o resto do caminho acordada, observando-o levantar a tampa da panela e olhar para dentro.

Ela se perguntou como ele poderia dizer se estava terminado, achando o sabor e presumivelmente o cheiro não apetitoso. "Um dos criados lhe ensinou a cozinhar?" ela perguntou sonolenta.

"Não, senhorita." Ele se endireitou para buscar uma tigela. Os servos humanos não falaram comigo, nem eu com eles. Eu aprendi através da prática, por uma questão de necessidade. O apetite de um garoto humano de doze anos é quase tão assustador quanto o de um demônio.

E a falta de boas maneiras; Estremeço ao recordar.

Culpada, ela pegou o guardanapo e o colocou no colo, consciente do olhar que ele acabara de lhe enviar sob seus cílios. "Então você não começou até depois da morte de Alistair."

Ele assentiu enquanto colocava sopa na tigela. “Inicialmente, eu não tinha a menor idéia de como cuidar de Mestre Thorn. Ele veio até mim em mau estado; ele cortara mal o braço,

retirando sangue para a convocação - essa é a cicatriz, que eu não tinha conhecimento para cuidar adequadamente..... ”

Os movimentos de Silas diminuíram, depois pararam. Seus olhos estavam distantes, olhando não para nada na cozinha, mas para o passado. A luz do fogo cintilou em sua jovem

emprestar seu alabastro apresenta a ilusão de cor. Mesmo isso não foi suficiente para fazê-lo parecer mortal. Ela estava ciente do vasto abismo entre eles: sua era insondável, a virada inescrutável de seus pensamentos, como as engrenagens dentro de uma máquina.

"Primeiro, eu aprendi a fazer chá", ele disse finalmente, falando mais consigo mesmo do que com ela. "Quando os humanos desejam ajudar,

estão sempre oferecendo chá um ao outro."

O peito de Elisabeth apertou. Ela imaginou os dois Silases diferentes: um no pentagrama, olhos escuros e vazios de fome, e o outro no luar do pavilhão, uma espada no peito, as feições gravadas com alívio.

Ela disse: "Você o ama".

Silas se virou. Ele colocou a tampa da panela de volta no lugar.

"Eu não entendi antes", ela continuou em voz baixa. Sob a mesa, o guardanapo torceu em suas mãos. “Sinceramente, não pensei que fosse possível. Não foi até hoje, quando finalmente vi o porquê ... *Por que você levou vinte anos da vida de Nathaniel.* **Ela não terminou.**

Silas se levantou e colocou a tigela diante dela. "Aproveite o jantar, Srta. Scrivener", disse ele. "Vou atender a Mestre Thorn e ver se consigo convencê-lo a tomar um caldo."

Quando ele se virou, seus olhos encontraram algo perto do rosto dela e ele fez uma pausa. Ele estendeu a mão para ela, suas garras muito perto do pescoço dela, e puxou uma mecha do cabelo dela. O coração dela disparou.

Vários fios brilhavam prateados contra as madeixas castanhas que se derramavam sobre sua mão. Marca de Silas.

Não era tão perceptível quanto o de Nathaniel, mas ela ainda teria que escondê-lo - talvez cortá-lo para evitar suspeitas.

"Eu quase tinha esquecido", murmurou Silas, olhando para a prata como se estivesse hipnotizado. “É um sinal extraordinário de confiança para meu mestre ter permitido que você ouvisse meu nome verdadeiro.

Você é a primeira pessoa fora da House Thorn a conhecê-la há séculos.

Agora, se você quiser, pode me chamar.

Mas há algo mais que você deve saber. Você também tem o poder de me libertar.



Sua boca ficou seca, apesar da sopa enviar mechas perfumadas de vapor. "O que você quer dizer?"

Os olhos dele se voltaram para o rosto dela. À luz do fogo, pareciam mais ouro do que amarelo. “Preso à servidão, eu existo como uma pálida imitação do meu verdadeiro eu, a maior parte do minha força trancada. Você viu um vislumbre do que eu realmente sou dentro do pentagrama - apenas um vislumbre. Se você me libertasse, eu seria desencadeado neste reino como um flagelo, um cataclismo além do acerto de contas.

Um calafrio percorreu a espinha de Elisabeth. Ele estava pedindo que ela o libertasse? Certamente não. Mas ela não conseguia pensar em outro motivo para ele lhe dizer isso.

"Quando criança, o mestre Thorn propôs uma vez a idéia", disse Silas, baixinho. “Ele gostou do pensamento de me libertar, de nos permitir ser iguais em vez de mestre e servo. Eu disse para ele não fazer. Dou a você o mesmo aviso agora, embora não acredite que você precise. Não me liberte, Srta.

Scrivener, não importa o que aconteça para nós, não importa o quanto as coisas se tornem indizíveis, porque garanto que sou pior.

Ele segurou o olhar dela por mais um momento, depois se endireitou e inclinou a cabeça em um arco. "Boa noite, senhorita", disse ele, e a deixou sentada petrificada pelo fogo.

VINTE E NOVE

T Na manhã seguinte, Silas trouxe uma cópia do *Brassbridge Inquirer* **dentro da varanda. Uma gárgula estava roendo, mas ainda era legível, e seu pulso acelerou a galope quando ela o alisou através do pé da cama de Nathaniel, pressionando as tiras rasgadas de volta no lugar.**

O nome de Ashcroft estava em todo lugar. Seus olhos saltaram entre as manchetes da primeira página, incapazes de decidir onde se estabelecer primeiro. Havia a coluna à esquerda: DUEL MORTAL JOGA ESFERA REAL NO CAOS. E então à direita:

RISCOS DE MAGISTERIUM PARA INSETAR NOVO

CHANCELLOR. Mas o texto em negrito que estava no centro da página era de longe o mais emocionante: OBERON ASHCROFT, CHANCELADOR DE MÁGICA, IMPLICADO EM

GRANDE SABOTAGE DA BIBLIOTECA.

Ela se inclinou e começou a ler. *"Devido a suas múltiplas tentativas de silenciar Elisabeth Scrivener, uma testemunha chave na investigação da Great Library, acredita-se que a Chanceler Ashcroft esteja conectada à recente série de ataques. Ele é procurado por tentativa de assassinato e convocação ilegal de demônios menores. O Magisterium montou um perímetro em torno de sua propriedade, onde se acredita estar escondido, mas ainda não foi capaz de penetrar nas enfermarias. ..... "*

Ela parou, lembrando-se do que Ashcroft lhe dissera quando chegara: as proteções dele eram poderosas o suficiente para repelir um exército.

Talvez o Magisterium esperasse que ele se rendesse, mas Elisabeth não podia ver isso acontecendo. Ashcroft não iria facilmente. E no pavilhão, ele quase falou como se não importasse mais se as pessoas descobrissem sobre ele - que, se o plano dele fosse bem-sucedido, seus resultados tornariam tudo isso irrelevante.

Silenciosamente, Nathaniel gemeu. Ela olhou para cima, mas ele não tinha acordado. Ele estava se contorcendo na febre, as bochechas coradas, os cabelos úmidos de suor. Ela o viu virar a cabeça e murmurar algo inaudível contra o travesseiro. Seu

uma camisola solta se agarrava às linhas de seu corpo, mas escorregara de um ombro, revelando uma clavícula brilhante.

Ela se levantou e torceu um dos panos na bacia próxima. Quando ela dobrou e colocou na testa dele, sentiu o calor irradiar da pele dele antes mesmo de sua mão se aproximar. Ele estremeceu como se o pano molhado fosse doloroso. Timidamente, ela acariciou seus cachos úmidos e, ao seu toque, ele suspirou e ficou imóvel. Sua respiração diminuiu.

Algo se apertou dentro dela, como uma corda de violino aguardando o toque de um arco.

Olhando para ele, seu coração doía com uma música que não tinha palavras, notas ou forma, mas esforçou-se para receber voz - uma sensação que não era diferente do sofrimento, pois parecia grande demais para seu corpo conter. Era como se sentira no pavilhão, quando quase se beijaram.

Ela se retirou para a janela, onde pressionou as bochechas ardentes contra os painéis frios. Lá fora, flocos de neve caíam brilhando além do vidro. A neve havia começado da noite para o dia, logo após Nathaniel acordar gritando e delirando de um pesadelo, e depois se acalmou tremendo nos braços de Silas.

Incapaz de dormir depois, Elisabeth estava acordada para ver os primeiros flocos caírem. Caíra constantemente desde então. Agora, um casaco grosso cobria as gárgulas, que se sacudiam ocasionalmente, soltando sopros brilhantes de branco. Uma camada cintilante de gelo envidraçava os galhos dos arbustos espinhosos e os telhados do outro lado da rua. Ela olhou maravilhada para a cena. Ela nunca soube que uma tempestade de inverno chegasse tão cedo no ano.

Com o rosto pressionado contra a janela, ela percebeu um ruído distante, uma espécie de zumbido -

gritou, ela percebeu, distorcida a uma pequena vibração pelo vidro com chumbo. Ela franziu a testa e apertou os olhos através da neve. A cena que se resolveu era tão ridícula que a fez pestanejar, imaginando se sua imaginação havia conseguido o melhor dela.

Um homem estava preso no sebe, com os braços e as pernas emaranhados em galhos de espinhos, gritando por socorro quando uma gárgula em forma de leão rondava em sua direção. Os olhos dela se arregalaram quando viu que ele usava uniforme de carteiro. Ela apertou o roupão e desceu as escadas correndo.

A porta da frente se abriu sem tocar. Uma rajada de ar frio a atingiu, jogando flocos de neve no vestíbulo. Ela mal notou o choque gélido enquanto

pés afundaram profundamente na neve.

"Não o machuque!" ela gritou para a gárgula, que estava pronta para saltar, o rabo de pedra chicoteando para frente e para trás. O rosnado caiu de seu rosto caprichoso - aparentemente esculpido por alguém que nunca havia visto um leão - quando ela se aproximou e colocou a mão em seu ombro.

"Graças a Deus você está aqui", o carteiro cuspiu. “Eu não sabia que o hedge explodiria vivo.

Feiticeiros, eu lhe digo. Por que eles não usam magia para coletar seus pacotes e nos salvar o problema das pessoas comuns? ”

"Eu não acho que eles sejam práticos o suficiente", disse ela, ajudando-o a libertar seus membros dos galhos. “A última vez que vi Nathaniel conjurar um objeto, ele quase caiu na minha cabeça e me matou.

Obrigado." Ela virou o pacote que ele lhe entregara e seu coração saltou com o nome rabiscado acima do endereço de retorno: Katrien Quillworthy.

O carteiro acenou com ela. Ele já estava fazendo uma retirada apressada pela passagem que havia aberto na cerca. - Apenas diga ao seu feiticeiro para parar de nevar. Está caindo sobre a cidade inteira, você sabe, não apenas no Hemlock Park. Nesse ritmo, o rio congelará sólido ao cair da noite. Metade das casas na minha rota estão nevadas, o trânsito é um pesadelo. ..... ”

Ela quase protestou, mas depois pensou no modo como Nathaniel vinha murmurando incoerentemente desde o pesadelo dele, tremendo com violentos ataques de calafrios. Esta não seria a primeira vez que lançara feitiços durante o sono.

Ela olhou para o céu branco-leite com uma renovada sensação de reverência. Flocos de neve caíam em espiral, caindo sobre os cabelos e os cílios. O silêncio envolveu a rua normalmente movimentada, o silêncio tão profundo que ela quase podia ouvir os cristais de

gelo vibrando nas nuvens: um toque alto, calcário e claro, como se alguém

estivesse tocando as teclas mais altas de um piano bem acima dos telhados. *Nathaniel fez isso,* **ela pensou.**

Em sua cabeça, ela repetiu como o carteiro o chamara. *Aquele seu feiticeiro.* **Era isso que todo mundo pensava agora? De repente, ela se sentiu estranhamente desajeitada, como se o mundo tivesse mudado alguns graus em seu eixo. Segurando o pacote, ela correu de volta para dentro.**

Ela arrancou os embrulhos do escritório e prendeu a respiração enquanto desdobrava o mapa lindamente desenhado de Austermeer.

Ela esquecera que estava a caminho.

Katrien o publicara quase duas semanas atrás, no início de suas reuniões, depois de encontrá-lo acumulando poeira em uma das salas de armazenamento da Grande Biblioteca. Eles sempre planejaram pendurá-lo acima da lareira.

Elisabeth ficou na ponta dos pés e prendeu. Recuando, ela viu que Katrien havia circulado os ataques de Ashcroft em tinta vermelha.

Knockfeld. Summershall. Irritação. Franzindo a testa, ela pegou uma caneta e um tinteiro da mesa e circulou Fairwater também. Com as quatro bibliotecas marcadas, Harrows representou o quinto e último alvo de um círculo quase completo e quase perfeito ao redor do reino.

Lentamente, Elisabeth se sentou. O padrão a lembrava de algo. Uma ideia incompleta coçava no fundo de sua mente, mas desaparecia sempre que ela a procurava, sempre fora de seu alcance.

Seus olhos traçaram o mapa repetidamente. Ao lado da Biblioteca Real, no centro do círculo, Katrien havia desenhado um ponto de interrogação. Eles nunca descobriram se Ashcroft planejava atacar Brassbridge depois de Harrows.

Por um momento, os arredores recuaram e ela voltou a Ashcroft Manor, erguendo a taça de champanhe com um brinde. Ela ouviu sua própria voz ao lado dos outros convidados, recitando Ashcroft, *Para progredir.* **Uma risada fantasmagórica ecoou em seus ouvidos. O que ela**

estava perdendo? Frustrada, ela cravou os nós dos dedos nos olhos até que rajadas de cores encheram sua visão.

Ela não deveria estar sentada em segurança na casa de Nathaniel. Ela deveria estar lá fora fazendo alguma coisa, lutando contra Ashcroft.

Mas não era uma batalha que ela poderia vencer sozinha. Enquanto os minutos passavam, tudo o que ela podia fazer era esperar.

• • •

A febre de Nathaniel quebrou na manhã seguinte. Quando Silas trocou os curativos, as tiras de linho saíram limpas. As feridas abaixo não pareciam mais cruas e zangadas, mas haviam curado da noite para o rosa saudável e brilhante das cicatrizes de semanas.

"É o trabalho das alas", explicou Silas, vendo a expressão de Elisabeth enquanto se preparava para remover os pontos de Nathaniel. "A magia foi depositada nas pedras da casa pelos ancestrais do Mestre Thorn por centenas de anos. Feitiços de proteção e cura, destinados a guardar cada herdeiro.

A neve diminuiu para uma fina poeira cintilante enquanto a tarde passava, e não muito cedo; a deriva no peitoril da janela já tinha dezoito centímetros de profundidade, enterrando a gárgula que havia se estacionado no telhado do lado de fora. Silencioso abafado a casa, como se as paredes tivessem sido recheadas de penas. Fora das tarefas a fazer, Silas se transformou em um gato e dormiu enrolado pelos pés de Nathaniel, com o nariz enfiado sob a cauda.

Elisabeth observou os dois sonolenta, surpresa ao descobrir que Silas dormiu. Ela sempre o imaginara acordado a noite toda polindo as ruas prateadas ou rondando a Brassbridge em recados misteriosos. Ele tinha seu próprio quarto na mansão? Ela nunca tinha visto nenhum sinal de onde ele guardava suas roupas. Suas pálpebras caíram. Um dia, ela perguntaria a Nathaniel. . . .

Ela abriu os olhos algum tempo depois e descobriu que já estava escuro. Chamas crepitaram na lareira e Silas colocou um cobertor sobre as pernas. Sua respiração parou quando seu olhar viajou para Nathaniel. Ele estava acordado. Ele havia se encostado na cabeceira da cama e estava olhando para as sombras do corredor, uma mão repousando frouxamente no peito enfaixado, os olhos cinzentos ilegíveis à luz das velas dispostas ao redor da sala. Quando ela se mexeu, ele olhou para ela e respirou fundo. A angústia brilhava em seus olhos.

"Dez anos, Elisabeth." Sua voz falhou de emoção. "Você não deveria ter feito isso. Não para mim."

Ela se preparou para esse momento durante as longas horas de espera, tentando imaginar como ele reagiria quando recuperasse os sentidos o suficiente para lembrar o que havia acontecido, mas ainda não estava preparada para a intensidade de sua expressão. Ela pensou que ele poderia estar bravo com ela, ou talvez repreendê-la por sua tolice. Com o olhar dele agora tão cru de desespero, ela viu que não poderia estar mais errada. Um por um, seus argumentos ensaiados desapareceram.

Silenciosamente, ela perguntou: - Você faria o mesmo por mim? Eu acho que você teria.

"Isso não é-" Mas ele não conseguiu terminar, pois seu olhar ferido dizia claramente: *Claro; isso e muito mais. Qualquer coisa Tudo.* **Ele fechou os olhos antes que pudesse se trair ainda mais, mas ela já tinha visto o suficiente para deixá-la abalada. Ele continuou de maneira uniforme: "Quando Silas trouxe você de volta, eu sabia que nada de bom viria de**

uma associação entre nós. Desejei diariamente que você fosse embora.

Ele passou a mão pelo rosto. “Pensei - esperava - que depois da batalha, você pudesse ter recuperado a razão. Que eu iria acordar e te encontrar fora.

As palavras eram duras. Ela prendeu a respiração, esperando o resto.

“Mas você ficou comigo. E, egoisticamente, fiquei feliz - nunca quis nada mais na minha vida.

Maldito seja - ele disse. “Você é incontrolável, criatura contrária. Você me fez acreditar em alguma coisa, finalmente. Parece tão miserável quanto eu imaginava.

Ela enxugou a umidade na bochecha. "Você não gostaria que eu fosse administrável", disse ela, e ele riu, um som suave e atormentado, como se ela tivesse enfiado uma faca entre as costelas dele. Ela pensou ter entendido o que ele estava sentindo, porque também sentia: uma espécie de alegria e dor ao mesmo tempo, um desejo insuportável do coração.

"Tenho certeza que você está certo." Ele parecia rouco. "Embora eu tenha que admitir, eu poderia ter conseguido sem quase ser esmagado por uma estante de livros na primeira vez que nos conhecemos."

"Isso só aconteceu uma vez", disse ela. "Houve circunstâncias atenuantes." Desta vez, sua risada foi mais alta, surpresa. Os olhos dele se fixaram nos dela, e ela prendeu a respiração. Seu desejo por ela era claro, uma sensação tão tangível quanto um fio invisível puxado entre eles. Ele ficou tenso e desviou o olhar, o olhar pousando na janela.

"Está nevando?" ele perguntou.

"Você fez isso enquanto dormia." Com a expressão de horror dele, seu coração disparou e ela acrescentou rapidamente: - Está tudo bem. Você não machucou ninguém. É apenas neve. Ela se levantou e pegou a mão dele.

"Venha ver."

Nathaniel parecia duvidoso, mas ele saiu rigidamente da cama e permitiu que ela o ajudasse a sentar na janela. Quando eles se estabeleceram lá, Silas abriu um olho amarelo. Ele os observou por um momento, depois pulou da cama e saiu do quarto.

Mal havia espaço suficiente para ela e Nathaniel nas almofadas do assento da janela. Um frio gelado penetrou no vidro, mas seu corpo estava quente da cama e perto, sua perna dobrada pressionando contra a dela.

A neve havia transformado a cidade. Mesmo no crepúsculo azul, ela podia ver impossivelmente longe nos telhados, as telhas gravadas em branco, a vista luminosa e clara.

Chaminés enviavam fiapos de fumaça. Nuvens se abriram para revelar um céu brilhante. Todo brilho era refratado: o brilho polido quente do postes de iluminação, o brilho frio das

estrelas, banindo a escuridão para quase nada. A noite nunca cairia verdadeiramente na presença de tanta luz.

Ela esperava que as ruas estivessem vazias, e na maior parte elas eram

- de tráfego, de compradores. No entanto, as pessoas tropeçavam na neve e nas luzes douradas, algumas em grupos, outras em pares de mãos dadas, todas viajando silenciosamente na mesma direção. Havia uma qualidade quase sagrada na procissão, como uma visão dos santos passando desta vida para a seguinte.

"Onde eles estão indo?" ela perguntou.

"Para o rio." A respiração de Nathaniel enevoou o copo.

Gradualmente, a tensão sangrou de seus ombros.

"Quando congela, todo mundo anda de skate."

"Mesmo no escuro?"

Lentamente, como se estivesse em um sonho, ele assentiu. “Faz anos que não ando com minha família. Eles acendem fogueiras ao longo da costa e assam tantas castanhas que você pode chegar lá cheirando. Ele fez uma pausa. "Se você quiser, eu vou te levar lá neste inverno."

Havia um número infinito de razões para recusá-lo. Era improvável que ela estivesse aqui no inverno. Ela pode nem estar viva. A meros vinte minutos de carro, Ashcroft estava em sua mansão, intrigado.

Mas parecia a Elisabeth que o mal não podia existir agora, neste lugar, não com todas aquelas pessoas fazendo sua peregrinação à luz do rio; havia muita beleza no mundo para o mal possuir qualquer esperança de vitória.

"Eu gostaria disso", disse ela.

"Você tem certeza? Eu já estou tendo dúvidas. Acabei de ter uma imagem sua acelerando com facas presas aos pés.

Ela franziu o cenho para ele. Ele estava sorrindo. Ela percebeu, com uma pontada, que tinha perdido o sorriso dele: o olhar perverso que ele lhe dava, a diversão que brilhava em seus olhos como a luz do sol dançando na água. Enquanto eles se entreolharam, e segundos se passaram, seu sorriso começou a desaparecer.

"Não pare", disse ela, mas não adiantou. Ele parecia sério de novo. No entanto, não era a mesma seriedade de antes. O ar mudou entre eles.

Ela ficou profundamente consciente de todos os lugares em que seus corpos se tocavam, que agora pareciam

quente em vez de apenas quente, um calor que se espalhou por suas bochechas e apertou seu estômago - uma antecipação doce, quase dolorosa.

Ela engoliu em seco. "Eu queria perguntar", disse ela, "sobre quando estávamos no pavilhão - quando estávamos. .

. ” Nathaniel estava olhando para ela de tal maneira que ela quase não conseguiu terminar. "Aquele era você?" ela perguntou. "Ou foi o feitiço de Ashcroft controlando você?"

Ele não respondeu com palavras. Em vez disso, ele se inclinou para frente e a beijou, seus lábios tão macios quanto veludo esmagado, seus

dedos emaranhados em seus cabelos.

Depois, ele se afastou. A decepção a inundou, mas ele apenas se moveu o suficiente para descansar a testa contra a dela. “Deus, Elisabeth, estou condenada desde o momento em que vi você bater um demônio na minha carruagem com um pé de cabra. Como você não sabia? Silas está revirando os olhos para mim há semanas.

Ela riu. Em uma corrida vertiginosa, muitas das coisas que ele disse e fez de repente fizeram todo o sentido. Ela se sentiu transformada pela revelação. Nada mais existia além de sua respiração misturada, o frio da janela contra o lado dela, a lembrança da suavidade dos lábios de Nathaniel persistindo por conta própria.

Foi a vez dela de se inclinar para a frente.

"Espere", disse ele, forçando a palavra com um esforço. "Isso é - não deveríamos." "Por que não?"

“Não seria justo com você. Não posso lhe oferecer um futuro decente.

Mesmo em criança, desisti de qualquer esperança de levar uma vida boa ou normal. Para sujeitá-lo a isso, para arrastá-lo para as sombras comigo ...

A ternura inchou em seu peito. Tudo sempre foi tão complicado com ele. Ela encontrou a mão dele, descansando em sua bochecha e entrelaçou os dedos.

"Eu já estou com você, e combina perfeitamente comigo", disse ela. -

Você é o suficiente para mim do jeito que é, Nathaniel Thorn. Não quero mais nada.

Então eles estavam se beijando novamente, com urgência. De volta ao pavilhão, ela estava certa; isso parecia afogamento, um mergulho desesperado, ofegante e sem peso, a boca de Nathaniel tão vital quanto o ar, o mundo recuando para longe enquanto afundavam juntos em uma profundidade de sensação insondável. Ela alcançou-o, querendo

senti-lo perto dela, apenas para ouvir sua respiração prender. Tarde demais, ela lembrou-se dele.

peito enfaixado. Antes que ela pudesse se desculpar, ele a pressionou contra as almofadas.

Erguido acima dela com as mãos apoiadas em ambos os lados, ele a levou, seus olhos escuros e seus lábios corados. Seus cabelos soltos e despenteados lançavam sombras azuis sobre os planos angulares do rosto; ela pensou, distante, que ele precisaria cortá-lo em breve ou começar a amarrá-lo como Silas.

Ele apoiou o peso em um braço e pegou o cinto do roupão dela. Com o coração na garganta, ela assentiu. Ela o viu deslizar o nó habilmente, usando apenas uma mão, e separar a roupa com cuidado infinito. A luz das velas brilhava sobre o cetim creme pálido de sua camisola. Ela estava ciente de sua respiração acelerada, seu peito subindo e descendo, as cócegas na borda da peça de vestuário e o apego de seu tecido elegante.

"Eu lutei contra o Livro dos Olhos de camisola", ela disse, apenas um sussurro. "Nesse caso", respondeu ele, "espero não ter chance".

Ela não sabia dizer se ele estava brincando. Sua expressão era quase de agonia. Ela teve pena dele e colocou as mãos nos ombros dele, o nervosismo tremendo através dela como uma nota musical enquanto o puxava para baixo.

Eles se beijaram gentilmente desta vez, timidamente, agora que a primeira pressa inebriante foi gasta.

Nathaniel segurou seu rosto, acariciando seus cabelos, e então passou a mão pelo lado dela até encontrar sua cintura, seus dedos calejados pegando o cetim. Sua pele ficou tão sensível ao toque dele que ela se surpreendeu estremecendo de prazer; o tecido escorregadio da camisola combinava com seu corpo, e ela mal sentia como se estivesse usando alguma coisa. Seu foco se estreitou ao calor de seus lábios e respiração, o aperto exuberante da mão dele em seu quadril, os

músculos das costas dele enquanto ela deslizava as pontas dos dedos sobre os ombros dele, maravilhada com a força que ele sentia, a maneira como seus corpos se moldavam. embora feito para se encaixar.

Quando ela virou a cabeça para deixá-lo pressionar beijos em seu pescoço, o ar frio ao lado da janela tinha gosto de neve e luz das estrelas.

O tempo parecia diminuir. Refletidas no vidro, as chamas oscilantes das velas pararam. Flocos de neve pairavam brilhando no ar. Ela não sabia se era obra de Nathaniel, ou um tipo diferente de magia completamente.

Uma alegria feroz e urgente percorreu seu corpo. Ela sentiu como se pudesse pular pela janela e voar, voando alto acima dos telhados, impermeável.

ao frio. Ela fechou os olhos e agarrou as costas de Nathaniel, perdida na sensação avassaladora da boca dele contra sua pele.

Uma batida bateu na porta.

O calor escaldou as bochechas de Elisabeth quando ambas se ergueram. Minutos atrás, a porta estava aberta. Silas deve ter fechado em algum momento, e ela só podia imaginar o que ele tinha visto.

"Somos decentes", disse ela, puxando as bordas do roupão.

A porta se abriu. Como sempre, a expressão de Silas não deu indicação de seus pensamentos. Ela instantaneamente se sentiu tola por imaginar que, depois de séculos vivendo entre humanos, ele poderia ter a capacidade de ficar chocado com o comportamento dela e de Nathaniel.

"Mestre", ele disse. Scrivener. Lamento incomodá-lo, mas você deve vir imediatamente. Algo está acontecendo com o Codex Daemonicus.

Por uma fração de segundo, Elisabeth ficou congelada, seus ouvidos zumbindo com as palavras de Silas.

Então ela se levantou, quase curvando a poltrona na pressa de agarrar Demonslayer da esquina. Sem pensar duas vezes, ela atacou do lado de fora.

Os olhos dela lacrimejaram. Ela tossiu. Uma névoa pairava sobre o corredor e, quando ela alcançou a escada, a fumaça subia do vestíbulo em nuvens oleosas. O cheiro azedo e inconfundível de couro queimado sufocou suas narinas. Vagamente, ela estava ciente de Nathaniel e Silas a seguindo enquanto ela descia as escadas.

"Alguma coisa derramou sobre o Codex?" ela gritou por cima do ombro, repassando mentalmente as precauções que haviam tomado.

Depois da noite em que se transformou em um Malefict, ela teve o cuidado de não acender velas nas proximidades. Mas talvez uma das poções no estudo tenha explodido ou um artefato mágico tenha agido -

"Não, senhorita", respondeu Silas. "Até um momento atrás, tudo estava bem." O estômago de Elisabeth torceu. Se o dano ao Codex não



tivesse acontecido, isso só poderia significar uma coisa.

Ashcroft havia encontrado uma maneira de entrar.

TRINTA

W Quando Elisabeth alcançou o escritório, ela parou, apertando os olhos através da fumaça que enchia a sala. Seu sangue correu frio quando ela entrou em cena. O Codex pairava vários centímetros acima da mesa de Nathaniel, suas páginas espalhadas,

espalhadas em um ângulo tão hediondo que arriscava quebrar sua própria espinha. As brasas dançavam ao longo das bordas das páginas e o couro da capa borbulhava como piche fervendo.

Nathaniel apareceu ao lado dela, sua camisa puxada sobre o nariz para bloquear a fumaça. "Parece que está sendo torturado."

Era exatamente isso que Elisabeth temia. "Eu tenho que entrar", disse ela, começando em direção ao grimório.

Ele a pegou pelo braço. "Esperar. Não temos ideia do que está acontecendo. Você pode ficar preso lá.

O rosto dele estava pálido. O arrependimento a perfurou como uma lâmina. Ela daria qualquer coisa para reverter o tempo, voltar para o andar de cima com ele, seus problemas distantes.

“Você está certo, mas não temos outra opção. Se Ashcroft está torturando Prendergast, devo impedi-lo, ou pelo menos tentar.

Ele abriu a boca para protestar, mas ela não ouviu o que ele disse. Ela já havia estendido a mão e segurado o Codex, com a tampa queimando sua mão como um ferro quente, mesmo através das bandagens, e o mundo estava girando para longe.

Ela apareceu na oficina de Prendergast com um tropeço, quase escorregando nas tábuas molhadas do chão. A sala parecia ter passado por um terremoto. A mesa estava virada de lado; rachaduras lascavam as vigas do teto. Um tremor sacudiu a dimensão, e os frascos

deslizaram pelas prateleiras dobradas e quebraram, derramando seu conteúdo viscoso pelo chão.

E desta vez, ela não tinha vindo sozinha. A mão de Nathaniel agarrou seu braço. Silas estava ao lado dele, segurando seu pulso por sua vez.

Eles trocaram olhares. Ou Prendergast os deixou entrar de propósito, ou ele não era mais capaz de mantê-los fora.

"Oh, maravilhoso", disse Prendergast fracamente. Mais visitantes.

Perdoe-me por não me levantar e lhe oferecer chá.

Ele estava deitado no chão, entre as prateleiras inclinadas, como se alguém o tivesse jogado lá como um pano descartado. Elisabeth mergulhou ao seu lado. Sua pele era da cor de mingau, o rosto contorcido de dor.

"O que aconteceu?" ela perguntou. "Onde está Ashcroft?"

Prendergast se dissolveu em um acesso de tosse. Quando ele se recuperou, ofegou: - Você

acabou de sentir falta dele. Tivemos uma conversa agradável. Elisabeth reprimiu sua frustração quando mais tosses assolaram seu corpo magro. "Me ajude a sentar, garota", ele ofegou finalmente. "É isso aí. Eu quero ver o que ele fez com o meu. . .

ah. Ele ficou calado. Ela seguiu o olhar dele. Do outro lado da sala, brasas ardiam pelas bordas quebradas das tábuas do piso, exatamente como as páginas do Codex. Cinzas giraram para longe no vazio.

"A dimensão está entrando em colapso", Nathaniel previu o benefício de Elisabeth, aparecendo. "Nós não podemos ficar aqui por muito tempo. Alguns minutos, na melhor das hipóteses.

Os olhos de Prendergast se arregalaram. " *Vocês.* **Você é um espinho.**

Ele se virou para Elisabeth e cuspiu: - Você está louco, trazendo alguém como ele? Você tem alguma ideia de quem ele é?

Nathaniel ficou tenso. Reflexivamente, ele passou a mão pelos cabelos, tentando tornar a mecha de prata menos visível, ela percebeu. "Você não era amigo de Baltasar, eu entendo."

Prendergast zombou. "Certamente que não, demônios o pegam.

Aqueles de nós com algum sentido ficaram tão longe dele quanto pudemos. Nem Cornélio o tocaria. E você é a imagem cuspida dele, garoto.

Nathaniel parecia doente. Elisabeth não podia deixar isso continuar.

"Precisamos saber o que aconteceu", ela interrompeu. - Ashcroft está voltando? Não vejo por que ele teria partido, a menos que. . . "

Ela parou. Prendergast não encontrou seus olhos.

"A menos que você tenha contado o seu segredo", ela terminou.

"Em minha defesa", disse ele, "a dor é consideravelmente mais persuasiva quando não se sente em centenas de anos". Ele se encolheu com a expressão de Elisabeth.

"O que você disse para ele? Nós precisamos saber!"

"Se você acha que eu vou permitir que a verdade caia nas mãos de um espinho—" "Não importa! Acabou!" Ela resistiu ao desejo de sacudi-lo até seus dentes estremecerem. "Tudo isso, tudo o que você fez" - ela acenou na oficina - "terá sido inútil se você não nos ajudar. Nathaniel está aqui para parar Ashcroft. Se você acredita ou não, está quase sem tempo. Esta é sua última chance de consertar as coisas.

A cabeça de Prendergast caiu. Sua boca se torceu em uma careta.

Vários segundos se passaram, e então ele pareceu tomar uma decisão.

"Observe atentamente", ele instruiu amargamente. "Não pretendo me repetir."

Ele arrancou seis anéis dos dedos magros. Enquanto Elisabeth e Nathaniel observavam perplexos, ele começou a arrumá-los no chão.

Compreensão amanheceu quando ele colocou o anel final no lugar. A forma era tão familiar para Elisabeth quanto as costas de sua própria mão. Um anel no centro, os outros cinco se espalham ao redor para formar um círculo uniformemente espaçado.

"Que padrão eu fiz?" ele perguntou.

"As Grandes Bibliotecas", respondeu Elisabeth, ao mesmo tempo em que Nathaniel disse, com igual certeza:

"Um pentagrama".

O silêncio caiu.

Elisabeth olhou novamente, mais de perto desta vez. Em sua mente, ela desenhou linhas entre cada um dos anéis de Prendergast, conectando-os para criar uma estrela dentro do círculo. A forma *foi* um pentagrama.

Mas também era um mapa das Grandes Bibliotecas. Foram os dois.

O medo bateu nela, arrancando o ar de seus pulmões. "No sentido anti-horário", ela sussurrou.

Quando Nathaniel olhou para ela, ela disse: "Algo está me incomodando o dia todo, desde que o mapa de Katrien chegou. Eu sei o que é agora. Os ataques às Grandes Bibliotecas estão ocorrendo no sentido anti-horário. Knockfeld,

Summershall, Fettering, Fairwater. Depois Harrows. O padrão me lembrou quando acendi as velas para a convocação de Silas.

"Vá em frente garota." Os olhos escuros de Prendergast brilharam.

"Você está quase lá." Ela se virou para ele e disse: "Cornélio construiu as Grandes Bibliotecas". "Sim. Ele os construiu para formar um círculo de convocação.

A mente de Elisabeth girou. Ela se perguntou, distante, se ela poderia estar doente. Ela não queria acreditar em Prendergast. Se ele estava dizendo a verdade, o Collegium havia sido fundado na mentira mais sombria que se possa imaginar. A própria vida dela, uma mentira. A magia que fluía em suas veias, a beleza e majestade das Grandes Bibliotecas - tudo poderia ter sido para isso?

Ela falou hesitante, tropeçando para a frente. - Os Maleficts - Ashcroft pretendiam que fossem derrotados, não é? Esse é o ponto da sabotagem. Ele as está usando no lugar das velas.

Prendergast assentiu. “Um ritual desse tamanho exige mais do que pavio e cera. Quando um Malefict é destruído, libera uma vasta

quantidade de energia demoníaca. Posicione um sacrifício dessa natureza em cada ponto de um pentagrama e você terá poder suficiente para romper o véu para uma convocação maior.

”

As unhas de Elisabeth cravaram em suas mãos. Mais uma vez, ela sentiu o esforço de levar Demonslayer ao Livro dos Olhos, viu as gotas de tinta derramarem quando ela girou a lâmina. Uma parte crucial do plano de Ashcroft, realizada por suas próprias mãos.

"Mas *porque?* **Nathaniel interrompeu. “Por que criar um círculo tão grande? Pentagramas comuns funcionam perfeitamente bem. Não há razão para que ele possa. . . ” Ele fez uma pausa, seus olhos estreitos perfurando Prendergast. Ashcroft precisava de algo de você antes que ele pudesse completar o ritual. O que foi isso?"**

Prendergast retornou o olhar de Nathaniel. A animosidade escureceu suas feições. "Um nome. É isso que tenho guardado todos esses anos.

"Um nome", Nathaniel ecoou categoricamente.

“Você conhece demônios menores, demônios e duendes e assim por diante, os assuntos mais baixos da sociedade demoníaca. E você conhece os demônios do nascimento que os governam, como o seu demônio lá. Mas os nascidos no alto são governados por outra coisa. No O trono do outro mundo senta um ser de poder quase ilimitado - uma criatura chamada Arconte.

Nathaniel e Elisabeth se voltaram para Silas. Seu rosto era tão inescrutável quanto uma escultura em mármore, mas seus olhos amarelos, fixos em Prendergast, pareciam brilhar com uma fria luz interior. Quase imperceptivelmente, ele assentiu. Prendergast estava dizendo a verdade.

Um sorriso sem humor torceu a boca de Prendergast. “Cornelius e eu éramos amigos íntimos, ou assim eu pensei. Eu contei a ele sobre

minhas viagens no Outro Mundo. Teorizamos que o nome verdadeiro do arconte poderia ser usado para invocá-lo, supondo que um feiticeiro pudesse montar um ritual igual à tarefa, que eu não acreditava ser possível. Durante anos, o assunto nunca voltou a surgir entre nós.

Então, um dia, ele me pediu o nome do arconte. Até então, ele já havia começado a construir as Grandes Bibliotecas. Quando eu percebi o que ele estava planejando, e me recusei a contar, ele ficou furioso. Até aquele momento, acredito que ele realmente esperava que eu o ajudasse. Ele via o Arconte como um recurso, algo que poderia ser aproveitado e controlado para a melhoria da humanidade. ..... ”

"Progresso", Elisabeth murmurou. Quão ignorante ela tinha sido, todos tinham levantado os óculos em louvor ao plano de Ashcroft.

"Arrogância", corrigiu Prendergast. “Não há como controlar um ser como o Arconte. No entanto, o herdeiro de Cornélio tentará a convocação. Esta noite."

Ela olhou para Silas. "O que acontecerá se ele conseguir?"

"Se o Arconte puder entrar em seu reino, seu poder destruirá o véu que separa nossos mundos." Os lábios de Silas afinaram. "Demônios correrão livres, matando sua espécie com abandono."

Ela ficou tão rapidamente que o sangue escorreu de sua cabeça.

"Temos de detê-lo", disse ela, olhando para Nathaniel em apelo. A desesperança que ela viu nos olhos dele causou um sobressalto no estômago.

“Até toda a força do Magisterium levaria horas para romper as alas de Ashcroft. Não temos muito tempo. Ele terá terminado o ritual até então.

"Então você vai diretamente para Harrows", disse Prendergast, "e evita o sacrifício final".

"Mas é uma jornada de três dias", protestou Elisabeth.

"Não necessariamente." Prendergast agarrou a prateleira mais próxima e se levantou. Ele cambaleou mais fundo entre as prateleiras quebradas, passando os dedos pelos potes, caveiras e livros que caíam ao longo deles. Por fim, ele arrastou uma corrente, na qual pendia uma pedra de ônix. Não, não uma pedra - um frasco redondo de cristal cheio de sangue.

“Só eu descobri os meios pelos quais viajar entre dimensões, dobrar a realidade como uma tapeçaria, unindo um local a outro. A mágica vive no meu sangue. Como não possuo mais uma verdadeira forma física, essa é a amostra final restante. ” A amargura entortou sua boca. "E

aqui estou eu, prestes a entregá-lo a um espinho."

Elisabeth não suportava a desconfiança gravada em seu rosto.

"Nathaniel não é Baltasar", ela deixou escapar. "Eu juro para você, ele é diferente."

Prendergast lançou-lhe um olhar azedo. "Há sangue suficiente para transportar vocês três para Harrows e de volta." Ele jogou o frasco para Nathaniel, que o pegou com uma mão, assustado. “Use com cuidado, garoto.



Exigirá um pedágio.

Quando Nathaniel passou a cabeça pela corrente, Prendergast mancou.

Ele colocou uma cadeira na posição vertical e depois lançou um olhar sombrio para a mesa virada. Elisabeth colocou de volta no lugar para ele, mesmo sabendo que seus esforços não fariam nenhum bem. As brasas devoraram mais alguns metros das tábuas do assoalho. Em minutos, a seção em que eles estavam seria consumida e a mesa cairia no vazio.

Outro tremor sacudiu a oficina. Madeira gemeu e mais frascos esmagaram ao redor deles. Os dedos de Prendergast bateram no encosto da cadeira.

"E se você?" ela perguntou. "Podemos levá-lo conosco?"

Ele balançou sua cabeça. Lentamente, como se todas as articulações doessem, ele se sentou na cadeira, encarando a escuridão que se aproximava. "Vá garota", ele disse com uma voz áspera. "Minha hora terminou. Ore para que o seu encontre um fim melhor.

TRINTA E UM

E LISABETH CAIU. As imagens passaram como cenas vislumbradas através da janela de uma carruagem em fuga. Colinas escuras. Árvores em silhueta contra o céu noturno. Campo espalhado sob uma lua crescente. E vistas mais estranhas, como uma floresta cinzenta, galhos retorcidos envoltos em névoa e uma ruína coberta de flores luminosas.

Eles não estavam atravessando o reino mortal ou o Outro Mundo, mas em algum lugar no meio.

Ela não conseguia fechar os olhos. Nesse lugar de nada, ela não sentiu vento, nem fôlego, apenas a pressão da mão de Nathaniel agarrando a sua, acompanhada pela sensação interminável de queda.

E então o vento bateu contra seu corpo. Ele arrancou o fôlego dos pulmões e chicoteou os cabelos ao redor do rosto. Frio perfurou a medula de seus ossos. O chão rolou embaixo dela como se ela estivesse girando em círculos; as estrelas giravam no alto.

Ela cambaleou, apenas para a bota encontrar o ar vazio. Um braço agarrou sua cintura e a puxou de volta.

Pedras caíram da borda da rocha onde ela havia estado um segundo antes, mergulhando silenciosamente em direção às árvores bem abaixo.

Os três haviam se materializado na beira de um penhasco. Atordoada, ela pegou a gota vertiginosa quando Silas os arrastou para longe do precipício.

"Parece que estamos no lugar certo", observou ele, "mas você pode querer ter mais cuidado com seu objetivo na jornada de volta, mestre."

Nathaniel riu, um som selvagem. Então ele se inclinou e vomitou. Algo escuro respingou nas agulhas de pinheiro sob os pés.

"Não é o sangue dele, Srta. Scrivener", disse Silas quando ela gritou de alarme. Ele guiou Nathaniel em direção a uma pedra e o sentou

firmemente antes de cair.

Claro. O frasco estava meio vazio contra o peito de Nathaniel, a parte superior do cristal revestida por uma gosma vermelha. Para aproveitar a magia de Prendergast, ele teve que beber. Ele explicou os princípios do feitiço quando saltaram do códice em desintegração de volta ao escritório, lutando para puxar as botas e os casacos por cima das roupas de dormir. Isso era mágica de sangue, estritamente banida pelas Reformas, que Elisabeth pensou que ele havia declarado muito alegre ao levar o frasco aos lábios.

"Você está bem?" ela perguntou, uma pontada de náusea roubando seu alívio. Nathaniel sorriu para ela, mesmo que ele ainda parecesse um pouco pontudo. “Não se preocupe, eu engoli muito menos substâncias saudáveis. Uma vez, por exemplo, fui permanentemente banido da propriedade de um senhor por ...

"Vamos guardar essa história para outra hora, Mestre Thorn", Silas interrompeu, ignorando o cenho de Nathaniel. “Se a memória serve, o Inkroad passa por esta colina e a Grande Biblioteca fica a menos de um quarto de milha adiante. Você poderá alcançá-lo em alguns minutos.

"Você não vem conosco?" ela perguntou. "Eu sou um demônio, Srta.

Scrivener", ele respondeu suavemente.

Ela olhou para as mãos, que haviam se enrolado em punhos. Silas lutou contra Ashcroft com tanta força quanto qualquer um deles. Mas se ele viesse com eles, os guardas tentariam matá-lo à vista. A injustiça disso a deixou doente.

Ele fez uma pausa, absorvendo a expressão dela. Vou acompanhá-lo até a estrada. Isso deve ser seguro o suficiente, desde que eu não seja vista.

Eles se recuperaram por mais alguns instantes antes que Silas desaparecesse nas árvores. Elisabeth pensou que ela vislumbrou onde ele havia ido: um galho trêmulo e um clarão branco que poderia ter sido o pelo de um gato. Ela ajudou Nathaniel a se levantar, lançando-

lhe um olhar preocupado quando ele tropeçou. Sua própria tontura havia desaparecido, mas ela só experimentara a magia de Prendergast em segunda mão.

Nathaniel nem deveria estar fora da cama em primeiro lugar.

Uma esteira elástica de agulhas amorteceu seus degraus enquanto desciam a colina, passando por pinheiros retorcidos e pedras que se lançavam da terra como ossos

quebrados. Acima deles, a cordilheira irregular de Elkenspine subia a alturas altíssimas, os cumes eram totalmente brancos e imponentes contra o céu noturno. Neve escorria do

picos como galhardetes, soprados pelo vento. Elisabeth estremeceu. O

vento que rasgava os galhos parecia uivar a solidão e o isolamento da paisagem; seus ouvidos já começaram a arder do frio.

Luzes brilhavam à frente, piscando entre os galhos agitados de abetos.

Esse foi o primeiro vislumbre que Elisabeth recebeu da Grande Biblioteca. Quando chegaram à estrada e a vista se abriu, os dois pararam.

Eles tiveram que inclinar a cabeça para trás para ver toda a estrutura.

Ele se ergueu em direção ao céu como uma cidadela negra, esculpida diretamente da base da montanha. A luz da lâmpada brilhava atrás dos vitrais altos e arqueados, com os vidros trancados atrás de grades de ferro. Tochas queimavam ao longo da muralha que a circundava na frente, tão alta que Elisabeth não conseguia distinguir ninguém patrulhando o topo, embora soubesse que os guardas deviam estar lá em cima, observando.

Cautelosamente, eles seguiram em frente. Barricadas foram erguidas na estrada, cravejadas com pontas de metal voltadas para fora. Ela e Nathaniel trocaram um olhar. As barricadas não foram projetadas para manter grimórios - elas foram feitas para manter as pessoas de fora. A biblioteca estava equipada para suportar um cerco.

Quando terminaram de atravessar as barricadas, o som de seus passos ecoou proibitivamente da parede. Elisabeth não viu evidência de um portão ou porta nas chapas de ferro rebitadas que compunham seu exterior, elevando-se acima deles.

"Olá?" ela ligou. "Tem alguém aí?"

Sua voz ecoou, oscilando entre as altas ameias, um som fino e desolado.

Por um momento, tudo ficou em silêncio. Então uma cacofonia estridente, retumbante e trituradora respondeu-lhe: o atrito das engrenagens, o despertar de uma imensa maquinaria enterrada dentro da parede. O chão tremeu. Um movimento no topo da muralha chamou sua atenção: canhões, girando para apontar para eles.

Pensando melhor, *canhões* **parecia uma palavra inadequada. A boca de cada arma era larga o suficiente para uma pessoa rastejar para dentro.**

Ela ficou tensa de horror. “Eles não vão atirar em nós, vão?

Nathaniel?" Seus olhos estavam fechados, o rosto calmo, os lábios se movendo silenciosamente sob o clamor das engrenagens. Seus ouvidos estalaram quando o ar ficou pesado com a umidade. Ela ergueu os olhos e viu o céu acima da Grande Biblioteca fervendo de nuvens, com a barriga iluminada por um ameaçador tom de verde.

Figuras saltaram para longe dos canhões quando um raio bifurcou-se sobre a muralha, mal sentindo falta deles. O maquinário parou. Uma fenda se abriu acima de suas cabeças, e um par de olhos olhou para eles. Um diretor.

"Identifique-se, feiticeiro!" ele chamou.

"Excelente", disse Nathaniel alegremente. “Eu chamei sua atenção. Sou Magister Nathaniel Thorn, e essa é a senhorita Elisabeth Scrivener.

Sem dúvida, nossa reputação nos precedeu.

Chegamos com um aviso urgente para o diretor. ”

Se os nomes deles tiveram algum efeito sobre o diretor, ele não mostrou sinais. Na verdade, ele ainda parecia preferir matá-los do que conversar com eles. “Ninguém pode entrar ou sair da biblioteca.

Magisters não são uma exceção. Vá embora, ou atiraremos.

"Esperar." Elisabeth puxou a corrente em volta do pescoço e puxou sua chave grande, levantando-a para a luz. Ela pensou na conversa que ouvira entre a senhora Wick e o diretor da Biblioteca Real. "Eu prometo que o diretor Hyde vai querer nos ver."

Os olhos do diretor se arregalaram ao ver a chave-grande, e ainda mais com a menção do nome do diretor. Como ela adivinhou, esse nome só era conhecido dentro de um círculo selecionado. Para a maioria das pessoas, ele era apenas "o diretor". Com sorte, o diretor assumiria que ela estava aqui sob a autoridade do Collegium.

Antes que ela pudesse perder a coragem, ela continuou: “Sabemos que o sabotador planeja atacar hoje à noite. Viemos para impedir que isso aconteça. Mais inspiração atingiu. "Eu carrego Demonslayer, a espada do ex-diretor da Summershall."

"Mostre-me."

Elisabeth dobrou o casaco de lado, permitindo que a luz da tocha brilhasse nas granadas de Demonslayer.

Ela esperava que Irena entendesse isso sendo usado dessa maneira.

Os olhos do diretor passaram entre ela e Nathaniel. Então o slot se fechou. Engrenagens começaram a roncar novamente. Mas desta vez, não foram os canhões que se moveram. Uma folha de ferro deslizou para o lado, revelando uma porta escondida na base da muralha.

"Entre", a voz do diretor ordenou.

Depois de uma hesitação, eles obedeceram. Rodas dentadas do tamanho de uma roda colossais agitavam-se atrás deles enquanto a parede voltava ao lugar. Agora eles estavam

presos entre a parede

e o portcullis, em uma espécie de cela de prisão ao ar livre. O espaço cheirava a graxa de máquinas e era grande o suficiente para conter um treinador e uma equipe cheia de cavalos. A julgar pelos sinais de desgaste nas lajes, costumava fazê-lo. Qualquer pessoa que entrasse ou saísse da Grande Biblioteca tinha que parar aqui primeiro para uma inspeção.

Passando pelos bares, a luz das tochas atravessava um pátio sombrio.

As lajes estavam cobertas com uma geada branca do que ela primeiro confundiu com geada, mas depois percebeu que devia ser sal.

Eles esperaram por alguns minutos, passando de pé em pé para se aquecer. Por fim, o diretor apareceu do outro lado do portão.

“O diretor verá você. Mas existem condições. Sem armas, e você tem que usar algemas. Seus olhos viajaram para Nathaniel. Ele levantou um feixe tilintante de correntes e algemas. "Manilhas de ferro".

Nathaniel fez uma careta. "Eles vão me impedir de usar feitiçaria", explicou ele a Elisabeth baixinho.

Mais alto, ele disse: “Tudo bem. Nós aceitamos."

Se Nathaniel estava disposto a suportar tirar sua magia, ela não estava disposta a se preocupar em entregar o Demonslayer. No entanto, ela experimentou uma resistência puramente física quando tentou. A princípio, sua mão não soltou a lâmina, e o diretor teve que puxá-la, enviando uma pontada de dor através da palma machucada, antes que seus dedos permitissem que ela deslizasse livre. Ele entregou seus pertences a um segundo diretor, que desapareceu nas sombras.

Elisabeth e Nathaniel se viraram e permitiram que ele colocasse os grilhões, amarrando as mãos atrás das costas.

O portcullis levantou-se com um guincho.

"Siga-me", disse o diretor.

As correntes de seus grilhões tilintaram quando passaram entre os dois anjos sombrios de obsidiana que ladeavam a porta. O vento diminuiu abruptamente quando eles cruzaram a soleira, substituídos por um silêncio poeirento cheio de gemidos e murmúrios de papel. Um punhado de lamparinas a óleo fez pouco para dissipar a tristeza opressiva da biblioteca. A maior parte da luz entrava através de altos vitrais, decorada com cenas reunidas em tons tristes de cinza e vermelho, que lançavam poças de luar lascadas nas altas prateleiras pretas. Um bibliotecário de rosto sombrio olhou na direção deles, depois arrastou-se para o corredor de corredores, as mangas manchadas agitando os tornozelos. Elisabeth ouvira rumores de que os bibliotecários consideravam uma tarefa para

Harrows mais uma punição do que um privilégio. Agora, não era difícil entender o porquê.

Não havia atmosfera de calor ou boas-vindas para indicar a presença de grimórios amigáveis e bem tratados. Em vez disso, prevaleceu uma sensação úmida de vigilância, e o ar fedia a polidor de madeira e bolor.

Ao contrário das outras Grandes Bibliotecas, nenhum grimório ficou de fora; todas as estantes estavam fechadas atrás de uma grade de ferro. Assobios de fúria ecoaram das prateleiras quando eles passaram.

Ela sentiu como se estivessem andando por um tribunal escuro, suportando a censura de seus juízes invisíveis.

"Não há grimórios inferiores a uma classe quatro aqui", explicou o diretor, vendo a expressão de Elisabeth.

"Somente textos de alta segurança." Ele parecia orgulhoso.

Sem aviso, um tremor percorreu os azulejos de mármore sob as botas.

Mais engrenagens, ela pensou, até que um uivo abafado se levantou do chão - um som que não era humano nem máquina.

Nathaniel respirou fundo. "O que é que foi isso?"

“Malefict em cativeiro na masmorra. Classe Oito. O diretor deu-lhe um sorriso desagradável, aproveitando claramente a rara oportunidade de

esclarecer um feiticeiro. “Ele guarda a entrada do cofre.

Às vezes, usamos para praticar. ”

A observação perturbou Elisabeth, mas ela não ousou dar sua opinião.

Subiram uma escada estreita e em espiral, sem luz e rangendo, e emergiram em um corredor igualmente estreito e sombrio, no final do qual o diretor bateu em uma porta, a abriu e se afastou.

Quando eles entraram, o diretor tocou seu braço. Ela ficou tensa, mas ele apenas murmurou, depois de um olhar hostil a Nathaniel: - O

diretor é difícil de ouvir. Ajuda se ele consegue ler seus lábios.

Ele lançou o conselho apenas para os ouvidos dela. Levou um momento para entender o porquê. Nathaniel era um feiticeiro, um estranho, não confiável. Ela não conseguiu explicar a onda de raiva que sentiu em relação ao diretor em resposta. Não faz muito tempo, ela acreditava no mesmo que ele. Mas ela não queria ser aliada e confidente deste homem, mesmo em sua própria mente, deixando Nathaniel o estranho de fora.

Um incêndio ardia baixo na sala à frente, dourando as cabeças dos cervos, lobos e javalis montados nas paredes, suas placas ocupando quase todas as polegadas disponíveis.

espaço. A figura que estava de frente para o fogo parecia uma besta: alta e larga, com um pelo grosso sobre os ombros do casaco de seu diretor. Wind sacudiu o batente solto da janela da torre, deixando rascunhos que bagunçavam os papéis em sua mesa.

Ela e Nathaniel estavam na porta como crianças convocadas para o escritório de um professor, esperando o diretor Hyde se virar.

Nathaniel mudou, incapaz de esconder sua impaciência.

Finalmente, o diretor falou. Sua voz profunda e estridente lembrou Elisabeth de um urso. "A Grande Biblioteca de Harrows nunca foi violada, pelo homem ou pelo grimório, nos trezentos anos desde que foi esculpida pela primeira vez na montanha. Resistiu a tempestades e

quebrou todos os cercos trazidos a seus portões. Você diz que haverá um ataque hoje à noite. Como você chegou a conhecer uma coisa dessas e por que eu deveria acreditar em você?

Antes que ela pudesse parar Nathaniel, ele deu um longo passo em direção à mesa. "Senhor, sem dúvida, o diretor disse nossos nomes.

Dada a tentativa do Chanceler em nossas vidas e o envolvimento anterior da Srta. Scrivener ...

Uma tábua chiou quando o diretor Hyde se virou. Nathaniel ficou em silêncio e Elisabeth congelou. O rosto de Hyde era mais cicatriz do que pele, dilacerado por marcas brutais de garras que Elisabeth não teria pensado como sobrevivível. Olhando para fora daquela paisagem de carne devastada, seus olhos estavam brilhantes, duros e acima de tudo -

suspeitos. Seu olhar passou pela boca de Nathaniel. Ele se virou rápido o suficiente para ouvir ou ver o fim.

"O que é isso sobre o Chanceler da Magia?" ele rosnou.

A princípio, a pergunta não fazia sentido. Então, fazendo um cálculo mental rápido, o coração de Elisabeth afundou. Ela se virou para Nathaniel. "Não admira que o diretor não tenha reconhecido nossos nomes", ela disse baixinho. "Eles não ouviram a notícia. O Collegium deve ter enviado um passageiro para todas as Grandes Bibliotecas imediatamente, mas a mensagem não chegará a Harrows até mais tarde esta noite.

Inquieta, ela olhou de volta para Hyde. "Eles não sabem sobre Ashcroft."

"Droga tudo. Eu não pensei nisso. Se ao menos tivéssemos trazido um jornal conosco. . . "

Nathaniel pigarreou e continuou com uma voz mais alta: "Diretor, permita-me explicar. O

chanceler Ashcroft é um traidor. Na noite anterior, ele foi desmascarado como sabotador.

Hyde olhou de um lado para o outro, absorvendo a facilidade da troca.

Estamos familiarizados demais um com o outro, **ela percebeu. Nenhum bibliotecário respeitável jamais falaria com um feiticeiro do jeito que ela falara, muito menos como um magister. Como se ele fosse um amigo**

- um íntimo. Mas certamente isso não importava tanto quanto as notícias que eles traziam. Certamente Hyde os estava levando a sério. . .

•

Por fim, ele disse: “Scrivener. Eu sei o seu nome. Você é da Grande Biblioteca de Summershall.

Ela assentiu, apoiando a mandíbula contra um tremor de mau pressentimento. "O chanceler me levou cativo em sua mansão", explicou ela. “Enquanto eu estava lá, ouvi seus planos. O resto da história é complicado. Mas Nath - Magister Thorn está dizendo a verdade. Um cavaleiro chegará do Collegium para verificar tudo.

"Tudo, incluindo o ataque iminente a esta biblioteca?" Nathaniel lançou um olhar para Elisabeth antes que ele respondesse. Sua expressão tornou-se cada vez mais protegida. “Não, descobrimos isso e viemos diretamente. Não tivemos tempo de alertar o Collegium. O

chanceler está sacrificando os grimórios como parte de um ritual.

Garanto-lhe que não estou exagerando quando digo que o destino de todo o reino está em jogo.

- Por favor, diretor - interrompeu ela. - Harrows é o passo final no plano do chanceler. Você já sabia que era provável que o sabotador visasse esse local a seguir, dado o padrão de seus ataques. Ele poderia estar se infiltrando na biblioteca agora mesmo.

Isso parecia ser a coisa errada a dizer. Hyde deu a volta na mesa, o chão rangendo sob o peso dele. A sombra dele caiu sobre ela, tão gelada quanto a corrente de ar da janela. Quando ele falou em seguida, sua voz estava perigosamente calma.

“E como conseguiu alcançar Harrows mais rapidamente do que os pilotos mais rápidos do Collegium? Você não, Magister Thorn. Quero que Scrivener me responda.

Ela engoliu em seco. "Magia", disse ela, sua voz tremendo apenas um pouco. "Usamos magia."

O rosto dele ficou sombrio. "Você está dizendo que se envolveu em feitiçaria, Scrivener?" Ela não conseguiu voltar atrás. Ela levantou a cabeça, encontrando os olhos dele. "Sim. E eu faria de novo se fosse necessário.

O punho dele agarrou a frente da capa dela, juntando o tecido nos dedos enormes e cheios de cicatrizes, e a levantou do chão.

"Solte-a", Nathaniel estalou. Houve uma briga e um barulho de correntes; ele se lançou para Hyde, e o diretor que vigiava o havia apreendido.

O diretor não prestou atenção a Nathaniel. Seus olhos percorreram o rosto de Elisabeth a meros centímetros de distância, cheios de nojo. A vergonha queimava dentro dela - vergonha tão real, tão fisicamente dolorosa quanto o chicote de um interruptor - mas ela não desviou o olhar. Os ensinamentos do Collegium ainda detinham poder sobre ela; talvez

eles sempre fizessem. Ela havia crescido ao redor deles como uma muda em torno de uma unha, levando a parte estranha para dentro de si mesma, não importa quão venenosa. Mas ela não havia passado por tudo o que tinha, lutado e sofrido, para ceder à vontade desse homem como um aprendiz castigado.

"Você foi corrompido", ele rosnou.

“Se isso é verdade”, disse Elisabeth, “então estamos todos corrompidos e fomos desde o início. Você sabe que as bibliotecas que servimos foram construídas por um feiticeiro. Você já questionou por quê?

Uma carranca respondeu. Claro. Este não era um homem que fez perguntas. Ele seguiu as ordens durante toda a sua vida, até que se tornou a pessoa que lhes deu, uma roda dentada idêntica trocada por outra para manter as máquinas da biblioteca funcionando exatamente da mesma maneira que durante séculos.

Mesmo assim, ela não podia perder a esperança de chegar até ele.

"Você já viu um círculo de convocação, diretor?" ela pressionou. "Não

- eu não acho que você tenha, mas certamente você pode imaginar"

"Silêncio!"

Saliva manchava seu rosto. Ela engasgou com as palavras, aturdida em obediência quando a outra mão dele se aproximou, bruscamente, e agarrou seu cabelo. Tarde demais, ela entendeu o que ele estava procurando e o que havia encontrado. Prata brilhava entre seus dedos cicatrizados.

"Você carrega a marca de um demônio", ele rosnou.

Silêncio. Silêncio hediondo, no qual ela ouviu o som do suspiro do diretor.

"Diretor", Nathaniel interrompeu bruscamente, uma nota de pânico real em sua voz, "falo em minha honra quando digo que a mente da senhorita Scrivener permanece inteiramente sua, que esta situação é muito mais complicada do que você pode ..." Ele parou lá com um grunhido, como se o diretor o tivesse dado um tapa no estômago para calá-lo.

Elisabeth mal ouviu. *Tarde demais, tarde demais, tarde demais.* **Se ao menos ela se lembrasse de cortar a fechadura de prata. . .**

As feições de Hyde se contorceram em repulsa. Com um grande movimento, ele a jogou no chão, fazendo-a se espalhar. Aterrissou mal e gritou quando os grilhões estalaram contra sua espinha.

"Elisabeth!"

"Não vou ouvir nenhuma de suas mentiras", o diretor falou. “Você é uma vergonha para o

Collegium, garota. Corrompido. Manchado.

Confuso com demônios. Cada palavra a atingiu como um chute no estômago.



"Você ficou completamente louco?" Nathaniel rugiu. “Ela arriscou sua vida para vir aqui! Ela está tentando *Salve* **• você, seu imbecil!**

Hyde virou-se para ele. “E você, sem dúvida, responsável por levar a garota para a escuridão. Já vi o suficiente dessa exibição vil. Para o diretor, ele disse: “Leve-os para a masmorra. Eles não podem ser confiáveis. Só o tempo dirá se eles estão dizendo a verdade ou estão envolvidos na sabotagem. ”

Através de uma névoa de miséria, Elisabeth sentiu o diretor lutar com ela na vertical e marchar com ela pela porta. A julgar pela tempestade de invectivas que se seguiu, Nathaniel estava sendo tratado da mesma forma. Ela nunca o ouvira com tanta raiva. O ar continha até um leve toque de feitiçaria, como se sua raiva fosse quase suficiente para superar o ferro.

Eles foram levados de volta pela escada em espiral e passaram pelas prateleiras, descendo mais algumas vezes, e logo ela tropeçou nas pedras rachadas de uma passagem de masmorra, desviando os olhos das tochas crepitantes. Metal retiniu; então ela foi empurrada para a frente em uma cela, nua, à parte de um balde no canto e uma dispersão de palha no chão. Nathaniel recebeu um empurrão tão forte que caiu de joelhos, incapaz de se segurar com as mãos amarradas. A porta da cela bateu com força.

O diretor parou antes de se virar. Ele olhou para Elisabeth sem expressão, com a mão no punho da espada.

"Não é tarde para parar com isso", disse ela, reunindo forças. "Ainda há tempo-"

"Eu não falo com traidores", ele interrompeu. Então ele saiu sem outra palavra, suas botas ecoando pelo corredor em silêncio.

TRINTA E DOIS

F OU UM MOMENTO Elisabeth ficou congelada, chocada demais para reagir. Então ela se jogou contra as barras. Ela se virou e os sentiu com as mãos atadas, procurando um pedaço de metal solto, argamassa em ruínas, uma dobradiça enferrujada - qualquer coisa que ela pudesse usar para quebrá-los da cela. Ela era mais forte que uma pessoa comum. Se ela pudesse encontrar um ponto fraco -

"Elisabeth, pare."

Nathaniel poderia muito bem ter falado um idioma diferente. Ela rangeu os dentes e puxou

com mais força, embora isso tenha causado uma pontada de dor na mão machucada. Uma selvageria a encheu, tomando conta de seu corpo, o mesmo que quando ela abateu o demônio no pavilhão, ou o tempo em que destruiu todos os espelhos da casa de Nathaniel.

Depois desta noite, ela nunca mais seria capaz de entrar em uma grande biblioteca. Mas isso não importaria se Ashcroft tivesse sucesso, e não havia mais bibliotecas para falar. Ela não sabia quem a deixou mais furiosa naquele momento, Ashcroft ou o diretor Hyde. Pensar que o mundo poderia cair em ruínas devido às decisões de um único homem de mente pequena no comando - que foi o suficiente para condenar a todos -

"Elisabeth!" Nathaniel exclamou.

Ela girou sobre ele, lembrando de repente, com uma clareza gloriosa, que o diretor não havia confiscado o frasco de Prendergast. "Você pode usar isso para nos libertar?" ela exigiu.

Ele estava respirando com dificuldade, olhando para ela. Levou um momento para entender o objeto de sua pergunta. "Não", ele disse.

“Não enquanto estou usando ferro. Escute - ele continuou, mas ela o interrompeu, voltando-se para as barras.

"Foi depois da meia-noite quando lutamos com Ashcroft", disse ela. “O

Collegium não poderia ter enviado alguém antes disso. O piloto não vai chegar aqui para

horas. " *Estaremos presos em uma masmorra enquanto o reino arder em chamas.*

Elisabeth. Você está se machucando.

"Não, eu não sou." Após a primeira pontada de dor, ela se sentiu bem.

Nathaniel se empurrou entre ela e as barras antes que ela pudesse começar de novo. "Olhe para as suas mãos", disse ele, sua expressão estranha.

Ela girou para olhar por cima do ombro, levantando as mãos o melhor que pôde dentro dos limites dos grilhões. A luz fraca da tocha no corredor traçava sobre sua pele, e ela viu que Nathaniel estava certo. O

sangue escureceu o curativo na palma da mão. Ela rasgou quase duas unhas.

"Sentar-se." Seu ombro pressionou contra o dela, conduzindo-a para a parte de trás da cela. "Tome um momento para descansar."

Ela tropeçou com relutância. “Nunca descobrimos como Ashcroft está realizando os ataques. Se ele estiver trabalhando com alguém, ou ... Ela parou, perturbada com o pouco que eles realmente sabiam. "Temos que estar preparados para qualquer coisa."

- E você não ficará se machucar tentando arrombar uma porta da cela.

Honestamente, Scrivener.

Não precisamos escapar sozinhos. Silas virá nos resgatar.

Silas. **Ela tinha esquecido. "Mas como ele saberá que precisamos de ajuda?" “Ele apenas saberá. Ele sempre sente quando me meti em problemas. Nathaniel fez uma careta quando ele se apoiou na parede, sentado desajeitadamente com as mãos atadas, o ombro encostado na pedra. "Às vezes me pergunto se ele simplesmente supõe que eu tenha problemas por padrão quando ele não está por perto para me manter fora disso, mas eu prefiro creditar sua intuição sobrenatural."**

A culpa afundou garras em seu corpo. Nathaniel deveria estar descansando, não ela. Angustiada, ela se agachou ao lado dele. Um

momento depois, ele deslizou para o lado alguns centímetros até que seu ombro descansasse no dela.

A energia frenética drenou de seus músculos, deixando-a cansada e fria. A respiração deles era o único barulho no silêncio subterrâneo da masmorra. Lembrou-se bem do silêncio de Summershall - a opressão dele, a maneira como fazia truques na mente. Ela não podia imaginar o quanto seria pior ficar preso sozinho neste lugar, sabendo que o mais alto do reino

um cofre de segurança espreitava em algum lugar próximo ao labirinto de pedras, seus habitantes adormecidos poderosos o suficiente para destruir cidades inteiras se liberados. . . .

A respiração dela parou.

"O que há de errado?" Nathaniel perguntou.

Ela se virou para ele. "O grimório Baltasar escreveu: é chamado de Crônicas dos Mortos?"

Ele endureceu. Seu rosto parecia espectral, seus olhos escuros à luz fraca das tochas. Por um momento, ela pensou que ele poderia não responder. Então, finalmente, ele assentiu.

Elisabeth não queria contar, mas precisava. "Está aqui. Aqui em Harrows. Eles o transferiram em segredo na noite em que roubei o Codex.

Nathaniel explodiu em pé. "Por que você não disse nada?" "Eu esqueci. Havia muita coisa acontecendo na época. ” A infelicidade torceu seu coração enquanto observava Nathaniel se afastar, andando pela cela. Ela hesitou e perguntou: "Quanto você sabe sobre as Crônicas?"

Nathaniel parou, olhando para a passagem. Quando ele falou, sua voz soou cortante. “Ele contém o feitiço que Baltasar usou para elevar seu exército, entre outros rituais necromânticos. Quanto a quais poderes ele se manifestaria como um Malefict, essa é a área de estudo de um bibliotecário, não a minha. ” Ela ficou em silêncio, esperando. Ele estava

escondendo algo. Por fim, ele encostou a testa nas barras e continuou: . . meu pai leu. Preparar. Ele não era o mesmo quando voltou. Eu nunca fui capaz de decidir exatamente o que havia de diferente nele. Às vezes, eu pensava que ele tinha trazido algo de volta com ele. Outras vezes, era como se ele tivesse deixado um pedaço de si mesmo para trás.

Ela estudou o rosto de Nathaniel, as linhas gritantes de seu perfil. "Eu sinto Muito." "Pelo que?"

Tudo, **ela pensou. "Eu arrastei você para isso", disse ela. "Você não estaria aqui se não fosse por mim."**

"Você está certo. Eu ficaria sozinha em meu escritório, totalmente infeliz, passando minhas últimas horas sem saber que os demônios estavam prestes a invadir o mundo. ” Ele voltou

e caiu ao lado dela, inclinando a cabeça para trás contra a pedra. “Eu gosto mais desta versão. Aquele com você nele.

"Mesmo se morrermos?"

Por um instante, ele fechou os olhos. “O último mês foi o momento mais feliz da minha vida que eu lembro desde os doze anos, apesar dos demônios e do sangue bebendo e a ameaça iminente de um apocalipse demoníaco. Eu acho ... acho que já estava um pouco morto antes de você aparecer.

Ele virou a cabeça, acolhendo-a. - É uma honra lutar ao seu lado, Elisabeth, por quanto tempo durar. Você me lembrou de viver. Vale a pena ter algo a perder.

Elisabeth engoliu em seco. Ela não tinha nada a dizer; ela só conseguia pensar o quão intolerável parecia que uma vez tinha achado o rosto dele tão cruel. Impulsivamente, ela se dobrou e colocou a cabeça no peito dele. Depois de uma pausa, ele apoiou o queixo no cabelo dela. Ela ficou ouvindo as batidas do coração dele no escuro.

O momento se prolongou, a passagem do tempo impossível de calcular, e seus pensamentos se alongaram com ele, lançando para fora. Ela imaginou a Grande Biblioteca de cima, suas tochas e torres negras subindo acima do deserto.

Quanto tempo Silas levaria para encontrá-los? Ela não tinha certeza de que compartilhava a confiança de Nathaniel. As defesas aqui eram como nada que ela já tinha visto antes. Mesmo que Silas pudesse escalar a parede que circundava o prédio, ela estava coberta de ferro e patrulhada por guardas. E isso foi apenas o começo; Em seguida, ele

teria que esgueirar-se pela biblioteca e passar pelos inúmeros portões de ferro trancados que levavam à masmorra.

Depois de esperar o que pareceram horas, ela se sentou. "Você não acha que Silas foi pego, acha?"

ela perguntou.

"Acho que não", respondeu uma voz sussurrando do corredor, parecendo levemente ferida. "Eu não sou amador."

"Silas!" os dois exclamaram, correndo para os bares.

Ele suspirou quando apareceu. "Não tão alto, por favor." Nathaniel sorriu irreprimivelmente ao vê-lo, sobrenatural à luz das tochas, mas intocado e tranquilo, nada diferente do que parecia em uma noite regular em casa. "Você não foi ferido?"

Silas acenou com a mão, descartando a pergunta por baixo dele. "Vejo que vocês dois não perderam tempo sendo jogados na prisão."

Inclinou-se para inspecionar a porta e, em seguida, tirou o chaveiro de seu guarda do bolso, segurando o ferro cuidadosamente dentro de um lenço amassado.

"O que é isso, mestre - a terceira vez que te tirei de uma cela?"

Nathaniel tossiu. "Pequenos mal-entendidos, nas duas ocasiões anteriores", assegurou Elisabeth.

Silas retirou uma das chaves do anel e a usou para destravar as algemas de Nathaniel. Enquanto Nathaniel trabalhava em Elisabeth, Silas selecionou uma segunda chave e a experimentou na porta. Ele falou suavemente, seus cílios sombreando seus olhos. "Pelo menos você está vestindo roupas desta vez, mestre."

“Eu quero que você saiba”, disse Nathaniel, “que isso foi um acidente, e o público certamente não se importou. Uma mulher até me enviou flores. Para Elisabeth, ele acrescentou: “Não se preocupe. Ela tinha quarenta anos e seu nome era Mildred.

Silas puxou a mão de volta quando a porta se abriu, soltando as chaves com um assobio. Uma mecha de vapor subiu de seus dedos. Ele se afastou, mas foi preso no meio do caminho por Elisabeth, que o

agarrou em um abraço, seguida por Nathaniel, que o abraçou do outro lado. Ele congelou, completamente rígido, suportando o carinho deles como um gato doméstico de raça pura sendo espremido por uma criança. Quando ele estremeceu, eles finalmente o libertaram.

"Nunca falaremos disso", ele avisou, tirando as mangas. Scrivener, se você me seguir, acredito que sua espada foi levada ao arsenal.

Ela pegou o chaveiro. Os três rastejaram pelas passagens da masmorra em fila indiana, retirando-se para as sombras sempre que uma tocha de patrulha se aproximava. Felizmente, Silas sabia exatamente para onde ir e, depois de alguns minutos, alcançaram uma porta com faixas de ferro, que Elisabeth conseguiu abrir com uma das chaves. Ela ofegou na sala do outro lado. A luz das tochas tremeluzia não apenas sobre espadas, mas também uma coleção eriçada de machados, lanças, bestas e até uma arma perfurante que ela provisoriamente identificou como uma estrela da manhã. Depois de recuperar o Demonslayer de um rack de armas, ela pegou um cinto e o apertou em volta da cintura.

Enquanto Nathaniel observava, divertida com seu entusiasmo, ela encheu suas bolsas cheias de rodadas de sal.

"E agora?" ele perguntou.

Elisabeth apertou em uma rodada final de sal. “Precisamos encontrar o cofre. Tudo o que precisamos fazer é impedir que quem veio aqui entre.

Silas, você passou no seu caminho para a masmorra?

Silas passeava pelos corredores, as mãos cruzadas atrás das costas, olhando para as armas com uma expressão ilegível. Ele parou em frente a um dispositivo antigo, de aparência cruel, pendurado no teto, que lembrava uma gaiola gigante cheia de espinhos enferrujados. O

coração de Elisabeth pulou uma batida, seus olhos disparando dos espinhos até os pulsos.

“Não”, ele disse, virando as costas, “mas posso sentir as emanações psíquicas dos grimórios. Eu vou te levar lá."

Ele não mostrou sinais de que o dispositivo fosse da mesma variedade que Ashcroft usara para prendê-lo. Ela lançou à sala outro olhar quando eles saíram, vendo as prateleiras de armas novamente. Para Silas, este lugar era uma câmara de tortura.

Quando voltaram à passagem, o chão tremeu com a força de um uivo familiar.

"Devemos estar perto do Malefict", disse Nathaniel.

Silas inclinou a cabeça. "Não há outra possibilidade. Todas as rotas para o cofre viajam por este salão.

Cautelosamente, eles deram a volta na esquina. No final, a passagem se abriu em uma caverna, um espaço tão grande que seu teto desapareceu em uma névoa de fumaça e sombra. Estalactites pendiam como dentes da escuridão sem fim acima. Abaixo deles, iluminados por fogueiras em braseiros carbonizados e fumegantes, uma espécie de arena foi escavada na pedra. As botas bateram suavemente na passarela de metal que a circundava, delimitada por grades. Uma escada - uma de várias - desceu ao chão coberto de serragem bem abaixo, marcado por arranhões e sulcos, como os feitos por um animal inquieto e passeado.

Ou um monstro.

Enquanto eles observavam, o Malefict apareceu à vista. Era do tamanho de uma casa pequena, de construção poderosa mas grosseira, com a forma de urso sem orelhas, nariz e até olhos, o couro do focinho cruzado com costuras mal costuradas. Uma corrente pesada se arrastava atrás dela, cada elo grande o suficiente para puxar um boi; anexado a um sistema de engrenagens e polias fixadas na parede da caverna. Ele balançou a cabeça para frente e para trás, desorientado pela dor do colar de ferro em volta do pescoço. A tinta

chorava das feridas abertas, brilhando nos ombros, e velhas cicatrizes marcavam sua pele com capa de couro. Nathaniel olhou para ele com uma expressão perturbada. Sentindo um nó no estômago, Elisabeth lembrou a explicação do diretor no andar de cima.

"Isso está errado", disse ela. "Não é um manequim de prática, ser espancado com armas enquanto sofre em correntes."

Silas parou ao lado dela, seu rosto impassível. "Você não acredita que seja uma criatura maligna, Srta.

Scrivener?"

A mão dela apertou o punho de Demonslayer. Ela estava começando a entender que o mal não era um conceito tão simples como ela imaginara. Talvez não fosse errado os Malefictos quererem machucar os humanos - os humanos que os criaram, os aprisionaram, os atormentaram com sal e ferro - e, finalmente, os consignaram às suas formas distorcidas.

"Nada disso é culpa", disse ela finalmente. "Não escolheu ser um monstro." Se Silas tinha uma opinião sobre o assunto, ele não a ofereceu. Nathaniel disse, apontando: “Olha. Aí está o cofre.

No lado oposto da arena, no térreo, havia uma portcullis recuada na pedra. Qualquer um que descesse e tentasse alcançá-lo seria abatido pelo Malefict. A menos que eles conseguissem tirar o monstro de sua miséria primeiro.

Impulsivamente, ela chamou Demonslayer e começou a subir a escada.

Nathaniel agarrou seu braço. Antes que ela pudesse objetar, ele a girou e a prendeu contra a pedra. Seus pensamentos levaram um momento para recuperar o atraso. Nathaniel estava rígido com a tensão, seu corpo esticado como uma corda de arco, mas ele não tinha sido tomado por um desejo repentino e apaixonado de beijá-la contra uma parede de masmorra. Em vez disso, ele estava usando seu casaco escuro para proteger os dois da vista.

Eles não estavam sozinhos. A princípio, ouviu apenas os bufos e grunhidos do Malefict. Mas então os passos sacudiram a passarela nas proximidades. Pelo canto do olho, ela observou o diretor Hyde entrar no caminho pela passagem que eles haviam deixado para trás. Ela prendeu a respiração até que ele se virou, fazendo uma careta, na direção oposta, seu olhar desconfiado falhando em detectar o esconderijo a poucos metros de distância. Eles cederam de alívio quando ele partiu, sem suspeitar.

O sentimento durou pouco. Hyde deve estar em patrulha, descendo para inspecionar o cofre. Não importa o que ele dissesse em seu escritório, ele era um homem muito vigilante para ouvir um aviso como o deles e ignorá-lo completamente. No entanto, ao descer aqui, ele estava se colocando, e suas chaves, exatamente onde Ashcroft precisava delas.

Um guincho metálico ensurdecedor ecoou pela caverna. Hyde usara a chave do diretor para ativar a polia. As engrenagens agitaram, puxando o elo da corrente por um elo

pesado. O Malefict berrou, esforçando-se contra a gola, um esforço fútil; por mais que se esforçasse, as máquinas o arrastavam inexoravelmente através da serragem. Quando o guincho parou, a corrente estava tão apertada que a extremidade dianteira do Malefict pendia do chão. Ele balançava ali

como um touro esperando para ser abatido, de cabeça baixa, pingando tinta de feridas reabertas.

Hyde desceu a escada mais próxima e partiu pela arena sem sequer olhar para trás.

Ele destrancou a porta, entrou e fechou-a atrás de si.

As máquinas voltaram à vida. Lentamente, a polia começou a baixar o Malefict no chão. Com um sobressalto, Elisabeth percebeu que eles tinham apenas alguns momentos para atravessar a arena.

"Temos que seguir Hyde", disse ela, começando pela escada. "Onde está Silas?" Nathaniel acenou com a cabeça para cima. Elisabeth seguiu o olhar dele, e desejou que não tivesse. Silas havia escapado da atenção de Hyde subindo direto pela parede da caverna, e agora ele se agarrava ali como uma aranha, olhando para eles com olhos amarelos desumanos.

"Ele vai recuperar o atraso", disse Nathaniel. "Vamos lá."

Segundos depois, as botas de Elisabeth atingiram a serragem. Quando Nathaniel pousou ao lado dela, o Malefict virou seu rosto chorando e costurado na direção deles. A roda da polia gemeu quando o monstro avançou, esticando a corrente até o limite, fungando cegamente no ar.

Nathaniel deu uma nova crítica às máquinas antigas. Ele agarrou o pulso de Elisabeth, acelerando-os para a frente.

Eles estavam no meio da arena, correndo lado a lado, quando houve um estrondo ensurdecedor e estridente que sacudiu a caverna, e um objeto passou por eles em um borrifo de serragem: a roda da polia.

Não havia tempo para reagir. Eles só podiam correr. Elisabeth sentiu através do chaveiro, selecionando a maior tecla por toque. Essa deve ser a chave restrita aos guardas. O problema era que ela não sabia ao certo se isso abriria essa porta. Dependendo da proximidade com o cofre, ele pode responder apenas à chave pessoal do diretor. E se fosse

esse o caso, não haveria tempo para virar e tomar uma posição; o Malefict estaria sobre eles, e os esmagaria em um instante.

Os portcullis se aproximavam cada vez mais. A sombra do Malefict se estendia sobre eles, a terra tremendo com seus passos delimitadores.

Ela levantou a chave. Sua mão permaneceu firme quando ela a inseriu na fechadura, mas o Malefict era muito rápido. Sua sombra os mergulhou na escuridão.

E desapareceu, a luz avermelhada dos braseiros voltando. Surpresa, ela olhou por cima do ombro. O Malefict estava esparramado no chão a uma certa distância, insensível, e Silas ficou interposto entre eles, uma mão levantada na atitude de um tapa concluído no rosto. A tinta escorria de suas garras.

Forçando a boca fechada, Elisabeth virou a chave. Um mecanismo bateu dentro da parede, e os dentes do portcullis levantaram do chão.

Silas não se mexeu. Nathaniel agarrou a parte de trás do casaco e o arrastou para a passagem.

Por um momento terrível, Elisabeth pensou que Silas havia sido ferido, mas então ela viu que ele estava apenas olhando para sua mão suja com nojo. Ela ofereceu a ele um canto do casaco. Sem comentar, ele usou para limpar suas garras.

De Hyde não havia sinal, nem sequer um vislumbre de sua tocha na escuridão profunda à frente.

Nathaniel conjurou uma chama verde na mão, iluminando uma escada que descia, seus passos brilhando com a umidade. Água pingava por perto, sem ser vista. Os olhos de Elisabeth se arregalaram com a inesperada beleza do túnel. A pedra era o preto puro da obsidiana, com veias brilhantes de minerais.

"Silas, você pode dizer se mais alguém está aqui conosco?" Ela manteve a voz baixa, mas se o diretor já era suficientemente duro para ouvir que ele não havia voltado atrás, ela duvidava que falar faria alguma diferença.

Silas terminou de inspecionar as unhas e olhou para a escada. "Esta montanha está cheia de pirita; Espero que a localização do cofre tenha sido escolhida por esse motivo. A presença de tanto ferro inibe meus sentidos. Receio não poder dizer com certeza.

"Se ajudar", disse Nathaniel, "não havia nenhum vestígio de magia na arena. Não acho que alguém tenha passado pelo Malefict antes de Hyde.

"A menos que Ashcroft conheça um caminho secreto para a biblioteca," Elisabeth apontou.

"Cornélio planejou isso desde o começo. Ele poderia ter construído um corredor escondido na montanha, algo que ele só conhecia.

"É possível que algo assim permaneça desconhecido por tanto tempo?"

"Acho que sim. Encontrei todo tipo de passagens secretas em Summershall, e os bibliotecários seniores não tinham idéia.

Eles ficaram em silêncio enquanto avançavam. Nathaniel apagou sua chama quando o brilho avermelhado da tocha de Hyde reapareceu à frente, descrevendo o pêlo pendurado sobre seus ombros.

Enquanto eles se esgueiravam atrás dele, seu passo decidido ecoou na pedra nua. Ele segurou a tocha alta em uma mão, a outra apertando a espada, sem parar para olhar para trás.

Elisabeth prendeu a respiração. A qualquer momento agora. . .

qualquer momento . . . Seu coração saltou para a garganta quando a luz da tocha caiu sobre uma irregularidade no chão: um par de botas saindo de um túnel adjacente. Olhando para a frente, Hyde não pareceu notar. Ele continuou andando.

Os três fizeram uma pausa, permitindo que Hyde desse alguns passos quando avistaram o diretor deitado no túnel. Uma mulher, ainda armada, esparramada frouxamente no chão. Sua tocha havia caído em uma poça e apagada. A luz fraca e instável tornava impossível dizer se ela ainda estava respirando.

"Ela vive", Silas sussurrou. “Não há feridos. Ela está apenas dormindo.

Eles se entreolharam. *O*

feitiço para dormir. **O ataque já havia começado. E, no entanto, Hyde estava quase no cofre, e eles não tinham visto sinal do atacante.**

A verdade a atingiu como um raio.

Elisabeth abandonou toda pretensão de discrição. "Pare ele!" ela chorou, correndo atrás de Hyde. "Pare-o de entrar no cofre!"

Muito tarde. As vigias no final da passagem bateram, separando Hyde do outro lado.



Ela derrapou até parar.

Ele se virou para encará-los através da grade. Um sorriso se espalhou por seu rosto, esticando grotescamente suas cicatrizes. A expressão parecia totalmente antinatural em seu rosto.

recursos, ainda havia algo familiar sobre isso da mesma forma. Era um sorriso que ela já vira muitas vezes antes: nos salões dourados da Ashcroft Manor, no salão do palácio, no pavilhão das rosas ao luar.

Pertencia não a Hyde, mas ao chanceler Ashcroft.

TRINTA E TRÊS

"EU Veja que você descobriu isso, Srta. Scrivener - disse Ashcroft, sua voz culta misteriosa nos lábios cicatrizados de Hyde. “Honestamente, estou surpreso que demorou tanto tempo.

Afinal, você conheceu o Livro dos Olhos.

O livro dos olhos.

Ao mesmo tempo, as peças que faltavam se encaixaram. Quando Elisabeth lutou contra o Malefict em Summershall, ela a provocou com a verdade sobre quem havia matado o diretor. A própria Irena havia descrito os feitiços que continha: magia que permitia aos feiticeiros alcançar a mente das pessoas, ler seus pensamentos e até controlá-los.

Como o Livro dos Olhos conhecia a identidade do sabotador? A resposta foi simples

- já o encontrara antes. Dado seu status, Ashcroft teria sido um dos raros poucos confiáveis para estudar um grimório tão perigoso.

Para executar seus planos, ele não precisou trabalhar com um cúmplice, ou mesmo deixar o conforto de sua mansão.

"Você está possuindo os diretores", disse ela entorpecida. "Você os forçou a realizar a sabotagem com as próprias mãos."

"Desculpe perdão?" Ashcroft se inclinou para mais perto das barras e franziu a testa, esfregando a orelha de Hyde.

“Sabe, mal consigo ouvir o que você está dizendo. Muito inconveniente, realmente. Mas não importa. Não precisarei usar esse corpo por muito tempo. Girando o chaveiro alegremente em seu dedo, ele se virou e caminhou mais fundo no cofre.

Sangue rugiu nos ouvidos de Elisabeth. Nada parecia real. Ela pegou o cofre como se estivesse sonhando: uma imensa caverna natural, as paredes brilhando com pirita. Estátuas de anjo imponentes vigiavam as

paredes, esculpidas em obsidiana, correntes de ferro derretido saindo de suas mãos em concha no chão abaixo. Um canal circular conduzia o metal líquido ao redor da circunferência da sala como um fosso.

Ashcroft passou o corpo de Hyde por uma estreita ponte de pedra negra, as bordas do casaco vacilando pela distorção do calor. Seus movimentos eram estranhamente desajeitados,

e uma vez que ele se virou de lado, mal recuperando o equilíbrio antes de cair sobre a borda.

"Hyde ainda está lá", Elisabeth percebeu em choque. "Ele está lutando pelo controle." E então ela pensou: *Foi o que aconteceu com Irena.*

Sem aviso, uma explosão de fogo esmeralda passou por ela, chamuscando as pontas das orelhas. Ela afunilou através da grade e girou atrás de Ashcroft como um ciclone. Mas quando se aproximou dele, fracassou em uma chuva de faíscas verdes.

Nathaniel deixou cair o braço e xingou. "Muito ferro."

Movendo-se em ataques e empurrões terríveis, Ashcroft jogou uma brasa residual do pêlo de Hyde.

"Eu sei o que você está pensando, Srta. Scrivener", disse ele sem se virar. Ele conseguiu atravessar a ponte. - Você está se perguntando como foi para a querida e bela Irena quando entrei em sua mente e a forcei a trair tudo o que amava. Pobre mulher - ela nunca suspeitou de nada. Lancei o feitiço sobre ela anos atrás na sala de leitura em Summershall. Quando você é o Chanceler da Magia, não há problema em organizar uma reunião privada com um diretor. Minha magia viveu dentro dela por quase uma década, esperando que eu a ativasse.

Elisabeth respirou fundo. Como se tivesse acontecido ontem, ela lembrou o cheiro sufocante da combustão etérea que se agarrava à poltrona da sala de leitura: o resíduo permanente de algum feitiço velho e poderoso. Distante, ela estava ciente de Nathaniel apoiando-a.

Irena também lutou, é claro. Ela tinha força de vontade, assim como você. Ela esteve comigo o tempo todo, até o cofre, até o momento em que o Livro dos Olhos a atingiu.

Um som escapou de Elisabeth, algo entre um grito e um soluço.

Ashcroft não estava prestando atenção. Ele quase alcançou o meio da sala.

Um trio de enormes colunas de obsidiana dominava o centro da abóbada, estendendo-se ininterruptamente até o teto. Uma chave cruzada e pena foram esculpidas no chão entre eles. Ashcroft pisou no símbolo quando ele se aproximou, erguendo a tocha de Hyde.

"Magnífico, não é?"

No começo, ela não tinha certeza do que ele estava se referindo. Então a luz inundou a coluna mais próxima.

Os vapores giravam dentro da pedra translúcida, exibindo uma forma pendurada em correntes. Como se estivesse agitado pela proximidade de Hyde, a névoa

começou a ferver e relâmpagos brilhavam em suas profundezas. Cada tremulação iluminava a capa de um grimório, encadernada em escamas pretas brilhantes com bordas prateadas. A cobertura inflou e esvaziou constantemente, como se o grimório estivesse respirando.

As colunas não foram feitas para sustentar o teto. Em vez disso, eles continham a Classe Dez.

"O Librum Draconum", disse Ashcroft, um toque de verdadeira reverência suavizando sua voz. “Criado usando a pele de um Lindwurm - o último dragão de Austermeer, caçado até a extinção no século XIV. Os feitiços no interior podem convocar tempestades cataclísmicas

e terremotos, invocar desastres naturais em uma escala que altera o mundo. .... ”

Ele foi para a próxima coluna, aproximando a tocha. Ele soltou um suspiro melancólico. Dentro das correntes pendia - nada. Não ..... havia

algo ali, reflexivo e instável, semelhante a um espelho, sua superfície fluindo como água. Tentar se concentrar nisso fez a cabeça de Elisabeth doer.

- Os Oraculis - Ashcroft murmurou. “Origem desconhecida. Seus feitiços permitem ver o futuro, como sugerem as teorias, mas todos que o leram tiraram a própria vida imediatamente. Uma vergonha. Eu teria gostado muito de estudá-lo.

Ele se aproximou do terceiro caso. Através da obsidiana translúcida, a tocha revelou a pele lisa e pulsante de um coração palpitante. Agarrou-se à capa do grimório como um crescimento hediondo, as veias enroladas ao redor do couro, selando as páginas. As veias incharam ritmicamente, como se estivessem bombeando sangue - mas o brilho verde que as animava era pura feitiçaria, a magia da Casa Thorn.

Necromancia, mantendo vivo o coração morto há muito tempo.

Ah. As Crônicas dos Mortos. Ashcroft bateu no estojo e sorriu pensativo quando o coração bateu em resposta. “Aqueles que tentam abri-lo instantaneamente sucumbem à sua magia. Exceto por você, Nathaniel. Este livro é seu. Isso chama você, sem dúvida. Como você gostaria de conhecer o trabalho de seu antepassado? ”

"Não", Nathaniel resmungou. Ele agarrou as barras, seus dedos sangraram em branco. Os sentidos de Elisabeth voltaram à tona com uma onda de fúria. "Não vai funcionar!" ela gritou através dos portcullis. “Você não será capaz de controlar o Arconte! Isso vai destruir o mundo. Quando você o convocar, você será o primeiro a morrer!

Ashcroft fez uma pausa, olhando para eles, uma mão em concha atrás da orelha. "Confesso que nunca fui bom em ler lábios", ele disse finalmente. Ele deu uma risada triste.

“Você está me pedindo para parar, não é? Ah, Srta. Scrivener, você não entende. Você não pode entender. Esse é o propósito que meu pai e seu pai me deram, que remonta a trezentos anos. Eu sou parte de algo

muito maior que eu. Ele inclinou a cabeça para trás, olhando para a coluna.

“Com o poder do arconte à minha disposição, a humanidade será transformada. Chega de doenças, pobreza ou guerra. Será uma maravilha - uma era gloriosa em que tudo é possível e todo sonho tornado realidade. ..... ”

Ele parou. Emoção brilhava em seus olhos. Mesmo usando a forma de Hyde, algo da luz natural e magnetismo de Ashcroft brilhava.

Ele realmente acredita no que está dizendo, **Elisabeth pensou horrorizada. Em seu coração, ele se via não como o vilão, mas como o herói.**

Ashcroft pigarreou. "Vamos ver." Ele andou em círculo, inspecionando o sigilo do Collegium no chão. “Cornelius enfrentou um problema com a construção desta biblioteca. Como libertar um grimório de um cofre cheio de ferro, a centenas de metros abaixo de uma montanha?

Felizmente, a própria tecnologia do Collegium forneceu a solução. ”

Ele se moveu para tirar a espada de Hyde da bainha e parou abruptamente. A mão de Hyde se apertava ao redor do punho, músculos inchados de resistência. Seu rosto ficou roxo quando as duas mentes lutaram pelo controle. A esperança encheu o peito de Elisabeth como uma respiração no meio do afogamento.

"O ferro deve estar enfraquecendo o feitiço de Ashcroft." Ela se virou para Nathaniel, que era branco como um lençol, olhando as Crônicas.

Ela não achava que ele a ouviria se ela falasse com ele. Em vez disso, ela perguntou a Silas: "Existe alguma maneira de você entrar?"

Silas parou vários passos atrás, um fantasma na escuridão da passagem. Ele deu um passo à frente, alcançando o portão. O alarme clamou através dela, mas sua mão impediu que um fio de cabelo tocasse as grossas faixas de ferro reforçado.

"Eu não tenho medo", disse ele. “Este portão foi projetado para impedir a entrada de seres como eu. Mesmo se eu pudesse, não estaria com toda a força dentro do cofre.

Não é de admirar que Silas estivesse se atrasando. No brilho infernal vermelho do ferro fundido, ele parecia desbotado, quase doente.

Um anel de metal contra pedra chamou sua atenção de volta para Ashcroft. Ele havia conseguido libertar a espada de Hyde, mas, ao fazê-

lo, avançou, quase soltando a arma. Enquanto ela observava consternada, ele arrastou a lâmina, raspando, até ficar verticalmente acima do sigilo do Collegium, seu peso pesando sobre ela. E então, como uma chave encaixada em uma fechadura, a ponta da espada deslizou dentro de um mecanismo oculto no sigilo. Suando e tremendo de esforço, Ashcroft torceu para a direita.

Por um momento, nada aconteceu. Então um barulho ecoou pela caverna. O chão tremia, as engrenagens se agitavam invisíveis quando as máquinas da Grande Biblioteca despertavam. Uma rachadura irregular atravessou o teto. Do outro lado do cofre, um dos anjos gigantes de obsidiana começou a se virar, não por feitiçaria, mas pela vontade das engrenagens, com o rosto imóvel e sereno. O fluxo de ferro derretido em cascata de suas mãos diminuiu para um gotejamento.

Inclinado para o lado, criou um bloqueio no canal, e o fosso foi drenando lentamente a seus pés.

No lugar onde o anjo estivera, uma passagem agora bocejava. Mas Elisabeth só tinha olhos

para o teto, onde a rachadura serpenteava através da caverna e dividia a rocha acima das portas.

Quando ela agarrou as barras e as sacudiu, sentiu um leve aperto.

Ashcroft estava curvado agora, o rosto de Hyde se contorcendo grotescamente. Ele cambaleou para o pilar das Crônicas e se segurou contra ele com uma mão que se fechava repetidamente em punho.

Usando a outra mão, ele levantou instável a chave do diretor em direção a um espaço na coluna.



Ainda havia tempo. Ashcroft errou uma vez, duas vezes, a chave que olhava da pedra. Elisabeth se jogou contra o portcullis. O metal gemeu ao empurrar para fora uma polegada de um lado, a grade flexionando contra seu ombro.

Com os lábios afastados dos dentes, Ashcroft finalmente enfiou a chave no lugar. Quando ele girou, um painel se abriu. Uma névoa de cor verde escorria, derramando, lambendo as botas de Hyde.

Thump-thump. Thump-thump. Thump-thump. **As convulsões dos mortos, o coração antigo encheu a caverna, batendo dentro dos ossos de Elisabeth. O fedor quase a deixou de joelhos. Era como estar na entrada de uma cripta, respirando podridão, pedra e magia antiga, o cheiro de caveiras rastejando com besouros, de musgo salpicando túmulos desintegrados.**

Os portcullis gritaram quando ela enfiou o ombro na abertura, usando a parede da passagem como alavanca. Mas ela era tarde demais.

Tarde demais para parar Ashcroft quando ele chegou lá dentro, e mergulhou os dedos no coração palpitante.

TRINTA E QUATRO

T As veias do coração pulsavam com luz esmeralda. Eles começaram a se espalhar, a crescer, enroscando-se como raízes ao longo das correntes, enviando gavinhas ramificadas para fora. Os pensamentos paralisados de Elisabeth se fixaram na ilustração de um sistema nervoso que ela lembrava de um dos textos anatômicos de Mestre Hargrove. The Chronicles estava se tornando um Malefict, começando com seu coração.

Em segundos, a forma em expansão do Malefict lotou o interior da coluna. Dedos com garras se curvaram sobre o lábio da abertura, os tendões expostos pingando tinta. Lembrou-se das sombras daquelas garras que se estendiam pela Biblioteca Real, alcançando os guardas enquanto giravam sua gaiola pelo corredor.

Ashcroft recuou, segurando a mão no peito. De olhos arregalados, ele mergulhou para a espada descartada ao lado do sigilo. Não mais por Ashcroft - Hyde. Ashcroft terminou seu trabalho e desistiu de segurar o corpo, deixando Hyde à mercê das Crônicas dos Mortos, assim como ele deve ter feito a Irena depois de lançar o Livro dos Olhos.

A mão do Malefict disparou. O metal sacudiu quando parou a poucos centímetros de Hyde, atingindo os limites da corrente enrolada em seu pulso. Os elos se deformaram sob a tensão enquanto as garras se estendiam mais perto, agarrando-o.

A determinação endureceu o rosto de Hyde. Ele ergueu a espada. "Não no meu relógio", ele rosnou.

"Não enquanto eu ainda vivo, abominação."

"Então morra" **o Malefict sussurrou, numa voz como o vento correndo de um sepulcro. Uma das garras se endireitou e tocou a bochecha de Hyde.**

O rosto de Hyde se esvaziou. A luz verde fluiu pelas veias de seu pescoço, ondulou em sua bochecha e viajou pela garra de Malefict. Ele piscou uma vez. Então ele caiu morto, atingindo o chão como um cadáver empalidecido e murcho. Seu corpo explodiu em pó com o impacto, como se estivesse há séculos secando em um mausoléu.

A mão do Malefict estremeceu quando a vida roubada pulsou em seu pulso. Rachaduras espiralaram ao redor da coluna. Esse foi o único aviso antes que o pilar estourasse, enviando pedaços de obsidiana voando.

Uma forma alta e magra se desenrolou dos destroços, obscurecida por redemoinhos de poeira. Correntes quebradas pendiam de seus pulsos, e um par de chifres coroava sua testa.

Elisabeth já tinha visto aquela forma antes, durante a noite que passara com Nathaniel no Blackwald. O coração do grimório - Baltasar o havia arrancado de um dos musgos. Um doador da vida, transformado em um tomador dela; ela não conseguia imaginar nada mais profano.

Como se sentisse seus pensamentos, a cabeça do Malefict se virou. Seus olhos verdes queimavam através da poeira. Ele olhou para eles por um longo momento, perfeitamente imóvel. Embora não fosse muito mais alta que o Livro dos Olhos, sua presença exalava uma malevolência antiga e purulenta que enviava terror lavando sua pele em ondas geladas. Seus instintos gritaram para ela alcançar Demonslayer, mas ela não podia se mover.

Depois de mais alguns segundos, o monstro pareceu perder o interesse.

Virou-se e seguiu para a passagem, atravessando a seção seca do canal antes de desaparecer na escuridão além.

O chaveiro tocou no bolso de Elisabeth. Ela tremia como se tivesse passado uma noite ao ar livre no meio do inverno. Mesmo assim, ela esfregou as palmas das mãos no casaco e

redobrou os esforços para abrir as portas. Se o Malefict fosse autorizado a escapar, inúmeras pessoas morreriam.

Depois do que acabara de ver, não tinha certeza se os guardas poderiam impedir. E se seguisse a estrada de tinta até Brassbridge, sugando a vida de cidades inteiras, deixando apenas poeira para trás?

Pelo canto do olho, ela viu Nathaniel olhando para o Malefict.

"Nathaniel", ela rangeu entre os dentes. "Ajude-me."

Ele não desviou o olhar da passagem. "Você não ouviu isso?" ele perguntou. Sua voz soou estranha, quase sonhadora. Ela fez uma pausa, observando a expressão dele. Ele parecia muito mais calmo agora do que um momento antes. Mas seus olhos estavam brilhantes, como estavam no láudano. Até o brilho avermelhado do cofre falhou em mascarar sua palidez.

"A voz", ele continuou. "Estava falando. . . queria. . . você não ouviu o que disse?

Um calafrio percorreu a espinha de Elisabeth. Ela olhou para Silas, que sacudiu levemente a cabeça - ele também não ouvira nada.

Cuidadosamente, ele colocou a mão no braço de Nathaniel. "Mestre", ele disse.

A testa de Nathaniel franziu. Ele passou a mão pelos cabelos.

"Desculpe", disse ele, parecendo muito mais com ele mesmo. Não sei o que aconteceu comigo. É claro que ficaria feliz em acompanhá-lo em um ato de heroísmo que põe em risco a vida, Scrivener. Você deve apenas dizer a palavra.

Nathaniel apoiou as mãos contra as barras, e eles empurraram juntos.

Com um último gemido agonizante, a porta dobrou-se o suficiente para que se espremessem de lado. Silas saltou atrás deles na forma de um gato, equilibrando-se no ombro de Nathaniel. Seu rabo chicoteava quando atravessavam a ponte, o calor do canal ainda fumegante soprava sobre eles como uma forja.

Elisabeth se forçou a não olhar para baixo quando passavam o uniforme vazio de Hyde, ou a desviar o olhar para os outros grimórios

de classe dez, despertados de seu estupor pela fuga das Crônicas. Um relâmpago estalou através do pilar do Librum Draconum, e uma música fraca emanou dos Oraculis, como sinos soprando em uma brisa distante.

Ela alcançou a passagem primeiro e parou. O fedor de podridão e pedra do Malefict pairava sobre a entrada.

Todas as fibras de seu corpo se rebelaram com o pensamento de entrar, mas ela apertou a

mandíbula, puxou o Demonslayer e seguiu em frente.

Um momento depois, uma chama verde acendeu na mão de Nathaniel, iluminando o brilho do suor em sua testa. Ele lhe lançou um sorriso enquanto corria ao lado dela, mas ela sabia que era apenas uma frente.

Ele tinha que estar ainda mais assustado do que ela. Ele estava prestes a enfrentar as coisas de seus pesadelos. Mas do jeito que ele parecia um minuto atrás, quase pacífico. . .

Inquietação tomou conta dela. "O que você ouviu as Crônicas dizerem?" ela perguntou. Ele olhou para ela rapidamente e depois se afastou, fixando o olhar à frente. "Acho que devo ter imaginado isso."

Ele riu sem convencer, depois forçou a saída: - Ele queria que viéssemos. Junte-se a ele. Mas isso não faz sentido. Por que diabos isso iria querer? ”

Elisabeth hesitou. As Crônicas haviam falado com Nathaniel sozinho.

Ela duvidava que o convite tivesse sido feito para todos eles. "Se falar com você novamente"

ela disse: “me prometa que não vai ouvir. Que você fará tudo o que puder para bloqueá-lo.

A garganta de Nathaniel balançou quando ele engoliu. "Eu vou", disse ele.

Sombriamente, ela esperava que isso fosse suficiente.

O Malefict não estava esperando por eles; isso foi adiante. Quando o túnel subiu, a primeira coisa que ouviu foi o sino de advertência da

Grande Biblioteca tocando tristemente através da pedra, um som que derramou coragem em suas veias como fogo. Se os guardas tivessem se reunido a tempo, ainda restava esperança.

A passagem terminava em um lance íngreme de escadas. No topo, parecia que o Malefict havia atravessado a terra restante pela força, criando uma abertura quebrada cheia de um círculo do céu noturno.

Enquanto escalavam as lajes em erupção, emergiram no caos de uma batalha.

O frio atingiu Elisabeth como um tapa no rosto. Canhões explodiram, flashes vermelhos iluminando o pátio coberto de sal da Grande Biblioteca. Um cheiro de pólvora encheu o ar. Os guardas passaram, muito comprometidos para poupar ela e Nathaniel um olhar. Entre cada tiro de canhão, gritos ecoavam nos ouvidos de Elisabeth. À frente, uma parte do muro havia sido violada, suas máquinas uma ruína fumegante. Enquanto ela olhava ao redor, tentando se orientar, um diretor cambaleou de volta através da brecha, o cinza rastejando por suas feições como geada. Quando quase alcançou as portas da biblioteca, caiu no pó.

A próxima barragem de canhões iluminava uma figura erguida acima da muralha, os dentes de seus chifres se estendendo em direção à lua.

Com uma barra lateral, os chifres pegaram um canhão, jogando-o de lado em um spray de alvenaria.

Elisabeth deu um passo vacilante para trás. Não parecia possível, mas -

"Ficou enorme", ela gritou sobre o barulho.

"Está tirando força de cada vida que leva", Nathaniel gritou de volta.

"Ele só continuará a crescer maior e mais poderoso."

Ela se virou para ele, o vento emaranhando os cabelos em volta do rosto. "Temos que parar com isso."

Os olhos cinzentos de Nathaniel permaneceram nos dela. Então ele assentiu. Ele abaixou a cabeça, movendo os lábios. Nuvens varreram a

lua e envolveram as estrelas. Por um momento, o vento parou completamente. Uma calma estranha desceu sobre o pátio quando os canhões cessaram de disparar, incapazes de localizar seu alvo no escuro. Até o toque da campainha soou abafado. No silêncio repentino, o encantamento de Nathaniel pareceu ficar mais alto, as sílabas Enochianas ecoando pelas paredes.

"É o feiticeiro", gritou um diretor. "Ali está ele!"

Elisabeth tinha medo disso. Sem nenhuma evidência do envolvimento de Ashcroft, Nathaniel parecia ser o responsável pela fuga das Crônicas. Quando os guardas dispararam na direção deles, ela entrou na frente dele, Matadora de Demônios a postos. Silas saltou de seu ombro, humano novamente antes de atingir o chão.

Matador de demônios colidiu contra a espada do diretor mais próximo, a vibração estremecendo em seu braço.

Ele tinha a vantagem da habilidade, mas ela era mais alta e mais forte.

Aparando imprudentemente, ela conseguiu bloquear os ataques dele até que as lâminas travassem.

"Ele não é o sabotador!" ela gritou sobre suas armas cruzadas. O

diretor não ouviu. Veias se destacaram em seu rosto quando ele a empurrou, sua espada gritando perigosamente ao longo da borda de Demonslayer. Seu estômago revirou quando ela percebeu que poderia ter que começar a lutar com ele a sério - talvez até arriscasse matá-lo.

Ela não conseguiu segurá-lo por muito mais tempo sem que um deles se machucasse.

Nas proximidades, Silas ordenadamente contornou o balanço de outro diretor, aparecendo atrás dele na mesma respiração. Ele agarrou o pulso do homem e torceu. Houve um estalo doentio, e o diretor gritou e largou a espada. Antes que a arma caísse, Silas já havia se mudado para o próximo atacante em um borrão de movimento. Um por um, os guardas caíram como peças de xadrez em torno de Nathaniel, deixando gemidos e embalando seus membros quebrados.

O vento cortou o pátio. Nathaniel levantou a cabeça, o cabelo selvagem, os olhos arregalados com um brilho esmeralda. O fogo dançou ao longo das pontas dos dedos. Ele parecia um demônio. Com os dentes à mostra, ele pronunciou as sílabas finais do encantamento.

Elisabeth engasgou quando se levantou do chão, os dedos das botas roçando sem peso as lajes. A eletricidade estalou no ar, estalando sobre suas roupas e colocando os cabelos em pé. A energia se construiu e construiu até que ela pensou que seus tímpanos estourariam - apenas para liberar-se rapidamente, pulsando através de seu corpo, acompanhada por um trovão que parecia que o céu mergulhou para bater contra a terra. A gravidade a puxou de volta ao chão quando um raio brilhou no lado oposto da parede. Ele acertou uma, duas, três vezes e continuou, cada explosão cegante e crepitante se contorcendo entre os chifres do Malefict e percorrendo seu corpo em rios de luz verde.

Quando os raios finalmente cessaram, sua visão estava cheia de fumaça e borrou imagens roxas para ver o que havia acontecido. Mas ela conseguiu arriscar um palpite quando um tremor correu pelo pátio, como se algo pesado tivesse caído, e uma alegria subiu das muralhas.

Com um grande empurrão, Elisabeth afastou o diretor. Ele tropeçou, parecendo incerto. Mais guardas chegaram ao local, mas eles se afastaram, encarando Nathaniel.

Seu peito arfava. Faíscas cintilaram sobre seu corpo; raios em miniatura estalavam entre as pontas dos dedos e as lajes. Como se isso não bastasse, ele estava sorrindo.

Um dos guardas começou a avançar.

"Stand down", disse uma voz de cima. Uma mulher atarracada, com os cabelos fechados, estava em uma das escadas que ziguezagueavam pelo lado interno da muralha, observando-as. Ela pulou o parapeito e aterrissou ao lado de Elisabeth. “A batalha ainda não acabou”, disse ela em tom de autoridade, “e esses dois não são nossos inimigos.

Aqueles de vocês que ainda podem andar, limpam uma posição para o feiticeiro na muralha. Ele é um magister. Nós precisamos dele. Quando nenhum dos guardas reagiu, ela gritou: "Mexa-se!"

Antes que Elisabeth pudesse responder, ela se viu apressada ao lado de Nathaniel em direção à escada. O diretor encarregado os observou com desconfiança. “É melhor você não me fazer lamentar isso. Algum de vocês viu o diretor?

"O Malefict o matou", disse Elisabeth com voz rouca.

Ela parecia sombria, mas não surpresa. "Suponho que isso significa que sou o diretor agora." Ela fez uma pausa, olhando para Silas antes que seus olhos voassem para Nathaniel. "Esse é o seu demônio, eu aceito?"

"Ah", disse Nathaniel, sacudindo algumas últimas faíscas da ponta dos dedos. Deliberadamente, ele evitou olhar para os guardas feridos ainda rolando no pátio, segurando as pernas quebradas. "Receio que sim, diretor."

O diretor - o novo diretor - estava franzindo a testa. Elisabeth se preparou para um desastre. Mas tudo o que ela disse foi: "Ele é um pouco pequeno" e voltou à frente.

Suas botas batiam na grade de metal. Quando chegaram ao topo, fumaça subiu sobre eles em nuvens rançosas. Em meio à neblina, os guardas que trabalhavam sobre os canhões eram pouco mais que manchas escuras captadas pelo brilho das tochas. Elisabeth correu para as ameias e olhou para baixo.

Uma massa fumegante jazia amassada na base do muro, cercada por barricadas caídas, cujos espinhos penteavam a fumaça enquanto ela se espalhava pelo vento. Mas o Malefict caído não estava se desintegrando em cinzas.

"Não está morto", ela gritou de volta.

"Eu ficaria muito grato se você pudesse morrer, Magister", disse o diretor. "O mais rápido possível, pelo bem de todos nós."

Cobertos de fumaça, Nathaniel e Elisabeth trocaram um olhar. Ela sabia a verdade: não havia como conter um monstro tão perigoso.

Ashcroft não tinha lhes dado uma escolha. Ela imaginou as Crônicas se soltando e invadindo Brassbridge, esmagando torres com suas garras, deixando um rastro de mortos e morrendo em seu rastro. Como isso se compara a uma invasão de demônios?

Quantas baixas, quanta destruição? Ela não sabia. Era como se ela estivesse atrás de uma balança, com os olhos vendados, e era sua responsabilidade pesar um desastre contra outro, escolher a maneira pela qual o mundo terminaria. Enquanto ela e Nathaniel se entreolharam, o destino de milhares pairou no ar entre eles, e não havia tempo para falar ou mesmo pensar -

apenas para agir.

"Sim", ela disse, cada palavra uma agonia. "Faça."

"Duvido que mais raios funcionem", disse Nathaniel, voltando-se para o diretor. “Vou ter que tentar outra coisa. Me dê um momento." Ele fechou os olhos.

A mão livre de Elisabeth apertou quando ela deu um passo atrás ao lado de Silas. Ele estava olhando para a muralha, sem expressão, o vento agitando seus cabelos, que começavam a se soltar de sua fita. Ela agarrou uma última esperança. "Não há nada que

você possa fazer?"

Ela perguntou a ele.

"Eu não sou capaz de milagres, Srta. Scrivener." Seus lábios mal se moveram, como se ele estivesse realmente esculpido em alabastro. “Eu não posso lutar contra a criatura; é a criação do meu antigo mestre. As ordens de Baltasar me proíbem, mesmo séculos após sua morte.

Ela hesitou quando uma ideia lhe ocorreu. A afirmação de Silas não era inteiramente verdadeira. Se ela o libertasse de seus laços, ele não seria mais limitado pelas ordens de Baltasar

- por qualquer coisa. Ele poderia impedir que isso acontecesse. Ele teria o poder de salvar todos eles.

"Mas eu não faria", ele murmurou. "Você sabe que eu não faria." O

tom dele a deteve. "Sinto muito", disse ela, embora não tivesse certeza do que sentia exatamente, pelo pensamento que tinha tido ou pela fome nos olhos de Silas.

Ele inclinou a cabeça. Então, de repente, seus olhos se arregalaram.

"Abaixo", ele cuspiu. "Baixa!"

Foi a primeira vez que ela o ouviu levantar a voz. Tudo virou de lado quando ele a agarrou e Nathaniel e os jogou no chão. O Maléfico ergueu-se sobre o baluarte, fumaça saindo de sua boca e narinas

cortadas, olhos fulminando um verde sujo e necromântico. Silas os pressionou enquanto um braço colossal varria as ameias. O vento uivava sobre Elisabeth, golpeando seus sentidos, rasgando suas roupas.

Um horrível cinza sugador obscureceu sua consciência; ela sentiu como se sua vida fosse uma vela que se esgota sendo golpeada por um vendaval. Sua audição diminuiu e sua visão diminuiu. Houve uma erupção de chamas verdes antes que o mundo se separasse, quebrando como um caleidoscópio.

Fragmentos de som. Movimento. Uma voz. "Elisabeth." A voz pertencia a Nathaniel, tensa com emoções mal controladas. "Elisabeth, você pode me ouvir?"

O rosto dele pairava sobre ela, uma mancha pálida e embaçada no escuro. A fuligem marcava sua bochecha, e brasas verdes giravam pela noite atrás dele. Ele a estava segurando com um braço, o outro segurando a mão dela, apertando-a desesperadamente. A respiração dela ficou presa ao ver os dedos, murchados e lixiviados de cor. Mas enquanto ela observava, o toque do Malefict retrocedeu. A sensação voltou à mão dela em uma corrida de alfinetes e agulhas.

Nathaniel a ajudou a levantar quando ela se esforçou para ficar de pé.

Ao redor deles, devastação. Chamas esmeraldas lambiam as ameias e dançavam ao longo dos uniformes vazios espalhados pela muralha. Um canhão solitário explodiu e um grito ecoou em seus ouvidos - o Malefict.

Nas proximidades, o diretor latia ordens, tentando reunir os guardas restantes.

"Eu estou bem", disse Elisabeth, ajustando seu controle sobre Demonslayer. "Estou pronto." Nathaniel tinha um olhar peculiar no rosto. Ele olhou significativamente para Silas, depois deu um passo para trás. Um protesto subiu aos lábios dela antes mesmo de ele falar.

"Eu vou afastar isso-"

"Não."

"Eu tenho que. Sou a única pessoa que não é afetada por sua mágica.

"Espere", disse ela. Você não deveria. A voz - você pode não ser capaz

de resistir.

"Não se preocupe. Eu tenho uma ideia. Não há tempo para explicar, mas. . . ” Ele já estava virando, um chicote de fogo se desenrolando entre suas mãos, sua luz o transformando em uma silhueta alta e esbelta. A última coisa que viu foi uma pitada de sorriso. "Confie em mim."

À sua frente, o Malefict terminou de arranhar suas garras através de uma torre e girou, pedaços de alvenaria caindo sobre seus ombros.

Embora se parecesse com o espírito de musgo que eles tinham visto no Blackwald, a casca que formava sua pele estava escura e deteriorada, dividida em lugares para revelar um brilho verde interior. Nathaniel parecia incrivelmente pequeno caminhando em direção a ele, seu chicote um mero fio de luz.

Elisabeth não ia ficar parada assistindo. Ela enfiou o Matador de Demônios pelo cinto e correu em direção ao canhão mais próximo, seu operador anterior nada mais que um uniforme e uma pilha de poeira.

Varrendo os restos para o lado, ela subiu no assento do artilheiro.

O dispositivo estava muito longe dos canhões de estilo medieval que ela havia lido nos livros. Como o resto dos mecanismos da Grande Biblioteca, era um instrumento complexo cheio de engrenagens e pistões. Ela pegou uma roda e a puxou experimentalmente para a esquerda, seu frio metálico penetrando seus dedos. As máquinas voltaram à vida, sacudindo o assento com tanta violência que apenas o aperto no volante a impediu de ser arremessada. Com um gemido de protesto, o cano do canhão balançou vários metros à esquerda. Agora, para cima. Ela carregava em uma roda adjacente e o cano subiu. Tudo o que restava era uma alavanca ao lado de seu quadril. Isso tinha que ser o que disparou o

canhão.

O chicote de Nathaniel girou, preparando-se para atacar. Mas ele não seguiu adiante. Ele ficou parado, olhando para cima enquanto o Malefict se inclinava sobre ele. Seu coração pulou

uma batida, lembrando a expressão paralisada em seu rosto no cofre.

Mover, **ela insistiu.** *Luta.*

No silêncio, a floresta exalou um suspiro. O vento rodopiou sobre a muralha, fétido de decadência, como se emitido da boca de um cadáver.

Galhos dobrados. Ramos rangiam. E uma voz sussurrou, *"Espinho*

. . . ”

"Não dê ouvidos a isso!" Elisabeth gritou. Seu pulso palpitava contra a gola do casaco enquanto ela abria a alavanca.

Um som estridente veio de dentro, como elos de corrente puxando para cima. O cano estremeceu, sua boca brilhando em brasa. Então o canhão recuou, sacudindo os dentes e entorpecendo o braço até o cotovelo. De alguma forma, ela não soltou.

Houve um assobio fino e alto e depois um baque. Ela ficou de pé, segurando o volante para se equilibrar. A luz verde rugiu em torno de uma bola de metal embutida no peito do Malefict. Elisabeth sabia que a bala de canhão devia ser enorme, mas contra a estrutura colossal do monstro, ela não parecia maior que uma bola de gude.

O Malefict mal reagiu. Ela começou a se perguntar se aquilo tinha sido uma idéia tola. Então, a bala de canhão explodiu.

O Malefict gritou quando lascas de sua pele pareciam latir. Uma nuvem branca soprava ao redor da cratera deixada para trás. *sal.* **A bala de canhão era uma rodada de sal revestida de ferro.**

Bem abaixo, Nathaniel balançou a cabeça como se tentasse limpá-la de teias de aranha. Seus ombros ficaram tensos e ele varreu o chicote no ar, a chama chiando enquanto envolvia um dos pulsos do Malefict.

Empurrando o monstro desequilibrado, ele levantou a outra mão, que soltou uma explosão vulcânica de fogo verde. Jogado para trás, o Malefict se pegou apertando suas garras em uma ameia. Quando as

brasas ardentes caíram, considerou Nathaniel ao nível dos olhos, perto o suficiente para alcançá-lo e agarrá-lo.

"Eu conheço você," **sussurrou em seu lugar.** *"Filho da Casa Thorn, mestre da morte."*

"Não", Nathaniel resmungou, dando um passo para trás.

“Por que você esconde sua natureza? Negar a ligação no seu sangue?

O terror atravessou o peito de Elisabeth. "Nathaniel!" ela gritou. Ele não reagiu, nem pareceu ouvi-la.

"Entendo," **o Malefict disse.** *“Você deseja poupar a garota que ama. Mas você sabe a verdade da magia. O*

maior poder nasce apenas do sofrimento. ” **Ele se aproximou dele, sua boca com dentes de fuso escoando fumaça.** *"Junte-se a mim,"* **sussurrou.**

“Mestre da morte, torne-se a escuridão que o assombra. Mate a garota.

O braço de Nathaniel flutuou para o lado dele, o chicote estourando.

Lentamente, ele se virou. Elisabeth não reconheceu a expressão em seu rosto. Seu casaco estava rasgado e seus olhos estavam vermelhos.

Com a boca seca, ela girou as rodas, colocando o canhão em uma nova posição. Ela bateu a alavanca novamente. Enquanto Nathaniel caminhava em sua direção, chamas ondulavam sobre seus ombros e para baixo de seus braços como o desabrochar de uma estranha flor translúcida.

O canhão tossiu. Stone pulverizou vários metros em frente ao Malefict, uma falta. Ela não podia mirar diretamente em sua cabeça sem arriscar bater em Nathaniel.

Flashes verdes acenderam a muralha. O céu acima deles agitava, uma massa violenta e agitada de nuvens de tempestade. Cercado por uma coroa de fogo, ele parecia quase humano, intocável.

As mãos de Elisabeth tremeram nos controles. "Nathaniel, pare!" Ele não estava ouvindo. Enquanto ele continuava a avançar, um raio atravessou o céu, formando um arco entre os picos das montanhas. A terra rugiu quando a neve caiu em cascata no pico próximo, a avalanche fervendo sobre as árvores que pontilhavam a encosta com força suficiente para nivelar uma vila. Elisabeth nunca tinha visto uma destruição tão crua. Pior, Nathaniel nem parecia estar ciente de que ele estava fazendo isso.

Um pensamento terrível a atingiu. Ela poderia ajustar a mira do canhão. As balas de canhão eram feitas de ferro; ele não seria capaz de parar um se ela disparasse contra ele. Se era isso que era preciso - se essa era a única maneira de acabar com isso, para impedi-lo de se tornar outro Baltasar -

Um toque frio ficou na mão dela. "Espere", disse Silas. Seus cabelos estavam soltos, fluindo ao vento.

Ela não entendeu como ele podia parecer tão calmo.

Nathaniel estava quase sobre eles. Feitiçaria vitrificou seus olhos.

Chamas rolaram de seu corpo como uma capa.

Em um momento, seria tarde demais para detê-lo.

"Elisabeth." Sua voz ecoou irreconhecivelmente com poder. Ele estendeu a mão. O fogo voltou, longe de sua manga, para que ela pudesse aguentar.

Confie em mim, **ele disse.**

Lembrou-se do dia em que se conheceram, quando ele lhe ofereceu a mão, e ela hesitou, certa de que ele a machucaria. Mas os horrores que ela imaginara, aquelas más ações - ele nunca fora capaz deles. Não Nathaniel, seu Nathaniel, que foi torturado pela escuridão dentro dele apenas porque ele era tão bom.



As palavras do Malefict repetiram em sua mente. *A garota que você ama.* **A verdade tocou através dela como o toque de um sino.**

Lentamente, ela desceu do canhão. O calor brilhava no ar, mas ela não sentiu dor. Era como se ela tivesse vestido uma armadura, se tornado invencível. Ela deu um passo em direção às chamas esmeralda, e elas se separaram ao seu redor, curvando-se para longe de seu corpo como ondas de crista. A mão de Nathaniel esperou, estendida.

Seus dedos se encontraram. Ele fechou os olhos. Foi quando ela viu: o frasco de Prendergast estava vazio no peito dele.

O Malefict uivou de fúria, sentindo o truque tarde demais. Ele surgiu na direção deles, a boca aberta, sua cabeça cada vez mais perto, a respiração fétida lavando-os, enquanto a magia os dominava e Harrows girava para longe.

TRINTA E CINCO

E LISABETH, NATHANIEL E Silas se materializaram em uma sala desconhecida, no meio de um grupo de mulheres saboreando seu chá da tarde. Pelo menos eles *estavam* **gostando, até que a cabeça decepada das Crônicas pousou em sua mesa de café.**

Chegou com um estrondo que achatou as pernas da mesa e sacudiu a porcelana nos armários espelhados da sala. Decapitado no pescoço, com os chifres arrancados, parecia um pedaço de carvão do tamanho de uma rocha. Olhando para ele em choque, Elisabeth supôs que tinha chegado perto o suficiente de Nathaniel para ser tomada pelo feitiço.

Mas, evidentemente, a magia de Prendergast não tinha sido capaz de transportar algo tão grande quanto o corpo inteiro do Malefict entre dimensões - apenas a cabeça os

acompanhava. Enquanto seus músculos relaxavam, sua língua pendia da boca, brilhando no tapete como uma lesma gigante.

Uma colher de chá caiu. As mulheres ficaram atônitas, a tinta respingada nas frentes de seus vestidos de seda.

Nenhum deles disse uma palavra quando a cabeça começou a se desintegrar, jorrando brasas sobre os lambris.

"Com licença, senhoras", disse Nathaniel. Ele se curvou, o que desalojou um fio de fuligem dos cabelos. Então seus olhos rolaram e ele caiu de cara no chão.

Gritos encheram o ar. Xícaras de chá voaram. Quando as mulheres fugiram da sala, tropeçando na franja do tapete, Elisabeth caiu de joelhos ao lado de Nathaniel e o rolou sobre seu colo. A fuligem enegreceu cada centímetro de sua pele exposta. Seu casaco carbonizado ainda estava fumando levemente, e o fogo havia chamuscado suas sobrancelhas. Em algum momento, ele havia cortado a testa - ela não sabia quando ou como, mas havia coberto seu rosto de sangue. Ela

apertou os dedos na garganta dele e relaxou quando sentiu o ritmo constante do pulso dele.

" *Este* **era o plano dele? ela perguntou a Silas, apontando para a cabeça do Malefict. Como se fosse a última gota apontada, caiu em uma pilha de cinzas.**

Olhando para Nathaniel, Silas suspirou. "Verdade seja dita, senhorita, desconfio que ele não possuísse um plano, e estava simplesmente inventando as coisas à medida que avançava."

"Ugh. Onde estamos? Alguém tem uma pista? Nathaniel abriu um olho cinza, surpreendentemente pálido contra o rosto coberto de fuligem e sangue. Ele olhou em volta duvidosamente, como se não tivesse certeza se ainda queria acordar, e então lentamente abriu o outro, concentrando-se no rosto de Elisabeth.

"Olá, você ameaça."

Ela riu, fraca de alívio. Enquanto ela afastava os cabelos da testa pegajosa, uma ternura insuportável a encheu. "Eu também te amo", disse ela.

A testa de Nathaniel franziu. Ele virou o rosto para o lado e piscou várias vezes. "Graças a Deus", ele disse finalmente. "Eu não acho que o amor não correspondido seria adequado para mim. Eu poderia ter começado a escrever poesia.

Elisabeth continuou acariciando seus cabelos. "Isso não parece tão ruim." "Garanto-lhe que isso seria mais desagradável para todos do que a necromancia."

Ela riu de novo, impotente. Uma alegria leve e cintilante a encheu, como a luz do sol de uma manhã de primavera depois que a chuva parou e as nuvens sumiram, e o mundo parecia novo, limpo e brilhante, transformado em uma versão melhor de si, com a beleza

de partir o coração. A imensidão do sentimento fez suas costelas doerem. Ela

passou os nós dos dedos pela bochecha, consciente de Silas os observando.

Nathaniel olhou para ela de lado. “Scrivener, eu sei que cortei uma figura diabolicamente bonita, deitada aqui no chão, toda coberta de sangue - o que ouço algumas garotas achando bastante atraentes, estranhamente, e se você é uma delas, não vou julgar, mas por favor pare de chorar. É apenas uma ferida de carne. Voltarei a combater o mal a qualquer momento.

Ela fungou alto. "Eu não estou chorando. Meus olhos estão lacrimejando. Você cheira muito mal. "O que? Eu nunca cheiro horrível. Sinto cheiro de sândalo e fascínio masculino. Ele levantou a cabeça para cheirar a si mesmo e amordaçou. "Deixa pra lá."

- Talvez você considere não se incendiar da próxima vez, mestre - disse Silas, insistentemente.

Um barulho veio do corredor. Um par de lacaios aglomerava a porta, um deles segurando uma espada antiga que parecia ter sido arrancada de uma lareira, e agora tremia violentamente em suas mãos. "Renda-se pacificamente, feiticeiro", declarou ele, depois de um olhar encorajador do outro, "e não vamos machucá-lo."

Nathaniel apertou os olhos para ele. "Você parece familiar. Estamos na casa da cidade de Lady Ingram?

Acredito que sim, **Elisabeth pensou. A mancha de tinta no tapete parecia permanente. "Er", disse o lacaio com a espada, incerto.**

"Excelente." Antes que Elisabeth pudesse detê-lo, Nathaniel se levantou e deu uma volta, balançando alarmante. Ela pegou um dos braços dele e Silas o outro. Parecendo não perceber que ele não podia ficar sozinho, ele foi até a porta, explicando: - Apontei o feitiço para nos deixar sair perto da Biblioteca Real.

Estamos a apenas alguns quarteirões de distância.

Elisabeth recordou o mapa de Austermeer, onde Katrien havia desenhado um ponto de interrogação ao lado da Biblioteca Real, no centro. "É aí que Ashcroft vai terminar a convocação", ela percebeu em voz alta. "É o meio do pentagrama."

“Precisamente. Espero ter conseguido estragar o ritual participando das Crônicas conosco.

Mas era tão grande que ainda poderia haver energia demoníaca suficiente liberada em Harrows.

"Então não podemos perder tempo." Um relógio de ponto marcava no canto. Com uma sensação de irrealidade, ela viu que eram apenas oito e meia da noite. O que pareciam anos em Harrows havia durado apenas algumas horas.

Ao se aproximarem, o lacaio ameaçava-os sem entusiasmo com sua espada. Ele pareceu aliviado quando Elisabeth a agarrou pela lâmina e a arrancou de sua mão. Ela examinou a arma -

inútil - e enfiou-a no suporte de um guarda-chuva a caminho da porta.

Eles surgiram no sonho de um inverno intermediário. O riso encheu a noite enquanto uma família passava, envolto em luvas e lenços, patins de gelo pendurados em seus dedos. Uma carruagem solitária navegava na direção oposta, os cascos do cavalo abafados até quase o silêncio pela neve. Velas iluminavam as janelas das casas ao longo da rua, oferecendo vislumbres das cenas dentro: uma mulher colocando um bebê em uma

berço, um cão cochilando em frente a uma lareira ao lado dos chinelos de seu mestre. A respiração de Elisabeth ficou branca no ar.

A tranquilidade disso foi um choque. Por um momento desorientador, sentiu como se tivesse alucinado tudo o que lhes acontecera desde que deixara Brassbridge.

Então, a luz tocou o topo das torres próximas. Ela protegeu os olhos, uma vez que incendiou a estátua de um pégaso elevado, deslumbrante contra o céu escuro, como uma lantejoula de bronze costurada em veludo. As janelas das torres flamejavam em ouro e rosa quando a luz desceu. Quando atingiu a rua, varreu a neve, transformando-a em uma lavagem de diamantes, brilhando ofuscantemente dos galhos gelados das árvores. A respiração dela ficou presa. Ela pensou instintivamente.

O sol está nascendo. **Mas não era - não podia ser.**

O cavalo que puxava a carruagem bufou e se esquivou do brilho, as rédeas tilintando. A família que passou por eles se virou, exclamando, maravilhada. Portas se abriam para cima e para baixo na rua; cabeças erguidas, mãos sombreando os olhos, lançando longas sombras na neve.

"Veja!" alguém chorou. "Magia!"

Fitas douradas luminosas dançavam no céu, brilhando e ondulando, lembrando Elisabeth de uma descrição que ela havia lido sobre as luzes polares. Foi de tirar o fôlego. Espetacular. Um nascer do sol no fim do mundo.

"O que é isso?" ela perguntou. Os músculos de Nathaniel estavam tensos.

“Combustão etéreo. A matéria do Outro Mundo está queimando ao entrar em contato com o ar de nosso reino. Ele hesitou. "Eu nunca vi uma reação tão poderosa - apenas li sobre isso."

Silas saiu de debaixo do braço de Nathaniel e saiu do meio-fio, levantando o rosto em direção à luz. Lavou suas feições e diluiu seus olhos amarelos. Sua expressão era quase de desejo, como um anjo olhando para o céu, sabendo que nunca mais iria pisar nela. Ele disse simplesmente: "O

Arconte está aqui".

Elisabeth e Nathaniel trocaram um olhar. Então eles saíram correndo, derrapando e tropeçando na neve. Por um batimento cardíaco doentio,

Elisabeth se preocupou que Silas pudesse ficar para trás, paralisado, mas então ele estava ao seu lado novamente, agarrando sem esforço o cotovelo de Nathaniel antes de escorregar em um pedaço de gelo.

"Sua presença abriu uma brecha no Outro Mundo", ele lhes disse.

"Quando for solto do seu círculo de convocação, o véu entre os mundos romperá além do reparo."

"Mas isso ainda não aconteceu?" Nathaniel pressionou. Silas balançou a cabeça, o menor movimento. "Então ainda podemos parar com isso", disse Elisabeth.

O olhar de Silas permaneceu em seu rosto, depois se afastou. Ele assistiu Nathaniel sob seus cílios, expressão inescrutável, e ela se perguntou o que ele estava pensando. "Vamos tentar, Srta. Scrivener."

Os pedestres entupiam a rua que passava em frente à Biblioteca Real -

skatistas voltando do rio, as bochechas coradas e os lenços cobertos de neve. Todo mundo estava olhando para a cúpula acima do átrio. A luz brilhante havia desaparecido para um brilho opaco rodopiando dentro do vidro, lançando o bloco no crepúsculo aquoso. Tufos dourados ainda dançavam ao redor do edifício, passando por suas estátuas de mármore e pergaminhos esculpidos, mas estavam ficando cada vez mais fracos, provocando suspiros melancólicos da multidão.

O estômago de Elisabeth apertou. A visão era inegavelmente bonita. E

o momento não poderia ter sido pior. Pelo que parece, essas pessoas pensaram que tinha sido um show de mágica para sua diversão.

"Você tem que ir", ela gritou, passando por eles na direção da biblioteca. “Todos vocês, corram! Você está em perigo!

Cabeças viradas, confusão escrita em seus rostos; a maioria deles não foi capaz de ouvi-la sobre o tumulto. E havia outro som mais alto, abafando todo o resto. Um som como gafanhotos estridente em um campo, inchando à medida que caía em cascata na direção deles.

Gritos.

Por fim, as pessoas começaram a correr. Mas eles não estavam se movendo rápido o suficiente. Eles se espalharam em todas as direções enquanto um demônio entrava na multidão, estalando e rosnando, seus dentes brilhando na luz sobrenatural. No canto de sua visão, Elisabeth viu uma criança tropeçar em uma bota de patins e cair, o movimento rastreado pelos olhos vermelhos do demônio. Ela soltou Nathaniel e pulou para frente sem pensar, cortando Demonslayer no ar.

O demônio virou-se para encontrá-la, apenas vacilou quando sua lâmina esculpiu um de seus chifres e continuou, separando ossos e tendões como manteiga, e só parou quando tocou nas pedras do calçamento, arrastando vapor. Elisabeth recuou, preparando-se para desviar o contra-ataque do demônio, mas nenhum veio. Seu corpo desabou na rua, sem vida. Ela quase a cortou em duas.

Lá, outro demônio, de pé sobre uma mulher gritando - mas caiu antes que ela pudesse agir, a luz carmesim desaparecendo de seus olhos. Ela não entendeu o que tinha acontecido até que um pálido borrão passou, e um terceiro demônio caiu frouxamente no chão. Silas percorreu a multidão como uma dançarina, rostos surpresos se virando enquanto ele passava. Suas garras brilhavam, sacudindo, cortando a garganta de demônios antes mesmo de vê-lo chegar. A reverência tremeu através dela, perseguida por uma pontada instintiva de medo. Era um vislumbre dos Silas da antiguidade, soltos em um antigo campo de batalha, cercados por lanças e flâmulas, transformando a frente em uma valsa impiedosa da morte. Só naquela época, seriam humanos sangrando a cada golpe de suas garras.

Como se sentisse o olhar de Elisabeth, ele parou o tempo suficiente para acenar para ela. A respiração dela parou. Então ela assentiu e se virou, confiante de que ele cuidaria de qualquer demônio que ela não pudesse alcançar.

Luz esmeralda brilhou; O chicote de Nathaniel girou ao lado dela. Ele cambaleou de pé, mas lhe deu um sorriso imprudente, seus dentes brilhando brancos contra seu rosto fuligem. Uma objeção morreu em seus lábios quando seu chicote estalou em direção a um demônio que

ameaçava um grupo de pessoas. Crepitando e cuspindo brasas, puxou o demônio para longe, diretamente no caminho da espada de Elisabeth.

Convicção a percorreu quando ela golpeou o demônio. Seu pulso trovejou em seus ouvidos. Depois do que ela e Nathaniel haviam enfrentado em Harrows, isso parecia brincadeira de criança. Nada poderia detê-los agora.

Eles avançaram em direção à biblioteca, ganhando terreno lentamente.

Os incontáveis golpes entorpeceram os braços de Elisabeth e deixaram seu sangue cantando. Toda vez que um demônio pulava em sua direção, o chicote de Nathaniel o afastava. E sempre que alguém atacava ele, Elisabeth estava lá para encontrá-lo com sua

espada. Dezenas caíram a seus pés.

Mas não foi suficiente. Mais continuavam chegando, despejando sem cessar os degraus da Biblioteca Real, saindo de suas janelas em explosões cintilantes de vitrais.

Entre os três, eles mantinham os demônios à distância, mas não podiam entrar sem libertar demônios na cidade.

A respiração de Nathaniel correu quente por sua orelha. "Me ganhe tempo." Uma vez, ela não teria entendido o pedido. Agora ela girou sem hesitar, bloqueando o demônio que se lançou sobre ele quando ele se ajoelhou, estendendo a mão nas pedras. Seus cabelos caíam sobre a testa, escondendo tudo, exceto os cortes nítidos de suas maçãs do rosto e sua boca torta, retorcidos em uma careta de concentração.

Feitiçaria estalou no ar. Elisabeth deu um golpe no demônio que o derrubou aos seus pés. Com sua visão agora desobstruída, ela viu o momento em que o feitiço de Nathaniel tomou conta.

Uma fileira de bibliotecários encapuzados foi esculpida em baixo-relevo de uma extremidade da fachada da biblioteca para a outra. Enquanto ela observava, suas cabeças se ergueram e seus apertos se apertaram nas lanternas de pedra em suas mãos. O mármore desmoronou quando eles se libertaram do prédio e avançaram, marchando em um

regimento sem rosto em direção à briga. Eles cantaram enquanto avançavam, um som solene que retumbou em seus ossos como o giro de uma pedra de moinho.

Acima deles, as estátuas de anjo se estendiam, suspiravam e abriam suas asas. Seus rostos serenos se viraram para avaliar o campo de batalha. Um desceu do seu poleiro e jogou um demônio para o lado.

Outro, sem emoção, agarrou o canto de uma cornija esculpida e a arrancou da biblioteca, depois a jogou com força suficiente para esmagar um demônio. Santos e frades entraram na batalha, balançando tudo, desde queimadores de incenso de mármore a pergaminhos petrificados. Gárgulas escalaram suas postagens desgastadas pelo tempo para encontrar os demônios de frente.

Uivos de dor encheram a noite quando a maré da batalha mudou. Era como o feitiço que Nathaniel usara em Summershall, mas aumentava cem vezes. Ele não tinha acabado de dar vida às estátuas da Biblioteca Real; ele criou um exército para lutar sob seu comando.

Com a boca aberta, Elisabeth quase não percebeu o demônio correndo na direção deles até que fosse tarde demais. Desviou desajeitadamente as mandíbulas estaladas, apenas para vê-las deslizando na direção dela, na outra direção. Então, um som de gongo ecoou em seus ouvidos, e o demônio foi varrido, pisoteado sob os cascos reluzentes de bronze do pegasus do alto da torre. Vitoriosamente, jogou sua juba e criado. O chão tremeu quando caiu de volta, enviando rachaduras de teia de aranha através dos paralelepípedos.

"Isso deve mantê-los ocupados", disse Nathaniel. Ele ficou de pé. Então a cor sumiu de seu

rosto, deixando-o terrivelmente branco.

Elisabeth o pegou antes que ele desmaiasse. O calor irradiava de seu corpo, mesmo através do casaco, como se ele estivesse de volta à agonia de uma febre.

"Muita mágica", ele arrastou, as pálpebras caídas. "Eu vou ficar bem em um momento."

Seu peito torceu em um nó. Apenas algumas horas atrás, ele mal conseguia sair da cama. Desde então, ele os transportou pelo reino não uma vez, mas duas. Ele chamou fogo e relâmpago, e despertou um exército de pedras. Foi um milagre que ele permaneceu em pé por tanto tempo para começar. "Você pode continuar?"

"Claro que eu posso." Ele deu ao braço dela um débil tapinha de segurança. “Posso ser inútil, mas minha boa aparência pode ser crítica para o moral. Silas?

Aparecendo do nada, Silas se transformou em um gato e pulou no ombro de Nathaniel.

Nathaniel respirou fundo e se endireitou, subitamente parecendo muito melhorado.

"Silas é o canal para minha feitiçaria", explicou ele, sorrindo. "Em momentos como este, ele é capaz de me emprestar um pouco de sua força."

Elisabeth poderia ter beijado Silas, mas o olhar em seus olhos amarelos sugeria que ninguém jamais ousara isso e sobrevivera. Uma vez que ela tinha certeza de que Nathaniel podia ficar sozinho, ela subiu os degraus dois de cada vez, desviando de um demônio caindo na outra direção. A batalha havia perdido minutos preciosos. Ela não se permitiu considerar que talvez já fosse tarde demais.

A visão que a esperava no topo da escada a puxou para cima. Um grande corredor levava ao átrio, forrado com estantes do chão ao teto que refletiam nos azulejos polidos. Mas no final, onde deveria estar o arco, havia uma extensão do céu cobalto repleto de estrelas. Livros deslocados flutuavam sem peso pelas bordas do portal, que parecia ter sido cortado pela biblioteca com uma faca. Enquanto ela observava, um diabrete de escamas verdes abriu caminho e deslizou pelas prateleiras, olhando-as com olhos brilhantes de ônix.

"Isso é uma brecha para o Outro Mundo, não é?"

"Provavelmente um de muitos", Nathaniel ofegou, alcançando seu lado. "Precisamos encontrar outro caminho."

“Não tem outro jeito. Não sem a chave de um bibliotecário sênior. As chaves de Harrows ainda tilintando no bolso não combinavam com as portas internas da Biblioteca Real. Ela olhou em volta, observando os corredores adjacentes que se estendiam à esquerda e à direita. Aqueles simplesmente levavam a estudar câmaras, salas de reunião, armários de armazenamento dos quais ela pegara sua esfregona e um balde todas as manhãs. . . .

Ela respirou fundo. Eu sei para onde ir. Me siga." Ela mergulhou na esquina sem olhar para trás.

Nathaniel estava perto dela. "Se você for esmagar outra estante, verifique se eu estou fora do caminho primeiro."

"Não precisarei", disse ela. "Vou pedir muito bem."

Ignorando seu olhar de perplexidade, ela procurou um conjunto familiar de prateleiras. Se ao menos ela estivesse prestando mais atenção naquele dia. Onde exatamente ela e Gertrude estavam quando isso aconteceu?

Ela seguiu em frente, passando por mais fendas, que se contorciam pelas paredes e teto do corredor como cortes deixados pelas garras de um monstro invisível. Em toda parte, a influência do Outro Mundo se infiltrava na biblioteca.

Bustos de diretores antigos haviam saído de seus pedestais, flutuando em ângulos surreais. Velas pairavam no ar e cortinas ondulavam com um vento não sentido. Ela tentou não pensar por que a campainha da biblioteca não estava tocando, por que os corredores estavam vazios de pessoas; era fácil demais imaginar os bibliotecários atraídos para a vastidão estrelada do Outro Mundo, para nunca mais serem vistos.

Lá. **Foi aí que as prateleiras se abriram, revelando uma passagem secreta. Sem saber se houve alguma ação específica de sua parte que a**

desencadeou, ela achatou a palma da mão sobre os grimórios e pressionou a testa contra as espinhas.

"Por favor", ela ofegou. "Me deixar entrar."

Calor pulsou através do couro tocando sua pele. Um farfalhar percorreu os grimórios, como se estivessem sussurrando um para o outro, carregando uma mensagem para o exterior. Ela deu um passo para trás e o painel se abriu.

Nathaniel riu espantado. Quando ela olhou para ele, ela o encontrou olhando-a, seus olhos brilhando. Foi da mesma maneira que ele olhou para ela no baile, quando a viu de vestido pela primeira vez.

"O que é isso?" ela perguntou.

“Eu sabia que você falava com livros. Não sabia que eles ouviam.

"Eles fazem mais do que apenas ouvir." As tábuas do assoalho rangiam quando Elisabeth entrou. Ela inspirou e expirou, sentindo o pó no ar, depois fechou os olhos, imaginando a Biblioteca Real como se fosse seu próprio corpo, seus altos cofres, seus aposentos secretos e inúmeros mistérios, a magia fluindo por seus corredores.

"Estamos aqui para impedir Ashcroft de convocar o Arconte", declarou ela às paredes ao seu redor, sentindo-se muito menos tola do que esperava. Ela sabia, de alguma forma, que algo estava ouvindo. “O

que ele está fazendo, isso destruirá todos nós. Eu sei que já está te despedaçando. Você pode nos levar até ele?

Ela nunca havia tentado isso antes: falando não apenas com um livro, mas com todos eles, solicitando ajuda à própria biblioteca. Ela não tinha idéia se funcionaria. Uma brisa passou flutuando, mexendo uma teia de aranha contra sua bochecha como a carícia de uma mão insubstancial. E depois-

Um arrepio percorreu o chão. Seus olhos se abriram quando a madeira da passagem rangeu e gemeu. Ao redor deles, as tábuas ondulavam como teclas de piano pressionadas, distorcendo a forma das paredes. A transformação avançou, deslocando nuvens de poeira, abrindo um caminho que não existia antes. A passagem estava se rearranjando.

Mostrando o caminho.

Ela partiu correndo. "Vamos!"

Ao lado dela, Nathaniel conjurou uma chama fraca para iluminar seus passos. A preocupação a atravessou com a fraca aparência da chama, mas fora isso, Nathaniel parecia bem. Tudo o que Silas estava fazendo estava funcionando.

A passagem reconstruía sua forma continuamente diante deles, enviando-os por tantos cantos que Elisabeth não conseguia adivinhar para onde estavam indo. Ela não tinha certeza se era sua imaginação que a fazia sentir como se a magia da biblioteca também passasse por seu corpo, impulsionando seus passos e expandindo seus pulmões, uma sensação emocionante, como se ela tivesse se tornado algo mais que humano.

Finalmente, eles alcançaram o que parecia ser um beco sem saída - mas ela continuou avançando e, com certeza, a parede balançou para fora antes de colidir com ela, abrindo o caminho. Era a parte de trás de uma estante de livros; eles alcançaram o outro lado da passagem.

Eles tropeçaram na névoa e no silêncio. Lanternas esmaecidas produziam bolhas nebulosas ao redor deles, como dezenas de luas brilhando através de uma névoa espessa. Elisabeth levou um momento para descobrir onde eles estavam. A estante que se abriu para eles gemeu quando se fechou, um som profundo, trêmulo, quase subterrâneo, terminando em um clique que ecoou no teto alto.

Sussurros se espalharam atrás dele, correndo pela névoa.

"Estamos nos arquivos restritos", disse ela, surpresa. Embora a névoa se pressionasse contra seu rosto como um véu, de alguma maneira ela sabia que direção seguir. "Deste jeito."

“Por que a” - ela ouviu Nathaniel lutando para entender o que acabara de acontecer - “a biblioteca nos deixou aqui?”

"Eu não tenho certeza." Teria sido muito mais rápido levá-los diretamente ao átrio, em vez de levá-los pela ala noroeste. Ela se forçou a não alcançar o punho de Demonslayer enquanto avançava. Apesar da malevolência deste lugar, ela tinha certeza de que a biblioteca não lhes desejava mal.

No meio do corredor, o vapor diminuiu. As estantes de livros ficaram visíveis, elevando-se ao redor deles, a névoa lambendo as prateleiras inferiores, como a névoa quebrando contra os penhascos à beira-mar.

Eles pareciam estar muito mais fundo nos arquivos do que ela havia se aventurado na última vez.

Sem aviso prévio, uma enorme forma branca ergueu-se sob a luz do abajur acima dela, e ela cambaleou em alarme - mas era apenas o crânio de uma baleia, seu esqueleto suspenso no teto por milhares de fios, estendendo-se até a sombra. Mais uma vez, teve a sensação perturbadora de que os arquivos não eram um corredor tão reto como parecia. Que uma pessoa pudesse se perder aqui, se virou inexplicavelmente, vagando por seções do salão que não existiam um momento antes.

Enquanto eles seguiam em frente, a pergunta de Nathaniel continuou a incomodá-la. Por quê *teve* **a biblioteca os deixou aqui? Ao redor deles, os grimórios estavam em silêncio. Parecia que eles estavam ouvindo, esperando.**

Prendendo a respiração. Como se esperassem que algo acontecesse. . .

Seus passos vacilaram com uma vibração de movimento nas proximidades. A névoa, agitando em um rascunho.

"Cuidado com as ilusões", disse ela por cima do ombro. Nathaniel estremeceu com o som de sua voz; ele estava franzindo a testa para um livro cuja capa estava incrustada com dentes humanos. "Os grimórios podem tentar nos enganar."

“Você não, querida. . . ”

Elisabeth se virou. A voz deslizou da névoa, sua fonte impossível de identificar. Ela examinou as prateleiras, mas não viu nenhum indício de que grimório falara.

Na direção oposta, uma voz diferente disse: *"E suponho que possamos abrir uma exceção para os outros humanos"*

"Circunstâncias especiais, você vê" **sussurrou outro.**

“Não vamos machucar um fio de cabelo na cabeça deles. Nós prometemos." "Bem? Você não vai continuar com isso, garota? Nós estamos esperando."

Desamparada, Elisabeth girou de uma estante para outra, perseguindo os alto-falantes em vão. "O que você quer dizer?" ela apelou. "O que você quer de mim?"

Mas as vozes ficaram em silêncio.

Nathaniel deu um passo à frente, estendendo a mão como se tocasse seu ombro até que ele se conteve, incerto. Era óbvio que ele não tinha ouvido os grimórios. "Elisabeth?"

Ela balançou a cabeça. "Não é nada."

A frustração tomou conta dela quando eles começaram a avançar novamente, as prateleiras passando. Não foi nada. Eles foram levados aos arquivos por um motivo. Mas ela não viu o que poderia ser mais importante do que alcançar Ashcroft e interromper seu ritual o mais rápido possível. Se eles até *poderia* **detenha-o, apenas os três, com a magia de Nathaniel gasta-Oh A resposta apareceu mais lindamente que um nascer do sol. Sem**

pensar duas vezes, ela se virou e correu para as prateleiras.

Nathaniel parecia consternado. "O que você é, Elisabeth?"



Os grimórios não sibilaram, sacudiram ou cuspiram tinta quando ela se aproximou. Eles apenas esperaram, expectantes. Ela ficou na ponta dos pés para soltar a corrente que atravessava a prateleira mais próxima.

Ela a libertou, depois se virou para ele, com o final pendurado nela.

mão como os livros desdobraram suas páginas atrás dela, levantando-se. "A biblioteca quer revidar."

TRINTA E SEIS

N ATHANIEL seguiu-a enquanto corria de prateleira em prateleira, jogando gaiolas abertas, arrancando correntes. Isso foi contra tudo o que ela já havia aprendido. Mas ela não sentiu culpa, vergonha, hesitação. Ela sentiu como se uma represa tivesse explodido dentro dela, as águas rugindo para superar todas as incertezas em seu caminho.

Gritos de júbilo encheram o ar. Grimórios que não experimentavam a liberdade há séculos desenrolavam asas de pergaminho e voavam.

Outros caíram das prateleiras e correram pelo chão, alegremente folheando suas páginas. A escuridão sombria do corredor deu lugar ao caos.

"Espere", disse Nathaniel. “Você tem certeza de que deveria estar fazendo isso? A biblioteca foi construída por Cornelius. Era para convocar o Arconte desde o começo. Ele evitou quando um grimório passou por suas botas. “E se isso for algum tipo de. . . ”

Ele parou, mas ela sabia o que ele queria dizer. Um truque. Uma armadilha. Ela não o culpou. Mas finalmente ela entendeu.

A biblioteca não pertencia mais a Ashcroft e sua trama do que Elisabeth pertencia aos pais desconhecidos que a trouxeram a este mundo. Ele possuía vida própria, tornara-se algo maior do que Cornelius jamais pretendera. Pois estes não eram livros comuns que as bibliotecas mantinham. Eles eram conhecimento, dada a vida.

Sabedoria, voz dada. Eles cantaram quando a luz das estrelas atravessou as janelas da biblioteca. Eles sentiram dor e sofreram desgosto. Às vezes eram sinistros, grotescos - mas o mundo lá fora também. E isso fez com que o mundo não valesse menos a pena lutar, porque onde quer que houvesse escuridão, havia também muita luz.

Esse era o propósito de Elisabeth. Não se tornar um diretor na esperança de provar a si

mesmo as pessoas que nunca entenderiam. Ela

não era portadora de correntes; ela era uma quebradora deles. Ela era a vontade da biblioteca feita carne.

Ela sentiu agora - as consciências da biblioteca passando por ela, através dela, como uma corrente que flui rapidamente. Centenas de milhares de grimórios, reunidos como um.

Ela não tinha palavras para explicar nada disso a Nathaniel. Ainda não. Em vez disso, ela olhou nos olhos dele e disse: "Confie em mim".

O que quer que ele visse em seu rosto o deixou com uma expressão curta. Ele assentiu. E então, como se mal pudesse acreditar no que estava fazendo, virou-se para a prateleira atrás de si e começou a soltar a corrente.

Juntos, eles correram pelo corredor, libertando tantos grimórios quanto pudessem alcançar. A cada corrente que ela derrubava, sua coragem brilhava mais forte. Ashcroft cometera um erro. Ele tinha ido à biblioteca dela. *Dela* casa. Desta vez, ele não escaparia das consequências.

Ela alcançou uma jaula familiar e parou, momentaneamente esquecendo o barulho, o papel voando pelo ar. Um rosto murcho flutuava no escuro, sua fita com ponta de agulha brilhando entre as sombras.

"Você vai nos ajudar?" Elisabeth perguntou. A voz de muitos tons parecia divertida. *"Ele é bonito, esse Ashcroft?"*

"Muito."

"Que delícia. Apenas nos mostre o caminho, querida.

Ela não tinha uma chave que abriria a gaiola, mas não precisava de uma. Ela colocou Demonslayer entre suas barras e torceu, dobrando o ferro velho e quebradiço até que ele se curvou o suficiente para o grimório se soltar. Então ela pegou a bola de vidro do Illusarium e correu adiante. Uma ilusão ganhou vida ao seu lado: a diretora Irena,

seu cabelo vermelho derretido fluindo na névoa. O orgulho iluminou suas feições fracas quando ela deu a Elisabeth o mais fraco dos sorrisos.

Antes que Elisabeth pudesse chamá-la, ela se foi, afundando de volta no vapor.

Nathaniel fez um som sufocado. A princípio, pensou que ele também tivesse visto Irena. Mas quando ela olhou para ele, a cabeça dele estava voltada para um local diferente na névoa, onde as figuras de uma mulher sorridente e um menino pequeno e grave de terno estavam girando para longe. Silas olhou na mesma direção, seus olhos tão brilhantes quanto pedras preciosas. O Illusarium havia mostrado a Nathaniel outra coisa - sua família. Ela libertou uma das mãos e procurou a dele. Seus dedos entrelaçaram, apertando com força.

Momentos depois, eles atravessaram o portão. Uma onda de grimórios varreu atrás deles, caindo na Ala Noroeste aos seus calcanhares.

Liderando o crescente volume de pergaminho e couro, eles passaram pelos anjos esqueléticos esculpidos no arco e seguiram pela esquina, direto para um exército de demônios.

Seu coração quase parou. Balanças, chifres e wattles enchiam cada centímetro do átrio. Fendas subiram em espiral pelas estantes de livros em camadas, subindo em direção à cúpula, cujo vidro índigo havia começado a quebrar, os cacos suspensos brilhando no céu do Outro Mundo. Mais demônios pulavam das fendas a cada segundo. Os diabinhos corriam pelos trilhos, e os duendes passeavam pelas varandas de quatro. Havia centenas de demônios. Possivelmente até milhares deles.

Mas as forças de Ashcroft ainda estavam em menor número.

Um demônio parou de roer uma estante de livros para olhar na direção deles. Então, lentamente, olhou para cima. Seus olhos negros se arregalaram, refletindo um enxame de manchas, cada forma ficando maior a cada segundo. Uma sombra se estendeu pelo átrio quando os grimórios desabaram.

Elisabeth se preparou. Um instante depois, seu mundo se dissolveu em um turbilhão de páginas. Ela e Nathaniel estavam de mãos dadas, os cabelos chicoteados pelo vento, Silas cravando as garras no casaco de Nathaniel, tudo bloqueado por um ciclone aparentemente interminável de pergaminho que os atingiu como milhares de asas. O cheiro de tinta, magia e poeira sufocou suas narinas. Por um momento, ela não conseguiu respirar. E então, tão abruptamente quanto um bando de pássaros passando, a torrente cessou e os arredores se abriram.

Para todo demônio, havia uma dúzia de grimórios. Um duende tombou, envolvido por uma multidão de livros que surgiram sobre seu corpo como uma escola de piranhas, rangendo e estalando os dentes. Um diabrete gritou quando as páginas se fecharam em suas orelhas compridas, erguendo-a no ar. Perto, um rosto murcho se erguia acima de um par de demônios, avaliando-os como uma costureira profissional. Uma agulha chicoteava habilmente entre eles, e eles caíram no chão, atados com linha. Do outro lado do átrio, demônios afundavam, uivando em cortes de papel e cegados por maços de tinta.

Reunidos em ação, grimórios caíam das varandas em cascatas de couro dourado e multicolorido.

Nuvens de poeira subiram quando caíram sobre os ladrilhos de três, quatro e até cinco andares acima. Um lampejo de penas de pavão veio da direção de

a sala do catálogo, e o lamento operístico de madame Bouchard enviou demônios se contorcendo e batendo nos ouvidos.

"Precisamos encontrar Ashcroft!" Elisabeth gritou. Sua voz soou como um gemido de mosquito, quase inaudível através do barulho. "Ele tem que estar aqui em algum lugar!"

Nathaniel pegou seu ombro e apontou. Os cacos da cúpula começaram a se afundar em direção ao centro do átrio, sugados por alguma força invisível. Eles trocaram um olhar, depois olharam de volta para o caos na frente deles. Os grimórios estavam vencendo - mas eles precisavam ganhar mais rápido.

Impressionada por inspiração, Elisabeth colocou o Illusarium no chão e derrubou o punho de Demonslayer em sua esfera, lascando o vidro. A névoa jorrou das rachaduras, envolvendo-a em um cinza úmido e agarrado. Quando o vapor terminou de vazar, o recipiente rolou, vazio.

Ela olhou para ele em choque. Havia algo dentro?

***"Ahhhhhhh"* uma voz fantasmagórica respirou, emanando do nada e de todos os lugares ao mesmo tempo. A névoa fervia pelo átrio, reduzindo os combatentes a sombras na neblina. Demônios se lançaram em direção a figuras que se erguiam da névoa, apenas para recuar e reaparecer zombeteiramente atrás deles. Aproveitando a distração deles, os grimórios puseram-se a sério. Elisabeth assistiu a um duende tentando mergulhar na névoa e depois ser arrastado de volta por uma força invisível, deixando uma onda silenciosa nos vapores. Gritos e choramingos seguiram. Então os sons foram cortados abruptamente, e uma quietude estranha caiu.**

Ela e Nathaniel correram para a frente quando a névoa começou a se dispersar, pegando os corpos propensos e dispersos de demônios. Ela mal podia acreditar. Nenhum foi deixado de pé.

"Olha", disse Nathaniel. "O que eles estão fazendo?"

Páginas sussurraram. Um por um, grimórios estavam levantando da névoa. Reuniram-se em grupos e subiram em direção às varandas em riachos em espiral, como bandos de pássaros voando em câmera lenta.

Os olhos de Elisabeth se arregalaram quando ela viu para onde estavam indo. Cada corrente estava fluindo em direção a uma fenda.

Seu primeiro pensamento atordoado foi que as fendas os estavam atraindo, tentando destruí-los. Mas os grimórios não estavam lutando.

Eles estavam subindo pacificamente, propositadamente. Toda vez que um livro tocava a superfície de uma fenda, brilhava e se desintegrou em cinzas - e as bordas da fenda encolheram-se um pouco para dentro, como feridas começando a curar. Canto ecoou por toda a cúpula fraturada: notas altas e claras, tão puras e prateadas quanto a luz das estrelas.

"Eles estão tentando fechar as fendas." O coração de Elisabeth apertou como um punho. "Eles estão se sacrificando para salvar a biblioteca."

Lá se foi Madame Bouchard. E ali, caindo sob uma chuva de cinzas, a classe quatro que cuspia tinta nos aprendizes todas as manhãs. Cada um desses livros possuía uma alma.

Muitos tinham séculos de idade, insubstituíveis. E alguns deles tinham experimentado a liberdade pela primeira vez desde que foram criados - apenas alguns minutos, após uma vida inteira de prisão. Ainda assim eles cantaram como deram suas vidas.

Lágrimas ardiam nos olhos de Elisabeth. Ela não podia deixar o sacrifício deles em vão. A névoa estava quase acabando agora; a paleta estava iluminando. Enquanto os últimos fiapos giravam, ela e Nathaniel tropeçaram no meio do átrio, na convocação de Ashcroft.

Uma figura estava à frente, cacos de vidro circulando-o como planetas orbitando um sol. Era mais alto que um homem, esbelto e luminoso, mas mesmo quando Elisabeth olhou de soslaio diretamente para ela, ela não conseguiu entender suas características. Ela tinha o estranho pensamento de que era como a luz do sol refletida por um espelho: instável e intangível, um mero espectro de algo muito maior, radiante e terrível de se ver.

Cabeça inclinada, considerou o ser humano em pé a seus pés. Ashcroft.

Ele olhou para o Arconte, extasiado, banhado em seu brilho, aparentemente alheio à batalha que se desenrolara ao seu redor. Seu brilho transformou suas feições. Ele parecia uma década mais jovem, sua expressão de um desejo quase inocente. O sangue retorceu em seu pulso esquerdo, apertando sob a outra mão.

Uma adaga estava esquecida nas proximidades.

A esperança saltou dentro de Elisabeth. Ele não havia terminado o ritual. O Arconte ainda estava dentro de seu círculo - um círculo formado pelo mapa da biblioteca estampado no chão em azulejo, pelo qual ela andara dezenas de vezes, nunca suspeitando de seu propósito.

"Você vê os olhos de Ashcroft?" Nathaniel murmurou. “Sua marca se foi. Ele não convocou Lorelei de volta.

***Então ele não pode usar a magia para lutar contra nós,* ela pensou.**

Atenta, ela levantou o Demonslayer por cima do ombro. O brilho da luz em sua lâmina chamou a atenção de Ashcroft. Como se os estivesse esperando, ele abriu os braços e deu um sorriso de menino.

Scrivener - ele chamou. "Nathaniel! Eu estava esperando que você viesse. Você desempenhou um papel tão importante nisso, eu queria que você visse. Não é esplêndido?

Atrás dele, uma seção da varanda se desintegrou, as grades e estantes quebradas flutuando no ar ao redor da fenda. Os grimórios estavam retardando a destruição, mas não conseguiram superar o poder do Arconte.

"Você tem que parar o ritual!" ela gritou de volta. Ele riu.

" *Pare* o ritual? "

“Você vai destruir tudo. A biblioteca está caindo aos pedaços! Ela jogou o Demonslayer nas lascas do céu do Outro Mundo girando acima deles.

"Se é isso que o Arconte já está fazendo, o que você acha que vai acontecer quando você deixar escapar?"

“Senhorita Scrivener. Se você apenas entendesse. Seus olhos azuis brilhavam com sinceridade. "Ver."

Ele abriu o pulso machucado e o inclinou até uma gota de sangue espirrar no ladrilho. O sangue desapareceu instantaneamente, como se nunca tivesse existido. Ele estendeu o braço, mostrando a ela que o corte em seu pulso havia cicatrizado, deixando a pele intacta.

"Você vê agora?" ele insistiu. “Depois de amarrá-lo, amarrá-lo ao meu comando, tudo será possível. Eu vou mudar o mundo.

Não havia raciocínio com ele. Nathaniel parecia ter tido o mesmo pensamento. Seu chicote estalou, a chama crepitando e crepitando.

Silas se agachou no ombro dele e fechou os olhos, como se estivesse se concentrando em emprestar a Nathaniel toda a sua força.

Ashcroft riu de novo. Desta vez, houve uma pitada de mania no som.

Ele passou o braço pelo ar, e um arco de luz cortou em direção a eles, ficando cada vez mais amplo.

***Impossível.* Quão-?**

Ela não teve tempo para pensar. Ela se jogou sobre um joelho na frente de Nathaniel, levantando Demonslayer acima da cabeça. A espada zumbiu quando cortou a luz. Quando ela se levantou, sua lâmina brilhava em brasa, o punho de couro desconfortavelmente quente e pegajoso em suas mãos, como se tivesse começado a derreter. Abalada, ela percebeu que poderia quebrar se tentasse bloquear outro feitiço.

Um segundo arco de luz voou na direção deles. Eles caíram no chão, observando a viga passar centímetros acima do nariz, perto o suficiente para cortar vários cabelos brancos e finos do rabo de Silas.

Ele navegou por todo o caminho antes de sair da existência. Por um momento, Elisabeth pensou que não tinha atingido nada. Então uma estátua deslizou para o lado e caiu no chão, cortada com força nos tornozelos.

Para criar o feitiço, Ashcroft nem mesmo falou um encantamento.

"Como ele está fazendo isso?" Elisabeth chorou.

O queixo de Nathaniel estava cerrado, o rosto brilhando de suor. “O

poder do Arconte deve estar sangrando nele. Mesmo sem barganha, está transbordando como uma fonte.

E em pouco tempo, isso o afogará.

Eles se separaram, mal evitando outro arco, que esculpiu um sulco sibilante no chão entre eles, separando o mármore tão suavemente

quanto uma faca cortando um pedaço de manteiga macia. Depois outro, enviando-os de volta. Nathaniel não teve tempo de lançar um feitiço, mesmo que ele tivesse forças para isso.

Os ataques vieram sem pausa, implacáveis demais para que eles fizessem qualquer coisa, exceto reagir.

"Silas-" ela começou, mas o olhar em seus olhos amarelos a silenciou.

Ele não poderia se transformar sem deixar Nathaniel desamparado.

Um desses arcos, esquivado uma fração muito lentamente, deixaria Nathaniel morto antes que ele atingisse o chão.

Cabia a ela, então.

Dentro do círculo, a luz do arconte ficou mais brilhante, derramando-se sobre os azulejos. Parecia ter crescido vários metros mais alto. E o contorno era mais claro agora: ela conseguia ver o formato das asas e uma coroa em volta da cabeça que poderia ter sido uma coroa. Mais detritos flutuavam em direção à sua órbita, fragmentos de bronze e mármore das varandas juntando-se ao cintilante rio de vidro que circundava seu corpo. Pedaço por pedaço, a biblioteca estava desmoronando.

Desatento de tudo, Ashcroft exibia uma expressão feliz, seus olhos nublados por uma névoa branca brilhante. A luz parecia queimar dentro dele, ardendo de dentro para fora. Quando Elisabeth se agachou sob seu último ataque e se levantou, com o rosto duro de determinação, ele sorriu - não para ela, para o Arconte - e ergueu os braços em um gesto de súplica.

Ela começou a avançar. Raios de luz disparavam de cima como estrelas cadentes, espirrando nos azulejos ao redor de seus pés. Os mísseis dispararam tão rapidamente quanto flechas, muito rápidas para seguir, impossíveis de se esquivar. Ela só podia continuar correndo. Por um momento ela se sentiu sem fôlego, invencível. Então, atrás dela, um som que fez seu coração parar: um grito de dor. *Nathaniel.*

"Continue!" ele gritou.

Seu chicote passou por ela e envolveu um dos pulsos de Ashcroft, arrancando-o da balança. Ela bateu em Ashcroft uma fração de segundo depois, derrubando-o no chão com tanta força que sua cabeça bateu contra o azulejo. Antes que ele pudesse recuperar os sentidos,

ela o empurrou de bruços e puxou os braços atrás das costas. Lembrando-se dos grilhões que Nathaniel usara em Harrows, ela puxou a corrente de ferro da chave grande sobre a cabeça e amarrou-a em torno dos pulsos, com força, sem nenhuma consideração pelas mãos, que ficariam vermelhas e inchariam em instantes. Então ela o levantou pelo colarinho, pressionando o Demonslayer na garganta.

Ele estremeceu quando o brilho desapareceu de seus olhos. Então ele piscou, atordoado, tentando se concentrar.

"Você não pode me matar, Srta. Scrivener."

"Desta vez, eu vou." Ela mal reconheceu sua própria voz, cheia de fúria. O grito de Nathaniel ainda ecoava em seus ouvidos. "Se eu precisar, se é isso que é preciso."

"Ah, não foi isso que eu quis dizer, eu tenho medo." Seus olhos rolaram em direção à cúpula em desintegração.

"A menos que eu ligue, todos nós vamos morrer juntos."

Automaticamente, ela olhou para Nathaniel. Sua boca ficou seca ao vê-

lo esparramado no azulejo, segurando o joelho dele, os dentes arreganhados em uma careta. O sangue escureceu sua perna da calça.

Silas retornou à forma humana e arrancou sua própria gravata para amarrá-la como um torniquete em torno da coxa de Nathaniel, mas havia algo em seus movimentos - a maneira como seus dedos pararam e seu olhar permaneceu no rosto de Nathaniel - quase como se ele sabia. .

• •

Não. **"O que ele está dizendo?" Seu coração se jogou contra as costelas, frenético, doloroso,**

de novo e de novo. Ela voltou-se para Ashcroft. "O que você quer dizer?"

“A convocação do arconte não pode ser revogada. Não após a minha morte - não por ninguém.

Não é um demônio comum; Não há retorno. Agora você entende? Você deve me deixar terminar.

Vocês *devo* permita-me ligá-lo. "

Não. Isso não poderia ser verdade. Ele tinha que estar mentindo.

Porque se ele não fosse ...

Lembrou-se da maneira como Silas olhou para Nathaniel enquanto corriam em direção à Biblioteca Real. *Vamos tentar,* ele disse. Ela se perguntou se ele sabia - sabia que a causa deles era inútil desde o momento em que a convocação começou. O olhar dela voltou a Silas, e os olhos deles se encontraram. Ele nunca pareceu mais antigo ou mais atingido pelo arrependimento.

"Sinto muito, Srta. Scrivener", disse ele.

A luz do arconte pulsou. Uma risada desumana e discordante reverberou na mente de Elisabeth, provocando lascas em seus pensamentos. Rachaduras irromperam pelo chão e dividiram os ladrilhos. A camada mais alta de varandas - a única que restava agora -

caiu como uma fita que se desfazia, com os trilhos e as escadas levantando-se. Acima deles, as constelações do Outro Mundo haviam engolido a cúpula, mas os grimórios ainda ascendiam em correntes infinitas, comprometendo-se a cinzas. Tanta perda, tanto sacrifício.

Como isso pode ser o fim?

Sua mente girou. Quando Ashcroft a agarrou, seus dedos dormentes o soltaram. Como se a uma grande distância, ela o observou se levantar em direção ao círculo, desajeitado de joelhos e erguer o rosto para a luz.

“Finalmente, está na hora. Grande, eu faria uma barganha com você.

Outra gargalhada sacudiu a biblioteca. O Arconte ardeu mais alto, estendendo-se acima das varandas do segundo andar. Elisabeth não tinha mais certeza de que a coroa de espinhos em torno de sua cabeça era uma coroa. Agora, essas formas estavam começando a parecer mais com chifres.

Ashcroft gemeu e caiu para frente, balançando a cabeça para afastá-lo do som horrível. Uma pitada de confusão nublou seu rosto quando ele olhou para cima novamente. Eu não entendo. Você fala comigo, Grande? Eu não consigo ouvir sua voz."

- Você nunca vai ouvir, chanceler - Silas sussurrou. Ele sentou-se apertando a mão flácida de Nathaniel.

“Você é apenas uma formiga, lutando pela superfície do sol. Ouvir sua voz queimaria seus ouvidos em cinzas e transformaria sua mente em cinzas.

Ashcroft nunca tirou os olhos do arconte. "Não. Eu sou diferente - este é o meu direito de nascença. Por trezentos anos, esse tem sido o meu destino. Meu pai e o pai dele - nós nos dedicamos a mais nada. Eu sou digno ... Ele ficou rouco.

O Arconte inclinou a cabeça sob chifre sobrenatural para um lado e para o outro, inspecionando os limites do círculo, não prestando atenção a ele. Grayness roubou as feições de Ashcroft. Ele olhou para o círculo, para os azulejos que haviam rachado, quebrando seu padrão.

Uma mão gigante e luminosa pressionou o ar e empurrou. Um fedor de metal em chamas encheu o átrio enquanto as garras se deformavam, subindo contra uma membrana invisível e depois passavam, chegando fora do círculo. Ashcroft recuou, eclipsado pela luz que se estendia acima dele. Quando a palma da mão desceu, ele não tentou se mover, apenas ficou olhando, esperando o fim, e Elisabeth teve que admitir que não se importaria, vendo Ashcroft ser golpeado como uma mosca.

Em vez disso, a mão desabou sobre o vazio; ela o agarrara pelo braço e o arrastara para longe. Como se ele fosse um monte de lixo, ela o jogou de lado.

"Por quê?" ele perguntou, rolando, olhando para ela de pé sobre ele, como ele tinha o Arconte um instante antes. "Por que você-?"

"Eu queria ver seu rosto quando você percebeu que estava errado", disse ela. "Que tudo que você fez, todas as pessoas que machucou e matou, foi por nada."

Atrás dele, as garras do Arconte arranharam o mármore. Sua luz se estendia mais alto, quase tocando a cúpula, apagando metade do átrio ao abrir as asas. Empedrado por sua imensidão, Ashcroft parecia impossivelmente pequeno. O suor havia quebrado sua testa; sua garganta trabalhou. "Você está satisfeito, Srta. Scrivener?"

Elisabeth desejou tanto esse momento: sua confiança se despedaçou, seu poder foi retirado. Mas agora que ela tinha, percebeu que não valia nada para ela.

"Não", disse ela, e se virou.

O rosto dele se contorceu. Ele correu atrás dela, desmoronando, os olhos vazios e sem ver.

"Você tem que acreditar em mim. Eu preciso que você entenda. Tudo o que fiz, fiz pelo

bem do reino. Por favor-"

Ela o chutou e ele se esparramou com um grito de angústia. Não se importando com o que aconteceu com ele em seguida, ela foi até Nathaniel. Os cílios dele tremeram quando ela se aproximou, mas ele não acordou. Ela se agachou, pegando a mão dele, e viu que Silas ainda segurava a outra, entrelaçada entre as suas, como se fosse fiada em vidro.

A luz derramou sobre Nathaniel, refletindo mais e mais do chão ao seu redor. Ela supôs que o Arconte os mataria a qualquer momento, mas

tudo que ela conseguia pensar era que a mão dele estava terrivelmente fria. "Ele está com dor?"

Silas falou sem desviar o olhar do rosto de Nathaniel. "Não. O final, quando chegar, será rápido para vocês dois. Imaginei que seria melhor assim: lutar juntos e cair rapidamente, em vez de suportar a morte do seu mundo sem esperança. Ele fez uma pausa para alisar a lapela do casaco de Nathaniel e depois endireitar cuidadosamente a gola. Como se fosse uma noite comum, Elisabeth pensou, fazendo-o apresentável para sair. "Peço desculpas por tomar essa liberdade."

Lágrimas inundaram seus olhos e sua garganta se apertou. "O que vai acontecer com você?" Ele se traiu com a menor hesitação. Finalmente, ele disse: "Não importa, senhorita".

"Sim." Ela estendeu a mão para segurar a bochecha de Silas. As provações da noite deixaram sua mão suja, horrorosa contra a perfeição remota. Mas ele ficou quieto e permitiu que ela o tocasse, e ela ficou surpresa ao descobrir que ele se sentia humano, não como uma estátua esculpida em alabastro.

Uma estranha serenidade tomou conta dela. Havia uma coisa que ela poderia fazer. Era o fim do mundo, e eles não tinham mais nada a perder. "Obrigado. Eu só queria dizer isso antes. . . ”

Os olhos dele se voltaram para ela sob os cílios. Ela viu o momento em que ele entendeu. Ela já o tinha pensado antes, mas agora ele virou pedra. Embora sua expressão não parecesse mudar, brotou em seus olhos tanto a miséria quanto a esperança, e uma fome tão sem fundo que ela podia senti-la bocejando.

sob sua pele, como a devoradora escuridão de uma noite sem estrelas. A luz ficou cegante; o Arconte estava quase sobre eles agora.

"Silariathas". O nome Enochiano derramou sua garganta e rolou sobre sua língua como fogo.

"Silariathas", disse ela, com a voz bruta de poder, "liberto você de seus laços de servidão."

Suas pupilas incharam, preto engolindo o ouro. Isso foi tudo o que ela teve a chance de ver antes que a luz crescesse tanto que ela teve que desviar os olhos. Um pulso percorreu a

biblioteca, mexendo seus cabelos, como se uma pedra tivesse caído sobre a superfície da realidade, suas ondulações fluindo para fora. Ela agarrou a mão de Nathaniel, esperando para morrer. Mas um segundo passou e depois outro - e ela não sentiu nada.

As pálpebras de Nathaniel se abriram. A prata tinha sangrado de seus cabelos. Grogue, ele tentou se concentrar.

"Silas?" ele gerenciou.

Lentamente, Elisabeth olhou para cima. Por um instante, ela pensou que tinha morrido, afinal, e estava sonhando.

Silas estava de pé sobre eles, um braço levantado, bloqueando a luz do arconte. *Silas não. Silariathas.* Chifres ondulavam em seu couro cabeludo, brancos como porcelana, suas espirais terminando em pontos perversos. Os ângulos de seu rosto haviam se tornado inquietantes e cruéis, sua delicada beleza arquivada em nitidez desumana.

Seus ouvidos eram pontudos; suas garras se alongaram, finas e afiadas.

Ele não parecia ter notado o arconte. Ele estava olhando para Nathaniel, de olhos pretos e faminto.

"Você se atreve a me falar assim?" ele sussurrou. Com um empurrão desdenhoso do braço, ele jogou a mão do arconte para longe. Então ele se virou para Nathaniel, curvando-se sobre ele. Ele estava tremendo; o cabelo dele tremia. Ele disse em um horrível sussurro áspero: "Você está ciente do que eu sou - o que farei com seu mundo, enquanto seu povo foge gritando pela terra quebrada?"

Nathaniel não parecia com medo. Talvez ele fosse insensível demais para sentir medo, o que explicaria o que ele fez a seguir: ele pegou a mão com garras de Silariathas e acariciou-a desajeitadamente, como se Silariathas fosse quem precisava de conforto, em toda a sua glória imortal, e não o contrário. . "Está tudo bem, Silas", disse ele.

"Não fale comigo, inseto", Silariathas cuspiu, libertando-se do toque de Nathaniel. Seus dedos estalaram ao redor do pescoço de Nathaniel, suas garras picando a pele macia enquanto elas apertavam. Quando uma gota de sangue apareceu, foi ele quem reagiu, não Nathaniel - um calafrio percorreu-o, por toda a espinha. Nathaniel tentou fracamente um sorriso.

"Se você me matar, está tudo bem."

Silariathas congelou. Os dedos dele afrouxaram. "Você é um tolo", ele ralou, através dos lábios que mal se moveram.

Nathaniel não parecia ter ouvido. Ele estava perdendo a consciência muito rapidamente. "Está tudo bem", ele repetiu. “Eu sei que dói. Eu sei." E quando ele se afastou, ele murmurou: "Eu te perdoo."

O silêncio depois foi tão profundo que Elisabeth não ouviu nada além do lamento prateado dos grimórios, subindo acima deles em correntes.

Até o Arconte ficou parado; olhou para baixo, a cabeça inclinada, como se isso fosse algo que nunca tinha visto antes.

Silariathas olhou para cima. Elisabeth seguiu o olhar dele e viu um grimório que ela reconheceu passando por cima deles, um rosto murcho, o brilho de uma agulha. Eles assistiram sem falar enquanto ascendia para se queimar em cinzas - algo horrível, torturado, mortal, monstruoso, mas não além do amor, capaz no final desse ato final de redenção. O que Silariat pensou nisso, Elisabeth não sabia. Não havia nada em seus devoradores olhos negros que ela reconheceu. Não foi até que ele olhou de volta para Nathaniel que ela vislumbrou um indício de seu outro eu: o ser que cuidara de Nathaniel quando ele cresceu de menino para jovem, que o colocou na cama e cuidou de seus ferimentos e fez as feridas. ele chá, consertou a gravata, segurou a mão por todos

os pesadelos. Silas brilhava através da máscara fria e cruel como a luz queimando atrás de um copo.

Ele se inclinou sobre Nathaniel. Elisabeth engoliu em seco. Mas ele apenas levou a mão de Nathaniel aos lábios e a beijou, exatamente como havia feito após a convocação, apesar de a agonia ter estragado seu rosto, a fome lutando a cada segundo pelo controle. Então ele baixou a mão de Nathaniel. Ele se levantou e encarou o arconte.

"Silas", Elisabeth sussurrou.

A dor percorreu suas feições ao som de sua voz. Ele fechou os olhos, afastando a fome. "Eu não sou igual", ele murmurou. "Não posso lutar e vencer." Cada palavra parecia forçá-lo. "Mas eu tenho força suficiente para terminar o ritual e forçá-lo de volta ao Outro Mundo."

Ela não conseguia respirar. Seus pulmões pareciam tensos como um tambor, trancados em torno de um grito surdo. Ela viu novamente a espada no coração de Silas. Demônios não poderiam morrer no reino humano. Mas se ele entrou no círculo e os deixou ...

"O que Nathaniel fará?" ela engasgou.

Silas parou ainda mais. Por fim, ele disse, com uma voz quase igual à dele: “Temo que ele precise aprender a colocar suas roupas do lado certo. Ele terá mais vinte anos para dominar a arte. Esperemos que o tempo seja suficiente. Ele deu um passo à frente. "Cuide dele, Elisabeth."

Lágrimas escorriam por suas bochechas. Ela sacudiu o queixo em um aceno de cabeça. De alguma forma, Silas parecia calmo agora, seu rosto transformado por alívio. Fracamente, ele estava sorrindo.

Lembrou-se do que pensara ao ver Silas sorrir pela primeira vez: nunca tinha visto alguém tão bonito. Ela nunca soube que tanta beleza era possível.



Por fim, entendendo o que Silas pretendia fazer, o Arconte ardeu em maiores alturas, varrendo as asas pelos destroços. Fragmentos de mármore choveram ao redor deles. Os azulejos quebraram e o vidro da cúpula brilhou como neve quando caiu. Mas ela viu apenas o rosto de Silas, radiante, quando ele entrou na luz.

EPÍLOGO

E Lisabeth ficou inquieta em seu assento. Sob circunstâncias diferentes, a espera a deixaria sonolenta. Sun entrou pela janela, olhando pelas pinças de bronze do Collegium, lançando um retângulo quente sobre a cadeira. Roncos emitidos por um grimório descansando aberto em um suporte no canto, que ocasionalmente acordava e chiava dispepticamente antes de voltar a dormir. O

quarto cheirava a pergaminho e cera de abelha. Mas esse escritório pertencia à senhora Petronella Wick, e Elisabeth foi ferida com tanta força quanto uma mola.

Ela quase pulou da pele quando um ruído alto e *whoosh* quebrou o quase silêncio, seguido de um baque e um chocalho. Apenas uma entrega através do sistema de tubos pneumáticos, chegando ao escritório de algum outro lugar da Biblioteca Real. Mesmo assim, os nós dos dedos ficaram brancos. Se ela continuasse segurando os braços assim, seus dedos ficariam dormentes.

"Você está bem?" Katrien perguntou.

Elisabeth balançou a cabeça para cima e para baixo no que esperava passar por um aceno de cabeça. "Se eles tivessem nos trazido aqui para nos bater palmas", disse Katrien, "tenho certeza de que eles já teriam feito isso".

Elisabeth olhou para a amiga. Katrien usava um conjunto de túnicas de aprendiz azul claro, a chave grande pendurada no peito. Ela era baixa o suficiente para que a borda da cadeira a atingisse abaixo do joelho, forçando as pernas a se destacarem na frente dela, uma pose que a fazia parecer estranhamente inocente.

"Mas nunca é demais vir preparado", ela continuou, esticando o pescoço para inspecionar o conteúdo da mesa com interesse. Ela ficou particularmente fascinada com a papelada da senhora Wick, que não

estava escrita em tinta nem em rascunho comum, mas em relevo com fileiras de pontos de aparência irregular. “Eu entrei em um conjunto de fechaduras e uma lima de metal por precaução. Eles estão na minha meia esquerda.

“Katrien! E se alguém os encontrar?

“Então suponho que teremos que recorrer ao segundo arquivo. Mas tenho que avisar que

será menos agradável recuperar se eu estiver incapacitado. Está na minha ...

Katrien bateu a boca com força quando a maçaneta da porta girou. A senhora Wick entrou, resplandecente em suas profundas vestes índigo.

A luz do sol brilhou em seu alfinete de chave e pena quando ela se sentou em frente a eles atrás de sua mesa. Embora seus olhos nunca se voltassem na direção deles, Elisabeth, no entanto, experimentou a mesma sensação de escrutínio da última vez.

Da última vez, quando ela se sentou neste escritório e mentiu.

Elisabeth Scrivener. Katrien Quillworthy. Eu pensei que seria mais eficiente lidar com vocês dois ao mesmo tempo.

O que isso significava? Elisabeth lançou a Katrien um olhar de puro terror, que foi recebido com um encolher de ombros.

“Primeiro”, disse a senhora Wick, “eu gostaria de atualizá-lo sobre a situação com o espelho.

Agradeço sua sinceridade, Scrivener, ao chamar o artefato para a atenção do Collegium.

Após a convocação do Arconte, Elisabeth estava exausta demais para fazer qualquer coisa, exceto balbuciar a verdade - tudo isso - em um longo e quase interrompido fluxo para os guardas que a haviam tirado dos escombros do átrio. Pouco tempo depois, o espelho da vidraça havia sido confiscado do sótão de Nathaniel. Agora uma pontada de

pânico fez seu coração bater forte. Pela primeira vez, ela percebeu que sua honestidade também poderia ter deixado Katrien em apuros.

O alívio a inundou quando a senhora Wick continuou: “Com base em minha forte recomendação, o Comitê de Preceptores decidiu omitir o espelho de ambos os seus registros. Existem alguns no Collegium que não considerariam gentilmente o uso de um artefato mágico proibido, mesmo em busca de salvar o reino. Eu preferiria que a informação nunca caísse nas mãos deles. Ela virou a cabeça levemente. "Agora, Quillworthy."

Katrien sentou-se mais reto. "Sim, senhora Wick?" ela disse, com uma polidez que instintivamente levou Elisabeth a se preparar, já que aquele tom em particular, vindo de Katrien, já havia precedido um incêndio de fogos de artifício no rosto do diretor Finch. Desta vez, no entanto, parecia que Katrien estava falando sério.

“Tenho o prazer de compartilhar que o Comitê também aprovou a transferência de seu aprendizado de Summershall para Brassbridge, também por minha recomendação. Quando essa reunião terminar, você será mostrado a suas novas acomodações na Biblioteca Real. ”

Elisabeth mal se conteve de rir alto em deleite. Ela e Katrien compartilharam um sorriso.

A partir de agora, eles estariam apenas a quinze minutos a pé.

“Minha sugestão ao Comitê foi influenciada não apenas pelos seus esforços contra Ashcroft”, continuou a senhora Wick, “mas também pela sua coragem em expor os crimes do ex-diretor Finch. Se você não tivesse investigado as atividades dele, é possível que ele nunca tivesse sido pego.

Seus sorrisos aumentaram. Como se viu, Finch usava seus novos privilégios como diretor para contrabandear ilegalmente grimórios nas mãos de compradores particulares. O tempo todo que Katrien os ajudava com Ashcroft, ela também planejava resgatar Summershall de sua tirania.

“Você fez um excelente trabalho, Quillworthy. Estou ansioso para assistir sua carreira progredir e, é claro, fornecer todas as referências que você precisar. Falando nisso, Scrivener.

Um rubor se espalhou pelo rosto de Elisabeth. Ela estava tão convencida de sua humilhação iminente que descobriu que não podia falar. Ela olhou para o colo.

- Em primeiro lugar - disse a senhora Wick -, eu sabia quem você era no momento em que pôs os pés na Biblioteca Real. Se eu tivesse contestado a situação, não teria permitido que o mordomo o contratasse.

"Oh." Elisabeth fez uma pausa. Pestanejou. "Como você sabia?"

“A maioria das servas em potencial não é tão otimista quanto aos livros que arrancam os dedos das pessoas. O mordomo ficou muito impressionado. Agora, tenho algo aqui para lhe dar. Ela tirou um pacote de suas vestes e passou por cima da mesa. "Não vai morder seus dedos", disse ela secamente, quando Elisabeth hesitou em tomá-lo.

Incerta, ela aceitou o pacote com as mãos trêmulas. Ela soltou a corda, dobrou o papel azul de lado e parou de respirar. De dentro, um recém-forjado

greatkey brilhava para ela. A maioria das chaves das Grandes Bibliotecas estava manchada de idade e uso, mas essa era nova em folha, brilhando tão intensamente quanto o ouro.

"Eu sei que você provavelmente teria preferido o seu antigo, mas não conseguimos recuperá-lo dos destroços."

A voz da senhora Wick desapareceu. Por um momento, Elisabeth voltou para lá, sentindo o átrio tremer, vendo-o desmoronar ao seu redor. Depois que Silas entrou no círculo, a cúpula entrou, deixando ela, Nathaniel e Ashcroft enterrados sob toneladas de detritos. Longos minutos de silêncio se seguiram enquanto ela esperava a ajuda chegar.

Presa sozinha sob os escombros, ela não tinha ideia se Nathaniel havia sobrevivido.

Ela piscou e, assim, estava de volta ao escritório iluminado pelo sol. Ela cuidadosamente

tocou seus braços, mas o último de seus hematomas havia desaparecido semanas atrás.

"Está tudo bem", disse ela, erguendo os olhos da chave. “Acho que estou pronto para um novo. Mas isso significa? . . ?

A senhora Wick assentiu. “Seu aprendizado foi oficialmente restabelecido - se você optar por aceitá-lo. Serei sincero: há pessoas no Comitê que não desejaram permitir seu retorno. Mas eles são superados em número por aqueles que o consideram um herói. Não tenho dúvidas de que você será aceito no treinamento de diretor, caso decida prosseguir.

Elisabeth fez uma pausa. Não tenho mais certeza de que sim. . . quer ser um diretor. Nada comparado ao alívio de falar essas palavras em voz alta. "Na verdade", disse ela, ficando mais ousada, "não sei mais o que quero fazer ou quem quero ser". Ela ergueu os olhos da chave e ofereceu: "O mundo é muito maior do que eu pensava."

A senhora Wick ficou pensativa. “Eu sei que sua visão do Collegium mudou. Mas não esqueça que o Collegium também pode mudar. Ele simplesmente precisa das pessoas certas para mudar isso. Existem várias outras postagens igualmente importantes na Grande Biblioteca nas quais você pode fazer a diferença.

Os guardas tendem a esquecer que nem todas as batalhas são travadas com espadas. Sua voz suavizou.

“Mas você não precisa fazer uma escolha agora. Essa chave é uma promessa de que, o que você decidir, ou não, será sempre bem-vindo nas Grandes Bibliotecas. ”

Elisabeth sentia falta de usar as vestes de seu aprendiz; as mangas compridas eram úteis quando não havia um lenço por perto. Ela tentou

não cheirar muito alto enquanto

enxugou as bochechas.

- Finalmente - disse a senhora Wick, voltando-se para as duas meninas

-, devo pedir que você mantenha em segredo o propósito de Cornelius Ashcroft para as Grandes Bibliotecas - por enquanto. No momento, apenas um punhado de pessoas sabe o que realmente aconteceu naquele dia. A verdade será divulgada eventualmente, mas os preceptores desejam garantir que, quando isso acontecer, o Collegium esteja preparado para enfrentar a tempestade. ”

E que tempestade seria. Quando Elisabeth saiu do escritório, um minuto depois, ela se perguntou que tipos de reuniões os funcionários roubados estavam realizando em salas empoeiradas, discutindo a revelação de que as Grandes Bibliotecas haviam sido criadas para convocar o Arconte. Em breve, a notícia destruiria o Collegium. E

por incrível que pareça, ela pensou que isso poderia ser uma coisa boa.

Já era tempo de as engrenagens antigas serem arrancadas e substituídas por algo novo.

Ela e Katrien dobraram a esquina. No fundo de seus pensamentos, Elisabeth quase colidiu com um garoto vestindo as roupas de um bibliotecário júnior.

"Olá", disse ele, brilhando ao vê-los. Ele se virou de Elisabeth para Katrien. “Você é Katrien Quillworthy? Meu nome é Parsifal. Fui eu quem lhe mostrou seu quarto e depois fez um tour pela biblioteca. Ele girou de volta para Elisabeth, radiante. "E você deve ser Elisabeth Scrivener."

"Prazer em conhecê-lo", disse ela, estendendo a mão.

Ele deu uma sacudida conspiratória. Ele também, possivelmente, tentou piscar - ou isso, ou um pedaço de poeira passou por seus óculos e entrou em seus olhos. Ela não sabia dizer qual.

Foi um alívio descobrir que ele ainda estava vivo. Ao contrário de suas expectativas, poucos bibliotecários haviam morrido durante a convocação. Quando Ashcroft chegou com um exército de demônios para iniciar seu ritual, eles haviam se barricado aqui nos escritórios da ala nordeste.

Surpreendentemente, depois que o átrio desabou, o próprio Parsifal pegou emprestado um machado do arsenal para libertá-los.

Elisabeth se preparou para seguir sozinha. Antes de seguirem caminhos separados, Katrien a pegou pelo braço. "Como você está, verdadeiramente?" ela sussurrou baixinho.

Elisabeth tentou um sorriso. "Estou bem."

A expressão de Katrien ficou séria. “Eu sei que você se importava com ele. Ele significou

muito para você.

Ela assentiu, sua garganta apertada. "Tem sido . . . difícil. Mas as coisas estão melhorando. ” Esperando que ela não estivesse mudando de assunto muito obviamente, ela olhou para Parsifal. Você vai gostar de Parsifal. Ele é gentil. Inteligente. E ... er, crédulo.

"Oh, perfeito", disse Katrien.

"Não o coloque em muitos problemas." Ela tinha um forte pressentimento de que Parsifal iria substituir Stefan como colaborador involuntário de Katrien.

Ela sorriu. “Eu vou, mas eu vou tirá-lo disso depois. Eu prometo." Os espíritos de Elisabeth se levantaram quando ela atravessou o átrio. O

som de trabalhadores martelando ecoou por todo o espaço, quase abafando o farfalhar amigável de páginas. Os feiticeiros já haviam terminado há muito tempo, mas ela já estava lá para vê-los trabalhar enquanto erguiam as varandas quebradas, consertavam os pilares, tornavam as estantes de livros inteiras novamente, como uma maravilha com o alvorecer do mundo. O

átrio não estava como antes; metade das prateleiras estava vazia e o mapa nos azulejos não havia sido substituído. Mas raios de luz de safira ainda se filtravam através da cúpula recém-reparada, e o ar ainda cheirava a pó de pergaminho e magia. Toda vez que fechava os olhos, sentia uma agitação, um sussurro

- um fantasma da consciência que despertara para despertar a biblioteca para a batalha,

Quando ela passou por um grupo de bibliotecários pelas portas da frente, o frio no ar a assustou. Estava tão quente por dentro, que ela havia esquecido brevemente que já era inverno.

Uma sombra alta e esbelta estava encostada a uma das estátuas que ladeavam a entrada. Enquanto descia os degraus, a sombra se soltou, mancando na luz com a ajuda de uma bengala. O coração dela deu um pulo.

Depois de passar todas aquelas horas presas nos destroços, incerta do destino de Nathaniel, ela ainda experimentava um momento de alegria toda vez que o via.

A capa de esmeralda era coisa do passado. Em seu lugar, ele usava um sobretudo escuro com a gola levantada contra o frio. Parecia especialmente marcante contra suas feições pálidas e angulares, com a brisa despenteando seus cabelos negros; a essa altura, ela já estava acostumada com a aparência sem a faixa prateada. Outra diferença foi a bengala, que nunca saiu do lado dele. Como se viu, houve algumas feridas

nem mesmo as enfermarias de sua casa podiam curar, principalmente depois de passar horas aguardando resgate nos escombros de uma biblioteca.

Foi um milagre que eles tivessem sobrevivido. Centenas de toneladas de pedra e vidro, e

caiu de tal maneira que os dois foram poupados. Um milagre, disseram as pessoas, mas Elisabeth sabia a verdade. Era o trabalho da biblioteca, cuidando deles até o fim.

"Você está sorrindo", ele observou, seus olhos cinzentos brilhando.

"Como foi?" Ela enfiou a mão no bolso e mostrou a ele sua nova grande brilhante. Ainda não tomei uma decisão. Mas foi - bem. Muito melhor do que eu esperava. Ela parecia surpresa até para seus próprios ouvidos.

"Estou feliz", disse ele, com sentimento. "Já era hora de algo maravilhoso acontecer com você."

“Algo já tem, segundo os jornais. O nome dele é Magister Thorn, o solteirão mais elegível de Austermeer.

“Ah, você sabe como eles exageram. Na semana passada, eles ainda estavam reivindicando que eu planejava concorrer à chanceler. ”

Quando eles pisaram na calçada, ele fez um ruído sufocado de dor.

Ela lançou-lhe um olhar preocupado, segurando o braço dele no dela, que prontamente suportava uma porção considerável de seu peso.

Godfrey lhe deu permissão para caminhar até aqui?

"Não. Ele terá algumas palavras de escolha para mim amanhã. Mas, como parece que a lesão será permanente, sou da opinião de que devo começar a me acostumar a andar mancando. ” Pensativo, ele bateu na bengala. "Você acha que eu deveria ter um com uma espada dentro, como a de Ashcroft?"

Ela estremeceu. "Por favor, não." Seu arrepio se transformou em um arrepio quando uma enxurrada de flocos de neve passou. Ela olhou para cima, espantada ao ver que o céu, que estava azul apenas alguns minutos atrás, agora estava se enchendo de nuvens suaves de inverno.

Flocos brancos espiralaram para baixo, girando sobre a cúpula da Biblioteca Real, girando em torno do pégaso de bronze no topo de sua torre, que ela estava convencida agora de criar em uma posição ligeiramente diferente da anterior.

Nathaniel também parou para apreciar a vista. "Você se lembra da última vez que nevou em Hemlock Park?"

"Claro." O sangue correu para suas bochechas com o olhar que ele estava dando a ela. Como ela poderia esquecer? A geada e a luz das velas, a maneira como o tempo pareceu parar quando eles se beijaram e como ele separou o roupão dela com tanto cuidado, com apenas uma mão—

Ela não tinha certeza de qual deles se inclinou primeiro. Por um momento, nada existia

fora do escovar dos lábios, a princípio hesitantes, e depois o calor da boca, tudo consumindo.

"Eu me lembro", Nathaniel murmurou enquanto ela entrelaçava a mão em seus cabelos, "que este" - outro beijo - "é uma rua pública."

"A rua não existiria sem nós", respondeu ela. "O público também não."

O beijo continuou, feliz, até que alguém assobiou por perto.

Eles riram quando se separaram, os lábios corados e a respiração nublando o ar entre eles. De repente, a queda de neve atingiu Elisabeth como um tempo muito conveniente. "Isso não é tarefa sua, é?" ela perguntou, pegando alguns flocos na palma da mão.

Ela percebeu seu erro assim que falou. Mas desta vez, seus olhos mal escureceram. Ele simplesmente estalou os dedos, demonstrando a falta de uma faísca verde. “Infelizmente, meus dias de controle do tempo acabaram. Para alívio de algumas pessoas, sem dúvida.

Ela abaixou a cabeça enquanto eles continuavam em direção a Hemlock Park. "Você já pensou mais sobre isso, sabia?"

Ele fez uma pausa pensativa. “Sinto falta de fazer mágica, mas não parece certo, convocando outro demônio”, ele disse finalmente. “O

Magisterium se ofereceu para entregar um nome de seus registros, mas eles não estão exercendo tanta pressão quanto eu previa. Agora que as Crônicas dos Mortos foram destruídas e os feitiços de Baltasar, não há grande urgência em ter um Espinho esperando nas asas.

"Isso é bom", disse Elisabeth. Seu peito doía um pouco. Apenas alguns dias atrás, Nathaniel não teria tido coragem de continuar essa conversa.

"Isto é. E terei tempo para outras coisas. "Como o quê?"

ela perguntou.

"Vamos ver. Eu sempre quis pegar esgrima. O que você acha? Eu pareceria terrivelmente arrojado com uma florete.

Ela fez uma careta.

- Você está certo - espadas são da sua área, não minha. Que tal fazer queijo? Arranjo de flores?

Existem tantas possibilidades, é difícil saber por onde começar. ” Ele parou de pensar. “Talvez eu devesse começar com algo mais simples.

Você ainda gostaria de patinar no gelo?

"Sim!" ela explodiu. "Mas-" Ela tentou não olhar para a perna ferida.

Um sorriso apareceu em sua boca. “Nós salvamos o mundo, Scrivener.

Nós vamos descobrir uma maneira.

Ela relaxou. Ele estava certo. Eles *seria* descobrir uma maneira.

"Mesmo se você tiver que me puxar em um trenó", Nathaniel continuou. "Eu não estou puxando você em um trenó!" "Por que não?

Ouso dizer que você é forte o suficiente. Ela cuspiu.

"Entraria nos jornais."

"Acredito que sim. Eu gostaria de salvar um recorte. Eu poderia colocá-lo na minha página de recados, ao lado de todos os artigos sobre Ashcroft passando o resto da vida em uma masmorra fedorenta e infestada de ratos.

Ela sorriu o resto do caminho para casa, admirando a neve começando a espanar os telhados do Hemlock Park, fazendo com que as gárgulas ocasionais batessem nos ouvidos com irritação. Guirlandas e guirlandas decoravam as casas em preparação para as férias de inverno.

Carruagens passaram, flocos cobrindo seus telhados como açúcar em pó. Enquanto isso, os transeuntes paravam para acenar na direção de Elisabeth e Nathaniel, tirando o chapéu ou até parando para se curvar, com o rosto solene. Ninguém sabia a história toda, mas a batalha em frente à Biblioteca Real, sua recuperação dos escombros e a subsequente confissão de Ashcroft pintaram Elisabeth e Nathaniel como salvadores da cidade.

De vez em quando, uma testemunha da batalha parava para perguntar se havia uma terceira pessoa lá naquele dia. Alguém mais que brigou com eles nos degraus da biblioteca, leve e pálido como um fantasma, chegou um momento e se foi.

Próximo. Eles pareciam intrigados quando perguntaram, como se lembrassem de um sonho sem lembrança.

Elisabeth respondeu, mas eles não acreditaram nela, e ela suspeitou que nunca acreditariam.

Não é a história toda - que foi Silas quem realmente salvou todos eles.

Assim que chegaram em casa, Nathaniel desapareceu em seu escritório, reclamando da papelada. Ele se ofereceu para ajudar na identificação dos artefatos mágicos recuperados de Ashcroft Manor, que estava em processo de reforma em um novo hospital de última geração.

Surpreendentemente, o próprio Lorde Kicklighter assumiu a iniciativa com todo o

entusiasmo de um ataque geral à batalha. Depois de encerrar Leadgate, ele agora estava de olho nas outras instituições que Ashcroft havia financiado.

O cansaço desceu sobre Elisabeth enquanto ela estava no vestíbulo.

Estranho, quantas memórias poderiam existir juntas em um único lugar. Havia a poltrona em que Silas a colocara, quando ele discutiu com Nathaniel para deixá-la ficar. Foi onde eles lutaram contra o Codex depois que ele se tornou um Malefict. Onde ela limpou o sangue de Nathaniel do chão após o baile real e ficou esperando, não uma vez, mas duas vezes, para ouvir o Dr. Godfrey se ele viveria ou morreria. E

onde, em sua primeira manhã aqui, Silas passou os dedos enluvados sobre o espaço vazio na parede. . .

Alguns dias, as lembranças pairavam sobre ela como um peso. Cada um era leve o suficiente para suportar por si só, mas combinados, eles podiam dificultar até subir as escadas. E, no entanto, ela não os trocaria por nada. A existência deles fez dessa casa, dessa vida, um

lugar pelo qual ela havia lutado e conquistado. Um lugar onde ela pertencia.

"Com licença senhorita!" Mercy gritou, passando por uma esfregona, uma vassoura e um balde, todos equilibrados em seus braços ao mesmo tempo. Elisabeth avançou para ajudar, mas Mercy acenou com uma risada.

Ela foi a primeira criada que Nathaniel concordou em contratar.

Durante aqueles dias cansativos iniciais, ele recusou-se a considerar alguém, até que Elisabeth localizou Mercy usando os registros do Hospital Leadgate e a levou direto para sua sala de enfermaria, onde Mercy havia declarado com firmeza: “Não sou estranho para as pessoas.

gritando no meio da noite. E eu também não vou julgá-lo por isso. Ela havia se mudado até o final do dia.

"Por favor, me chame de Elisabeth!" Elisabeth gritou nas costas de Mercy, antes de desaparecer na esquina. Ela continuou tentando explicar que era estranho ser chamado de "saudade" por alguém da sua idade. No entanto, em particular, isso era apenas parte da razão pela qual a deixava desconfortável. Na verdade, ser abordada dessa maneira a lembrava demais de Silas.

Em vez de voltar diretamente para o quarto, ela caminhou pelo corredor e dobrou a esquina, onde a porta uma vez trancada da sala de convocação estava entreaberta. Ela enfiou a cabeça, olhando as caixas e os móveis que se acumularam lá dentro. Por um capricho, afastou duas cadeiras e um tapete enrolado para descobrir o pentagrama.

Ela e Nathaniel passaram inúmeras noites aqui durante sua recuperação, quando ele não conseguia andar mais do que alguns passos de cada vez, mas ainda insistia em fazer a

viagem pelo corredor.

Juntos, repetidamente, eles acenderam as velas. Noite após noite, eles falaram o verdadeiro nome de Silas.

E cada vez que nenhuma brisa sobrenatural lhes respondia, nenhuma agitação das cortinas ou agitação das chamas.

Eles nunca admitiram em voz alta que Silas se fora. Ela supôs que isso seria algo que viria depois. Mas um dia Mercy precisou mover algumas caixas e, da maneira prática usual, as colocou aqui. Mais caixas se juntaram a eles, seguidas por outras probabilidades e fins. De alguma forma, semanas se passaram sem que Elisabeth percebesse o quanto drasticamente a sala havia mudado.

Era isso o que significava perder alguém? A dor nunca foi embora.

Acabou de chegar. . . coberto.

Meditativa, ela moveu o meio queimado, tombado sobre as velas de volta para suas posições apropriadas.

As pontas dos dedos traçaram os sulcos do pentagrama. Ainda doía que Silas não tivesse memorial, nem sepultura. Essa escultura no chão era tudo o que ela tinha para se lembrar dele. De certa forma, era como se ele nunca tivesse existido.

Ela teria que falar com Nathaniel sobre isso. Talvez eles pudessem inventar algo juntos.

Ajudaria Nathaniel, ela pensou, a ter um lugar para visitar, e talvez deixar flores de vez em quando.

Por enquanto, para ela, isso seria suficiente.

Ela acendeu as velas, fazendo isso por ordem anti-horária, por hábito.

Era um tipo estranho de lembrança, mantendo uma vigília sozinha em uma sala cheia de móveis de reposição. O que Silas pensaria se ele pudesse vê-la? A cerimônia não estaria de acordo com seus padrões habituais. Mas ela duvidava que ele se importasse, mesmo que ele fingisse.

Depois que acendeu a vela final e sacudiu a partida, ela fez uma pausa.

Uma ideia havia lhe roubado a mente como um rascunho errante,

esquivo e inesperado.

Não . . . claro que não funcionaria. Mesmo assim, ela achou o pensamento impossível de se abalar.

Movendo-se devagar, ela espetou o dedo na faca e tocou o sangue no círculo. Ela sentou-se

sobre os calcanhares. Toda vez que eles tentaram convocar Silas, eles usaram o nome Enochiano. Mas e se-?

Ele havia desafiado o Arconte para salvá-los. Ele traiu sua própria espécie. A versão dele que venceu no final não tinha sido Silariathas, cruel e fria. Fora o outro lado que lutara e saíra vitorioso, provado ser verdade.

E se . . . e se?

Ela se firmou, tentando acalmar as batidas furiosas do coração. No silêncio, ela disse simplesmente: "Silas".

No começo, nada. Então o cabelo pendurado na frente de seu rosto se mexeu, como se movido por uma respiração. Uma brisa sem origem agitou a franja do tapete enrolado. Um papel soprou pelo quarto, encostado na parede.

E todas as cinco velas se apagaram de uma só vez.

AGRADECIMENTOS

O segundo romance pode ser notoriamente difícil de escrever, e minha experiência não foi exceção. Sou eternamente grato à minha agente, Sara Megibow, e à minha editora, Karen Wojtyla, por seu apoio enquanto eu lutava para escrever este segundo livro. Sem o entendimento e a paciência deles, eu nunca teria tido a oportunidade de encontrar essa história.

Devo um enorme agradecimento a toda a minha equipe editorial da McElderry Books. Obrigado, Nicole Fiorica, por responder minhas perguntas ridículas com tanta gentileza. Agradecemos também a Bridget Madsen, Lisa Moraleda, Sonia Chaghatzbanian, Beth Parker, Justin Chanda, Anne Zafian, Chrissy Noh e Ellen Winkler por ajudarem este livro a se tornar o melhor possível, por dentro e por fora.

E devo minha alma a Charlie Bowater, cujas belas ilustrações de capa ainda me deixam admirado toda vez que as olho.

Em seguida, gostaria de me desculpar com meus pais, que suportaram uma grande quantidade de comportamentos bizarros e induzidos pelo estresse enquanto terminava este livro, e também me certificaram de não morrer de fome. "Obrigado" não começa a cobri-lo. Também sou grato ao meu irmão mais velho, Jon Rogerson, e à minha irmã honorária, Kate Frasca; e Denise Frasca, por apoiar meu trabalho com tanto entusiasmo.

Jessica Stoops e Rachel Boughton: você já sabe o quanto significa para mim e que eu não seria a mesma escritora ou pessoa sem vocês dois.

Obrigado. E obrigada aos meus queridos amigos Jamie Brinkman, Kristi Rudie, Erin Phelps, Nicole Stamper, Liz Fiacco, Jessica Kernan, Katy Kania e Desiree Wilson por serem o melhor grupo de pessoas que eu poderia esperar conhecer.

As colegas autoras Katherine Arden, Jessica Cluess, Stephanie Garber, Heather Fawcett, Emily Duncan, Isabel Ibañez Davis, Ashley Poston e

Laura Weymouth - obrigado por sua sabedoria, amizade e livros incríveis; essa jornada seria solitária sem você.

Por último, mas não menos importante, sou grata além das medidas aos livreiros independentes que defenderam meu trabalho, incluindo Allison Senecal, Nicole Brinkley, Sarah True, Cristina Russell e Rachel Strolle. Muito obrigado. Você é demais.

SOBRE O AUTOR

MARGARET ROGERSON é o autor do best-seller do New York Times, Um

Encantamento de Corvos. Ela é bacharel em antropologia cultural pela Universidade de Miami.

Quando não está lendo ou escrevendo, ela gosta de desenhar, jogar, fazer pudim e assistir a mais documentários do que é socialmente aceitável (segundo alguns). Ela mora perto de Cincinnati, Ohio, ao lado de um jardim cheio de beija-flores e rosas. Visite-a em MargaretRogerson.com .

Visite-nos em simonandschuster.com/teen

Authors.SimonandSchuster.com/Margaret-Rogerson

Margaret K. McElderry Livros Simon &

Schuster, Nova York

Também por Margaret Rogerson

Um encantamento de corvos

Esperamos que você tenha gostado de ler este artigo da Simon & Schuster.

ebook.

Receba um e-book GRATUITO ao se juntar à nossa lista de e-mails.

Além disso, obtenha atualizações sobre novos lançamentos, ofertas, leituras recomendadas e muito mais da Simon & Schuster. Clique abaixo para se inscrever e veja termos e condições.

CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER

Já é assinante? Forneça seu e-mail novamente para que possamos registrar este ebook e enviar a você mais do que você gosta de ler. Você continuará recebendo ofertas exclusivas em seu caixa de entrada.

MARGARET K. McELDERRY BOOKS Uma impressão da Simon & Schuster Children's Publishing Division

1230 Avenue of the Americas, Nova York, Nova York 10020

www.SimonandSchuster.com

Este livro é um trabalho de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas reais ou lugares reais são usadas de maneira fictícia.

Outros nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação do autor e qualquer a semelhança com eventos, lugares ou pessoas reais, vivos ou mortos, é inteiramente coincidência. Copyright

© 2019 por

Margaret Rogerson Jacket ilustração copyright © 2019 por Charlie Bowater Todos direitos reservados, incluindo o direito de reprodução total ou parcial de qualquer forma.
MARGARET K. McELDERRY

BOOKS é uma marca comercial da Simon & Schuster, Inc. Para obter informações sobre descontos especiais para compras em atacado, entre em contato com a Simon & Schuster Special Sales no número 1-866-506-1949 ou

business@simonandschuster.com.

O Simon & Schuster Speakers Bureau pode trazer autores para o seu evento ao vivo. Para obter mais informações ou para reservar um evento, entre em contato com o Simon & Schuster Speakers Bureau pelo telefone 1-866-248-3049 ou visite nosso site em

www.simonspeakers.com .

Design de livros de Vikki Sheatsley

Mapa por Robert Lazzaretti Design de jaqueta por Sonia Chaghatzbanian Jacket ilustração copyright © 2019 por Charlie Bowater Biblioteca do Congresso Dados de catalogação em publicação Nomes: Rogerson, Margaret, autor. Título: Feitiçaria

de espinhos / Margaret Rogerson.

Descrição: Primeira edição. | Nova York: Margaret K. McElderry Books, [2019] | Resumo: Quando a aprendiz de bibliotecária Elisabeth está envolvida na sabotagem que liberou o grimório mais perigoso da biblioteca, ela se torna enredado em uma conspiração secular que pode significar o fim de tudo.

Identificadores: LCCN 2018037616 (impressão) | ISBN 9781481497619

(capa dura) | ISBN 9781481497633 (eBook) Assuntos: | CYAC: Aprendizes - Ficção. | Bibliotecas - ficção. | Magia - ficção. |

Fundamentos - ficção. |

Fantasia.

Classificação: LCC PZ7.1.R6635 Sor 2019 (versão impressa) | DDC

[Fic] - dc23

Registro LC disponível em https://lccn.loc.gov/2018037616